

NOVELIZAÇÃO OFICIAL DO FILME



RESIDENT EVIL: RETRIBUIÇÃO

ROTEIRO DE PAUL W. S. ANDERSON

BASEADO NO VIDEOGAME DA CAPCOM RESIDENT EVIL

NOVELIZAÇÃO DE JOHN SHIRLEY



RESIDENT EVIL

RESIDENT EVIL

RETRIBUIÇÃO

JOHN SHIRLEY

DEDICADO AOS FÃS DE RESIDENT EVIL
EM TODAS AS SUAS MANIFESTAÇÕES.

nota do autor

Este romance é baseado no roteiro de Paul W. S. Anderson para Resident Evil 5: Retribuição, cuja leitura e adaptação me garantiram muita diversão. Tudo que existia no roteiro foi dramatizado na novelização. Todos os diálogos também são encontrados no romance. E é claro que outros diálogos foram inventados. Um romance exige espaço de manobra, precisa se estender, e há cenas, personagens e até uma trama paralela que não são encontrados no filme — mas todos foram inspirados pelo roteiro; por cenários, ideias, acontecimentos e personagens encontrados no roteiro. E em grande parte, a continuidade do filme é a estrutura dominante desta novelização.

Pelo que sei até este momento, nada no romance contradiz o filme.

E agora... Temos uma jornada sombria a fazer juntos...

PRÓLOGO

A LONGA E SOMBRIA JORNADA

O que aconteceu antes.

A mansão, nas montanhas Arklay...

Ela acorda no vazio — em um vazio psicológico, a memória é um espaço em branco. Só sabe que está nua, deitada no chão de um banheiro, sob o chuveiro.

E está sozinha.

Ela encontra as roupas, as veste e explora a mansão pouco iluminada — onde não parece morar ninguém. Sente como se devesse conhecer este lugar... Mas não se lembra de nada. É como se observasse tudo de fora do corpo. Até seu nome lhe é vago.

Ela vê uma foto de si mesma com um homem, em um porta-retrato na mesa. *Este é meu marido?* Ao continuar procurando, de repente encontra alguém. Ou ele a encontra. Ela descobre que ele está investigando a Umbrella Corporation, enquanto finge trabalhar para a empresa...

Em seguida os soldados invadem; seus rostos não parecem humanos por causa do uso das máscaras de gás. São da Umbrella, anunciam — a multinacional farmacêutica mais avançada e poderosa do mundo. Levam-na sob a mira das armas e ela começa a conhecer a verdade. Ela havia sido uma importante agente de segurança da Umbrella, mas algo estranho e hediondo acontecera — um assassinato em massa na Colmeia.

Um acontecimento no qual Alice poderia ter alguma relevância.

Seja ela quem for.

A Colmeia fica a certa distância; uma instalação vasta e subterrânea localizada bem abaixo da cidade grande mais próxima, Raccoon City. Com um projeto quase insetoide, parece um gigante ninho de vespa enfiado na terra, mas feito de aço, plástico e fibra de vidro e vigiado por câmeras de segurança. A monarca desta colmeia é a Rainha Vermelha: um computador que detém total controle do local.

Uma ferrovia subterrânea de alta tecnologia liga a mansão à Colmeia e é neste trem que Alice conhece Spence. Embora ela esteja atordoada, ele lhe parece ao mesmo tempo familiar e desconhecido.

Eles chegam a esta instalação subterrânea, onde é ativado um sistema de defesa automático a laser, operado pela inteligência artificial da Colmeia, que é seu computador central. Sem nenhum tipo de aviso, os raios fatiam e retalham a maioria dos soldados — um deles acaba se tornando um monte de cubos. Tudo acontece tão rápido que eles não têm sequer tempo para gritar. A morte, fácil e imediata.

A morte é a nova senhora da Colmeia.

Foi a Rainha Vermelha quem liberou o gás que suprimiu a memória de Alice para eliminar a possível ameaça sem matá-la. Nunca destrua um ativo valioso, que pode ser usado novamente. Mas, confinada com alguns poucos e preciosos sobreviventes — Matt, Spence e Rain —, Alice lentamente começa a tomar conhecimento sobre seu passado... Sobre sua parte na criação deste terror.

Alguém havia liberado de propósito o T-vírus experimental da Umbrella Corporation nos dutos de ventilação. A Rainha Vermelha lacrou a Colmeia e usou seu controle sobre os sistemas da instalação subterrânea para matar os que foram infectados. Mas não podia impedir que o vírus se disseminasse entre os sobreviventes...

O T-vírus mata — depois ressuscita. Os mortos se levantaram na Colmeia; os mortos andam novamente.

Zumbis? Mas os zumbis clássicos são horrores menores comparados a estes mortos-vivos. Estas criaturas são indescritivelmente cruéis, às vezes capazes de se movimentar com velocidade, de possuir mandíbulas letais, de se transformar em variantes crescentes de mortos-vivos. O T-vírus, desenvolvido em laboratório, criou estes novos seres, famintos por carne humana — e com habilidade para se modificarem geneticamente para se tornarem algo ainda pior.

A Rainha Vermelha revela isto, e mais.

Em companhia dos poucos sobreviventes, Alice escapa e desliga a Rainha Vermelha. Mas, ao fazer isso, eles não sabem que soltaram os mortos-vivos pelos corredores vazios da Colmeia. Uma jovem doente e fraca se torna um monstro voraz, e uma integrante da equipe, Rain, é mordida por ela — e infectada com o T-Vírus. Alice admirava Rain por sua coragem, sua personalidade. Mas o vírus vai devorando o caminho até seu cérebro e só o que lhe resta é ser destruído.

Uma bala na cabeça, uma machadinha, uma facada no cérebro: destrua-o, corte o tronco encefálico, é a única maneira de deter os mortos-vivos. Não adianta atirar no coração. Não é fácil matar o que já está morto.

No entanto, eles descobrem que existe uma cura para o vírus, se puder ser administrada rapidamente. Alice e Matt a encontram... Só que Spence, o homem que um dia foi amante de Alice, rouba a cura. Ela vale bilhões. E foi Spence quem soltou o vírus na Colmeia — para criar pânico, encobrir seus rastros e destruir aqueles que poderiam impedi-lo de seguir.

Mas existem outros experimentos sombrios na Colmeia, inclusive uma variante gerada pelo vírus — um monstro rastejante e poderoso com tecido encefálico inchado onde os olhos deveriam ficar e uma língua que, por si só, é uma arma. Libertado pela Rainha Vermelha para terminar seu trabalho sujo, o Licker espreita, persegue e ataca.

E é ele que se vinga de Spence. Depois de deixar os demais à mercê da morte, o Licker o encurrala, rasga-o... E parte atrás de Alice e seus amigos.

Eles escapam, enganando a criatura e levando-a à destruição, mas acabam caindo diretamente nas mãos dos agentes da Umbrella. Matt é levado para algo chamado Projeto Nêmesis. E Alice? Eles a amarram em uma mesa, em outra instalação. Para outro experimento completamente diferente.

Mas ainda existe a Colmeia, apinhada de mortos-vivos. Outro grupo de biossegurança da Umbrella é enviado para estas criaturas trôpegas e devoradoras e acaba sendo subjugado — pisoteado, dilacerado e recrutado... para se tornarem mais mortos-vivos. E a equipe deixa a porta aberta.

Os zumbis ficam à solta em Raccoon City, onde, com dentes e garras, proliferam em uma orgia de pura violência.

De algum modo Alice desperta no laboratório, saindo do sono induzido pelos sedativos. Alguém a acordou, deu a ela uma chance. Ela encontra uma saída do laboratório trancado, vai para a rua...

Onde descobre um mundo devastado pelo apocalipse.

Raccoon City parece vazia, a não ser pelos mortos-vivos. Alice não vê nada além de destroços e fogo por toda parte. Mas sabe que deve haver outros sobreviventes por ali.

Ela encontra uma escopeta em uma viatura policial, carrega a arma e parte, decidida a localizá-los.

Alice nunca hesita, pois sabe do que é capaz. Um experimento de laboratório deu a ela agilidade e capacidades físicas incríveis que aprimoraram habilidades que já eram impressionantes nela.

Mesmo assim ela é capturada pela Umbrella e tem que enfrentar um monstro chamado Nêmesis, um horrendo supersoldado, que é ao mesmo tempo repulsivo e digno de pena. Para seu pavor, ela reconhece aquele que antes era sobrevivente como ela e também seu amigo mais próximo. O monstro é Matt. Ele vive o suficiente para ajudá-la em sua fuga.

Outros horrores seguem a este: cidades desfiguradas, um mundo ensandecido tomado pelos mortos-vivos em sua fome incessante; ruínas onde bandos de corvos se alimentam das carcaças e sofrem mutações para bizarrices voadoras, onde apenas alguns sobreviventes se reúnem em um terror sem fim, atrás de portas trancadas. Tudo parece perdido.

Até que um dia uma transmissão de rádio chega aos sobreviventes,

dizendo-lhes que algo chamado Arcadia está livre da infecção. Arcadia oferece comida e água. Sigam para Arcadia...

Alice encontra alguns destes sobreviventes, liderados pela heroica Claire Redfield, e lhes fala de Arcadia. Mas a Umbrella Corporation os vigia, como um deus maligno dos céus, de seu satélite espião. Os pesquisadores da Umbrella tentam modificar os mortos-vivos para que se tornem escravos, domesticáveis. E para testar o controle sobre a violência destes seres os enviam contra Alice e seus novos amigos.

Só alguns sobrevivem — incluindo a inspiradora Claire, a mulher que lidera este pequeno núcleo de humanos pelo Sudoeste da América em busca de refúgio.

Mas eles estão ficando sem comida e suprimentos.

Alice os ajuda a roubar um helicóptero da Umbrella para que possam voar até o Alasca e chegar em Arcadia. Mas ela fica — a fim de descobrir toda a verdade sobre a Umbrella Corporation.

Com a Terra nos estertores do apocalipse, não há dinheiro, a não ser como lixo — ou munição, uma vez que Alice usa moedas em vez de balas convencionais nos cartuchos da escopeta. A Umbrella Corporation agora lida com outro tipo de aquisição, um tipo que já foi cobiçado por Gengis Khan: bens de consumo, propriedades e gente. Os soldados da Umbrella simplesmente tomam o que os senhores da corporação precisam. Adquirem bens e, em vez de empregados, têm escravos cuja mente controlam.

O que não é muito diferente dos velhos tempos da cultura corporativa.

A jornada de Alice expõe outras revelações sombrias — inclusive um exército de “Alices”, pois centenas de cópias adultas de si mesma foram criadas. Ela liberta os clones e, com eles, vai para Tóquio, onde a peste mundial cresceu descontroladamente. Ali, Alice invade uma imensa instalação da Umbrella dirigida por um homem chamado Wesker. Um grande número de “Alices”, cada uma delas rápida, poderosa e fortemente armada, abate os capangas da Umbrella sem nenhuma piedade.

Mas o próprio Wesker é transformado em algo mais do que humano.

Ele é rápido, rápido demais... E injeta em Alice um soro que suprime seus poderes.

De repente... ela volta a ser apenas humana. E a instalação é destruída, junto com os clones.

Alice encontra Claire no Alasca e localiza alguns outros, incluindo Chris, o irmão de Claire, que estava sendo mantido prisioneiro em um presídio sitiado de Los Angeles. Eles lutam para chegar em Arcadia, que se revela ser um navio.

Arcadia é também algo mais: uma armadilha. A Umbrella Corporation precisa de espécimes saudáveis para seus experimentos. Assim, uma cordial transmissão de rádio os atrai do mundo todo ao gigantesco cargueiro.

ARCADIA...

Ali, Alice e os amigos libertam a carga humana da animação suspensa, assumem o controle do navio e conseguem destruir Wesker. O mundo ainda está repleto de mortos-vivos, mas por ora o Arcadia está livre.

Até que os soldados de operações secretas da Umbrella Corporation se aproximam, voando em um grupo de helicópteros negros, projetando-se sobre eles como corvos vorazes, sem vida...

MEU NOME É ALICE...

Trabalhei para a Umbrella Corporation em uma instalação de alta tecnologia secreta chamada Colmeia. Era um laboratório, desenvolvia armas biológicas experimentais. Houve um incidente, um vírus escapou e todos morreram. O problema foi que... eles não continuaram mortos.

Este foi o começo de um apocalipse que assolaria o mundo todo.

Alguns poucos sobreviventes procuraram segurança em um navio chamado

Arcadia. Pensávamos ser um porto seguro.

Achávamos que estaríamos livres da infecção. Mas estávamos errados.

Mais uma vez, a Umbrella Corporation nos enganou. E mais uma vez meus amigos e eu nos vimos tendo que lutar para sobreviver.

Meu nome é Alice. E esta é minha história...

... a história de como eu morri.

RESIDENT EVIL



Era um dia tranquilo e ensolarado no petroleiro Arcadia, próximo à costa da Califórnia. Um dia lindo, de verdade. De vez em quando alguma névoa acariciava a espuma das ondas azuis e se afastava. Um dia como este poderia ser muito sossegado se o Arcadia fosse um iate, nos dias antes de o mundo começar a morrer; antes de a humanidade começar a se devorar viva.

Alice estava perto da popa no firme convés de metal do Arcadia, aproveitando a brisa fresca. Olhava um grupo de figuras — cobaias de experimentos libertadas, todas vestidas de branco — reunido no convés do enorme petroleiro recuperado, tentando se reorientar na nova realidade.

Ela podia imaginar o que estavam pensando, mas não podia ouvir as vozes em sua cabeça.

“Ouvi a transmissão de rádio... Dizendo que era seguro em Arcadia... sem infecção, sem mortos-vivos para me atacar... que havia comida e abrigo. Finalmente encontrei o navio.

“Os soldados de preto me pegaram, cravaram o escaravelho mecânico em mim e depois... nada. Nada até eu acordar na prisão high tech do navio, em um tubo... como um inseto exibido num frasco.

“A mulher... Alice... me levou para o ar livre... Mas e agora? Os mortos-vivos ainda estão por aí.”

“E agora?”

É verdade. Boa pergunta.

Eles tomaram o navio, por ora. Ela, Chris e Claire mataram Albert Wesker — e, pelo que Alice sabia, Wesker era a pessoa mais poderosa da Umbrella agora que Lord Spencer se fora. Talvez a morte de Wesker os mantenha em segurança por algum tempo, deixe o inimigo perturbado.

Se Wesker realmente estiver morto...

Como podia duvidar disso? Eles crivaram seu corpo de balas. Deixaram seu cadáver inerte sangrando no porão, bem lá embaixo no navio. Não, ele estava morto.

Tinha que estar.

A brisa suspirava na superestrutura do petroleiro restabelecido. As cobaias murmuravam entre si, andando desorientadas e conversando, olhando o horizonte. As ondas sussurravam no casco do grande navio. Ao longe, na costa, Alice distinguia parte da silhueta de Los Angeles — ou o que restava dela. O centro de Santa Monica estava pegando fogo, queimando, e muitos prédios tinham se tornado apenas esqueletos de vigas. Mas não estava deserto. Ainda havia uma multidão de vítimas da peste dos mortos-vivos, amontoando-se pelas ruas, destruindo qualquer coisa que se mexesse — a não ser, estranhamente, uns aos outros. Ansiavam por carne fresca.

A primeira coisa a fazer, deduziu Alice, seria subir ao passadiço do Arcadia e aprender a pilotar o navio com segurança. Talvez fosse tão computadorizado que pudesse quase se pilotar sozinho. Se tivesse combustível, podia levá-los a qualquer lugar do mundo.

Por exemplo... Onde?

Uma ilha, pensava Alice. Catalina, talvez, uma ilha a 22 milhas da costa de Los Angeles. Catalina em si tinha menos de 40 quilômetros de extensão por um pouco mais de 12 de largura. É claro que haveria mortos-vivos ali, mas não tantos. Ela poderia desembarcar com uma equipe e eliminar metodicamente os mortos-vivos da ilha. Exterminando-os... como se fossem insetos.

O problema é que os mortos-vivos antes eram pessoas. Homens, mulheres, avós, avôs, crianças — até crianças eram mortas-vivas. Alice sempre se perguntava: poderia restar uma centelha de humanidade nos mortos-vivos que vagavam pelas ruas, gemendo e grunhindo, babando saliva ensanguentada?

Ela nunca vira um mínimo sinal disso. Os mortos-vivos pareciam mais estúpidos que lobos raivosos. Provavelmente todo vestígio de sentimento humano — talvez até a alma — deixasse o corpo da vítima quando ela morria. E uma vez que reviviam tornavam-se coisas sem alma, caricaturas de seres humanos.

Ainda assim, essa centelha brilhou no que restava de Matt, embora ele tivesse se tornado um tipo diferente de monstro. Transformado em um supersoldado horrendo pelos pesquisadores da Umbrella, que haviam usado uma variante do T-vírus em Matt.

Se ainda restasse alguma coisa humana nos mortos-vivos, seria impotente, supôs Alice. Aquela faísca mínima de humanidade interior seria sequestrada pelo vírus; na melhor das hipóteses, estaria para sempre oculta enquanto o corpo continuava. E deveria sofrer terrivelmente ali, presa dentro de um monstro.

Assim, se ela os exterminasse, estaria lhes fazendo um favor.

Continue dizendo isso a si mesma, Alice.

Catalina. Depois que ela limpasse a ilha, eles estariam a salvo dos mortos-vivos por um bom tempo. Os zumbis não sabiam nadar...

De todo modo, era uma espécie de plano. Sendo assim, Alice decidiu procurar Chris Redfield para perguntar se ele saberia pilotar este navio.

Alice olhou por sobre o ombro as pessoas que tinha libertado... e suspirou. Agora se sentia responsável por eles. De algum modo, ela sempre ficava com este papel. Tentou evitá-lo, vagando pelos desertos do Sudoeste — e foi atraída a isso de novo.

A vida era muito mais fácil quando sua única preocupação era a segurança de uma das corporações mais poderosas do mundo. Ela foi primorosamente treinada nas artes marciais, no uso de cada arma. Fora uma pessoa de confiança e dotada de força.

E então ela viu o que a Umbrella Corporation fazia na Colmeia. Sua consciência a obrigou a se voltar contra a Umbrella; contra tudo o que ela havia sido. Talvez este novo fardo de responsabilidade fosse seu carma,

fazendo com que ela pagasse pelo tempo que passou na Umbrella.

Apesar de tudo, ela ainda era jovem e forte. Os homens a achavam bonita. Se conseguisse manter todos em segurança no navio, talvez pudesse sossegar, quem sabe encontrar um parceiro entre os sobreviventes. Chris parecia se sentir atraído por ela. E ele era um cara bonito, com traços fortes. De impressionar, embora um pouco assustador. Mas... ela poderia viver como um ser humano normal outra vez? Com um amor, um filho... Uma família?

Precisava acreditar que havia uma possibilidade. Em algum lugar, algum dia, a jornada sombria tinha que chegar ao fim.

— O que é aquilo? — disse Claire, enquanto se aproximava de Alice, e apontou para o céu.

Com uma pontada de medo, Alice levantou a cabeça.

— Problema — respondeu Alice num tom arrastado. Uma frota de veículos aéreos riscava o céu, precipitando-se sobre o Arcadia.

É claro. O pesadelo não tinha fim. Sempre que parecia haver uma luz no fim do túnel, acabava sendo apenas mais uma vela esquecida, derretida... Uma chama mínima que com um estalo se apagava em um filete de fumaça.

Alice reconheceu as silhuetas no céu do norte.

— São V-22 — disse ela, com a voz áspera. Por que ela não podia ter tempo para respirar, para pensar... em apenas uma chance real de ajudar essas pessoas? — Pelo menos é a versão Umbrella de um V-22 — adicionou, quase que casualmente. — Baseados nos Osprey da Marinha, que são uma junção de helicópteros e aviões.

— Ah, não — exclamou Claire com voz ofegante.

E, enquanto isso, Alice se certificou de que as escopetas estavam presas nos coldres em suas costas, e então começou a se mover.

Os V-22 da Umbrella eram mais avançados que os Osprey da Marinha. Os helicópteros negros podiam inclinar seus rotores para a frente como aviões, ou para cima, para que conseguissem ficar suspensos no ar, e eram até bem mais blindados que os Ospreys. Tinham até canhões automáticos

montados em seus narizes.

E havia uma frota aérea inteira deles vindo em sua direção, tantos que logo escureceram o céu. E provavelmente também estavam cheios de soldados da Umbrella.

Alice foi até os sobreviventes e começou a gritar:

— Corram! Procurem proteção!

Teria Wesker enviado aquelas tropas antes de morrer?

Ele tivera uma boa oportunidade, e a Corporação teria respondido instantaneamente. Como qualquer multinacional, eles não iam querer desistir de toda a tecnologia, todos os dados dos testes e todas as cobaias que havia neste navio.

Ela tinha que fazer com que ficassem seguros.

Mas os V-22 eram rápidos. De frente eles enganavam, e, antes que ela pudesse se dar conta, os enormes helicópteros negros voavam com muita velocidade em sua direção, com os rotores rugindo e os artilheiros disparando enquanto se aproximavam. Os projéteis explodiam no convés, que instantaneamente viravam fogo e destroços. Alice correu, gritando para que os outros recuassem, encontrassem abrigo, mas o vasto convés era como um campo de futebol, aberto, plano e amplo, e não havia cobertura.

A tranquilidade rapidamente se tornou um caos, no intervalo de algumas batidas cardíacas.

Ela esquadrinhou a área, procurando por Chris e Claire — e viu muitas das pessoas vestidas de branco que eles haviam resgatado sendo atingidas por explosões e atiradas ao ar por projéteis que faziam o convés balançar como se uma marreta batesse em um imenso sino.

Gemeu ao sentir aquilo, xingou para dar vazão à sua frustração, seu estômago se agitando... E então ouviu o tamborilar dos helicópteros parando, sentiu o vento dos rotores enquanto lentamente se aproximavam do convés, e ela escorregou até parar perto da amurada.

Ao se virar, viu os soldados da Umbrella descendo dos V-22 por cabos. Estavam todos de preto, com roupas à prova de bala, os rostos cobertos por

máscaras de gás, armas presas às costas — o negro dos soldados tomando conta do branco dos sobreviventes que ela libertara.

Mas que não estariam livres por muito tempo.

Os primeiros três soldados que chegaram ao convés logo desprenderam as armas de captura, armas sem poder letal que pareciam pequenas bazucas e que disparavam redes comprimidas em seus alvos. As redes encapsuladas se abriam e arrebatavam um bom número de sobreviventes, como se fossem teias de aranha gigantes.

Alice olhou para cima outra vez e viu um rosto familiar. Jill Valentine desceu por um cabo, e seu rosto não estava protegido pela máscara, seus cabelos loiro-escuros tremulavam no vento. Ela disparava uma submetralhadora enquanto descia. As balas castigavam o convés, indo na direção de Alice, soltando um som de lamúrio ao atingir o metal, e ela se jogou para o lado, escapando por pouco dos tiros.

Ela se levantou puxando a pistola automática do cinto e respondeu ao fogo. Mas não acertou Jill — teria sido intencional? Esta era a mesma mulher que um dia lutou ao seu lado.

Alice pensou ter visto de relance um dos escaravinhos mecânicos, bem no peito de Jill.

Então ela esvaziou o pente, jogou a pistola para o lado e perdeu Jill de vista, por trás de uma nuvem de fumaça. Sentiu cheiro do escapamento dos motores, sentiu o vento dos rotores, e uma sombra pairou sobre ela. Esticando o pescoço, se deu conta de que estava entrando na mira de um V-22 que se virava para disparar. Ela puxou as escopetas de cano serrado dos coldres. Puxando os gatilhos, ela sentiu o coice das armas, e as moedas prateadas com as quais ela enchia os cilindros da escopeta atingiram o parabrisa do V-22. Explodiram a cabeça do piloto.

Mas o V-22 estava perto demais. Alice se virou para correr enquanto, sem piloto, o imenso helicóptero apontava o nariz para baixo e colidia contra o convés.

A extremidade frontal do V-22 estava repleta de projéteis de canhão, e

havia um vazamento de combustível na parte de trás, não muito longe deles. O impacto do helicóptero no convés detonou meia tonelada de explosivos, rasgando o V-22 ao meio de dentro para fora, e, por conta disso, mais de vinte quilos de pedaços de metal retorcidos, como se fossem fragmentos de uma gigantesca granada de mão, ricochetearam por todo o convés. E as chamas se levantaram, consumindo o que restava do helicóptero, a explosão liberando os rotores para que pudessem girar soltos no ar e fatiar outro V-22.

E Alice não havia sido rápida o bastante. A onda de choque da explosão a golpeou com uma força severa, tanto que chegou a pensar que sua coluna podia ter se quebrado. Ela foi levantada no ar e seu corpo passou girando por sobre a amurada. De repente ela estava caindo, rodopiando em cambalhotas na direção do mar, se esforçando para respirar — a onda de choque havia arrancado seu ar.

Céu e mar trocavam de lugar; mar e céu giravam e giravam, e então, antes que conseguisse voltar a respirar, ela mergulhou de cabeça em uma onda azul e imensa, enquanto os detritos em chamas assobiavam ao caírem na água ao seu redor. A água se fechou sobre sua cabeça enquanto os pedaços do V-22 choviam perto dela, e partes do helicóptero mergulhavam no mar deixando um rastro de bolhas.

O combustível espirrava do tanque ao girar e cair no mar, espalhando-se por toda a superfície, que queimava conforme era atingida pelos detritos em chamas.

Alice começou a afundar instantaneamente, a água do mar queimando seus pulmões. Ela estava em choque, atordoada e, talvez, paralisada — ela não sabia. Apenas sabia que as batidas pulsantes que ouvia, o som de seu próprio pulso soando em seus ouvidos, estavam ficando mais lentas... mais lentas...

Conseguia ver, acima, a superfície enrugada e translúcida pegando fogo, a água fervendo enquanto o combustível queimava. A escuridão das profundezas crescia para engoli-la enquanto chamas azuis e laranja

consumiam o resto do mundo sobre sua cabeça...

Ela havia se desligado de tudo, fascinada por aquela visão, por aquele teto em chamas, mesmo quando suas pulsações se tornaram irregulares, batendo vez sim, vez não. Ela não tinha certeza, mas achou que podia ter visto de relance um estropo mergulhando em sua direção, baixado por um V-22 que pairava no ar.

Aquilo eram braços, agarrando-a, puxando-a na direção do estropo?

Ela esperava que não.

Preferia morrer a ser prisioneira deles. Escrava deles...

O delírio tomou conta de si, e ela parecia ver o escaravelho mecânico — aquele que havia arrancado de Claire. Algo entre uma joia e um inseto, o escaravelho era grande como a mão dela, escalando-a como se fosse algo vivo, procurando afundar nela suas presas de agulha; para mantê-la entorpecida com a droga que tomara conta de tantos outros...

Não. Ele não estava realmente ali. Apenas a fria e profunda escuridão a cercava.

Seus pensamentos também afundavam na escuridão. E só um se mantivera.

Eu falhei.

Ela havia falhado em proteger todas aquelas pessoas que contavam com ela; todas aquelas pessoas confusas que ela havia levado para o convés do Arcadia, onde foram baleadas ou capturadas. Ela falhara com eles.

Aquele final era demais para suportar, pensou em sofrimento. Mais fácil deixar as pulsações diminuírem, diminuírem...

Muito mais fácil apenas se deixar à deriva afundando, afundando...

Meu nome é Alice. E esta é a minha história...

... a história de como eu morri.

Alice despertou. Em um quarto.

Estava deitada em uma cama de casal amarrotada e confortável, em um

quarto bem comum de uma casa de classe média americana.

Alguém procurava por ela. Alice virou a cabeça e notou um homem muito bonito sorrindo para ela: tinha pele escura, traços semíticos... e, enquanto vestia seu short, o cabelo estava tão desarrumado quanto a roupa de cama. Ele olhou para Alice com um tipo de familiaridade estranha, com intimidade... Como um marido olharia.

Ele não podia ser seu marido... Ela não tinha um marido.

Mas ele usava uma aliança — ela olhou para o próprio dedo — que combinava com a dela.

Então ele se aproximou de Alice — seu nome era... Todd. Era isso.

Todd.

Olhando para ele, pensando que o conhecera com um nome diferente, certa vez, há muito tempo... Mas o nome lhe fugia. Ele era simplesmente seu marido, Todd. Que bom que seu marido era um homem tão sexy.

Ela não havia estado em um navio, atirando em alguém? Lembrava-se de uma explosão. Fora atingida por uma onda de choque, jogada para longe como uma boneca descartada.

Ela tinha se afogado, não tinha?

Não. Aquilo não havia sido real. Não podia ter sido. Ainda conseguia sentir o cheiro de suor do marido, o odor da loção pós-barba na pele dela e outros cheiros da noite passada, quando fizeram amor. Ela se sentiu um pouco dolorida, entre as pernas. Ele era um homem viril...

Isto era o real. Isto era... muito melhor.

Antes era só um sonho. Um sonho ruim.

Esqueça, Alice.

— Vem — disse Todd, rindo e vestindo as calças. — Estamos atrasados. O despertador não tocou. Becky ainda não levantou. A Sra. Henderson vai ficar irritada. Você sabe como eles ficam na escola quando deixamos Becky depois do horário.

Mas o mar. O Arcadia. Aquelas pessoas precisavam dela. Todas precisavam dela...

— Meu amor! — Todd parou de se vestir, encarando-a com um olhar preocupado no rosto.

Alice se sentiu cansada e desorientada. Ela deveria se levantar, sabia disso, mas...

— Meu amor? — Ele olhou para ela, os lábios franzidos.

Ela limpou a garganta e se sentou, ainda um pouco tonta.

O mar. As ondas queimando sobre sua cabeça...

Todd se inclinou um pouco na direção de Alice.

— Amor? Você está bem?

— Sim — respondeu. — Eu vou... — Becky. — Vou acordar a Becky.

— Você parece cansada. Não dormiu bem?

— Estou bem.

Ele não parecia convencido. E, aliás, nem ela estava.

— Tem certeza?

— Sim.

Ele olhou fixamente para ela, do jeito que os maridos olham para as esposas.

— Estou bem... de verdade — insistiu ela.

— Bem, nesse caso... — Ele puxou o lençol que a cobria. — Levante essa bunda linda da cama.

Alice deu um leve sorriso, e fez o que ele pediu. Estava tensa. Sentiu seus pulmões doerem quando respirou fundo.

Reação àquele sonho ruim...

Deu uma olhada em si mesma no espelho do quarto. Espere... Aquilo não estava certo, estava? Quando foi que ela ficou loira?

Ela se balançou. Sem se importar se Todd a olhava.

Às vezes um sonho demora a desaparecer e confunde.

É, assim que era...

2

Alice vestiu um roupão e desceu o corredor para acordar... Becky.

A imagem do mar no corredor lhe era familiar; o piso de tábua corrida gasto era familiar; os cheiros eram familiares. Esta era a casa deles, dela e de Todd, a antiga casa de subúrbio em estilo rústico.

Então por que ela estava tão desorientada?

Ela foi ao quarto de Becky, parou e sorriu, vendo a menina de 7 anos adormecida, esparramada em sua pequena cama com a cabeceira coroada de flores.

Que rosto meigo ela tinha. Parecia tão tranquila, tão adorável, que Alice relutava em acordá-la. Era bom apenas vê-la dormir.

Mas ela suspirou e se curvou, balançando delicadamente o ombro de Becky. A filha abriu os olhos e piscou. Tão parecidos com os da mãe, esses olhos. A menina não disse nada — não falava muito, aprendeu a falar só pelo tato, e, quando o fazia, sua voz não tinha controle do volume. Tinha surdez autossômica recessiva, uma deficiência hereditária que a deixou sem as estruturas fundamentais do ouvido interno.

Alice e Todd não eram surdos, então a deficiência devia ser o resultado de um gene recessivo em um deles. Um dia, se quisessem ter outro filho, fariam um exame para saber de quem era o problema genético. Talvez recorressem a sêmen ou óvulo doado. Mas agora Becky precisava da atenção total deles.

Alice lhe deu um beijo de bom-dia e preparou sua roupa.

Alice tomou uma chuveirada, vestiu-se e foi para a cozinha. Cantarolava, sentindo-se um pouco melhor ao preparar um suco de laranja fresco na centrífuga. O café tinha acabado de ser coado e seu delicioso cheiro enchia o ambiente.

Alice serviu o suco de laranja, colocou o copo na frente de Becky e gesticulou.

— “Quer ovos?” — perguntou, usando linguagem de sinais.

Becky projetou o lábio inferior e também respondeu com sinais.

— “Panqueca?”

— “Cereais?” — perguntou Alice. A menina precisava de alguma coisa mais substancial que panqueca.

— “Panqueca” — sinalizou Becky com insistência. Alice fingiu pensar, como se estivesse envolvida em uma séria negociação diplomática. Por fim respondeu.

— “Cereais... e depois panqueca?”

Becky sorriu.

— “Fechado.”

Todd entrou, barbeado e penteado, vestindo o paletó escuro por cima da camisa branca engomada. Ela o olhou com apreço. O homem estava muito bem arrumado. Bonito, gentil... e sexy. Alice tinha sorte em tê-lo.

Ele se serviu de café, enchendo demais a xícara.

— Vamos nos atrasar... de novo.

Alice o olhou de relance enquanto ele mexia o café e viu duas gotas caírem na camisa branca e imaculada.

— Merda! — disse Todd.

Todd riu quando Becky e Alice disseram “Cuidado!” ao mesmo tempo. Becky lera os lábios dele.

Alice se curvou para examinar a mancha.

— Tem outra camisa no seu armário. Peguei na lavanderia ontem.

Todd sorriu.

— Você é meu anjo da guarda.

— Não se esqueça disso.

Ele se curvou para ela. Alice sorriu.

— Calma, tigrão... Vamos chegar atrasados. Lembra?

Todd atravessou a sala de estar, seguiu para o quarto a fim de pegar aquela camisa limpa. Pensava que Alice não iria querer passar um fim de semana longe de Becky, com ou sem os pais como babás. A mãe dele não conhecia bem a linguagem de sinais e às vezes parecia perder a paciência com as tentativas que Becky fazia para falar.

Ele parou, olhando para o hall de entrada. Por que a porta da frente estava aberta? E ainda por cima escancarada...

Ele estava prestes a chamar e perguntar se Alice havia deixado a porta aberta — quando um homem com sangue no rosto avançou para cima dele, saído do banheiro. O homem rosnou, aproximando-se com os dedos em garra. Vestia um terno rasgado e ensanguentado, como se estivesse a caminho do trabalho quando a loucura o dominou.

Todd recuou, gritando sem coerência, e então o sujeito — um completo estranho — mordeu seu antebraço. Com força. Rasgando o tecido, atravessando a pele, cravando os dentes na carne de Todd. O sangue se espalhou por sua camisa branca engomada. Todd puxou o braço e golpeou o estranho, fazendo com que cambaleasse para trás.

Mas ele não ia fugir. Todd via isso em seus olhos leitosos. Terminaria o que começou.

Quem ou o que era esse sujeito?

Alice e Becky chegaram ao corredor boquiabertas. Beck começou a soltar ruídos agudos de medo, do fundo da garganta, vendo o pai brigar com o louco.

— Todd! — gritou Alice.

Alice de algum modo sabia, ao pegar Becky no colo, o que o agressor era. Não era um louco — nada tão simples. Nem mesmo um drogado invadindo a casa. Não.

Este estranho que os atacava era um... morto-vivo?

E como Alice sabia disso? Ela não tinha certeza...

Todd empurrou o morto-vivo para longe, fazendo com que o homem cambaleasse para trás e quebrando uma mesa de vidro no hall de entrada. Cacos de vidro voaram e tiniram. Mas o morto-vivo se levantou quase que instantaneamente.

— Tira a Becky daqui! — gritou Todd, agachando-se para impedir que a criatura chegasse a sua família.

Sem saber o que fazer, como ajudar Todd e proteger Becky ao mesmo tempo, Alice recuou — e ouviu um violento som de vidro quebrando atrás de si. Então se virou, olhou pela arcada da cozinha e viu outro deles, tentando se enfiar pelo vidro quebrado da metade de cima da porta da cozinha. Ele ficou preso no que restava da vidraça, as bordas irregulares da estrutura rasgavam sua barriga, mas ele não parecia notar nem se importar.

Esforçava-se para pegar Alice e Becky, rosnando faminto, cortando ainda mais a barriga ao tentar se arrastar para dentro.

Ela procurou por Todd e não o viu.

Um terceiro morto-vivo apareceu rugindo pela porta da frente — indo diretamente para Alice.

Ainda carregando Becky, ela disparou pelo corredor a toda velocidade, e de algum modo Becky parecia mais leve em seus braços. A adrenalina vibrava em suas veias, mas era como se ela corresse em câmera lenta, o corredor deslizando lentamente, passando devagar por ela a caminho da lavanderia. Olhou por sobre o ombro, viu o morto-vivo, um homem branco corpulento com uma camisa de golfe verde suja de sangue, perseguindo-a da sala de estar.

Ele também parecia se movimentar em câmera lenta.

O tempo correu acelerado e voltou ao normal enquanto ela disparava

para a lavanderia. Ela baixou Becky com um braço enquanto com a outra mão bateu a porta na cara de seu perseguidor. A porta não tinha tranca.

Comprimiu o ombro com força contra a porta e de imediato sentiu o empurrão, era o morto-vivo tentando abrir a porta à força, rosnando, gemendo de frustração do outro lado como um cachorro violento preso por uma coleira curta.

— “Mamãe!” — disse Becky, agitando freneticamente os dedos na cara de Alice. — “O que está havendo? Onde está o papai?”

Alice não conseguiria segurar a porta por mais tempo. A criatura aos poucos a abria, e a cara cheia de baba, ensanguentada e raivosa entrava em seu campo de visão. Deu mais um empurrão, com toda força, empurrando momentaneamente a criatura para trás — depois soltou.

Antes que o morto-vivo pudesse se mexer, Alice derrubou uma pesada estante que ficava ao lado da entrada. O móvel caiu de lado, bloqueando a porta, virando caixas de detergente e amaciante para o chão, mas obstruindo o caminho — pelo menos por ora.

Ainda havia um espaço entre a porta e a estante — e vários mortos-vivos estendiam o braço por ali, arranhando loucamente o ar, tentando avidamente alcançar Alice e Becky. E ela sabia o que eles queriam. Parte do pesadelo meio esquecido sussurrava para ela, das profundezas de sua mente.

Eles querem devorar você. Querem devorar Becky... Querem arrancar a carne de seu corpo e se refestelar dela enquanto ainda está viva...

Alice olhou em volta, desesperada, e só viu uma janela minúscula. Pegou uma pequena escada de armar perto da secadora, passou por Beck, que chorava em silêncio, e levou-a até a parede sob a janela. Abriu a escada, subiu e arrancou a tela amassada a pancadas.

Atrás de si, ouviu o arranhar da porta que estava sendo empurrada, a estante raspando no chão.

E percebeu que a janela era pequena demais, mesmo para Becky.

Alice pulou da escada — e Becky correu para ela, apontando a porta, onde o morto-vivo afastava o pesado móvel do caminho, centímetro por

centímetro. Não havia para onde ir, nada com o que lutar. Passando os olhos pelo cômodo, ela viu apenas uma máquina de lavar, uma secadora e roupas sujas em um cesto. O piso de concreto era sólido.

Então Alice olhou para cima, porque era só o que restava — e lembrou-se do espaço entre o forro e o telhado.

3

Ela levou a escada mais para perto, subiu e sinalizou para Becky pegar um esfregão. A menininha, com cara de assustada, uma caricatura da mais pura ansiedade, pegou o esfregão e fez o que a mãe pediu. Equilibrando-se na ponta dos pés no alto da escada, Alice bateu o cabo do esfregão com força no teto. O reboco era fino, um tanto frouxo, e o cabo do esfregão o quebrou quase imediatamente.

Os mortos-vivos arranhavam, rosnavam na porta, rastejando por cima da estante, abrindo outro caminho, mas estavam quase conseguindo passar e estavam mais que prontos para se alimentar...

Alice abriu espaço suficiente para arrebentar o reboco com as próprias mãos, suas forças aumentando loucamente enquanto lutava para proteger a menina. Largando o esfregão, agarrava o reboco freneticamente, tirando os nacos do caminho. O isolamento cedeu, fibra de vidro e poeira escorregaram por seus ombros. Ela se impeliu para cima, o suficiente para passar a cabeça. Feixes de luz jorravam em volta dela, iluminando os espirais da poeira que levantou.

Abaixo de Alice, os uivos cresceram a um volume febril e triunfante quando as criaturas se arrastaram por cima do armário. O primeiro tropeçou e caiu no meio da lavanderia.

Alice desceu até a escada e pulou para baixo, sinalizando para Becky enquanto um morto-vivo, esparramado no chão e que lutava para se levantar, lhe dava uma pancada.

— “Segure em algo firme!” — sinalizou Alice. — “Suba!”

Becky subiu na escada e Alice a ergueu, trincando os dentes, gritando “Suba”, mesmo que a filha não pudesse ouvi-la.

A menina passou pelo buraco no teto, agarrou-se às vigas, e Alice a empurrou para cima, apoiando-a pelo traseiro e pela sola dos pés. Becky desapareceu pelo buraco no teto e Alice pulou, agarrou uma viga e se impeliu, sentindo os músculos começarem a se romper por conta do esforço.

Ela se ergueu da escada e a chutou para baixo. Os mortos-vivos tinham um raciocínio lento, pouco mais que um mero reflexo e eram desajeitados na maioria das coisas. Não deviam ter inteligência suficiente para armar a escada de novo.

Como eu sei disso?

E então dentes se fecharam em seus pés agitados. Ela os sacudiu, sentiu o sapato bater em uma cara molhada e boquiaberta. Ouviu a coisa cambalear para trás, esbarrando nos outros que entravam na sala.

Alice se impeliu ainda mais para cima. Becky estava ajoelhada ao lado dela em uma viga, tentando puxar a mãe, com as mãos pequenas que nada ajudavam. As pernas de Alice falharam. Ela perdeu a pegada, os dedos estavam escorregadios de suor, e quase caiu pelo buraco, então sentiu um morto-vivo arranhar seus tornozelos, estendendo as mãos sujas de sangue seco para pegar suas coxas, atacar sua virilha...

Incitada por uma torrente de medo, ela se içou ainda mais, passando quase metade do corpo pelo buraco.

Sentiu mãos agarrando e dentes roendo a sola do sapato de seu pé direito, que não foi cravada, e ela chutou violentamente, acertando o que parecia ser uma mandíbula. A coisa se desequilibrou e ela ouviu o morto-vivo cair de costas na máquina de lavar.

Ela podia ouvir mais mortos-vivos enchendo o pequeno espaço da lavanderia e sabia que não seria capaz de lutar com todos eles. Eles a derrubariam se ela não conseguisse se erguer de vez — agora, exatamente agora.

Com um esforço sobre-humano, Alice se impeliu para cima, gritando, porém muda por conta do esforço, arranhando a barriga e os quadris em vários lugares. Algo prendeu seu calcanhar, mas ela conseguiu arrastar os

pés até o sótão e engatinhar por sobre uma passagem de duas tábuas virgens, ao lado de Becky.

Alice rolou, ofegante, deitou-se de costas, com a boca seca, tossindo poeira. Becky a sobressaltou um pouco quando se inclinou para a mãe, o rosto infantil tenso, a boca tremendo de soluçar.

Sentando-se, procurando desviar a atenção do som das criaturas frustradas e furiosas que arranhavam abaixo delas, Alice olhou em volta, procurando por qualquer coisa que pudesse ajudá-las.

Ali, na outra ponta das tábuas — uma antiga caixa de papelão de material esportivo. Uma bola de basquete meio murcha, uma luva de beisebol surrada e um taco de beisebol gasto.

Alice se agachou e se esgueirou rapidamente para a caixa, pegando o taco de beisebol.

Becky estava sentada nas tábuas, abraçando as pernas, balançando-se e encarando o vazio, soltando pequenos gemidos pela garganta.

Elas não podiam ficar ali em cima. Mais cedo ou mais tarde os mortos-vivos encontrariam um jeito de subir. E elas estariam encurraladas.

De um lado havia um alçapão, instalado em uma espécie de caixa de madeira rasa. Aquilo devia dar no corredor principal, pensou Alice. Cobrindo as vigas, havia uma escada retrátil de alumínio.

Carregando o taco, Alice engatinhou até o alçapão, levantou-o com cautela e olhou para baixo. Não viu nada além do chão. Baixou a cabeça o bastante para espiar o corredor — estava vazio, pelo que ela podia ver.

Teria que descer e verificar. As duas precisavam encontrar um modo de sair da casa. Seu coração, que havia começado a se acalmar, voltou ao martelar febril, assim como seus pensamentos.

Ela pensou em chegar ao telefone, pedir ajuda, mas seu celular não estava carregado e o de Todd estava com ele. Eles não tinham uma linha fixa.

Apenas saia da casa.

Movimentando-se com o maior silêncio possível, ela pôs o taco de lado

e pegou a escada. Virou-a para cima e, em suas dobradiças, a baixou lentamente pelo alçapão até o piso de madeira.

Alice olhou para Becky, sorriu para tranquilizá-la e sinalizou.

Espere um pouco.

E então, pegando o taco de beisebol novamente, começou a descer a escada, movendo-se com uma cautela extraordinária. Desceu o mais silenciosamente que pôde, mas cada passo fazia a escada guinchar. Se os mortos-vivos ouvissem...

Ela espiou o corredor. Não havia nada ali além do quadro torto na parede e a mesinha lateral com um vaso de flores um pouco à esquerda da escada. Não havia mortos-vivos à vista, mas ela ouvia os arranhões e rosnados frustrados na lavanderia.

Erguendo o taco, Alice ouviu um ruído pouco acima e olhou pelo alçapão. Becky estava agachada ali, no sótão, tremendo visivelmente, de olhos arregalados, encarando-a.

— “Não os vejo” — sinalizou Alice para ela. — “Desça. Vamos encontrar um lugar mais seguro...”

Becky meneou a cabeça, o gesto quase uma torção de terror, e sinalizou uma resposta.

— “Não! Não!”

— “Eles podem chegar aí em cima” — continuou Alice. — “Temos que ir para um lugar mais seguro. Venha.”

A boca de Becky tremeu, mas depois de uma longa hesitação ela começou a descer a escada, Alice estremecia com os guinchos que os pés da filha provocavam nos degraus.

Quando a menina chegou ao chão, Alice pegou a mão fria e pegajosa de Becky. Se as duas se deslocassem com o maior silêncio possível, talvez conseguissem escapar.

Na lavanderia, um dos mortos-vivos rosnou para outro, fazendo com que Alice se virasse rapidamente para aquele lado. Seu taco bateu no vaso que estava na mesinha lateral. O vaso balançou e então caiu.

Não! Se o vaso se estilhaçasse no chão, os mortos-vivos chegariam a elas em instantes. Elas podiam escapar das criaturas, mas não havia como saber quantos mais estariam por perto.

Alice soltou Becky e pegou o vaso, surpresa com a velocidade de seus reflexos enquanto o segurava a centímetros do impacto. A água se derramou, algumas flores caíram, mas ela impediu que batesse no chão. Com cuidado, Alice colocou o vaso na mesa lateral...

E um morto-vivo irrompeu da porta da lavanderia do outro lado do corredor. Ele as viu imediatamente, e partiu em sua direção com seu andar cambaleante. Foi o mesmo que atacou Todd.

A única sorte é que ele não tinha alertado os outros... ainda.

Mas Becky gritava em um pavor sem palavras — incapaz de ouvir seus próprios gritos —, e Alice pegou a menina nos braços, ainda carregando o taco de beisebol. Levando a criança, ela disparou pelo corredor até seu quarto.

O quarto... onde ela e Todd tinham acordado havia pouco tempo. O marido sorrindo para ela. O pesadelo que se desfazia...

De algum modo, ela estava presa em outro pesadelo. Mas este era horivelmente real.

E onde estava Todd?

Alice deixou Becky escorregar para o chão do quarto, virou-se, bateu a porta na cara do morto-vivo e rapidamente a trancou. Isso lhes daria alguns minutos para...

Um estrondo de lascas e o punho ensanguentado do morto-vivo surgiu da madeira frágil. Tentava pegá-la.

— “A janela!” — sinalizou Alice para Becky e apontou. “Rápido!”

A menina correu para a janela e lutou com a tranca, os dedos se atrapalhavam para abrir. Alice correu atrás dela, ouvindo o ruído da fechadura começando a ceder enquanto o morto-vivo batia contra a única barreira entre a criatura e sua refeição.

Com o taco de beisebol na mão direita, Alice destrancou a janela com a

esquerda, forçou sua abertura e olhou para fora. Sem ver nenhum morto-vivo no quintal, ela ajudou Becky a subir.

Ouvindo o estalo da porta sendo arrombada e o rosnado voraz do zumbi, Alice se virou, segurando o taco com as duas mãos, completando o giro ao bater o taco com força na testa da criatura que investia contra elas. O taco estremeceu com o impacto e ela sentiu o osso ceder. O morto-vivo foi erguido do chão, toda a energia de uma mãe defendendo sua filha o lançou pelo ar. Caiu duro de costas no chão e ficou ali, retorcendo-se, o sangue empoçando na cratera que ela abrira em sua testa, a língua roxa se debatendo na boca.

Bata na cabeça deles, isso os derrubará.

Ela jogou o taco para fora da janela e passou, caindo no quintal gramado onde Becky estava agachada, gemendo, as mãozinhas cerradas com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

— “Fique perto de mim!” — sinalizou Alice.

Seu coração martelava, mas não havia perseguidores à vista. O medo, o jato de adrenalina, a pulsação forte — tudo isso agora era apenas o pano de fundo da vida. Continuava sem parar, como o enlouquecedor alarme de um carro que ninguém desligava.

Ela segurou a mão de Becky e pegou o taco de beisebol. As duas correram para o portão lateral de madeira que levava à frente da casa. Podia ouvir sirenes, um monte delas. Talvez a polícia estivesse na rua, ou a Guarda Nacional — alguém que pudesse ajudá-las. Talvez Todd estivesse aí fora. E talvez ele estivesse bem.

Talvez...

Ela abriu o portão destrancado com um chute e as duas passaram, parando no canto da frente da casa, onde olharam para a rua.

O bairro tranquilo e ensolarado de subúrbio se transformara em uma zona de guerra. Pelo menos metade das casas estava em chamas, bufando fumaça e fogo. Ela ouviu disparos de rifles e gritos. Dois carros, desocupados e abandonados, estavam presos em um emaranhado de metal retorcido e

fumaça na esquina. Uma viatura policial passou em alta velocidade na rua transversal com a sirene aos berros.

Alice abriu a boca para gritar... mas já haviam sumido.

Ela viu uma senhora que conhecia, a Sra. Grady, atravessando a rua correndo e descalça a algumas casas dali. Elas trocavam receitas e June Grady lhe dera mudas de algumas flores para o quintal. Agora a Sra. Grady corria para salvar a própria vida. E o morto-vivo que a perseguia... não era seu marido, Raymond? Cambaleava obsessivamente atrás dela — ele que esteve em uma cadeira de rodas por anos, incapaz de andar.

O Raymond morto-vivo saltou e atacou a esposa, que caiu gritando enquanto ele mordia a parte de trás de sua nuca.

Becky novamente soltou aquele ganido assustado e inconsciente ao ver Raymond Grady dilacerar June com os dentes. Alice cobriu os olhos da menina, puxando-a para mais perto.

Ela viu outros, no fim da quadra, correndo dos mortos-vivos: um velho fugindo de uma velha; uma mulher correndo da filha de 12 anos; o reverendo Granger, nu da cintura para baixo, perseguindo outro homem, o regente de seu coral. Os braços do reverendo estavam estendidos, os dedos agarravam...

E simplesmente parecia não haver para onde ir.

4

Alice ouviu um rosnado em gorgolejo vindo do quintal. O morto-vivo tinha pulado a janela. Não havia como voltar e não podiam ficar ali — de qualquer maneira, eles a encontrariam. E Becky.

Esquisito... Nada disso lhe era inteiramente estranho. Havia uma ressonância distante de familiaridade, quase um caráter de *déjà vu* em tudo aquilo. Ela sabia, de algum modo, que a mordida disseminava uma espécie de infecção — e matava, depois ressuscitava, mas o que se erguia não tinha alma, era voraz e só existia para se alimentar de carne humana. Era uma paródia invertida e diabólica da ressurreição de Cristo.

O contrário de um salvador, erguendo-se...

Mas como Alice sabia de tudo isso? Ela meneou a cabeça, tentando clarear a mente, sem ter certeza de nada — só de que precisava encontrar um lugar, qualquer lugar que fosse seguro, onde pudesse proteger a filha.

Alice respirou fundo... Depois, aturdida, segurou Becky firmemente pela mão e, arrastando-a um pouco, partiu para a rua. Tinha a vaga noção de encontrar uma casa vazia, que não tivesse sido invadida, algum lugar onde pudesse se entrincheirar.

Vá para aquela casa, do outro lado da rua. Não está em chamas, parece silenciosa. Ignore os gritos. Não olhe...

À esquerda um carro buzinou, muito perto e muito alto, Alice se virou, e viu um Prius indo em sua direção com uma jovem de cabelos pretos ao volante — as rodas do carro guincharam quando a mulher pisou no freio e Alice ficou paralisada, estupefata, agarrada a Becky...

O carro parou em uma derrapada com o para-choque a centímetros do quadril esquerdo de Alice.

Uma jovem latina colocou a cabeça para fora da janela.

— Mas o que está fazendo, senhora? — gritou ela. Uma pergunta estranha, em vista do que estava acontecendo.

— Desculpe, eu... eu estava — Alice olhou para a rua, onde quatro mortos-vivos derrubavam uma mulher que gritava, alimentando-se dela, devorando-a viva. Becky agora chorava em silêncio, com o rosto enfiado no ombro da mãe. — O que está havendo? — murmurou Alice.

— Entre! — gritou a mulher do Prius.

Alice olhou para a sua casa.

— Meu marido... Ainda está lá dentro.

Podia estar. Ou talvez estivesse cambaleando pela rua, rosnando, com a cara ensanguentada...

— Entre no carro! — gritou a mulher novamente.

Ela olhou fixamente — não conhecia esta mulher? A jovem latina se vestia informalmente, com uma leve jaqueta caramelo. Seu rosto parecia tremendamente familiar. O nome Rain veio à mente de Alice.

Mas de onde?

Alice levou Becky à porta traseira do carro, imaginando se um automóvel seria mais seguro que uma casa vazia.

E então uma horda de mortos-vivos, um bando deles, apareceu com seus passos estranhos pela esquina atrás do Prius, como se fossem uma paródia horrenda e ensanguentada de maratonistas. As bocas escancaradas — rosnando, uivando, guinchando, cuspidando sangue, ofegantes e com uma fome psicótica.

A mulher do carro olhou por sobre o ombro.

— Eu te disse...

A horda estava perto — não havia tempo para discutir. Alice abriu a porta do carro, enfiou Becky para dentro e em seguida saltou para sentar ao seu lado.

A horda alcançou a traseira do Prius e um morto-vivo que antes havia sido um rapaz saltou no carro enquanto a moça acelerava rua abaixo. Ela

passou por cima de um corpo e Alice olhou pelo retrovisor enquanto o solavanco causado pelo atropelamento do cadáver fez com que o morto-vivo se soltasse da traseira do carro. Ele caiu na rua com um baque que provavelmente teria matado um ser humano.

Mas não o zumbi. Aquela coisa simplesmente se colocou de pé e foi atrás delas, com o pescoço quebrado, a cabeça balançando a cada passo.

“Rain” pisou fundo no acelerador.

— Apertem os cintos — murmurou ela.

Alice viu que Becky já havia feito o que a mulher sugeriu, e então ela colocou o seu cinto de segurança, achando absurda tal preocupação quando todos os vizinhos haviam acabado de se transformar em zumbis assassinos.

Elas passaram por um grupo de mortos-vivos que vagava às cegas pela rua, com bocas escancaradas e olhos leitosos. Um deles, uma mulher, ainda se agarrava à bolsa. Mas dos lábios pingava uma espuma vermelha.

— Mas o que é tudo isso? — perguntou-se Alice em voz alta. Seria o fim do mundo? O profetizado dia do Juízo Final? Será que a Trombeta do Apocalipse soou enquanto ela dormia?

— Seus palpites são tão bons quanto os meus. — Veio a resposta. — Em um minuto estou voltando de minha aula matinal, no outro...

— Por que essa gente... — Alice balançou a cabeça em uma incompreensão estarrecida. — ... está fazendo isso?

— Essas coisas não são gente. Não mais.

— “Estou com medo, mamãe” — sinalizou Becky. Ela não sabia o sinal para apavorada, e Alice não sabia se existia um. Estavam precisando de um, agora.

— “Vai ficar tudo bem” — respondeu Alice com sinais. Era mais fácil mentir quando não se podia ouvir sua voz. Ela abraçou a menina enquanto o Prius disparava por um cruzamento...

E foi atingido em cheio por um imenso caminhão de lixo — uma montanha de metal que pareceu sair do nada.

O mundo rodou de forma nauseante enquanto o carro capotava e

rolava. Alice segurou Becky protetoramente perto quando o para-brisa se estilhaçava. Metal amassado, as janelas laterais rachadas e vidro quebrado giravam como granizo em um tufão. Alice tinha soltado o taco de beisebol e ele desapareceu no caos.

Becky soltou um Iiiiiiiii! gutural enquanto o carro rolava — e se calou quando o teto do carro derrapou pelo asfalto, provocando faíscas e enfim parando de ponta-cabeça, a fumaça levantando em torno das duas.

Fogo. Podemos ser queimadas vivas aqui dentro...

Com as mãos tremendo, Alice abriu o cinto de Becky e a soltou no teto do carro virado. Abriu o próprio cinto de segurança e se contorceu ao lado dela. Sentia-se espancada, contundida, porém ilesa, mas Becky ofegava, com o olhar fixo, aparentemente em choque.

— “Você se machucou?” — sinalizou Alice.

Becky não respondeu. Alice a balançou com gentileza e a olhou bem nos olhos. Mas o olhar da criança vagava, os olhos entravam e saíam de foco. Alice sinalizou novamente.

— “Meu amor... Olhe para mim! Consegue se mexer?”

Ainda sem resposta. Os dedos de Becky estavam em silêncio.

— “Vou sair e puxar você para fora.”

Becky se limitou a encarar.

Alice tossiu com a fumaça que girava mais densa em volta delas e se arrastou pela porta amassada e retorcida, colocando-se de joelhos, imediatamente se virando para tirar a filha, com as mãos agarrando os antebraços, tentando não arrastá-la por cima dos cacos de vidro.

Ela conseguiu retirar Becky, o tempo todo procurando pelos mortos-vivos. Viu alguns a distância, passando pelo caminhão fumegante. Não conseguiu ver inteiramente o motorista do caminhão, só uma mancha de sangue escorrendo de dentro do para-brisa rachado como uma teia.

Becky se sentou, abraçando-se, balançando-se, e colocou o polegar na boca, chupando o dedo como um bebê.

Alice se ajoelhou na frente do carro, vendo Rain, ou quem quer que ela fosse, pendurada de cabeça para baixo, presa pelo cinto, o casaco dificultando sua visão. Ela não parecia estar respirando, provavelmente estava morta. O cabelo e os braços pendiam inertes... Um pouco de sangue pingava de um corte na cabeça.

Se ela estava mesmo morta, ou morrendo, será que ressuscitará como morta-viva? Alice não tinha certeza, mas não ia arriscar a vida de Becky ficando ali para descobrir.

Ao olhar em volta, como se enxergasse através de uma névoa, Alice viu que estavam às margens de um condomínio pelo qual ela passou muitas vezes a caminho do supermercado. A placa acima do portão dizia SUNDOWN MEADOWS. Uma das grandes casas de dois andares queimava — o incêndio já estava fora de controle —, estava quase que inteiramente consumida por uma única chama vermelha e azul. Mas não havia sinal dos bombeiros.

O telhado da casa ao lado afundara por conta de algo que ela teve que olhar fixamente para reconhecer — eram os destroços retorcidos de um helicóptero do noticiário, enfiado no teto da garagem. As pás do rotor ainda giravam lentamente, espiralando a fumaça cinza que se erguia de seu motor.

Alice olhou para a filha — Becky estava imóvel, ainda em estado de choque.

Um movimento mais à frente chamou sua atenção. Um grupo de mortos-vivos, reunidos na esquina, virava-se em sua direção.

Hora de se mexer. Mas era difícil saber para que lado se virar. Parecia que nenhum lugar era realmente seguro. De repente Alice sentiu náuseas; sentiu alfinetes e agulhas nos pés e nas mãos.

Será uma concussão do acidente? Mas não tinha tempo para isso.

— “Vamos” — sinalizou para Becky.

E pegou a filha no colo, sentindo as pernas de Becky agarrarem por reflexo sua cintura enquanto ela a carregava para o luxuoso conjunto habitacional — uma casa grande, bem na frente delas, parecia intacta,

podia estar intocada. Talvez as pessoas tenham fugido. Talvez não houvesse mortos-vivos dentro dela — porque não havia nada ali para comer.

Com os braços e as costas doendo, Alice se obrigou a correr. Elas atravessaram a rua e Alice subiu a escada da varanda da grande casa. A porta estava entreaberta, como se alguém tivesse saído com pressa. Ela a abriu com um chute e carregou Becky para dentro, colocando-a de pé.

A casa parecia vazia.

Becky começou a sair de sua fuga. Olhou vagamente em volta e sinalizou com gestos convulsivos.

— “O que... vamos... fazer?”

— “Vamos ficar em segurança” — sinalizou Alice. Mentindo com meus dedos, pensou. — “Alguém virá nos ajudar.”

— “E o papai?”

Alice lambeu os lábios, assumindo uma expressão neutra.

— “O papai vai ficar bem. Vamos vê-lo logo.”

Ela não suportaria falar com Becky sobre o que suspeitava ter acontecido, não agora. Mais tarde, se sobrevivessem, haveria tempo para lamentar por Todd.

Ela foi à porta e olhou o cruzamento, ainda saía fumaça do carro e a mulher que ela achava ser “Rain”... estava se mexendo. Rain lutava, ainda presa de cabeça para baixo no carro fumarento, mas claramente viva, tentando se desvencilhar do cinto de segurança.

Eu devia ir lá e ajudá-la...

Mas Alice viu o bando de mortos-vivos correndo na direção do carro virado. Não conseguiria chegar lá e ajudar a mulher antes que os zumbis a alcançassem. Reprimindo o choro e sentindo um forte golpe de vergonha, Alice trancou a porta antes de ver os mortos-vivos dominarem a jovem que tentou ajudá-las.

Alice respirou fundo e se afastou da porta.

Foco no aqui e agora.

Na sobrevivência.

Em Becky.

— “Lá em cima” — sinalizou.

Subiram a escada acarpetada. Quando se ramificou, Alice pegou a esquerda e subiu uma escada com corrimão de madeira, levando-as ao segundo andar.

Alice olhou em cada cômodo com que se deparava. Uma mobília cara, que combinava à perfeição — mostrando o toque de um decorador de interiores. Mas nenhum sinal de seres humanos. Em um quarto havia uma cômoda com a maioria das gavetas abertas, como se alguém tivesse feito as malas com a maior rapidez possível.

No fim do corredor Alice encontrou um quarto de criança, desocupado, com um cobertor amarfanhado em um berço vazio. Becky parecia atraída pelo quartinho e entrou nele como que num transe. Alice a seguiu, olhando em volta. Era o quarto de uma garotinha, a julgar pelas decorações, as cortinas cor-de-rosa.

Elas fecharam a porta ao passar, pensando que os mortos-vivos que foram atrás de Rain talvez as tivessem visto entrar na casa. Precisavam se esconder, e logo. Um lugar em que Becky se sentisse segura.

Depois Alice ficou paralisada, escutando. Ouvira um baque na frente da casa — e outro. O som de alguém derrubando uma porta.

No primeiro andar.

Ela viu as portas ripadas do armário e as abriu, virou-se para Becky e sinalizou.

— “Dentro... Rápido!”

Becky entrou no armário, ainda se movendo como um fantasma, e Alice deslizou atrás dela, fechando as portas. Uma luz entrava pela fina fresta entre as duas portas, mas, se não fosse por isso, elas estariam na total escuridão com cheiro de roupas velhas, carpete e poeira. Algumas peças de roupa de bebê, deixadas por alguma outra criança, estavam penduradas em cabides plásticos no alto. No chão, havia um edredom rosa dobrado.

Alice e Becky se sentaram, e Alice se recostou na porta ripada,

segurando a filha junto dela. Pelo menos não precisava dizer à menina para não falar.

Elas esperaram. Alice sentia o coração de Becky disparado sob suas mãos.

Um tremor pareceu atravessar a casa — depois silêncio, por dez batidas distintas do coração.

O silêncio foi rompido por passos que se arrastavam, o rosnado de alguém que babava.

Um móvel virado, o estrondo de vidro se quebrando.

Eles estavam se aproximando.

Alice lutou consigo mesma para ficar imóvel, inteiramente imóvel. Talvez os mortos-vivos não as encontrassem; talvez as criaturas simplesmente desistissem e fossem embora. Mas ela ouviu uma delas Tateando a maçaneta do quarto da criança. Abrindo a porta.

Pelas frestas das portas, Alice viu uma sombra escurecer o quarto — e um morto-vivo entrar rigidamente, com movimentos como os de um lagarto. Antes era um jovem, um universitário de ombros largos e corpulento, ainda com a jaqueta azul e branca de uma equipe de futebol americano. A metade inferior do rosto trazia marcas de dedos sujos de sangue e seu cabelo estava grudado de sangue coagulado.

Becky gemeu.

Alice pôs a mão na boca da menina.

O morto-vivo olhou em volta, farejando o ar. Com raiva, virou uma mesa de brinquedos, espalhando-os pelo chão. Um macaco de brinquedo rolou e parou às costas dele, batendo seus pratos.

O morto-vivo se sacudiu como se sentisse um arrepio e se virou para a porta. Estava indo embora.

Alice sentiu um longo tremor de alívio.

Depois a criatura parou na soleira. Virou a cabeça — e escancarou a boca. Abriu ainda mais... e mais, até que o rosto se dividiu em dois, de modo anormal. Alguma coisa estava sendo forçada para fora de sua boca, como se

algo nascesse — algo com mandíbulas, cada uma delas com 20 centímetros de comprimento. Quatro no total, em um formato parecido com o de hastes de coral cheias de farpas, pingando sangue e saliva.

As mandíbulas se agitavam como se fossem órgãos sensoriais... e armas.

Ela sabia, de algum modo, que eram as duas coisas.

Becky soltou um guincho inconsciente — e seus olhos se arregalaram ao verem as mandíbulas do morto-vivo agitadas, buscando, farejando o ar. A coisa se virou, procurando por elas, sentindo agora que elas estavam bem próximas.

Alice sinalizou para Becky.

— “Aconteça o que acontecer, fique aqui.”

Becky a encarou de boca aberta, rígida de medo.

Com as mãos trêmulas, Alice se esforçou para sinalizar.

— “Volto logo. Prometo.”

Ela pegou o edredom, começou a cobrir Becky com ele.

— “Eu te amo, mamãe” — sinalizou Becky.

Com os olhos ardendo de lágrimas, Alice respondeu.

— “Eu também te amo.”

5

Alice cobriu Becky com o edredom, consciente do morto-vivo do outro lado da porta do armário. Percebeu que ele se aproximava: podia sentir seu fedor.

Ela se levantou lentamente enquanto o morto-vivo arranhava a porta — respirou fundo e abriu as portas de repente, e a beirada de uma delas acertou a criatura que estava com a cabeça baixa, fazendo-o cambalear para trás, perdendo o equilíbrio.

A coisa caiu em cima do berço, esmagando-o, emaranhando-se em seus cobertores e nos fragmentos da grade. Debateu-se por alguns segundos, tempo suficiente para Alice fechar as portas do armário.

Desde que ele não a veja...

Quando ela se virou, o morto-vivo havia se libertado, estava se levantando, rangendo furiosamente as mandíbulas. Alice correu para a porta, o morto-vivo cambaleando e se atirando atrás dela, arranhando a parte de trás do ombro direito de Alice com as unhas compridas como garras.

Ela passou pela porta, tentou acertá-la na cara do morto-vivo, mas ele bateu a porta na parede e continuou atrás dela. Então ela correu. Estava no meio da escada quando a coisa investiu, pegando-a pela cintura e derrubando-a no chão. Alice se virou, retorcendo-se para se livrar de suas mãos, odiando ter que olhá-lo de tão perto, mas se obrigando a encará-lo para que pudesse afastá-lo. A coisa metia as patas por seu corpo, agitando as mandíbulas.

Ela dobrou a perna, investindo o joelho com força contra o pescoço do morto-vivo — as mandíbulas se retraíram um pouco e a criatura balançou a cabeça, parecendo confusa, afrouxando as mãos nas pernas de Alice. Ela se

arrastou para trás, chutando as mãos dele, e se levantou. A coisa ficou de pé com quase a mesma velocidade, tentando arranhá-la, avançando com a cabeça, querendo fincar suas mandíbulas que estalavam onde quer que estivesse ao seu alcance...

Ela sentiu o cheiro de suas entranhas mortas e decompostas, a podridão que a coisa bafejava em sua cara...

Alice oscilou na beira do último degrau. O morto-vivo disparou e ela se retraiu, perdendo o equilíbrio. Os dois rolaram escada abaixo. Alice caiu de lado, quase dando uma cambalhota pelos degraus acarpetados. O morto-vivo se chocou contra o corrimão de madeira.

Gemendo e sem fôlego ao pé da escada, Alice se obrigou a levantar. Nenhum osso parecia ter se quebrado, mas tudo doía. Ela procurou o morto-vivo — e viu que ele tinha se empalado na grade lascada, a estaca atravessava sua barriga e saía pelas costas. Um sangue negro e podre brotava da ferida. A criatura lutava, suas mandíbulas inutilmente mordendo o ar, mas não iria a lugar nenhum.

Alice se virou — e viu-se olhando nos olhos avermelhados e vidrados daquilo que um dia fora seu marido.

Era Todd — ou o que restava dele. A camisa branca estava ensopada de sangue. Seu rosto era da cor que a camisa tinha quando Alice a tirou da secadora. De um branco mortal.

— Todd... — O som de seu nome escapou da garganta de Alice em um gemido.

O Todd morto-vivo encarou... Por um momento, pensou Alice, talvez a coisa se lembrasse dela. Ela pensou que podia se virar e deixá-la ir.

Mas a criatura atacou, pegando-a pelos ombros em um aperto doloroso, sua boca aberta — cada vez mais aberta — escancarando-se para projetar as mandíbulas, afiadas como presas, estendendo-se para rasgar seu rosto.

Toda a luta a esgotara e ela sentiu as mandíbulas afundando no osso de seu crânio. Veio a escuridão, como as sombras das profundezas do mar engolindo-a viva...

Alice abriu os olhos.

Sentia frio. Sentia o ar gelado nas pernas nuas. Estava deitada em um chão duro, um piso que parecia brilhar.

Sentou, movendo-se com um ruído de papel amassado. Vestia uma roupa de paciente de hospital, de tecido fino de papel, e mais nada. A cabeça latejava.

Estava sentada em uma cela de teto alto, em uma superfície de Plexiglass. Não tinha sapatos nem roupa de baixo. A luz jorrava de baixo. O Plexiglass formava um octógono — que ela conhecia muito bem. Era o contorno do logo da Umbrella Corporation.

Becky.

A lembrança já desaparecia.

O que foi aquilo?

Uma lembrança, uma fantasia... Um sonho?

Ela meneou a cabeça. Parecia real demais para ser qualquer uma dessas coisas. Mas não podia ter sido real. Ela não tinha marido. Não tinha filha. E nem era loura.

Ela se viu, um reflexo vago em um dos painéis de vidro. Era morena.

Alice suspirou e olhou a câmara quase uniforme. O teto octogonal tinha pelo menos 12 metros de altura. As paredes eram de vidro, jorravam luz, e havia uma janela, cerca de 9 metros acima — bem fora de alcance, agora que Wesker tinha anulado seus poderes.

Continua à parede a sua frente havia uma porta de aço. Pelo menos ela supôs que fosse uma porta... Mas não tinha dobradiças nem maçaneta.

Ela se levantou e olhou em volta.

Não havia saída.

6

Alice foi até a porta retangular na parede, tateando as bordas, procurando uma maneira de abri-la. Um painel oculto, alguma coisa... Qualquer coisa.

Nada.

Abruptamente, as luzes da cela se apagaram, mergulhando-a nas trevas. O ar estava carregado de iminência — e depois de um segundo a janela escurecida, no alto da parede e acima da porta, iluminou-se com uma forte luz. Na janela havia uma silhueta conhecida. Alice pensou ter reconhecido aquela forma.

Jill Valentine?

A voz emanou de um alto-falante no teto.

— Projeto Alice, para quem você trabalha? — Uma pausa, e Jill continuou. — Projeto Alice, por que se voltou contra a Umbrella?

— Jill? — chamou Alice. — É você?

— Projeto Alice — repetiu Jill, insistente. — Para quem você trabalha?

Alice ignorou a pergunta. Não estava com humor para nenhum psicodrama da “arte do interrogatório”.

— Onde estão Chris e Claire? Onde estão os outros do navio? — perguntou ela.

E Alice foi punida. Apunhalada por som.

Agudo, extremamente alto, uma microfonia estridente e dolorosa encheu a sala. Era mais que ensurdecadora, ecoando pelas paredes como se batesse em sua cara, repetidas vezes. Alice cobriu as orelhas com as mãos, mas o guincho só aumentava em tom e volume, passando do insuportável e chegando a uma intensidade que se aproximava do letal.

Ela se curvou, colocando a cabeça entre os joelhos, tentando bloquear

o som, perguntando-se se sairia dessa com a audição permanentemente prejudicada. Não podia ficar pior que isso, pensou ela, desesperada.

Mas piorou.

Mais alto, ainda mais agudo...

Ela se contorceu no chão de agonia e perdeu a consciência.

Alice despertou, descobrindo que de algum modo tinha sido transferida a um catre. Seus ouvidos ainda zumbiam por conta do ataque sônico. O estômago se revirava de náusea.

As fortes luzes jorravam do piso. O brilho clínico parecia dizer, “Estamos vigiando você, Alice. Esta é a luz da pura observação”.

As luzes de repente se apagaram. E mesmo no escuro ela notou olhos...

E então a luz na janela, a silhueta de Jill Valentine acima de sua cabeça.

— Projeto Alice, para quem você trabalha?

— Jill... O que aconteceu com você? — perguntou Alice com a voz rouca.

— Projeto Alice, por que se voltou contra a Umbrella? — A voz fria e impessoal de Jill reverberava pela câmara octogonal: Por que... Por que... você se voltou...

— Jill... Responda! Por que está fazendo isso?

E a punição recomeçou. A microfonia aguda a atacou com tal volume que ela sentiu os ossos da cabeça chocalhar, vibrando em seu peito, tremendo os dentes. Ela caiu de joelhos, cerrando as mãos nas orelhas.

Como Becky, ela gritou... e não conseguiu ouvir.

Alice caiu de lado, e o ataque a seus ouvidos, a seu corpo todo, ficou pior... e pior... Até que...

Alice despertou no catre com os ouvidos zumbindo, o estômago se contorcendo na barriga. Ficou deitada ali, fingindo estar viva.

Eles não se deixaram enganar. As luzes se apagaram.

Não, pensou Alice, sentando-se. NÃO.

Jill Valentine apareceu na janela do alto.

— Projeto Alice... para quem você trabalha?

Aí está ela, bem no horário, pensou Alice. Ela se ergueu, tentando invocar sua dignidade, sua rebeldia.

Apenas encarou a luz. As palavras não ajudariam. Sabia que sua expressão falaria por ela. Seus olhos diziam tudo.

Eu a desafio.

Mas por dentro ela se encolhia de medo, esperando pelo ataque, o grito que gritava por ela...

E veio como um raio invisível, um estalo na forma de som, uma eletrocussão que não cessava, estridente, berrando, guinchando, até que encheu todo o tempo e espaço.

Sangue escorria do nariz de Alice. Sangue pingava de seus ouvidos.

Ela tentou continuar de pé, mas, quando percebeu, estava de joelhos, tombando, contorcendo-se de dor na cabeça, atirada na escuridão.

Alice despertou no catre com os ouvidos zumbindo, o estômago se contorcendo na barriga. Ficou deitada ali, fingindo estar viva.

Eles não se deixaram enganar. As luzes se apagaram.

Não, pensou Alice, sentando-se. NÃO.

Jill Valentine apareceu na janela do alto.

— Projeto Alice... para quem você trabalha?

Aí está ela, bem no horário, pensou Alice. Ela se ergueu, tentando invocar sua dignidade, sua rebeldia.

Apenas encarou a luz. As palavras não ajudariam. Sabia que sua expressão falaria por ela. Seus olhos diziam tudo.

Eu a desafio.

Mas por dentro ela se encolhia de medo, esperando pelo ataque, o grito que gritava por ela...

E veio como um raio invisível, um estalo na forma de som, uma eletrocussão que não cessava, estridente, berrando, guinchando, até que

encheu todo o tempo e espaço.

Sangue escorria do nariz de Alice. Sangue pingava de seus ouvidos.

Ela tentou continuar de pé, mas, quando percebeu, estava de joelhos, tombando, contorcendo-se de dor na cabeça, atirada na escuridão.

Alice despertou no catre com os ouvidos zumbindo.

Ficou deitada rígida. Suportaria aquilo mais uma vez? Estava desidratada, faminta, a barriga se agitava, a cabeça latejava...

Ela se sentou.

As luzes diminuíram... E se apagaram.

Não.

Mas a luz do alto não se acendeu. Não apareceu nenhuma silhueta na janela.

Nada de Jill Valentine.

Ainda não.

Uma luz, um único ponto de luz, iluminava uma gaveta de aço que surgiu deslizando da parede. Alice se levantou, fraca e trêmula, e andou até a gaveta iluminada. Nela encontrou um traje de combate preto da Umbrella Corporation, cuidadosamente dobrado, assim como um par de botas. Do seu tamanho. Pegou o traje de batalha. Embaixo da roupa havia um frasco de líquido. No frasco, um rótulo: Hidratação e Nutrição.

Podia ser veneno — ou uma droga. Mas ela estava sedenta e fraca. Estava ali havia o quê? Dias? Sim, dias sem beber nem comer nada. Precisava se arriscar. Abriu a garrafa e bebeu sofregamente, sentindo-se muito melhor depois de alguns goles. O líquido era um tanto espesso, meio doce e tinha gosto de vitaminas. Ela esperou para ver se a deixaria enjoada.

Não. Ele a revigorou.

Ela bebeu o resto, largou o frasco na gaveta, depois vestiu o traje preto. Cabia com perfeição, é claro.

Um leve estalo soou atrás dela. Ela se virou e viu a porta se abrir, só um pouco.

Alice se virou — e esperou. Ninguém passou por ali. Era como se a

porta destrancada fosse um convite.

Um convite à fuga — ou a uma armadilha? Levando a algo ainda pior?

Se alguém estava ajudando em sua fuga, por que fazia isso? Qual era o plano deles?

Alice não tinha alternativa. Precisava descobrir...

Ela respirou fundo e andou até a porta, saindo no corredor.

Olhou para a direita e viu apenas um corredor branco que parecia interminável. Olhou para a esquerda... e encontrou a mesma visão. Feitas de um vidro leitoso iluminado por trás, as paredes do corredor pareciam vivas, como se, mais uma vez, a luz que jorrava das paredes tivesse consciência da presença dela, vigiando-a.

Ela não ouviu nada além de uma insinuação, um zumbido fraco que podia ser o filtro de ar. Podia ouvir sua própria respiração, tal era o silêncio.

Ela meio que esperava encontrar alguém ali fora que a recebesse, explicasse por que a libertaram. Mas não havia ninguém. No entanto tinham que estar ali... Atrás das paredes reluzentes.

Jill Valentine estava sentada no beliche do quartel, perto de um esquadrão de outros soldados subordinados à Umbrella. Todos usavam máscaras de couro e aparato de respiração típicos dos soldados de baixo escalão. Sentados calmamente, esperando pelo comando. Ao lado deles, suas armas estavam recostadas — rifles de combate, carregados e preparados, caso fossem necessários.

Todos tinham os escaravelhos de metal e vidro no peito. O escaravelho era o ponto de incentivo e controle da Umbrella; a origem da paz que Jill sentia, quando estava “neutra”, como agora; a fonte da recompensa do estímulo quente que sentia quando era hora de agir.

Ela sentia o estímulo neste momento, como um alarme suave, e as luzes da sala pulsaram em alerta. O escaravelho que ela usava sobre o peito começou a brilhar.

Junto das paredes leitosas havia vários tipos de equipamento, inclusive uma série de monitores de vigilância.

O escaravelho cintilou, o alarme soou e Jill obedientemente se levantou, marchando animadamente até o computador de vigilância. Os outros soldados também se levantaram, com os escaravelhos pulsando de vida. Pegaram as armas e esperaram as ordens de Jill.

Jill tocou o canto do monitor, ativando o “procurar irregularidades” no sistema de vigilância. O sistema imediatamente forneceu uma imagem de Alice, vista do alto, andando com velocidade por um corredor longo e aparentemente vazio. Vestia um traje preto de combate da Umbrella. Isso não estava certo, Jill sabia. Ela não devia ter acesso a isto. Ela não estava longe da cela de interrogatório — como conseguira o traje?

A interface HUD que projetava imagens diretamente na retina de Jill se acendeu com caracteres rolando:

PRISIONEIRA EM FUGA
APREENDER OU DESTRUIR

Jill recebeu suas ordens.

— Ela saiu! — vociferou. — Ativar equipe de segurança!

Andando apressadamente pelo corredor interminável à procura de uma saída, Alice foi encorajada por algo que parecia ser, enfim, o final do corredor, não muito à frente.

Ela ainda não vira ninguém. O único som era o de sua respiração, seus passos no piso. Até que...

Algo mais. Um leve ruído.

O volume aumentou — estava distante, mas se aproximava, até que passaram a soar como os passos de um gigante. TUM, TUM, TUM, TUM. E vinha de trás.

Ela se virou e viu uma grade de laser acompanhando o trovejar, preenchendo o corredor, seção por seção.

TUM.

Outra seção se encheu dos feixes letais.

TUM.

Mais uma seção e parecia que Alice podia ouvir o chiado dos feixes, aproximando-se mais. Ela se virou e correu, sabendo por instinto que não queria ser apanhada por um dos feixes da grade...

Embora estivesse de costas para eles, Alice os sentia, quentes em seus calcanhares.

Subitamente chegou ao final do corredor — e à porta. Correu mais rápido, escancarando a porta assim que a grade a alcançou, e entrou correndo em...

Tóquio. À noite.

Especificamente, no cruzamento de Shibuya. Ela estava na “Times Square” de Tóquio, onde várias ruas importantes se cruzavam, luzes de néon ardiam como emoções quentes contra a noite, e os JumboTrons lampejavam anúncios intermináveis.

Alice esteve ali, fazendo compras, antes da chegada dos mortos-vivos, e era exatamente como se lembrava... A não ser por uma coisa. Agora não havia ninguém. Nem carros nem trânsito. Os únicos movimentos eram nas gigantescas telas do JumboTron, capturando digitalmente rostos sorridentes, felizes, recatados, sensuais... Duas pessoas bidimensionais e gigantes sorrindo radiantes para o cruzamento sem vida.

Mas o cruzamento não estava exatamente vazio, porque Alice estava ali, andando pela rua abandonada, maravilhada.

Ao menos os mortos-vivos deveriam estar aqui. A eletricidade não devia estar ligada — não agora. Não a maior parte dela. Os prédios deviam estar danificados, alguns incendiados, destruídos pela chegada apocalíptica dos mortos-vivos.

Mas não estavam — tudo ali estava imaculado, como se esperasse pela volta das multidões.

Talvez houvesse mesmo uma droga na bebida, afinal.

Mas ela não se sentia drogada. Tocou o teto de um carro estacionado. Era metal frio, muito real.

O semáforo continuava sinalizando para pedestres desaparecidos. O sinal mudou, como se tivesse esperança de conseguir atrair o tráfego.

Alice olhou para trás, para o prédio do qual tinha saído. A porta estava fechada. Não havia informação nenhuma ali.

Depois caminhou para o meio do cruzamento de Shibuya deserto e ficou ali, sozinha, tremendo na noite fria, se sentindo encolhida pela cidade que era Tóquio. Era como se fosse a última mulher da Terra. Ela não acreditava estar sozinha no mundo — nem por um momento —, mas quase queria que fosse verdade. Um mundo sem pessoas podia ser melhor que um mundo dominado por mortos-vivos.

As luzes piscaram, o sinal mudou, os prédios imaculados cintilaram. Ela havia visto Tóquio destruída. Isto... não podia... estar aqui.

Na margem do cruzamento havia uma pequena viatura da polícia de Tóquio, estacionada junto ao meio-fio. Alice foi até o carro e tentou abrir a porta. Trancada.

Não por muito tempo.

De um lado havia um estacionamento de bicicletas, com uma dezena de veículos solitários e bem acondicionados. Havia uma vaga e, atravessando-a, uma corrente de bicicleta com um enorme cadeado de metal. Ela a pegou, e a balançou, experimentando. Não era uma boa arma, mas era melhor que nada — quase como um mangual.

Ela voltou à viatura e balançou a corrente, com força, acertando o cadeado na janela do motorista, espatifando-a. Tirou o excesso de vidro do caminho e passou o braço, destrancando a porta, e a abriu. Sentando-se ao volante, deu uma busca rápida e encontrou uma .45 automática posicionada entre as almofadas; uma bela Glock com um bom peso. Ela sentiu pelo peso que estava totalmente carregada. Localizou outro pente no assoalho e o colocou no bolso.

Havia uma jaqueta da polícia no banco de trás. Ela a vestiu e saiu do

carro, com a arma em uma das mãos e a corrente de bicicleta na outra.

Algo gelado atingiu seu rosto. Ela tocou — água. Levantou a cabeça e mais água a atingiu. Chovia.

De repente as portas de cada loja de departamentos se abriram, todas ao mesmo tempo, como se coreografadas — e o cruzamento começou a se encher de pessoas ocupadas, que pareciam serenamente decididas. Era exatamente o tipo de gente que Alice vira uma vez, aqui em Tóquio. Assalariados sérios de terno, mulheres jovens vestidas com os modelos mais refinados, meninas andando com roupas de secretária, mais conservadoras, e adolescentes com fones de ouvido e visual j-pop, jovens de cabelo...

Carros viraram a esquina e de repente havia trânsito. Segundos depois as ruas estavam tomadas de pedestres e veículos, carros, táxis e caminhões.

A chuva agora caía mais pesada, batendo no teto dos carros. Brotaram guarda-chuvas em meio à multidão. Alice notou que a chuva parecia estranhamente quente — na “temperatura ambiente”, de qualquer modo.

— Quem fez isso?

Era um policial. O agente uniformizado e furioso apontava seu carro e o vidro quebrado da janela. Ele não pareceu notar a presença de Alice.

Uma adolescente — em um estilo misto de j-pop e kai — passava por ali, franzindo a testa como se tentasse resolver uma charada que só ela conhecia. Estava ensopada de chuva, uma das poucas pessoas que, como Alice, não tinha guarda-chuva. Algo nela era fascinante. Os olhos da menina pareciam desfocados e distantes.

Ela parou no meio do cruzamento, em uma faixa para pedestres, e ali ficou, de braços caídos. Um executivo passou perto, e olhou de relance para a menina j-pop — que subitamente atacou o assalariado, derrubando-o no chão.

E então ela dilacerava o pescoço do homem com os dentes, e o sangue jorrava... e era lavado pela forte chuva.



A multidão entrou em pânico.

Todos corriam desordenadamente para longe dela, largando pacotes, bolsas e guarda-chuvas, tomados pelo terror.

O executivo já se transformava em morto-vivo. Colocou-se de pé — os olhos tinham adquirido um aspecto branco leitoso. Ele olhou fixamente para uma menina kogal confusa — uma jovem vestida como uma sexy estudante japonesa — que não viu do que os outros estavam fugindo.

Sem aviso ele investiu contra ela, mordeu fundo seu ombro, rasgando tecido e pele com os dentes.

As mulheres na multidão gritaram; os homens correram.

O pânico rapidamente chegou a um nível febril, e a doença dos mortos-vivos se espalhou com uma intensidade extraordinária. Agora a garota kogal a disseminava, saltando nas costas de um homem e o mordendo; e a j-pop dava à luz outro morto-vivo, e este produziu outro...

Alice recuava, com a arma em uma das mãos, a corrente na outra — e de súbito a multidão em fuga se separou em volta dela, deixando-a exposta. Era a única que não corria.

Os mortos-vivos, como um só, instantaneamente se viraram para ela.

A garota j-pop ergueu o braço, apontou algo e soltou um uivo sobrenatural. Tentáculos de Majini explodiram de sua boca, chicoteando o ar freneticamente. O assalariado e a kogal a flanquearam e saltaram para cima de Alice.

Outro morto-vivo, despertando de uma morte momentânea, transformou-se com uma velocidade radical, levantando-se e voltando os olhos leitosos para ela. Eram muitos para uma luta com uma arma e uma

corrente.

Um rangido estranho, evoluindo para um ronco, veio de trás de Alice. Ela se virou, preparada para correr, e viu um prédio da Loja de Departamentos 109. Começava a se dividir, as metades da frente da grande estrutura se separavam como portas gigantes. Emanava uma luz branca e ofuscante de dentro — onde nada mais era visível.

Não havia mais para onde ir. E mais uma vez ela aceitou o convite implícito, correndo para a luz.

Perseguida pela multidão de mortos-vivos, Alice disparou para dentro do prédio, com os olhos piscando, tentando se adaptar à explosão de luminosidade — era como o corredor de vidro cintilante e leitoso que deixara, só que mais alto e mais largo.

Ela não entrou sozinha no prédio — os mortos-vivos estavam bem atrás. Ouviu seus pés desajeitados mas incansáveis, seu ofegar, o gorgolejar e o estalar das mandíbulas.

Apareceu outro corredor além da luz, mas antes que ela estivesse na metade dele ouviu um morto-vivo atirando-se em suas costas; ele atacou, tirando seu equilíbrio. Alice cambaleou contra uma parede, depois teve que se virar e enfrentar o adversário.

A morta-viva j-pop estava na frente da multidão de perseguidores de Alice. Tendo acabado de morrer, seu corpo jovem era forte como em vida — e muito mais impiedoso. Não havia tempo para meter uma bala em sua cabeça. Alice girou, balançando a corrente, o movimento impedindo que a criatura a pegasse. O cadeado da corrente chocou-se com a cara da garota, quebrando ossos. O maxilar se soltou, ficando pendurado.

Mas ela continuava vindo, sem se importar com a dor, as mãos estendidas para Alice, com suas unhas compridas de cores vivas — unhas com glitter. Seu queixo quebrado balançava de um lado a outro.

Alice lhe deu um tiro na testa, saindo do caminho quando ela caiu. Enrolou a corrente no pescoço do assalariado, puxou com força para lhe tirar o equilíbrio e ele cair de cara. Atirou na garota kogat atrás dele, a bala

arrancando um naco de seu crânio, mas sem perfurar o cérebro. A kogal saltou para ela — Alice se esquivou e a menina caiu esparramada por cima do assalariado, nocauteando-o.

Vieram mais quatro mortos-vivos: dois homens e duas mulheres. Atrás deles, a cerca de trinta passos, surgiu uma horda das criaturas, numerosas demais para que ela pudesse contar.

Alice disparou no grupo mais próximo, explodindo a despenteada de uma dona de casa. A criatura caiu, bem no caminho das outras três que a seguiam. Tropeçaram nela, como Alice esperava, terminando em um emaranhado confuso de pernas, braços e mandíbulas batendo.

Algo agarrou o tornozelo de Alice e ela olhou para baixo, vendo a garota kogal cerrando os dentes em sua perna. Neste momento ficou agradecida pelas botas. O assalariado parecia um besouro esmagado, com pernas e braços se debatendo, tentando se levantar. Alice chutou a cara da menina morta-viva, recuou e disparou, mirando atentamente para que o projétil da .45 atingisse a testa, penetrando e descendo pela espinha do assalariado.

Ouviu passos claudicantes e rosnados com barulho de espuma e se virou, vendo os três mortos-vivos que tinham tropeçado marchando a passos rápidos em sua direção, lado a lado. Alice atirou três vezes, da direita para a esquerda, mulher-homem-homem. A mulher alta tomou uma bala entre os olhos, girou e caiu; o baixinho gorducho ao lado levou um tiro na boca e tombou de costas; o terceiro, um homem grande, careca e talvez lutador de sumô, perdeu uma orelha.

E continuava indo.

Alice se deslocou para o lado e puxou com força a corrente que ainda estava enrolada no pescoço do assalariado, esticando-a entre ela e a criatura, arrancando o pescoço de uma e criando uma armadilha de elos de aço para a outra. O lutador de sumô tropeçou nos elos e caiu com um impacto que abalou o chão. Ela atirou em sua nuca, depois girou o corpo e descarregou a arma na horda de atacantes, derrubando mais alguns.

Ela soltou a corrente — e correu, apenas alguns passos à frente da horda. Eram muitos para uma luta. Ela disparou a toda e, à frente, viu uma abertura na parede.

De cavalo dado não se olham os dentes, refletiu ela.

A horda ficou um pouco para trás, mas ainda a seguia implacavelmente. Se ela escorregasse e caísse, eles a alcançariam. Mas Alice chegou à abertura e saltou por ela. Assim que fez isso, duas portas deslizaram de lado, fechando-se no meio. Imediatamente ela sentiu uma fechadura se trancando em um estalo.

Os mortos-vivos socaram, mas a porta aguentou...

Esta foi a parte boa. A ruim foi que ela se viu na mais completa escuridão.

Jill Valentine liderava sua equipe de soldados pelo corredor da sala de interrogatório. As luzes piscavam ao longo dos corredores. Ela segurava uma lanterna, cujo facho lançou na porta entreaberta da câmara da qual Alice escapara.

Mas como?

Jill abriu a porta e olhou seu interior. A sala estava vazia, a não ser pelo catre e a roupa de hospital que Alice descartara. Uma gaveta estava aberta, estendendo-se da parede, mas não seria possível abri-la. Nem a porta — não por dentro.

Ela foi à gaveta. Não havia nada ali a não ser uma garrafa plástica vazia. Então deram alguma coisa para dar novo vigor a ela.

O monitor mostrara Alice usando um traje de combate preto da Umbrella — que lhe serviu extraordinariamente bem. Quem o colocara na gaveta? Jill voltou à porta e a examinou. Não viu marcas nem sinal de nada que tivesse sido usado para forçar sua abertura, nem mesmo para atingir o mecanismo de tranca. Alguém a ajudou a sair. Alguém de dentro.

As luzes piscando irritavam Jill.

— Dê um jeito nessas luzes — disse ela a seu imediato.

— Sim, senhora — respondeu ele, a voz abafada pela máscara. O soldado correu para localizar o gerador do prédio, em busca de um disjuntor desarmado.

— E entre em contato com o Controle! — gritou ela às costas dele. — Descubra que merda que está acontecendo.

Mas Jill tinha a forte impressão de que eles não sabiam mais que ela.

O martelar incansável continuava, inabalável.

Acorda, pensou Alice, enquanto colocava um novo pente na Glock. *Esta porta não foi projetada para ser arrombada com os punhos*. Agora — onde estava? Ela se virou, tentando distinguir algo no escuro, mas em vão. A escuridão era total.

Até que não era mais.

Do teto, luzes se acenderam.

Esperando ver alguém ligando um interruptor, ela preparou a pistola e se retesou. Mas não havia ninguém à vista. A sala era grande, ecoava em seu vazio, com um piso de vidro leitoso. Havia um logo vermelho e branco, grande, no meio deste piso — visto de cima, parecia ter a forma de um guarda-chuva. A marca se repetia, embora menor, em três das paredes. A quarta era ocupada por uma janela que ia do chão ao teto.

Ela se aproximou e tentou espiar. Nada. Estava tudo escuro lá fora.

Ao andar pela sala, imaginando se não tinha entrado em outra armadilha, a ponta de sua bota pressionou o centro do logo do guarda-chuva no piso. Algo estalou. As luzes se reduziram e painéis se abriram no chão. Deles, monitores e uma fila de estações de trabalho de alta tecnologia começaram a subir lentamente do piso, zumbindo ao saírem.

Ora, que interessante...

Havia uma dúzia deles, pelo perímetro da sala — e em cada um havia um soldado da Umbrella, sentado, de costas para ela. Alice apontou a Glock para o mais próximo — que caiu da cadeira assim que sua estação se encaixou no lugar.

Mas ela não havia disparado.

Ela se aproximou, olhou para ele — e viu que o visor da máscara tinha sido perfurado. O sangue riscava as rachaduras do visor. Ele fora baleado.

Então outra coisa subiu do chão. Uma estante cheia de armas.

— Que mina de ouro! — exclamou Alice.

Assim que a estante se encaixou no lugar, Alice começou a se servir. Escolheu um rifle de assalto como arma principal. Depois encheu os bolsos com munição e meteu umas facas fáceis de atirar nas presilhas, por precaução. Logo Alice havia se equipado com o maior número de armas que podia carregar e que ainda permitia que ela se movimentasse com eficácia.

De repente, os monitores das estações de trabalho se acenderam, todos mostrando a mesma imagem — Jill Valentine, olhando feio para a câmera. O som de sua voz encheu a sala.

“Controle, responda! Controle, é a chefe de segurança Valentine! Temos uma foragida que escapou! Preciso de sua localização! Controle, responda.”

Alice olhou fixamente o monitor, e enquanto isso, tomou consciência de outra coisa.

Alguém se esgueirando atrás dela. Muito silenciosamente.

Mas...

Ela girou o corpo, arrancando a pistola da mão de uma bela jovem asiática de cabelo curto. A recém-chegada usava um vestido vermelho justo que se abria no quadril e óculos vermelhos.

No instante em que Alice pegou a arma, a mulher girou o corpo e — com um golpe preciso de artes marciais — chutou a arma de sua mão. A pistola girou no ar e, em um segundo, era apanhada de novo pela mulher de vermelho. Ela sorriu friamente ao apontar para seu alvo.

Mas Alice já estava em movimento. Deslizando por baixo da posição defensiva de sua agressora, sacou uma faca e a apertou contra o pescoço da mulher...

O resultado foi um impasse. A asiática de vermelho apontava uma pistola para Alice, e Alice, toda de preto, estava com uma faca contra a

jugular da mulher. Elas se olhavam fixamente e, com as armas firmes nas mãos, fuzilavam-se com os olhos, sem fazer qualquer movimento.

Alice optou pela simplicidade.

— Não — disse ela, induzindo uma resposta.

— Meu nome é...

— Ada Wong — interrompeu Alice. — Agente da Umbrella Corporation, uma das melhores de Albert Wesker.

Torceu os lábios, desdenhando.

— Sei exatamente quem... e o que... você é.

Ela pressionou mais a lâmina, uma fração, e uma pequena gota de sangue de Ada escorreu pelo pescoço.

Ada não piscou. Nem apertou o gatilho.

— A verdadeira pergunta é: qual o motivo para eu não cancelar seu contrato agora mesmo?

— Eu não trabalho mais para a Umbrella.

Alice estremeceu, mas só ligeiramente.

— Não me importa. — Ela inclinou a lâmina, preparando-a para um corte rápido... E arrepiou ao ouvir uma voz masculina familiar. Uma voz impossível. A voz de um fantasma.

— Pode matá-la, se quiser. Mas assim nunca sairá deste lugar.

Olhando para além de Ada, Alice viu o rosto de Albert Wesker, emoldurada pelos monitores. Estava de óculos escuros, como sempre, vestido de preto, e abria um sorriso largo e cruel.

— Wesker... — Alice meneou a cabeça, assombrada. Seu rosto duplicado piscou pela sala em todos os monitores.

— É um prazer vê-la novamente — respondeu ele em um tom simpático.

— Eu matei você!

Wesker deu de ombros como quem se desculpa.

— Um clone. — Ele sorriu. — Não achava realmente que eu me

colocaria em tal risco, não é?

Alice olhou novamente para Ada... para a arma na mão de Ada.

— Agora — disse Wesker —, seja boazinha e baixe a faca.

— Eu deixei você sair daquela cela — disse Ada. — Trouxe você aqui. Não teria chegado tão longe sem mim.

— Por que ia querer me ajudar? — perguntou Alice.

— Tenho meus motivos. Digamos, por ora, que seus interesses e os meus estão alinhados.

Alice meneou a cabeça.

— Não vou a lugar nenhum antes de saber onde estamos e o que exatamente está havendo aqui.

Wesker suspirou.

— Você está na principal instalação de testes da Umbrella. — Ele riu e acrescentou: — O ventre da besta.

Alice baixou a faca. Ada baixou a arma e recuou um passo. As duas mulheres olhavam-se com cautela.

— Explique Tóquio — exigiu Alice categoricamente. — Eu a vi destruída.

Wesker ajeitou os óculos.

— O que você viu foi uma recriação detalhada. Nada mais. Representa algumas quadras da cidade... E é só.

— Eu estava lá fora...

— Estava? — perguntou Ada. — Viu o céu noturno?

— Era noite — insistiu Alice.

— Estrelas? A lua? — Alice não respondeu, e Ada acrescentou em um tom seco: — Foi o que pensei.

Pela sala, uma série de monitores oscilou e mostrou uma vista do centro de Berlim, Tóquio, Nova York, Londres e várias outras cidades que Alice não reconheceu.

— O andar de testes — disse Wesker — tem um quilômetro e meio. Noventa metros de altura. O teto é preto. Geralmente é sempre noite por

aqui. Mas afinal, não é nesse horário que o monstro aparece?

Alice ainda não estava convencida.

— Estava chovendo...

— Sistema de aspersores — respondeu Wesker, soando quase entediado. — Instalados no teto para controlar o clima. Eles podem até fazer nevar, se quiserem.

Começava a fazer sentido.

Quantas cidades falsas existiam naquela instalação? E por quê?

— Por que construir um lugar desses? — perguntou ela.

— Simples — disse Wesker. — A maior parte da renda da Umbrella Corporation é gerada pela venda de armamento viral. Algo que é impossível de testar no mundo real. Assim, a Umbrella recriou o centro de Nova York, simulou um surto e mostrou os resultados aos russos... Vendendo o vírus a eles. Depois simularam um surto em Moscou... E venderam o vírus aos americanos. Um surto em Tóquio...

— E venderam aos chineses.

— Um surto na China... — acrescentou Ada.

Alice assentiu.

— Venderam aos japoneses.

— Todo mundo teve o seu — disse Wesker com orgulho. — A Umbrella Corporation criou uma nova corrida armamentista. Só que desta vez foi biológica, e não nuclear. Altamente lucrativa...

Alice olhou a sala de controle, um arrepio enrijecendo sua pele ao imaginar tudo aquilo. Ela olhava as paisagens urbanas condenadas que apareciam nos monitores. Não tinha conhecimento de nada disso quando era chefe de segurança da Umbrella. A corporação era famosa por manter seus projetos mais secretos na base do “ninguém precisa saber”.

Mais provavelmente, eles perceberam que ela estava com dúvidas sobre a pesquisa do T-vírus da corporação.

— E aqui — continuava Wesker, com um floreio da mão — É onde tudo isso acontece. O maior investimento da Umbrella... Sua maior criação.

Como eu disse, o ventre da besta.

Alice desembainhou a faca, sacou uma pistola e a virou para a janela que ia do chão ao teto.

— Então por que não damos o fora daqui? — disse ela a Ada.

A asiática olhou o relógio e calmamente ergueu a mão.

— O sol nasce em menos de um minuto. Por que não vê com os próprios olhos? — Ela fez um sinal com a cabeça mostrando a janela. Alice olhou, mas ainda não via nada além da escuridão.

Então os primeiros raios de sol penetraram na escuridão do lado de fora. Havia algo de estranhamente difuso na luz solar, como se fosse filtrada por algo translúcido. Iluminava montanhas azuis e geladas — só que as montanhas estavam invertidas. O sol se intensificou, infiltrando-se pelos picos azuis.

Através de...

— Gelo! — disse Alice, ofegante. Ela via as montanhas azuis cristalinas com massas de gelo flutuante. A luz se espalhou.

8

Alice observou por um bom tempo a vista gélida que aparecia pelo filtro de gelo e água do mar, pouco além da parede também janela. Ela estremeceu. Aquela água seria brutalmente fria — a morte não seria instantânea, mas seria rápida.

Eles não saíam dali daquele jeito...

Os reluzentes blocos de gelo que passavam flutuando e os picos invertidos eram fascinantes, até bonitos. Feixes de luz se enredavam, dançando pelo leito marinho turvo. Uma morsa passou nadando pela vidraça, o grande animal parecia surpreendentemente gracioso. Ao longe, ela podia ver a massa ondulante e escura de uma baleia.

O símbolo de martelo e foice, embora tivesse desbotado com o tempo, ainda era impressionante em sua rigidez carmim.

Ela se voltou para Ada e os monitores — onde Wesker esperava por sua reação.

— Mas onde exatamente estamos? — perguntou Alice.

— No estreito de Kamchatka — respondeu ele tranquilamente. — Norte da Rússia. A antiga União Soviética construiu bunkers de submarinos aqui na década de 1980. Com o fim da Guerra Fria, a Umbrella Corporation os expandiu... E construiu esta instalação para testes.

Então era isso. Depois de ter perdido a consciência na costa de Los Angeles, eles a trouxeram para cá, para uma antiga base soviética. Mas onde, perguntou-se ela, estava Wesker? Estaria ali, naquela instalação imensa? Ou talvez em algum esconderijo de alta tecnologia nos subterrâneos de Tóquio? Se ela o encontrasse e o matasse de novo — seria revelado que era só mais um clone de Wesker?

E quantos dele existiam?

— Como saímos daqui? — perguntou Alice, olhando para Ada.

— Atravessamos as instalações — respondeu ela com um tom estranhamente prosaico — pelo abrigo dos submarinos, depois pegamos um elevador até a superfície.

— Assim tão simples?

— Na verdade, não. — Ada sorriu.

— Foi o que pensei.

— Mas não se preocupe... Nós teremos uma ajudinha.

“Nós”, ela disse. Alice meneou a cabeça em dúvida. Não sabia quais as intenções daquela mulher — ainda não sabia por que Ada a ajudara a escapar do interrogatório. E quem era essa “ajuda” de que ela falava? Acabariam sendo apenas os inimigos de Alice, como os soldados da Umbrella?

Claro, não se preocupe, pensou Alice. Que inferno, por que deveria me preocupar? Só porque esta instalação está tomada de soldados e bem abastecida de mortos-vivos?

“Não se preocupe.”

Sei.

Dois veículos atravessavam o campo nevado no alto de uma cadeia de montanhas castigadas pelo vento. Os veículos retangulares movidos por esteiras, chamados Sprytes — maiores que os humvees e blindados — seguiam em uma velocidade constante pelo trecho implacável de neve e gelo árticos. A península de Kamchatka. Uma andorinha-do-mar voou no alto. Tirando isso, o único movimento era o das rajadas de vento carregado de neve.

Enfim os veículos pesados pararam perto da beira de um penhasco íngreme.

Luther West, um negro alto e bonito com barba bem aparada, puxou a gola peluda de seu casaco de camuflagem militar para mais perto do corpo

ao sair do veículo. O vento não era forte, mas era tão frio que parecia atingir seu rosto com um punho de gelo. Sua respiração formando nuvens no ar.

— Nossa, que frio! — disse ele. — Sabe que sou da Califórnia, não é?

Luther se dirigia a Leon Kennedy — um homem rude, de 30 e poucos anos, cuja expressão severa sugeria que não estava interessado nos protestos de Luther.

— Barry... Vamos dar uma olhada — chamou Leon.

Barry Burton desceu do segundo veículo. Um soldado profissional, com um charuto apagado preso na boca — ele tentava parar, mas não conseguia desistir inteiramente — tinha uma Magnum Colt Anaconda calibre 44 customizada no quadril. Passou esbarrando grosseiramente em Luther.

— Não fica mais frio perto dela? — perguntou Luther, tentando fazer piada da atitude deles.

Também não obteve nenhuma resposta a isso.

Como foi que ele se envolveu com esses caras? Eles partilhavam muitas das mesmas tribulações, desde a prisão que ele, Claire, Chris e os outros usaram como fortaleza contra os mortos-vivos. Ele não era atirador profissional, mas passou a manejar muito bem uma arma. Suas habilidades de jogador de basquete profissional ajudaram muito.

Eles até podiam pensar que ele adorava aparecer na mídia — podiam se ressentir disso por algum motivo. Mas nada disso importava agora. Não havia equipes de basquete — nem comerciais de TV, nem acordos de licenciamento e certamente não havia superastros. Havia pouca televisão ou internet onde falar, de qualquer modo. Em vez disso havia um mundo em chamas dominado por mortos-vivos. E, no Inferno, todos estavam igualmente condenados.

Eles agora tinham a companhia de Sergei, o especialista técnico russo. Barry foi na frente à beira do penhasco, onde os quatro homens pararam, lado a lado. Bem abaixo, ao pé da montanha, Luther viu uma série de bunkers de concreto e ferro desgastados e raiados de ferrugem, parte de uma instalação militar soviética do século anterior. Barry grunhiu, olhando os

bunkers por um binóculo digital. Luther podia ouvir o dispositivo eletronicamente aprimorado zumbindo ao ser ajustado.

Além do terreno irregular ao pé do penhasco, havia uma praia rochosa e a massa de gelo do estreito de Kamchatka. Era mais frio ali — onde eles estavam expostos aos ventos do mar — e Luther teve que se esforçar para que seus dentes não batessem. Mas não ia reclamar de novo.

Ao longe, ele viu os cascos cinzentos de navios de guerra abandonados e um grande porta-aviões, presos no gelo: parte da frota desativada soviética. Pareciam lápides — monumentos desolados e decadentes de outra época.

Leon apontou os três imensos respiradouros perto da margem da água.
— Lá estão eles.

Sergei grunhiu.

— Dutos de ventilação para os bunkers de submarino — observou.

Barry apontou o binóculo para a instalação deserta uma última vez.

— Parecem abandonados.

— É o que eles querem que você pense — observou Leon.

Luther estava pronto para se colocar em movimento.

— E o que estamos esperando? — perguntou. Leon lhe lançou um olhar penetrante. Barry, Leon e Sergei formavam uma unidade, acostumados aos ritmos uns dos outros. Luther era o estranho no ninho, independentemente do que ele fizesse.

Leon suspirou.

— Vamos esclarecer uma coisa agora mesmo — disse ele em um tom condescendente que o irritava. — Você está aqui como consultor... E mais nada. Conhece a mulher, e seu valor para mim é este. Compreendeu?

E qual é seu valor para mim?, pensou Luther. Mas não disse isso. Tinha seus próprios planos e não queria atrapalhá-los com discussões. Esses caras o fariam reencontrar Alice — e talvez os outros...

Então ele simplesmente retribuiu a cara feia de Leon.

— Vou tomar isto como um sim — grunhiu Leon.

É um sim por enquanto, pensou Luther.

Ele se virou e voltou para os veículos de neve.

Jill Valentine se sentiu atraída de volta à cela de interrogatório vazia. Era quase como se esperasse encontrar a prisioneira ali novamente.

Ela se lembrou de interrogar Alice, lembrou de lhe dar uma surra com a tortura sônica. Sentiu algo estranho — quase como se estivesse prolongando o processo. Os interrogatórios eram o único tipo de contato que Jill podia ter com prisioneiros. Mas às vezes ela sentia que havia algo mais a dizer, algo que queria fazer. Não tinha certeza do que era. Talvez dizer a Alice que se solidarizava com ela.

Talvez dizer a ela, “Não tenho controle sobre isso”.

Mas só o que saiu da boca de Jill foram as perguntas pré-programadas. Sempre que ela chegava perto daquela sensação desobediente, irônica, um pulso vindo do escaravelho a fazia se calar, e a levava embora novamente. Mantendo-a focada em suas obrigações como chefe de segurança.

Que era exatamente o que ela precisava agora — voltar à sua tarefa. Não havia espaço para emoções, questionamentos ou para a intuição na vida que levava. Fazia parte da Umbrella — era parte do grande esforço, do grande plano. Era só o que importava.

Então Jill se pegou olhando para o mecanismo em forma de escaravelho no peito. Sua ligação íntima com os senhores corporativos.

Ela estendeu a mão para tocá-lo... e subitamente sua mão se retraiu.

Não. Isso não é permitido.

Dois soldados de seu esquadrão da Umbrella surgiram correndo e Jill, parada próxima da porta aberta, achou que precisava dizer alguma coisa.

— A fechadura está intacta — observou, olhando atentamente para o batente da porta.

— E como a prisioneira saiu? — perguntou um soldado do esquadrão.

— Evidentemente teve ajuda de alguém aqui de dentro — retrucou Jill com impaciência. — Temos um traidor nestas instalações.

— O computador central parece estar off-line, senhora — reportou o outro soldado. — A vigilância e as comunicações estão limitadas.

— E o Controle? — perguntou Jill.

— Ainda não consegui contato.

— Então se esforce mais! — disse ela. — Ela era minha prisioneira... Eu a quero de volta!

De repente a interface HUD apareceu, projetada diretamente nos olhos de Jill pelo escaravelho. O texto rolou por sua visão.

INSTALAÇÕES COMPROMETIDAS INICIAR CONFINAMENTO

No mesmo instante a soldado de máscara apontou o rastreador térmico para o piso do corredor, fora da cela. Jill podia ver a tela — e nela, o contorno dos passos de Alice.

— Temos uma leitura térmica residual... Parece que ela está a cerca de vinte minutos à nossa frente.

— Muito bem, soldado — respondeu Jill. — Pelo menos alguém está mostrando alguma iniciativa. Qual é sua designação? — Sem esperar por uma resposta, ela olhou a etiqueta da farda. — Carlyle. Muito bem, Carlyle, fique comigo. Vamos rastrear a foragida... e iniciar o confinamento.

Os Sprytes ganharam terreno na elevação acima da praia rochosa, depois pararam na frente dos bunkers. Luther saiu de seu veículo e de imediato começou a tremer de frio.

Ele seguiu Barry, que saía e se movimentava com cautela na direção das estruturas. De perto, eram formidáveis — construções imensas de concreto e ferro, o metal sangrando ferrugem como lágrimas escorrendo pelo rosto. Chorando pela URSS.

Leon caminhava a passos largos ao lado deles, com Tony — o último

homem da equipe.

— Barry, Tony, cuidem dos respiradouros — disse Leon, gesticulando para as três grandes estruturas de concreto próximas da água. — Sergei... você sabe o que fazer.

O vento do mar empurrava as costas da parca de Luther quando ele se virou, seguindo Tony e Barry, andando mais lentamente do que poderiam. Ele ouvia os ventiladores gigantesco, girando pesadamente nos respiradouros, sugando lentamente grandes volumes de ar para dentro da instalação da Umbrella oculta bem abaixo de onde estavam.

Tony era um latino-americano carrancudo que não se barbeava havia algum tempo. Parecia ter duas tatuagens de gangue desbotadas em seu pescoço. Luther invejou os óculos de proteção que ele usava contra o vento enquanto colocava suas poderosas ferramentas elétricas na base da primeira torre. Barry se agachou ao lado dele, abrindo um pacote de explosivos enquanto Luther parava ali perto, tentando não atrapalhar.

Tomara que eles saibam o que estão fazendo com esses explosivos plásticos, pensou Luther. Seria o inferno explodir este lugar em pedaços.

Sergei, levando um laptop, abriu uma portinhola de metal enferrujado — que se mostrou uma camuflagem para uma conexão para um computador de última geração. Plugou ali o laptop, segurando-o numa das mãos, digitando com a outra.

— Rodando um programa de entrada — disse ele.

É como se esse caras tivessem invadido instalações secretas por toda a vida adulta, pensou Luther, rindo.

E talvez tenham invadido mesmo.

Segundos depois, Leon parou junto de Sergei, entregando-lhe um bilhete com uma série de números. Os preciosos dados agitavam-se perigosamente no vento crescente.

— São os códigos de acesso que Ada nos deu — explicou ele.

— Você confia nela? — perguntou Sergei, digitando os códigos.

Leon abriu um leve sorriso.

— Só digite os números.

Vendo-os instalar os explosivos na base das torres de ventilação, Luther se perguntou por que eles seriam necessários, se o grupo usaria outra entrada em vez dos bunkers. Certamente não iam abrir uma entrada a explosivos.

Talvez faça parte do plano de fuga. Parecia a Luther que Barry ajustava o cronômetro para duas horas.

Duas horas?, pensou — mas não disse nada. Não pode ser, considerando o que vamos fazer aqui. Talvez ele tenha lido errado.

Por outro lado, talvez as bombas fizessem com que todo o lugar despencasse em sua cabeça muito antes de ele sair.

— Acho que você não me diria para que serve isso — disse Luther, apontando para os explosivos com um movimento da cabeça.

Barry terminou de colocar um fio no bloco, e então virou-se com olhar de escárnio.

Luther se encolheu, desculpando-se — mas não foi sincero.

— Eu sei, eu sei... Sou apenas um consultor. — Ele sorriu.

O mais leve sorriso apareceu nos cantos da boca de Barry.

— Olha, não leve Leon a mal — disse ele, mantendo a voz baixa. — Não é que ele não goste de você. Ele só não o conhece.

Luther assentiu.

— E você?

— Eu? — Barry pensou por um momento. — Eu só não gosto de você. — Ele se levantou e se afastou das torres, indo na direção dos bunkers, deixando Luther se perguntando se seria brincadeira ou não.

Desistindo, Luther suspirou e seguiu Barry até os bunkers, onde se juntaram a Tony. Por uma janela torta e amarelada em uma porta de aço descolorida ele podia distinguir o equipamento enferrujado da era soviética que havia ali dentro. Eram máquinas imensas, algumas com polias enormes,

e ele não sabia para que servia aquilo.

Sergei desconectou o laptop e pareceu satisfeito.

— Entramos! — anunciou ele.

E o que significa isso?, perguntou-se Luther. A porta ainda estava fechada e parecia emperrada pela ferrugem. Como é que entramos?

A resposta surgiu segundos depois, quando a neve que vagara entre os dois bunkers de concreto começou a se deslocar de baixo. Diante de seus olhos o chão se abria, enquanto painéis imensos se escancaravam e revelavam um poço fundo em forma de silo estendendo-se pelo chão, centenas de metros nas sombras. Havia quatro plataformas de elevador aberto presas às paredes do poço.

Luther suspirou em silêncio para que os outros não ouvissem.

— Elevadores... Eu odeio elevadores. — Ele olhou o poço. Era relativamente novo; as plataformas não estavam enferrujadas. — Isto não foi construído pelos soviéticos — disse ele.

— A Umbrella construiu — respondeu Barry. — A antiga fachada soviética é só mais uma máscara.

— Vamos — disse Leon.

Ele seguiu na frente até o elevador mais próximo. E era grande, o suficiente para carregar suprimentos e até veículos. Luther entrou cautelosamente, perguntando-se o que teria acontecido com o conceito de paredes.

O resto da equipe examinou o fundo da plataforma e ele ouviu uma série de estalos enquanto prendiam alguma coisa ao metal. E então se juntaram a ele na plataforma, colocando-se junto da parede curva. Luther podia sentir o ar quente subindo. Leon apertou um botão em um pedestal de controle.

O elevador estremeceu, fazendo com que cada músculo do corpo de Luther ficasse tenso. Gemeu mecanicamente e começou a descer devagar. Luther afagou a pistola automática que tinha sob o casaco. Tinha a forte sensação de que iria usá-la.

Espero ter trazido munição suficiente.

Enquanto afundavam no poço, o céu brilhante do Ártico — iluminado pelo sol do meio-dia — recuou até se tornar um distante círculo de luz, muito acima. E eles ainda desciam.

— Sincronizar relógios — disse Leon. — Duas horas exatamente em três, dois, um...

Duas horas até que os explosivos fossem detonados.

Uma hora, cinquenta e nove minutos, cinquenta segundos. Quarenta e nove segundos... Quarenta e oito segundos...

— Por que não detonamos os explosivos remotamente? — perguntou Luther. Quando estivermos em segurança, longe deste maldito lugar.

— Não podemos arriscar que bloqueiem o sinal — replicou Leon enquanto verificava se o rifle de combate estava carregado.

Luther meneou a cabeça. Esses caras eram profissionais muito competentes, trabalhando para pessoas que ele não conhecia — e eles gostavam de brincar com bombas-relógio.

Mas no que foi que me meti?

Ele tinha certeza de querer ver Alice novamente. Ora, aquilo sim era uma mulher. “Incrível” nem começava a descrevê-la direito. E então olhou novamente para o relógio.

— E se levarmos mais de duas horas?

— Então — disse Barry, meio diretamente demais —, espero que você saiba prender a respiração.

Neste exato momento chegaram ao fundo do silo, onde o elevador entrou em um tubo vertical muito menor, onde mal cabia a plataforma. Uma escuridão ecoante se fechou sobre eles.

— Entramos na toca do coelho — disse Leon.

9

Na sala de controle da Umbrella, a imagem de Wesker desaparecera das telas. Ada Wong olhava o relógio. Perto dela, Alice podia ver a leitura.

01:58:01 — 01:58:00 — 01:57:59 — Algo que aconteceria dali a duas horas. Algo crítico...

— Eles entraram — disse Ada.

Depois ela olhou para a frente, aparentemente para o nada. De repente Alice percebeu que seus óculos tinham lentes com a interface HUD. Se olhasse com atenção, veria dados mínimos projetados nas bordas. Havia um mapa em 3D. Provavelmente a planta das instalações, talvez sua rota de fuga.

Ada assentiu para si mesma e olhou a companheira.

— A equipe de assalto eliminará a resistência da Umbrella, depois se encontrará conosco e nos escoltará para fora.

— Quanta consideração — disse Alice, olhando a janela; o brilho cristalino da massa de gelo flutuante azul-esverdeada; as montanhas invertidas de icebergs.

— Eles estão com um amigo seu — disse Ada. — Luther West.

Alice sentiu um agradável choque ao ouvir esse nome.

— Ele está vivo!

Ada assentiu.

— Nós o pegamos em Los Angeles. Ele viu quando a capturaram no Arcadia... Foi como soubemos que a Umbrella estava com você.

— E como o encontraram?

— Foi muito fácil distinguir os humanos dos mortos-vivos pelo ar. Falamos com ele. Ele estava na praia, viu os V-22 atacando o Arcadia. E ele sabia que você tinha ido para lá. Viu você com o binóculo quando a tiraram

da água. Seus interesses e os nossos agora convergem... E deduzimos que ele nos daria uma ideia de como lidar com você. Ele insistiu em acompanhar a troca, e foi isso... — Ela deu de ombros.

— E vocês localizaram os V-22 vindo para cá?

— Sim. Para a... Umbrella Prime.

Alice pensou em exigir saber toda a extensão dos planos de Ada — e de Wesker —, mas provavelmente eles a enganariam. Se continuasse paciente, porém, talvez revelassem mais do que pretendiam...

— Então, esperamos aqui pela equipe de retirada?

Ada olhou o relógio.

— Esperamos até chegar a hora de entrar em ação e nos encontramos com eles. Não podemos esperar muito...

Com a pistola automática na mão, Jill atravessava o modelo em tamanho natural do cruzamento de Shibuya de Tóquio, liderando seu esquadrão para a enorme fachada falsa da “Loja de Departamentos 109”. Os carros tinham sumido, mas ela sabia que havia mortos-vivos ali, o que restou da simulação não autorizada que alguém ativara um pouco antes.

— A leitura de calor está mais forte — disse Carlyle, olhando a pequena tela do rastreador de infravermelho. — Estamos chegando perto. Parece que estão no centro de controle.

Jill grunhiu. Isso não era bom. Mas explicava a falta de resposta do Controle.

Ela olhou as leituras.

— Ela está de botas, se for ela mesma...

Havia uma garoa falsa, caindo da rede de água do teto. Olhando em volta, Jill ficou intrigada com o modo como mantinham essas representações urbanas. As pessoas que eles usavam, embora fossem artificiais, eram peões incautos, nem imaginavam o que estava destinado a eles. O que a corporação lhes dizia, perguntou-se, pouco antes de o mundo acabar na simulação?

“É só um trabalho de atuação. Finja que está cuidando da própria vida, é só isso...”

Mas esse não era o departamento dela. Ela era da segurança, inteligência e execução. A Umbrella trabalhava de maneiras misteriosas e Jill não as questionava. O escaravelho garantia esta atitude.

— Atenção! — gritou a soldado Carlyle. — Mortos-vivos se aproximando!

Jill suspirou ao colocar a pistola automática em posição. Talvez deversem tomar o caminho mais longo para não ter que lidar com isso. Mas o esquadrão estava fortemente armado — e os mortos-vivos eram muito estúpidos. Estúpidos perigosos, mas estúpidos.

Ela não precisou desperdiçar munição no negro magricela que veio apressado para eles — Carlyle o baleou na cabeça e ele caiu. O sangue jorrou do crânio espatifado da criatura, respingando nas botas de Jill.

Ela havia engraxado naquela manhã mesmo.

Apontou a pistola para uma morta-viva que havia sido uma idosa japonesa com cara de vovó e vestia trajes tradicionais asiáticos — de olhos vidrados e leitosos, a vovó zumbi uivava sem palavras ao investir, a cara contorcida como um demônio kabuki.

Jill primeiro atirou nos dentes da mulher, mas foi baixo demais. Embora a criatura tenha cambaleado um pouco para trás, logo se recuperou e seguiu na direção de Jill novamente. Irritada, ela fez um segundo disparo, arrancando o cérebro da morta-viva numa explosão. Ela caiu a seus pés.

Passou por cima da sujeira, continuando a liderar o esquadrão pelo cruzamento aberto, procurando por outros alvos, mas o resto de sua equipe cuidava desse assunto.

— Granada! — gritou Carlyle.

Ela atirou o explosivo na retaguarda do grupo que se aproximava, mandando seis deles para o juízo final. Os outros despacharam seus alvos habilidosamente, com a longa prática em tiros na cabeça de mortos-vivos quase com a mesma eficiência de um cortador aparando a grama.

Havia mais algumas criaturas cambaleando em volta, mas tropeçavam nos cadáveres dos caídos, e o esquadrão chegou ao 109.

A entrada ainda estava aberta e eles seguiram para dentro...

— Veja isso! — disse Alice, apontando.

Em um monitor de computador, uma câmera de vigilância mostrava Jill Valentine e seu esquadrão avançando pelo corredor que levava à sala de controle.

— Estão vindo por aqui — disse Ada. Ela havia trancado a porta e embaralhado o código de abertura, mas havia outras maneiras de passar.

Emoldurada no monitor, Jill olhou fixamente para a câmera de segurança, diretamente para a lente, como se adivinhasse que Alice a observava. Ela podia ver o escaravelho high-tech no peito de Jill. Então era isso — por isso ela estava trabalhando para a Umbrella. Por isso interrogou Alice...

Eles controlavam sua mente.

Uma soldado do esquadrão chegou à porta. Tirando uma ferramenta elétrica do cinto, começou a cortar o metal. Voaram faíscas, e quando Alice e Ada olharam para a lateral da barreira, avistaram fumaça. Seus perseguidores abriam caminho à força.

Alice olhou interrogativamente para Ada.

Ada olhou o cronômetro regressivo no pulso e assentiu.

— Então vamos! — declarou Alice.

Ada se aproximou das estações de trabalho, onde os cadáveres dos técnicos ainda estavam caídos em seus assentos. Pegou dois pela gola, puxou-os das cadeiras, empurrou os corpos de lado e sinalizou para Alice com um movimento de cabeça.

Seguindo o movimento, Alice se aproximou de uma das cadeiras vazias. Observou enquanto Ada mexia nos controles, fazendo sua própria unidade afundar no chão.

O buraco na porta era maior agora, queimando, expandindo-se... o que

significava que era hora de lutar ou sair. Não havia motivos para arriscar uma luta — ainda não —, e Alice não queria matar Jill. A amiga não tinha controle de si mesma, não tinha alternativas, não enquanto tivesse aquele dispositivo grudado em seu peito...

Então Alice imitou os comandos que Ada havia digitado, e seu painel da estação de trabalho afundou em um poço quadrado, descendo ao chão. Em questão de segundos ela estava em uma sala totalmente diferente.

A ferramenta de corte seccionou a última barra de metal do mecanismo de tranca, e a porta de aço se abriu. Dois soldados entraram à frente da comandante, obedecendo ao protocolo.

— Liberado! — gritou um.

— Seguro! — O outro fez eco.

De arma em punho, Jill Valentine entrou na sala de controle. Todas as estações de trabalho estavam ali, exceto duas. E seus ocupantes estavam mortos — cadáveres caídos ao lado dos consoles. Uma soldado retirou o capacete.

— Não há sinal deles — disse a soldado, Rain.

— Verifique o vídeo de vigilância — ordenou Jill.

— Entendido — respondeu um segundo soldado. Ele tirou o capacete, revelando feições afro-americanas, e verificou os soldados da Umbrella mortos em suas estações de trabalho. — Um só tiro. No estilo execução. — Quem quer que os tenha baleado, refletiu Jill, deve tê-los apanhado de surpresa, e deve ser muito bom para atirar com tanta rapidez e precisão.

O soldado negro rebobinou a gravação de vigilância, parando quando o vídeo exibiu Alice e Ada Wong na sala de controle.

— Ela estava aqui. E teve ajuda.

Ele rebobinou um pouco mais a gravação, mostrando soldados trabalhando nas estações de controle. Ada Wong entrou, sem que fosse vista por ninguém. Com tiros rápidos e precisos, ela os matou, uma bala atravessando cada ocular da máscara, sem transparecer emoção alguma.

Tudo acabou em segundos.

A gravação avançou novamente e mostrou o confronto de Ada e Alice, e o aparecimento de Wesker nas telas. O escaravelho de Jill viu o que ela via — comunicava-se com um computador central e projetou no seu visor HUD de seu olho.

ADA WONG.

CLASSE: RENEGADA.

ALBERT WESKER.

CLASSE: RENEGADO.

— Ada Wong — disse Jill. — É essa a nossa traidora. Quando Wesker nos traiu, ela deve ter se juntado a ele.

— Não é só isso — disse a soldado com o rosto de Rain. Ela apontou para outra tela. Nesta, Leon e sua equipe eram claramente visíveis. — Invasores! Saindo dos bunkers de submarinos. Seguem para as instalações de teste.

— Estão aqui para ajudar nossa prisioneira — disse Jill. — Soldado...

— Sim, senhora?

— Prepare uma festinha de boas-vindas para nossos convidados.

— Perfeitamente, senhora.

Quando eles se mexeram para obedecer, Jill olhou atentamente os dois buracos no piso, onde as duas estações de trabalho estiveram.

A sala de controle inferior ostentava teto baixo, paredes de metal reforçado e não tinha janelas. Havia aberturas para as estações de trabalho e outro equipamento zumbia numa parede.

Alice se agachou na estação de trabalho, não atrevia se mexer. Tudo tinha ficado silencioso demais no alto...

Assim que ela disparou correndo dali, uma rajada de balas estourou no console — teria perfurado sua cabeça se ela não tivesse se movido. Pedacos do monitor, fios, fumaça e faíscas explodiram do computador. Ela levantou a cabeça e viu uma máscara de soldado espiando pela abertura do teto, e disparou uma rajada de seu rifle de assalto. A cara mascarada recuou em um solavanco — Alice não sabia se tinha acertado o alvo ou não.

Depois ouviu uma voz conhecida chamando de cima.

— Alice... Renda-se e garantimos que você não será...

Mas então o painel do teto se fechou, interrompendo quem falava. Na luz fraca, Alice viu Ada acionar um comutador.

— Para onde, agora? — perguntou Alice, tirando pedaços do vidro do monitor espatifado da bochecha direita.

Ada foi ao fundo da sala.

— Por aqui... Rápido — disse Ada, pegando uma espécie de ferramenta. — Antes que eles estourem o painel do teto. Não podemos ir para o corredor inferior, ela deve ter soldados posicionados ali.

Alice a seguiu até um canto, onde Ada usou a ferramenta para soltar os parafusos de um alçapão de metal. Depois de soltos, a porta se abriu automaticamente e as duas desceram por uma escada de aço em direção a uma luz vermelha e difusa...

Uma imensa câmara abobadada de pedra entalhada na rocha era um dos poucos lembretes da origem soviética daquela instalação. A câmara era dominada por caracteres em cirílico, pintados no alto das paredes e que nenhum membro do Esquadrão Dezesete da Umbrella conseguia ler, embora todos os vissem ao entrar.

O esquadrão entrou rapidamente na sala, chutando pequenas nuvens de poeira, de armas a postos. Seu capitão os seguia.

— Ordens da comandante Valentine — disse ele. — A instalação deve ser colocada em confinamento total!

Um especialista em comunicações se manifestou.

— Senhor! Temos movimento não autorizado do Elevador 2!

— Contato com o exterior — vociferou o capitão. — Descubra quem é.

— Já tentei, senhor — veio a reposta. — Não há resposta da superfície.

O capitão franziu a testa. Alguém sabotou os transmissores. Apontou para posições-chave em torno da câmara.

— Formação defensiva!

Os soldados da Umbrella reagiram instantaneamente e vários se ajoelharam em arco em torno de um tubo estreito que saía do poço do elevador, apontando as armas. Os dedos se estreitaram nos gatilhos, a um fio de cabelo do disparo.

— Mirem em seus alvos — aconselhou o capitão. — Disparem à vontade.

A gigantesca plataforma de elevador se aproximava do fundo e mal era visível na escuridão; o espaço era penetrado pelos floretes vermelhos das miras a laser. Mas parecia não haver ninguém no elevador.

— Está vazio, senhor...

De repente houve uma série de explosões quando um grupo de minas foi detonado do fundo da plataforma, espalhando fragmentos letais para todas as direções, atingindo os soldados. Cada detonação era acompanhada de uma explosão ensurdecedora.

Em seguida, enquanto a plataforma chegava ao fundo do poço, surgiram os invasores. Estiveram deitados, escondendo-se no piso ao fundo da plataforma, tornando-se visíveis apenas no último segundo, quando se colocaram de pé em um salto, de armas em riste. O capitão pensou ver seus sorrisos no escuro.

Um dos invasores atirou alguma coisa nos soldados. Foi detonada um segundo depois, assim que o capitão percebeu que era uma mina. A tempestade de esferas cobertas de pontas de ferro dilacerou ele e seus homens...

Ele foi derrubado de costas quando tentou se mexer... Não estava nada

bom. Uma das esferas penetrara em suas entranhas e esmagara sua espinha.

Houve um tiroteio com os poucos sobreviventes de seu esquadrão, mas foi breve. Enquanto o silêncio caía, ele ouviu dois invasores falando. Mas as palavras não pareciam fazer sentido no vácuo de dor, caos e escuridão.

— Bunkers de submarinos à frente — disse um dos homens.

— Barry, você e eu na dianteira...

— Temos uma hora e quarenta e cinco segundos! — disse outro homem.

— Posso ler meu contador, Luther, não precisa me...

O capitão da Umbrella não ouviu mais nada, apenas a onda crescente de ruído branco em seus ouvidos que devia ser, supôs ele, o som produzido pela chegada da Morte.

10

O estreito elevador de carga, banhado na suave luz vermelha de emergência, desceu 15 metros até uma sala que continha um volumoso aquecedor de alumínio e unidades de ar condicionado.

Ada e Alice saltaram da escada para o piso de concreto, olhando em volta. Dutos se elevavam ao teto como os braços de um polvo robótico gigante; máquinas prateadas imensas piscavam indicadores luminosos.

— Espero que não esteja perdida — disse Alice.

Ada balançou a cabeça, negando. Olhou o contador regressivo.

— Perdida, não... Só... atrasada. Precisamos chegar ao ponto de encontro secundário... E rápido. — Atravessou a câmara aquecida, com cheiro de detergentes industriais e o fraco odor de vazamento de gás natural, até uma escada que subia sinuosa pela parede oposta. — Subindo por aqui, passamos por uma despensa, pegamos um corredor e saímos na Times Square.

Cinco minutos depois elas estavam lá.

O que antigamente era a Times Square, pensou Alice. Não... Como a Times Square parecia.

— Nova York — murmurou ela.

Agora parecia uma zona de guerra esquecida. Corpos se espalhavam pelas ruas e calçadas. Alguns tentavam se arrastar. Os carros estavam em chamas, muitos capotados. Um deles enfiado na vitrine de uma loja. Restos de lixeiras viradas eram soprados na direção de Alice e Ada por ventos artificiais.

No alto, a escuridão do “céu noturno” — um teto preto e distante sem nenhuma estrela à vista. Algumas placas de néon da Times Square ainda

estavam acesas e piscavam; lindas dançarinas coreografavam chutes em uma tela imensa; uma série de luzes perseguiam umas às outras nas molduras de cartazes. Cotações do mercado de ações — de um mercado de ações que não existia mais no mundo real — fluíam por uma placa eletrônica.

— Por aqui — disse Ada. — Precisamos atravessar mais dois ambientes de teste para sair.

Alice a seguiu, ainda olhando em volta.

— Por que a Umbrella ainda faz esses testes?

— No início, só queriam vender a arma biológica. Mas agora querem estudá-la... Aprender a contê-la. Controlá-la.

Controlá-la. Alice balançou a cabeça. Ela os vira tentando algo parecido, em Las Vegas. Mortos-vivos grosseiramente condicionados foram soltos, deviam operar como soldados. A diferença entre eles e os outros mortos-vivos era insignificante.

O que a Umbrella está aprontando agora? Ela destruiu a civilização. Talvez agora queira criar uma caricatura distorcida da civilização. Talvez queira usar o T-vírus para criar uma humanidade alternativa. Novos níveis de distinção de classe, talvez. Na base estariam os mortos-vivos controlados. No topo, super-humanos que sofreram mutação, desvirtuados pelo vírus.

E, no meio, todos os outros.

Este era o palpite de Alice, embora não fizesse sentido para ela. Mas quem disse que os planos da Umbrella tinham que fazer sentido? Talvez quem estivesse no comando da corporação fosse tão psicótico quanto o mundo que criaram.

De repente Alice viu luz, piscando bem acima. Ela esticou o pescoço e viu séries imensas de luzes, instaladas no teto distante, começando a se acender. A noite rapidamente se transformava em dia.

— O que está havendo? — perguntou ela.

— É o fim da simulação — explicou Ada ao passar por cima de uma mulher que gemia. — São raras as vezes que duram mais de uma hora.

Alice levantou a cabeça outra vez, seu senso de realidade estava

prejudicado ao ponto de ruptura. A “Times Square” adquirira um teto iluminado gigantesco, como se tivesse sido o cenário de um teatro existencial.

Ela riu e balançou a cabeça.

— Vamos — disse Ada.

— Eles não podem estar muito atrás — respondeu Alice. — Devem ter nos visto chegar à praça pelas câmeras de vigilância... — Ela ergueu o rifle de combate. — Talvez devêssemos armar uma emboscada.

— Não há tempo para isso.

— Mas e se nós...

E então algo agarrou o tornozelo direito de Alice. Por instinto, ela sacudiu a perna — bem a tempo de evitar a mordida das mandíbulas de um morto-vivo. Era um homem volumoso, de macacão de gari, com uma cara redonda cor de hematoma e barba coberta de sangue seco. Estava apoiado nas mãos e nos joelhos, e nesta posição — grunhindo e soltando outros ruídos parecidos com o de um cachorro — parecia uma amálgama demente de homem e cão.

De quatro, ele se aproximou de Alice com uma rapidez surpreendente, grunhindo, lambendo os lábios, o olhar leitoso encarando-a sem piscar. Ela deu um tiro entre seus olhos fixos, com o cuidado de mirar para que as balas seguissem diretamente ao cérebro.

O gari morto-vivo se estatelou com um último gemido, contorcendo-se por um momento, depois ficou imóvel.

Contornando-o, Alice seguiu sua companheira. Ada, que seguia à frente a passos rápidos, nem se virou para olhar.

Alice torcia para não ter que matar Ada antes que isto acabasse. De certo modo gostava da mulher. Respeitava alguém com a capacidade e a determinação feroz de Ada. Mas se perguntava sobre os aliados que ela escolhera.

Albert Wesker...

Eu agora também sou aliada de Wesker?

Seu queixo enrijeceu com o pensamento.

Não. Mas deixe que ele pense assim... Por enquanto.

Deitada embaixo de um carro, Dori via Alice passar.

Será mesmo ela ou só um dos clones de Alice?

De algum modo, Dori sabia. Talvez fosse a confiança, o estilo que parecia falar de uma longa experiência. A inteligência treinada que brilhava em seus olhos. Era ela. A lendária Alice Abernathy.

Dori ficou tentada a se esgueirar, colocar-se à mostra e falar com ela, ali mesmo. Mas Alice podia atirar nela, pensando ser uma morta-viva, antes que ela conseguisse pronunciar uma palavra que fosse. Dori parecia uma menina saudável de 15 anos, mas estava muito suja e tinha sangue no rosto. Estava perto demais de um morto-vivo que tinha sido atingido por um carro descontrolado.

E, além disso — JudyTech a proibiu.

“Não fale com ninguém além de mim, a não ser que lhe façam uma pergunta. Nesse caso responda apenas como eu lhe ensinei.” Dori se lembrava de quando JudyTech lhe falou pela primeira vez de Alice. Era a quarta sessão de transferência de memória na creche dos clones. JudyTech sempre esperava até que os outros técnicos e os robôs monitores estivessem em outra parte das instalações antes de acordar Dori para as transferências.

O procedimento normal de uma transferência era diferente — em geral os técnicos aproximavam-se do tanque de clones sem despertar o clone que flutuava ali. Ativavam o programa para plantar lembranças artificiais e habilidades básicas no clone: caminhar, por exemplo. A biointerface transmitia os dados aos eletrodos, que os traduziam em codificação neural. Isto, por sua vez, era impresso no cérebro por meio de proteínas especialmente desenvolvidas.

Dori sabia disso tudo — era algo que nenhum dos outros clones sabia —, mas só porque JudyTech lhe contara. Judy usava um antigo sistema de condicionamento de voz considerado obsoleto há muito tempo. As

transferências de linguagem de Dori lhe permitiam entender o que JudyTech dizia.

Ela só compreendeu tudo, porém, quando JudyTech a libertou do tanque como parte da preparação para as instalações de teste. JudyTech esperou por sua chance, e então secretamente separou Dori dos outros clones, levando-a a uma sala que não era usada por mais ninguém da instalação. Ficava em um subporão onde houvera contaminação por mortos-vivos, mas a contaminação passara havia muito, e JudyTech melhorou o espaço para que se parecesse com um quarto de menina.

Ela forneceu jogos de computador simples para Dori, fotos do mundo e uma educação completa. JudyTech explicara que ela era uma das poucas humanas não clones que restaram na equipe e que sempre quis ter um filho, mas não teve — e decidiu que Dori seria sua filha. Também a incomodava o modo como a Umbrella usava seus clones e sentia que eles deviam ter a chance de uma vida melhor, especialmente agora, com o mundo tão pouco povoado. Ela e Dori escapariam, explicou JudyTech, sairiam da Umbrella, para um lugar que fosse seguro dos mortos-vivos.

Ela contou a Dori sobre Alice Abernathy, que era uma lenda. JudyTech tinha invadido os arquivos da Umbrella e descobriu tudo sobre Alice. Também contou sobre os mortos-vivos, sobre as instalações de testes. Mostrou-lhe filmes do que acontecia ali. E até lhe falou dos escaravelhos.

Os biotécnicos e outros cientistas de alto escalão não tinham escaravelhos. Eram eles que projetavam os escaravelhos e os colocavam nos outros. Mas mesmo pessoas como JudyTech podiam receber dispositivos de controle mental, por isso JudyTech teve o máximo cuidado para encobrir seus rastros.

Tudo isso assustava Dori. Flutuando no tanque, ela não tinha nenhum sentimento real — estava sedada demais ali. Mas aqui, longe da sedação, ela sentia medo, raiva e preocupação... E amor. Ela e JudyTech tinham um vínculo — era assim que JudyTech chamava.

“O jeito que o mundo está atualmente”, disse-lhe JudyTech, “é solitário

demais. Todos os sobreviventes são desconfiados. Ninguém realmente confia em ninguém. A maioria das famílias foi destruída. Então o que temos, você e eu, é precioso e raro...”

Todo dia, depois de seu turno de 12 horas, JudyTech aparecia em seu quarto secreto e treinava Dori, física e mentalmente. Dori recebera transferências de habilidade atlética, copiadas de Alice, mas estas precisavam ser ativadas por treinamento. Graças às transferências, uma hora de treinamento dava a Dori o que uma pessoa comum conseguia em um mês.

Mas no dia anterior Dori ficou indócil. E escapuliu do quarto secreto para explorar... Ainda não tinha “roupas de rua”, então vestiu seu macacão de clone em preparação e subiu uma escada aos laboratórios. Teve o impulso de tentar falar com outros clones e, quando foi vista pelos biotécnicos, fingiu estar sedada como os outros. Entrou em uma fila com eles, e os técnicos lhe deram roupas, que ela vestiu.

Antes de se dar conta, ela foi conduzida com os outros a um corredor de acesso e saiu na Times Square. Ao lado dela uma mulher se transformou, depois um menino, e o vírus dos mortos-vivos começou a se disseminar. Mas Dori estava preparada para isso. Ela se escondeu — só ficou meio ensanguentada quando saiu debaixo do carro no momento em que um morto-vivo era esmagado por um táxi.

Ela pensou em ir atrás de Alice e da outra mulher, mas... não. Se a levassem com elas, seria como se estivesse abandonando JudyTech. Ela nunca faria isso. JudyTech era o único motivo para ela ter alguma esperança.

Não sou apenas um clone, pensou ela furiosamente. E vou provar isso ao mundo...

Então Dori ficou onde estava por mais ou menos vinte minutos, depois se arrastou para fora, olhou em volta e partiu para encontrar sua mãe.

Luther e os outros quatro homens seguiam por um longo corredor de

concreto que levava do fundo do poço do elevador aos bunkers de submarinos. Ao se aproximarem de seu destino, Leon gesticulou para que esperassem e eles procuraram um esconderijo, espiando a câmara gigantesca e mal iluminada da entrada enquanto Leon discretamente deslizava de um esconderijo a outro.

A respiração de Leon se condensava na sala fria; às vezes era só o que Luther podia ver dele.

Havia seis docas, e duas delas eram ocupadas por grandes submarinos soviéticos. Dois soldados de máscara da Umbrella montavam uma metralhadora no alto da torre de observação do submarino. Leon apareceu por trás dos soldados, movendo-se de modo tão sorrateiro que não parecia humanamente possível. Usando uma pistola com silenciador, ele baleou os dois na nuca — os dois tiros foram tão rápidos que quase se fundiram em um só —, despachando-os em silêncio.

Olhou em volta, e então gesticulou para a equipe sair. Quando chegaram ao espaço colossal que continha os submarinos, Luther parou e assoviou de assombro.

A câmara era sombria, empoeirada — as luzes do alto iluminavam as paredes chamuscadas e reforçadas de concreto —, as superfícies de cimento eram manchadas de ferrugem que sangrava dos rebites. Os dois imensos submarinos eram naves soviéticas reformadas e pintadas com o vermelho e preto da Umbrella Corporation. Eram grandes e altas, estendendo-se pelas laterais, e pareciam imóveis. Mas estavam flutuando, ele sabia; incontáveis toneladas de aço e vidro, fluidos e armamento, suspensos na água do mar.

Será que continham armas nucleares, perguntou-se. Parecia improvável, a essa altura. Mas quem saberia o que mais poderiam conter? Talvez fosse uma mão na roda ter um submarino desses. Os mortos-vivos que tentem pegar você ali dentro.

Então Luther meneou a cabeça com tristeza. Esta era a primeira ideia que, atualmente, ocorria a um homem quando entrava num lugar desconhecido. *Se não posso comer nem transar com isso... Então, como me*

ajudará a sobreviver? Como me protegerá dos mortos-vivos?

Os outros atravessaram o bunker a passos rápidos para alcançar Leon. Luther os acompanhou facilmente — pelo menos era bom em correr. Ele falou ao chegarem à sombra do primeiro grande submarino.

— Mas que belo equipamento... — começou ele.

— Classe Typhoon — disse Sergei em um tom brando. — Os maiores submarinos nucleares que os soviéticos já construíram, a Umbrella os usou para transportar armas biológicas por todo o planeta. Em segredo, é claro.

— E como sabe tanto sobre a Umbrella?

— Antigamente eu trabalhava para eles — respondeu Sergei. — Para um garoto de Murmansk, era um bom emprego — acrescentou pensativamente. — Agora prefiro considerar isso uma imprudência da juventude.

Luther bufou.

— Você trabalhava para os bandidos... E sou eu em quem ninguém confia? — Balançou a cabeça, mas deixou essa passar.

Sergei deu de ombros enquanto Leon se reunia a eles, olhando o cronômetro regressivo.

— Vamos acelerar! — disse Leon. — Temos menos de 90 minutos!

Uma rua vazia em Nova York...

Mas não estava exatamente vazia. Alice e Ada andavam pelo meio de uma avenida desocupada, desviando de uma série de carros abandonados.

— Quando verei Luther? — perguntou Alice, tentando dar a impressão de só estar um pouco interessada na resposta.

— A equipe de assalto nos encontrará no próximo ambiente — disse Ada. — Até lá, estamos por conta própria.

— Claro — murmurou Alice. Ela estava por conta própria desde o dia

em que acordou na mansão, no campo, perto de Raccoon City.

Alice se perguntou se ainda haveria alguém vivo por lá — *realmente* vivo.

Não pense nisso, disse a si mesma. Só lhe causaria agonias por lembrar de sua participação na disseminação do T-vírus. Ela protegeu a Umbrella, como sua chefe de segurança, enquanto eles desenvolviam o patógeno de guerra biológica na Colmeia. Ela não sabia o que eles estavam fazendo, pelo menos na maior parte do tempo, mas, ainda assim, sua ignorância não seria só uma desculpa?

Ela não conseguiu impedir que Spence liberasse o T-vírus na Colmeia; não conseguiu impedir que ele saísse da Colmeia e entrasse em Raccoon City. E não conseguiu impedir que se disseminasse pelo mundo.

É idiotice se culpar. Mas ela não conseguia evitar. Nunca falou de seus sentimentos. Racionalmente, sabia que não era realmente culpa dela, mas ainda assim... Sentia o peso de tudo.

Não sobraram muitos que fossem capazes de fazer alguma coisa a respeito disso, que dirá vivos. Os poucos que continuaram têm o destino da raça humana nas mãos. Precisam assumir a responsabilidade. Não havia mais ninguém para fazer isso. Não há desculpas para se limitar a assistir...

Havia uma cura para o T-vírus. Funcionaria se fosse injetada nas pessoas bem cedo, no início do processo de incubação viral. Alice, porém, não tinha a fórmula — não no momento. Se conseguisse a fórmula, poderia proteger as pessoas do T-vírus, e então compensaria seus pecados do passado — por servir à Umbrella.

Ela se perguntou se haveria um suprimento da cura em algum lugar nestas instalações. Parecia provável, mas não havia tempo para encontrá-lo — o cronômetro de Ada regredia agourentamente para o zero.

Antes que se desse conta, a mulher de vermelho havia avançado, ultrapassando Alice. Uma espécie de movimento atraiu sua atenção e ela se viu olhando para uma viatura abandonada da polícia de Nova York, à esquerda. Alice hesitou, indagando-se se devia simplesmente jogar uma

granada no carro. Mas fazer barulhos desnecessários podia atrair os soldados para as duas. Então ela caminhou até o carro.

Era difícil enxergar pelos vidros sujos de sangue...

A porta traseira da viatura se abriu e um morto-vivo babando saltou em cima dela, pegando-a desprevenida, arrancando o rifle de suas mãos. Abrindo ao atingir a rua.

As mãos da criatura se fecharam em seu pescoço e seu impulso a fez se chocar no asfalto frio. Ela lutou para manter as mandíbulas longe de seu rosto. Antigamente aquilo havia sido uma mulher, mas Alice não conseguiu distinguir nenhum detalhe. A cara era principalmente um borrão trêmulo tão de perto. Mas a morta-viva fedia, tanto que Alice teve ânsias de vômito, o fedor se agravando quando ela escancarava a boca, perto de seu rosto, preparando-se para arrancar seus lábios com as mandíbulas supuradas.

Ela a estrangulava, e pontos pretos começaram a escurecer sua visão, como uma massa de moscas perturbadas. Alice grunhiu por conta do esforço, agarrada aos punhos da morta-viva, afastando-os de seu pescoço, forçando-os para trás, longe do alcance de sua mordida. Ofegou, depois usou todas as suas forças na parte superior do corpo da morta-viva para atirar a coisa para longe dela. O ser rolou para a esquerda.

Alice se levantou num salto, sacou a pistola automática — e ficou paralisada, encarando em choque.

A morta-viva era alguém que conhecia. Ou alguém que um dia ela conheceu.

Era Rain Ocampo, usando os restos esfarrapados de um elegante vestido de festa. Rain... que havia lutado ao lado dela na Colmeia. Alice atirou em Rain quando o T-vírus a transformou em morta-viva. Ela explodiu seu cérebro.

Não podia ser Rain.

Mas aparentemente era. Era a Rain que ela havia matado — e a Rain que apareceu em uma forma um tanto diferente no estranho sonho que ela teve com Todd, Becky e a chegada dos mortos-vivos. Antes de despertar no

verdadeiro pesadelo, na cela de interrogatório das instalações submarinas da Umbrella Corporation no Ártico...

Levantando-se aos tropeços, Rain arreganhou os dentes quebrados, soltou um uivo e investiu. Agindo por reflexo, Alice disparou uma rajada da pistola automática, cinco balas espatifando a testa de Rain. A criatura deu dois passos trôpegos para trás e caiu pela porta aberta para dentro da viatura policial.

Parece que eu tenho que matar Rain de vez em quando, pensou Alice, *desorientada. Agora é a segunda vez.*

Ada se aproximou furtivamente dela, de cenho franzido — tinha o olhar de uma professora exasperada.

— O que houve? — perguntou.

Alice olhou o corpo de Rain. O sangue negro lodacento e coagulado escorria grandes grumos como se um melaço grosso saísse do crânio espatifado.

— Eu a conheço — explicou Alice. — Seu nome era Rain. Rain Ocampo. Mas... Como pode estar aqui? — Alice meneou a cabeça, incrédula. — Ela morreu há anos...

— Tem certeza disso?

— Deveria ter. Eu a matei. — Estritamente falando, o T-vírus a matou. Mas Alice a matou... mais completamente.

— Não é ela. — Ada olhou com pesar para o cadáver. — Só alguém parecido. Como acha que a Umbrella povoa essas simulações de teste? Centenas de pessoas são mortas sempre que fazem uma simulação. É muito difícil encontrar voluntários.

— Clones...

— Isso mesmo — disse Ada. — A Umbrella tem cinquenta modelos-padrão. Eles os descongelam e imprimem memórias básicas neles. O suficiente para garantir uma reação emocional correta à ameaça de biorrisco. — Olhou a cara morta de Rain. — Em um dia ela é uma turista em Pequim, no outro, uma executiva em Nova York. No seguinte...

— Soldado da Umbrella — interrompeu Alice. — Todos aqueles soldados da Umbrella. São todos clones?

— Mas é claro. O que poderia ser melhor? Os soldados perfeitos... De número ilimitado, sem fazer perguntas e com lealdade garantida.

Com essa, Ada se virou e recomeçou a andar até a saída. Depois de um segundo, Alice a seguiu e, ao fazer isso, as lembranças faiscaram em sua mente — dos clones que ela encontrou, abatidos em uma vala, do lado de fora de uma base da Umbrella.

Clones de... Alice.

Cadáveres de Alice. Ela teve náuseas só de olhar para eles.

Andando pouco atrás, Alice se lembrava... de tudo.

Ela invadiu as instalações e encontrou todo um laboratório dedicado a desenvolver clones de Alice. Alguém da Umbrella era obcecado por Alice. O Dr. Sam Isaacs se convencera de que havia algo de especial em seus genes, algo que podiam usar para desenvolver uma forma mais pura do T-vírus, assim como uma cura e um método para criar o morto-vivo inteligente. Ele criou incontáveis clones de Alice e os infestou com uma versão do T-vírus. Uma versão que o transformou em uma fusão de monstro e super-humano.

Isaacs manteve Alice presa até que um de seus clones o matou, fatiando-o numa armadilha a laser. Então foi Alice quem o matou, e, mais uma vez, não era Alice.

Todos os clones foram mortos quando Wesker explodiu as instalações de Tóquio. Todas aquelas outras versões dela mesma... eliminadas. Todas aquelas “Alices” mortas, prostradas e descartadas naquela vala no deserto, esperando por um sepultamento em massa.

E agora aqueles clones, mortos rotineiramente como parte do joguinho de guerra de alguém, seu próprio “reality show” de guerrinha biológica. Ou treinados para viver e morrer como “soldados” condicionados. Este era o desdém da Umbrella pelo sofrimento humano, ela os usava como gado.

Gado?

Não a surpreenderia, se isto continuasse, se eles fizessem clones pela proteína. Como alimento...

Antes do T-vírus destruir a maior parte da civilização, as culturas corporativas dominavam. Naquela época, as corporações eram o paradigma que definia o mundo moderno. Uma cultura corporativa afetava milhares de pessoas, até milhões. Algumas eram relativamente benevolentes. Mas outras eram doentias. Patológicas.

A cultura corporativa da Umbrella estava além do doentio. Levou a crueldade a extremos novos e indescritíveis. A Umbrella se provava uma serial killer tecnocrata.

Naquele momento, Alice percebeu que não seria o bastante conseguir a cura para o T-vírus. Não, não enquanto a Umbrella ainda estivesse de pé. A corporação teria que ser destruída. Erradicada.

O serial killer teria que ser executado.

11

Na sala de controle, os cadáveres tinham sido arrastados para fora do caminho, empilhados de forma organizada contra uma parede do fundo para que os robôs de manutenção os retirassem. Não era necessária nenhuma cerimônia — sempre haveria mais de onde tinham saído.

Jill dedilhava furiosamente o teclado, alternando diferentes câmeras de vigilância. Passou pela imagem da falsa fachada de um prédio, de vários metros de altura, no espaço de teste de Moscou. Um complexo confuso de estruturas de alta tecnologia, com cabos e suportes mantendo-as em pé.

Não havia invasores à vista ali. Só a sensação de falsidade teatral do espaço de teste.

Ela trocou de câmera de segurança, escolhendo uma vista da “Praça Vermelha” de Moscou. A praça aparentemente estava deserta; até os mortos-vivos estavam ausentes. Mas parecia povoada por fantasmas, de algum modo — talvez porque a fachada da instalação do Ártico tenha sido construída pelos soviéticos. Ela quase podia imaginar os desfiles militares da URSS, seus tanques e filas rígidas de soldados marchando em carmin e pardo. Jill se perguntou como estaria a verdadeira Praça Vermelha agora. Provavelmente em ruínas, com esqueletos mastigados espalhados pelo chão, mortos-vivos vagando, gemendo sozinhos de fome...

Na tela, porém, a fachada da gloriosa Praça Vermelha ainda estava imaculada: reproduções das pinturas heroicas de Surikov e Yuon, a catedral de Kazan reconstruída, a catedral de São Basílio com seus domos, a praça do mercado de Kitai Gorod, as ruas que se irradiavam, a residência oficial palaciana do presidente, o monumento a Minin-Posharsky.

O caráter fantasmagórico era causado pela névoa, percebeu Jill —

espectros frios de neblina que se arrastavam pelo chão, às vezes parecendo formar figuras humanas antes de se desintegrarem em filetes.

Espere...

Ali. Entrando no ambiente de teste, pela “Porta da Ressurreição”, atravessando o grande espaço aberto da praça. Cinco homens, fortemente armados, moviam-se para dentro do alcance da câmera. Jill ajustou o equipamento de vigilância para vê-los mais de perto e aumentou o volume do som até poder ouvir o que falavam.

O negro alto olhava para o relógio de pulso.

— Falta uma hora — disse ele.

— Com pressa para encontrar sua amiga? — respondeu outro.

— Não se preocupe, vamos nos encontrar com ela no próximo ambiente... — disse um terceiro, de olhos arregalados ao ver a praça. Seu sotaque revelava a herança russa.

Jill assentiu consigo mesma.

— Acho que agora sabemos onde encontrar nossa prisioneira — murmurou consigo mesma. Depois se virou para um subordinado. — Soldado, onde está aquela festa de boas-vindas? — Ela sorriu, com frieza. — Não vamos deixar nossos convidados esperando.

O clone de soldado afro-americano levantou a cabeça do console.

— Começa agora — disse ele. A tela diante dele piscou.

SIMULAÇÃO DE MOSCOU 12B ATIVADA.

— O comitê de boas-vindas foi arranjado — acrescentou o soldado.

— Ótimo — murmurou Jill.

A tela do soldado, exibindo a simulação 12B, mostrava uma variedade de criaturas monstruosas: variantes do T-vírus, cobaias de teste que haviam sofrido mutação, inclusive mortos-vivos Las Plagas... e Lickers.

Vendo os Lickers, Jill estremeceu.

— Odeio essas coisas — murmurou. E se virou para os outros soldados.

— Vamos agir. Temos uma foragida a caçar. E uma traidora a matar.

Era noite na Praça Vermelha.

Não — apenas estava escuro na falsa Praça Vermelha. Mas parecia real a Luther.

— Não dá para acreditar como isso é realista.

— A questão é essa — disse Sergei. Mas suas palavras soaram ocas, sem a ironia de sempre. Ele parecia assombrado com a reprodução de um lugar sagrado de seu país natal.

— Sempre quis conhecer Moscou... — disse ele. Depois se retesou.

Eles ouviram veículos se aproximando, motores acelerados, rodas guinchando nas ruas.

Leon sinalizou para que parassem, procurando na direção de onde o som saía.

— Posições defensivas!

Do outro lado da praça, seis motos pararam. Luther olhou seus pilotos. Dali ele podia ver que não eram exatamente humanos. Mas também não pareciam mortos-vivos. Para começar, embora a pele deles parecesse fria e morta, não apresentavam a decomposição extrema. Os olhos brilhavam ferozes e vermelhos. E mais uma coisa — eles podiam pilotar motos. Nenhum morto-vivo chegava a tanto.

Então, o que eram essas coisas?

O que quer que fossem, não eram amistosos. Todos estavam armados e um deles tinha até uma serra elétrica, que foi ligada com um ronco gutural. A coisa arrastava a lâmina pelo asfalto da praça, produzindo uma chuva de faíscas. E sorria horrendamente...

— Mas o que são essas coisas? — Barry ecoou em viva voz o pensamento de Luther.

— Não sei o que vocês acham — disse Sergei —, mas eles não me trazem uma sensação muito agradável.

Leon colocou um novo pente no rifle de assalto.

— Eles estão infestados pelo vírus Las Plagas. Dependendo da intensidade da infecção, o sujeito retém habilidades motoras e certa inteligência. — Ele deu de ombros. — Também podem desenvolver força e velocidade sobrenaturais.

Barry bufou.

— Sempre dando boas notícias.

É melhor que a gente os elimine rápido e dê o fora daqui, pensou Luther. Ele abriu a boca para falar...

Quando outros veículos entraram na praça — caminhões-plataforma e caminhonetes com metralhadoras e lança-foguetes. Os soldados da praga, como Luther os considerava, vestiam fardas russas esfarrapadas. E cada par de olhos tinha um brilho vermelho e diabólico.

— E vaaaaaaai ficando ainda melhor — observou Barry secamente.

Um soldado da praga que estava em cima de uma caminhonete destravou a metralhadora. Para Luther, parecia um pequeno canhão.

— Para trás! — gritou Leon — Todos para trás!

Eles correram para se proteger.

Alice e Ada andavam pelo meio de uma rua deserta de Nova York. Mercarias, construções de arenito e lojas enchiam cada lado da rua. Carros estavam estacionados em filas organizadas. Pouco visíveis ao longe, duas figuras vinham na direção delas.

Alice alcançou a pistola no coldre.

Ada pôs a mão em seu braço.

— Tudo bem. — Ela acenou, e de imediato uma das figuras retribuiu o aceno. Havia algo de estranho naquilo.

Ao chegarem mais perto, Alice percebeu que elas se aproximavam de um espelho gigantesco. Atravessava a rua, refletindo os carros e prédios — e as duas mulheres. Ada gesticulou para o espelho.

— As margens dos ambientes de teste são assim — disse ela. — Dá a ilusão de profundidade. — Elas se aproximaram do vidro e Ada gesticulou

sobre ele. De repente um teclado iluminado apareceu na parede reflexiva. — A maioria das simulações — continuou Ada — é ativada no centro de um ambiente. Os objetos de teste podem ver isto de longe, mas raras vezes têm a oportunidade de se aproximar das margens. — Ela digitou no teclado, entrando com um número, e apareceu uma porta espelhada no vidro. — Depois de você...

Alice avançou.

— Através do espelho.

Elas passaram pela porta e se viram de frente para uma grande parede de aço. Ada se dirigiu a um lance de escada e começou a subir.

— Por aqui.

Ao se aproximarem do alto da escada, Alice parou, olhou para cima — e viu um céu azul.

— É dia!

— É um domo celeste — disse Ada, meneando a cabeça sem parar. — Só uma pintura. — Era verdade, se olhasse com atenção. Alice podia ver as bordas da pintura. — Não se sustenta bem se você olhar por muito tempo — acrescentou Ada enquanto Alice se apressava para alcançá-la.

— Como as pessoas acreditam nisso?

— Quando estão no meio de uma simulação, ninguém olha as nuvens.

Elas chegaram ao alto da escada e passaram por uma porta, entrando em outro cenário... Um subúrbio icônico. Era familiar a Alice. Mas ela não sabia bem por quê. A lembrança tênue de um sonho...

Diante delas havia uma pilha de quatro carros — ao pé de uma placa anunciando a entrada do condomínio SUNDOWN MEADOWS. Uma casa havia se tornado uma ruína escurecida, e os destroços de um helicóptero se projetavam de uma garagem próxima. No meio do cruzamento, havia um Prius amassado, capotado como uma tartaruga virada.

Alice achou a visão perturbadora, mas não sabia bem o motivo.

Ada olhou em volta, de cenho franzido.

— Este é nosso ponto de encontro.

Ela olhou para o cronômetro regressivo, levando Alice a espiar por sobre seu ombro. Restavam menos de 15 minutos.

— Onde eles estão? — murmurou Ada.

Pelo canto do olho, Alice notou um leve movimento. Virou-se e viu uma cortina se movendo na janela do segundo andar de uma grande casa.

— A casa atrás de nós... Tem alguém se mexendo — disse ela em voz baixa. — Janela do segundo andar. — Ada se virou e olhou, mas o movimento não se repetiu. — Talvez — sussurrou Alice — seus amigos estejam ali. Talvez estejam de cabeça baixa. Faz sentido. Os soldados não devem estar longe.

Ada franziu a sobrancelha em dúvida, mas atravessou a rua primeiro até a grande casa. Elas hesitaram ao chegar à varanda, de armas em punho. Alice estendeu a mão e girou a maçaneta, abrindo a porta.

A antessala estava uma bagunça. Havia os restos de móveis e do corrimão quebrado — e o corpo de um morto-vivo, um homem, empalado no que restava da escada.

Depois Alice viu mais uma coisa nos destroços — era ela.

— O que é isso? — perguntou Ada de perto.

Alice estava morta no chão. Sua cara tinha sido dilacerada, mas restou o suficiente para identificá-la.

A boca parecia seca como papel.

— Eles usaram clones meus...

Ada assentiu lentamente.

— Mas é claro. Você era um dos modelos básicos.

— Modelos básicos... — Alice balançou a cabeça, enojada, depois olhou para sua companheira. — Por que estariam aqui?

— Não sabemos o que eles...

Ouviram um rangido no piso, um baque vindo do andar de cima.

Alice sacou a pistola e começou a subir. Sua mente acelerada, porém, dificultava a concentração.

Eu já estive aqui? Ela balançou a cabeça. *Não. É impossível.*

Ela passou por um morto-vivo apodrecido e olhou atentamente, de certo modo esperando que voltasse à vida. Mas parecia estar morto para sempre. Por fim ela chegou ao alto da escada — onde havia mais desordem. Uma mesa virada, roupas espalhadas por todo lado. Ela andou pelo corredor, sentindo-se estranhamente compelida a explorar. Definitivamente vira algo na janela.

Talvez só um morto-vivo.

Alice teve esperanças de ser outra coisa, talvez a equipe de Ada. Talvez um sobrevivente.

Não é provável...

Ela chegou à porta de um quarto de criança, estava entreaberta. Nenhum sinal de um bebê, nem da família que um dia havia morado na casa. Mas havia alguma coisa... alguém.

O armário.

Ela passou pelo berço quebrado e, lambendo os lábios secos, colocou a mão nas portas de ripa. Lentamente as abriu...

O morto-vivo saltou nela. Derrubou-a de costas, atacando-a, e eles caíram pesadamente no chão. Alice empurrou a criatura, afastando-a o suficiente para que as mandíbulas que saíam da boca fedorenta se fechassem no ar a poucos centímetros da ponta de seu nariz.

Quando a coisa tentou se aproximar de seu pescoço, Alice se torceu, levantou um joelho e virou a criatura de modo que a lançou contra uma cômoda, quebrando-a em mil pedaços. Ela rolou para o outro lado e se levantou a tempo de ver o oponente babando de pé, investindo em sua direção.

Alice disparou, estourando o alto do crânio, e deu um passo para lado para deixar que o cadáver caísse inerte no lugar onde estava. Depois ouviu um som abafado vindo de trás.

Girando o corpo, assustou ao ver uma garotinha no armário, empurrando os cobertores que a escondiam, pulando e correndo para ela.

Seu primeiro instinto foi atirar nela, mas se deteve — não era uma mortaviva que a atacava. Era uma criança humana saudável.

Ao se recuperar do choque, Alice percebeu que a criança que a abraçava era surda e falava com ela por sinais. Graças a seu treinamento, Alice compreendeu.

— “Você voltou!” — Havia lágrimas de alegria nos olhos da garotinha. — “Eu me escondi... Como você me disse para fazer! Eu te amo, mamãe, eu te amo tanto!”

Mamãe? O que... Alice jogou-se no chão por conta do choque, ainda abraçada à menina.

A garota começava a se acalmar. Levantou a cabeça e sinalizou de novo.

— “O que houve com a sua roupa? E com o seu cabelo?”

12

A Times Square estava iluminada sob fortes luzes. Jill Valentine e seu esquadrão pararam no meio de um engarrafamento esquecido. Os carros estavam ali, mas os motoristas haviam sumido, como se tivessem simplesmente saído e seguido a pé.

Às vezes pensamentos estranhos surgiam a Jill...

Ela liderou o avanço do esquadrão, rumo ao inimigo.

Por que elas eram o inimigo? Porque era o que o escaravelho dizia. Motivo suficiente, não?

Um choque elétrico a puniu, como uma ferroada de abelha no crânio — um disparo de eletricidade, alertando-a de que estava tendo pensamentos não autorizados.

Continue, dizia o escaravelho. Faça seu trabalho.

Os sinais de trânsito pendiam como objetos inúteis; os faróis dos carros não estavam acesos; os anúncios luminosos, apagados.

— Como estão nossos convidados? — perguntou Jill. O clone afro-americano colocou os óculos táticos, verificando os dados de vigilância.

— Ainda vivos.

— Vamos mudar isso — disse Jill com firmeza.

— Sim, senhora — respondeu o soldado. Ele bateu nos óculos táticos, espiou a interface HUD e emitiu algumas ordens.

Luther e os outros tinham se abrigado na Loja de Departamentos Gum,

onde tentavam repelir um exército de mortos-vivos Las Plagas.

A equipe de assalto estava agachada atrás dos mostruários da vitrine na frente da loja de departamentos — a vidraça se fora, a tiros, e os manequins explodiram em pedaços. Cabeças e membros estavam espalhados pelo chão em volta deles.

Ocorreu a Luther a natureza surreal de sua situação enquanto ele detonava um motoqueiro da praga que passava por ali. Não parecia tão estranho quando estava atirando de dentro da antiga prisão que eles haviam tomado, em Los Angeles. Mas este lugar, com sua arquitetura neoclássica encomendada por Catarina Segunda, era um abrigo estranho.

Deu dois tiros com a pistola automática pela vitrine da loja, passando pelos restos dos manequins vestidos com a moda de alguns anos antes. Ajustara a pistola para um só tiro a fim de poupar munição. Os mortos-vivos ainda não tinham organizado uma investida. Zanzavam de um lado para o outro diante da loja, disparando as armas e mostrando-se alvos surpreendentemente convidativos.

Vitrines se espatifavam sob o impacto das balas, os lança-foguetes explodiam a fachada decorada da loja em pedaços, mas até aquele momento ninguém da equipe fora atingido. Quase foram, ao correrem para a loja fugindo das balas daquela metralhadora que disparava bem atrás deles. Mas conseguiram uma boa cobertura.

Só que isso não ia durar.

Os soldados da praga, embora fossem lerdos, inevitavelmente atacariam a loja. A equipe de assalto estava em número muito menor.

O que vai acontecer se não sairmos daqui, perguntou-se Luther, antes que aqueles explosivos sejam detonados?

De repente a luta cessou por um momento. Os soldados da praga pareciam se reagrupar.

E então começaram a avançar, movendo-se como uma muralha de carne podre, os olhos em brasa, disparando enquanto se aproximavam.

— Eles não podem atirar para sempre! — disse Barry enquanto as balas

cortavam o ar sobre sua cabeça.

— É, mas eles têm muita munição! — continuou Leon, dando uma série de disparos com seu rifle automático, que atingiu o tanque de combustível de uma moto. O tanque explodiu em uma bola laranja de chamas, mas o piloto morto-vivo continuou dirigindo. Então a bola de fogo fez com que a moto fosse lançada para a frente como um foguete, até que se chocou contra uma parede falsa.

Uma fila irregular de soldados Las Plagas se aproximava disparando, criando uma tempestade de projéteis. Se Luther tivesse se levantado, teria sido perfurado — transformado em hambúrguer cru. Os ruídos ecoavam nos espaços vazios da Gum; como se alguém martelasse diretamente nos tímpanos de Luther.

O fogo inimigo arrefeceu por um instante. Leon saltou e descarregou uma longa rajada do rifle. Os tiros derrubaram uma linha de soldados que avançava correndo, muitos caíram, mas outros vieram atrás, passando por cima dos corpos dos caídos sem nem mesmo olhar para baixo. Outros, rasgados ao meio pelas balas, continuaram avançando, trôpegos.

— E eles não caem com facilidade — grunhiu Leon, abaixando-se novamente.

Luther deu vários outros tiros, derrubando alguns atacantes. E então, de uma vez só, todo o fogo inimigo cessou.

Silêncio... A não ser pelo zumbido nos ouvidos.

— E agora? — perguntou Leon.

— Será que estão desistindo? — sugeriu Barry. Luther teve que olhar para saber se ele falava sério.

Leon lançou um olhar de repulsa para Barry.

Luther observou pela vitrine arruinada, perguntando-se como os soldados da praga estavam se comunicando. Não vira nenhum deles dando ordens, mas de algum modo todos decidiram cessar fogo por um momento... E decidiram ao mesmo tempo.

Alguma ligação telepática talvez?

E o que eles estavam aprontando?

Então ele viu. Na traseira de um caminhão-plataforma, um soldado da praga levantava um lança-foguetes, mirando bem na loja de departamentos. E o som grave do lança-foguetes soou ao disparar.

Ah, merda!

Ia direto para Leon.

— RPG! — gritou Luther. — Abaixem-se!

Eles se lançaram no chão, e o projétil explodiu arrancando um pedaço da fachada da Gum, próximo ao lugar onde estavam. Choveu entulho sobre eles. Com os ouvidos zumbindo mais que nunca, Luther viu Leon levantar-se para olhar acusativamente para Barry.

Barry apenas deu de ombros, fazendo com que os entulhos ali depositados caíssem no chão.

— Não se pode ter razão o tempo todo.

Um novo som fez com que Luther se virasse. Os soldados da praga usaram o ataque do foguete como momento, oportunidade. Enquanto a fumaça ainda se dissipava, eles investiram, avançando pelo buraco aberto pelo míssil RPG.

Luther e Leon saltaram, lutando lado a lado enquanto os soldados da praga os atacavam. Projéteis passaram zunindo — e então um soldado saltou sobre Leon, balançando sua arma como um taco de baseball. Leon se abaixou, desviando do golpe, e girou em um chute, batendo a bota no queixo do morto-vivo e empurrando lascas de osso quebrado em seu cérebro.

Luther chutou outro deles no saco e ficou surpreso ao ver o efeito que teve: o morto-vivo se curvou, então Luther enfiou o cano da pistola na boca dele e apertou o gatilho, esparramando o cérebro da coisa nos olhos vermelhos da criatura que vinha atrás. Cegou-a temporariamente para que fosse capaz de liberar a pistola e sentar bala outra vez, misturando o cérebro do primeiro com a massa cinzenta espatifada do segundo.

Leon lançou outras duas séries de disparos nos soldados da praga,

acertando tiros precisos na cabeça. Depois outro soldado surgiu, e Luther viu com um arrepio que era o da serra elétrica. A máquina grande, segurada com as duas mãos, triturava, roncava; a serra girava. Tony atirou no morto-vivo, mas ele bloqueou o tiro com a serra, e as balas ricochetearam no metal da lâmina.

E então, enquanto Luther tentava meter uma bala nos olhos vermelhos e reluzentes do soldado, ele passou pela rajada disparada por Tony e o atingiu com a serra elétrica. A lâmina foi cortando Tony do ombro esquerdo para baixo, serrando-o de popa a proa, rasgando a carne e os ossos, pela clavícula, pelas costelas e pelo esterno, triturando seu coração até virar uma pasta, retalhando suas entranhas...

O estômago de Luther se revirou com a visão e ele quase vomitou, mas apertou o gatilho.

Tarde demais, droga, chegou tarde demais!, disse a si mesmo.

Ele disparou... E errou. Leon também atirava na criatura da serra elétrica e o atingiu, e o mesmo fez Barry, mas nenhum dos tiros foi letal.

A coisa se virou para correr a serra pelo pescoço de Leon...

E Luther deu três tiros rápidos, mirando com exatidão. Os dois primeiros acertaram os olhos da criatura, perfurando-os completamente, e o terceiro acertou em cheio entre eles.

O soldado da serra elétrica oscilou, jorrando sangue de onde os olhos ficavam, e caiu de costas, morto.

Leon olhou para Luther com um novo respeito.

— Nada mal.

Luther deu de ombros.

— Para um consultor — respondeu. Ainda sentia as entranhas agitadas, mas conseguiu se controlar.

Barry atirava pela cortina de fumaça, atingindo outro motoqueiro que tentava passar pelo entulho. A moto sem piloto derrapou e caiu, girando as rodas e cuspidendo fumaça perto do corpo destroçado da criatura.

Depois a fumaça clareou e o ataque havia parado. Os soldados da praga

se acalmaram para se reagrupar.

Ele olhou o que restava de Tony — vendo a expressão apavorada que para sempre ficaria congelada no rosto branco feito neve do homem. Um cheiro nauseante emanava do cadáver dilacerado; de matéria fecal, sangue, tripas e um cheiro que devia ser de medula óssea... Tudo misturado com a pesada e asfixiante fumaça das armas, que lhes ardia na garganta.

Luther suspirou. Uma pena a morte de Tony... Mas ele não seria o último deles a morrer.

Ele se virou para Sergei e o viu em meio a todo o caos de fumaça e entulho, concentrado no laptop. O pequeno computador estava coberto de reboco espatifado; a tela, borrada, mas Sergei trabalhava nele por um mero instinto desesperado, os dedos correndo pelo teclado.

Leon passou por cima dos corpos para olhar por sobre o ombro de Sergei.

— Já devíamos estar no ponto de encontro — disse ele com severidade.

— Encontre um jeito de nos tirar daqui!

— Baixando os esquemas agora.

— Baixando? — disse Leon. — Ainda está baixando?

Sergei deu de ombros daquele jeito que só um engenheiro de TI compreenderia.

Dori encontrou uma chave de roda caída ao lado de um carro suspenso por um macaco, sem um dos pneus. Ela a pegou, sopesou e sentiu uma espécie de estalo interno enquanto as transferências de memória e seu treinamento se uniam. Uso de barras de metal estreito como armas, partes um e dois.

Ela havia atravessado a maior parte da Times Square, indo para a porta aberta de uma loja de suvenires, que desconfiava oferecer uma saída da simulação, quando o morto-vivo investiu para cima dela saído de trás de uma minivan meio queimada e ainda fumarenta.

A coisa havia sido uma mulher. E por um momento Dori achou que era... ela.

Era Alice. Só que não era a Alice. Era uma Alice. E estendia os dedos ensanguentados como garras para arrancar seus olhos, e a boca se escancarava, para que as mandíbulas sussurrantes e encrespadas abrissem caminho.

Dori deixou que seus reflexos a guiassem e se virou para obter o ímpeto necessário, dando uma volta completa, mergulhando a ponta afiada da chave de roda na face da criatura com a maior força que pôde. A chave esmagou o nariz de Alice, deslizou por uma narina e entrou pelos seios nasais, atingindo o cérebro.

A criatura vacilou, mas não caiu. Os danos não tinham sido suficientes.

Nauseada com o que tinha que fazer, Dori torceu a chave de roda como se raspasse o interior de uma abóbora para fazer uma lanterna de Halloween. A morta-viva estremeceu e caiu para trás. Dori segurou firme a chave para que a queda do cadáver a soltasse.

Ela se virou e sacudi a gosma preta e podre de sua arma, sentindo ânsia de vômito mais uma vez. Depois se obrigou a continuar, a correr na direção da fachada da loja. Passou pela porta aberta, vendo os suvenires arrumados nas prateleiras. Havia miniaturas da Estátua da Liberdade e do Empire State Building. Dori sabia o que eram — os verdadeiros — porque JudyTech lhe mostrara na tela do computador. Mas agora o Empire State Building estava queimado e tomado por mortos-vivos...

Ela nunca chegou a vê-los em sua glória. As pessoas que vieram antes destruíram o mundo, atropelaram tudo o que construíram. E pensavam ser melhores que os clones? Dori riu amargamente disso e entrou na loja pela porta.

Encontrou uma porta com a placa SAÍDA DE EMERGENCIA e, ao passar por ela, descobriu que estava em uma espécie de beco. Não havia ninguém ali e, ainda carregando a chave de roda ensanguentada, entrou por outra porta, saindo em uma plataforma ampla, sob uma série de passadiços e

uma trama complexa de cabos.

Estava escuro ali, empoeirado, e seus passos ecoavam...

Ela achou que sabia para qual lado ficava a creche de clones, mas não tinha certeza se seria capaz de entrar. A essa altura, JudyTech estaria procurando por ela.

O que eles fariam com sua mãe — com JudyTech — se a pegassem procurando por Dori... Se toda a história fosse revelada? Ou a matariam ou implantariam um escaravelho nela. E o escaravelho podia ser o pior. Ela veria Dori e simplesmente a mandaria para o tanque de reciclagem.

Sua própria mãe se transformaria em uma daquelas pessoas robotizadas, de olhos vagos. Não a reconheceria; não sentiria nada por ela.

Seria melhor se a matassem.

Alice, Ada e a menina atravessaram o subúrbio que havia sido arena de morte para tantos. Alice segurava a mão da menina com uma das mãos; e com a outra carregava sua pistola automática, com a trava de segurança aberta.

Ada estava de cenho franzido, procurando a equipe de assalto de um lado a outro.

Não havia mortos-vivos à vista. A Umbrella devia ter se livrado daqueles que não queriam vivos para os testes. Eles colocavam as instalações em risco se pudessem vagar ao acaso. Será que a corporação mandara soldados para matá-los? Usaram gás tóxico?

A menina deu um puxão para chamar sua atenção.

— “Mãe, o que estamos procurando?”

— “Os amigos de Ada.” — sinalizou Alice. — “Que vão nos ajudar a sair daqui em segurança.”

— Você sabe linguagem de sinais — observou Ada, olhando para as duas.

— Claro — disse Alice. — Treinamento básico, como o seu. Você se esqueceu? Trabalhamos para as mesmas pessoas.

Ada olhou o cronômetro regressivo e balançou a cabeça.

— A gente devia ter esperado no ponto de encontro.

— E se eles não vierem?

A mulher de vermelho soltou um ruído exasperado, do fundo da garganta.

— Por que estão demorando tanto?

— Sabe de uma coisa, foi estranho — disse Alice. — Quando acordei na cela de interrogatório, havia um... sonho, acho, desaparecendo da minha mente. Com esta rua, estas casas. Eu era casada, e eu e meu marido tínhamos uma casa em que morávamos. Com uma filha.

Ocorreu a Alice que os técnicos que trabalhavam na Umbrella deviam ter decidido fazer a garota surda, para que parecesse mais real — outro detalhe bizarramente elaborado como pano de fundo de uma família. Um detalhe sem sentido, na verdade. Era quase como se alguns deles gostassem de criar a maior credibilidade possível para que pudessem desfrutar do sofrimento das pessoas enquanto suas “vidas” eram levadas...

Filhos da puta doentes.

— Mas como eu poderia saber? — murmurou Alice, mais para si mesma.

— Como pode ter sonhado com isso — Ada ainda olhava em volta — se aconteceu com um clone... e não com você?

— Pois é — admitiu Alice. — De algum modo... Era como se eu mesma estivesse vivendo tudo.

— Depois que você... saiu da empresa, descobriram que as pessoas que foram clonadas costumam reter uma espécie de ligação telepática... Em especial se a experiência for emocionalmente forte. Não muito diferente das experiências encontradas em gêmeos idênticos.

Era apenas um eco da mente de outra pessoa. Alice olhou a menina.

No entanto, a ligação entre elas era mais que um eco. Ela sabia agora que defenderia esta criança com a própria vida.

13

Luther pegou o rifle de Tony e o apoiou no joelho, disparando pelo buraco ainda fumarento na parede, despachando dois soldados da praga que vinham correndo até eles. Um dia esses caras iam entender o que era flanquear. E aí, deduziu Luther, ele e seus companheiros estariam ferrados.

Como se as criaturas tivessem ouvido seu pensamento, um grupo veio do flanco esquerdo de Luther — três deles, um disparando uma escopeta, que arrancou o alto da cabeça do último manequim de pé.

Luther, Leon e Barry, como um só, gingaram para a esquerda, soltando o dedo no gatilho, transformando em pedaços os soldados que se aproximavam, fazendo-os dançar com o impacto das balas, espirrando sangue e miolos no teto e nas paredes. Mas sempre havia mais de onde aqueles vinham. E estavam ficando sem munição — e depois? Talvez precisariam roubar as armas dos mortos-vivos.

Se tivessem uma chance antes de serem aniquilados...

Outros dois soldados foram abatidos. Logo depois conseguiram empilhá-los para usar como cobertura, uma barricada de carne humana.

Cartuchos gastos da arma de Luther choviam no laptop de Sergei. Ele olhou para Luther.

— Dá para ser? — bufou, depois voltou a tentar encontrar uma rota de fuga. — Estou tentando trabalhar aqui...

Uma leitura indicava que as portas não estavam funcionando direito.

Graças a Deus, pensou Dori. Pelo menos ela seria capaz de passar. Antes de fazer isso, ela jogou a chave de roda fora. Olhou para os dois lados do corredor e não viu ninguém. Então se virou e correu na direção que esperava levá-la à creche, ao lugar onde poderia encontrar JudyTech.

Se conseguisse encontrá-la antes de ser apanhada.

Corredor após corredor, canto após canto, escada após escada. Devem ter mantido uma equipe muito limitada no confinamento. Segundo JudyTech, eles tinham perdido muito pessoal para os surtos de mortos-vivos. Não sobrou gente suficiente no mundo para o recrutamento. E os clones exigiam tempo e geravam despesas.

Cansada e com os pés doloridos, sem estar acostumada a tanta atividade, Dori estava quase em lágrimas, certa de que jamais encontraria o caminho de volta, quando reconheceu a placa de alerta em uma porta, no final do corredor.

SOMENTE PESSOAL DE BIODSENVOLVIMENTO PESSOAL NÃO AUTORIZADO SUJEITO A RECICLAGEM

Havia uma câmera de segurança acima da porta. Se chegasse mais perto, a câmera a pegaria.

Ela ouviu a aproximação dos soldados antes de a localizarem. Suas botas, movendo-se em marcha sincronizada, produziam um som que saía da esquerda, onde o corredor fazia uma curva. Eles a alcançariam em questão de segundos.

Dori continuou a andar freneticamente pelo corredor, tentando abrir portas. A primeira, trancada. A seguinte, trancada. Outra, trancada.

Precisava encontrar um lugar para se esconder... Já estava no alcance da câmera de segurança e o som das botas aumentava.

Depois uma maçaneta girou, uma porta se abriu e ela entrou rapidamente, vendo-se em um banheiro. Não havia reservados, só privadas

e pias. Nenhum lugar onde se esconder, mas talvez nenhum dos soldados precisasse parar. Encostando a orelha na porta, os ouviu passando direto.

Ela deslizou até chão e de repente notou que estivera prendendo a respiração.

O que faria em seguida? Para onde iria? Por experiência própria, Dori agora sabia que a porta da creche estava trancada, mas precisava entrar.

E havia a câmera de segurança. Ela esteve perto o suficiente para que a vissem. Não estava vestida com roupas adequadas — aqueles jeans e aquele moletom — para uma trabalhadora das instalações. Seu visual dizia DESERTORA. Se alguém estivesse monitorando aquela câmera, chegariam em um ou dois minutos.

Dori foi até uma pia e bebeu água, espirrando um pouco no rosto. Precisava se decidir.

Precisava pensar...

Então a porta se abriu.

Sem se atrever a olhar o recém-chegado, ela foi para a entrada, tentando dar a impressão de que tinha acabado de usar o banheiro. Tentando aparentar calma. Mas a mão a restringiu e ela se retesou. Virou-se e viu...

— JudyTech!

A mulher simplesmente sorriu para ela. Tinha dentes salientes e mostrava muita gengiva quando sorria. Tinha rugas nos cantos dos pequenos olhos verdes, o nariz arrebitado e cabelos castanhos acinzentados trançados junto da cabeça. Havia algo de profundamente gentil em seu rosto. Ela usava um jaleco e calças de laboratório verdes e opacas, e carregava uma mochila azul.

— Eu a vi pela câmera de segurança, Dori — explicou ela. — Peguei um turno para poder vigiar você.

Dori se atirou nos braços de JudyTech.

— Me desculpe por ter saído — disse ela com as lágrimas se acumulando nos olhos. — Eu só queria... não sei... Eu estava...

— Não importa — disse JudyTech. — Escute... Vamos sair daqui agora. Neste momento. Monitorei uma conversa no sistema de segurança... Acho que há bombas armadas para explodir. Este lugar será tragado pela água. Temos que fugir!

— Mas como?

— Olha... — JudyTech abriu a mochila. Dentro havia roupas dobradas para Dori e, por cima das roupas, dois escaravelhos de metal que a Umbrella usava para controle da mente.

Ao vê-los, Dori sentiu o coração afundar até os joelhos.

— Não... Não!

— Calma, querida — disse-lhe JudyTech. — Não são reais. As entranhas eletrônicas, o infusor da droga, tudo isso foi retirado. Ficaram apenas a casca e as luzes. São nossa garantia de saída.

Elas chegaram à casa de Alice — a casa que ela partilhara com Todd e a filha deles.

A Alice clone.

O Todd clone.

E a filha clone...

Alice passou pela porta da frente que continuava aberta, de arma em punho, sem saber se o lugar estaria liberado. A menina e Ada seguiram atrás dela. Uma olhada rápida lhe disse que não havia criaturas.

— “Temos de achar o papai!” — sinalizou a menina, que disparou pelo corredor antes que Alice pudesse impedi-la.

— Sabe o que está fazendo? — perguntou Ada.

— Não — admitiu Alice.

— Foi o que pensei.

Alice olhou para as manchas de sangue nas paredes. Quase conseguia se lembrar. Mas não tinha sido ela. Tinha sido alguma coisa que ressoou com ela. Quase uma parte dela. Mas não a Alice inteira.

A menina voltou correndo com a cara abatida de decepção.

— “Ele não está aqui!” — sinalizou, meneando a cabeça.

— Que bom! — disse Ada ríspidamente. — Vamos embora!

Alice pegou a menina nos braços.

— “Você tentou” — respondeu ela. — “Mas agora precisamos ir.”

A menina olhou nos olhos da mãe.

— “Não vai me abandonar, vai? Como antes? Vai me deixar sozinha de novo?”

— “Eu não vou te deixar” — respondeu Alice, sorrindo com seriedade.

— “Promete?” — sinalizou a menina.

— “Prometo.”

Ela tentou sorrir, mas seus lábios tremeram. Alice a abraçou.

— “Nós vamos voltar?” — perguntou-lhe a menina.

— “Não” — respondeu Alice.

— “Então preciso pegar umas coisas.” — Sem ruído algum, ela saiu correndo pelo corredor.

— “Depressa” — sinalizou Alice. — “E fique onde eu possa te ver.”

Mas a menina já havia sumido de vista.

Ada verificou o relógio de pulso.

Alice olhou as fotos emolduradas na parede: de Todd e Alice em casa, os três no quintal, de férias na praia. Novamente a atenção perversa aos detalhes demonstrada pelos planejadores dos testes. Uma foto da vida familiar perfeita... que ela nunca viveu. Que ninguém jamais viveu.

— Nada disso é real — disse Ada.

O som dos pequenos pés apressados voltou. A menina descia o corredor, enfiando coisas em uma mochila.

— É para ela — disse Alice.

— Eu sei — respondeu Ada. — Essa é a razão.

Ela as analisava, observando Alice com sua “filha”. Alice tinha a sensação de que Ada considerava a ligação que estava se desenvolvendo entre as duas um problema, uma complicação desnecessária.

— Ela não é sua filha — acrescentou Ada brandamente, quase sussurrando. — Nem mesmo é uma pessoa real.

Alice olhou feio para Ada. Isso a enfureceu. Uma completa besteira, a ideia de que um clone, com a mesma capacidade de sofrer, de passar por tragédias, de ter alegria, o mesmo potencial, podia ser considerado “nem mesmo uma pessoa real”.

Mas Ada pressionava.

— Todos esses sentimentos que ela tem por você — insistiu. — Foram impressos. Pouco tempo atrás ela era uma tábula rasa. Nem mesmo sabia quem era você.

É inútil, pensou Alice. Ela é uma assassina profissional demais para se permitir sentir alguma coisa. Nunca a convencerei.

— Posso mostrar uma sala com uma dezena igual a ela em criogenia — acrescentou Ada. Alice se limitou a olhá-la, até que a aliada deu de ombros. — Desculpe, mas é a verdade.

— “Pronta!” — A menina sinalizou, trotando para elas, sorrindo. — “Eu fui rápida, não fui?”

Alice afagou seu cabelo.

— “Sim, você foi.”

— Ah, vamos logo — disse Ada. — Vamos dar a porra do fora daqui.

Ela foi na frente para sair por onde tinham entrado, seguida por Alice e a filha — e então pararam, olhando fixamente para algo.

Esperando no gramado bem cuidado da frente da casa estavam Jill Valentine e seu esquadrão de soldados. Rain estava sentada despreocupadamente no balanço — o clone de “Rain”, pelo menos, segurando uma metralhadora MP-5. Outro soldado, sem máscara, era conhecido de Alice. Seu nome era, ou tinha sido, Carlos, e ele lutou ao seu lado algum tempo antes. Até que morreu. Apontava o rifle de assalto para seu peito.

Era igualzinho a Todd.

Mas estranhamente Becky não pareceu perceber...

— Bem-vinda ao lar — disse Jill secamente. — Bonita casa, a sua. —

Ela pegou uma bicicleta rosa que estava caída e a colocou de pé. — Agora, rendam-se ou morram.

— Há uma criança aqui — disse Alice. Ela puxou a menina para mais perto.

— Problema seu — observou Rain despreocupadamente, levantando-se e erguendo a MP-5, preparando-a para disparar. — Não nosso.

— Toda coração — disse Alice, olhando-a. — Você não mudou nada.

— Eu não te conheço, moça — disse Rain, de cenho franzido.

— E então, o que vai ser? — perguntou o soldado Carlos.

Alice olhou para Ada.

Ada devolveu o olhar, de sobrancelhas erguidas.

O HUD projetado no olho de Jill era explícito, seu texto identificava os alvos e ordenava a ação.

ADA WONG — MATAR

CLONE — MATAR

PROJETO ALICE — CAPTURAR/MATAR

Mas, para além da projeção na lente, Jill estava periféricamente consciente de que Alice dava um passo à frente de Ada. Seus instintos lhe diziam que nada do que Alice fazia era despropositado.

No instante seguinte o soldado mais próximo da Umbrella tombou com uma explosão da arma de Ada. Alice atirou em “Rain” — suprimindo o disparo da soldado que foi obrigada a abaixar para se proteger. Depois a Projeto Alice seguiu em disparada para a casa, puxando a menina pelo pulso. Ada atirou novamente e entrou correndo atrás delas.

Uma saraivada de balas perfurou a porta no segundo em que elas a fecharam.

Alice empurrou sua filha para trás de um sofá. A cabeça da filha surgiu enquanto ela repunha a munição das armas.

— “O que você está fazendo?” — sinalizou.

— “Coisas da mamãe” — respondeu Alice. Mais balas destruíram a porta da frente, deixando-a em pedaços, um monte de lascas emolduradas.

Alice empurrou a cabeça da menina para que se abaixasse novamente, se virou e correu pela arcada em direção à porta da frente.

Balas chicotearam por cima da cabeça de Jill e bateram no Honda Civic estacionado, atingindo o tanque de combustível. O carro explodiu e uma bola de fogo subiu pelo ar, virando-o de cabeça para baixo. Ela fez uma careta enquanto o carro batia no calçamento atrás dela. Os pedaços de metal como uma artilharia antiaérea soltaram fumaça ao passar cantando.

— Fogo de contenção! — gritou Jill.

— Sim, senhora!

— Sim, senhora! — gritou outro soldado.

Ela sinalizou aos outros e todos os soldados se dispersaram, correndo para trás das árvores, deitando-se no chão, colocando-se ajoelhados à direita e à esquerda, para despedaçar a casa com projéteis...

Na sala de estar, Ada e Alice mergulharam para se proteger enquanto a casa sofria a ação destruidora de uma tempestade de balas. As paredes eram estilhaçadas, retalhadas e começavam a ceder, e a corrosão ameaçava fazer desabar toda a estrutura em volta delas.

As balas pareciam um enxame de insetos raivosos pouco acima da cabeça de Alice, escurecendo o ar. Ela estava deitada de bruços, meio virada para mirar a porta quebrada da frente, onde pôde distinguir um soldado de preto, recarregando.

Ele olhou para ela.

Aquele rosto familiar — o clone de um velho amigo — a fez hesitar.

E então o momento passou enquanto ele rolava para fora do caminho.

Ela disparou, atingindo o soldado que estava logo atrás. Ao mesmo tempo, Alice tinha consciência da posição de Ada, passando abaixada por ela, indo na direção da cozinha, provavelmente para procurar soldados que

tentassem flanqueá-las por trás.

Alice atirou na porta da frente de novo — enquanto a casa gemia, acomodando-se, ainda ameaçando desabar, com as vigas quase devoradas pelos projéteis.

Na cozinha, Ada se agachou, posicionado o lança-ganchos. Ouviu um ruído na porta dos fundos e se virou. A porta estava aberta, então a única barreira era a porta de tela fechada. Por ela Ada viu um soldado de máscara com o rifle apontado para ela.

Ela disparou, mirando o lança-ganchos por puro instinto. O gancho atravessou a tela e empalou o soldado pouco abaixo do esterno. Ele gritou, mas não morreu. Tossiu sangue, que vazou pelo canto da máscara enquanto ele levantava trêmulo a arma para atirar em Ada. Ela apertou o botão de rebobinar o lança-ganchos e se escorou, segurando firmemente o punho da arma.

O gancho preso no soldado foi puxado para ela, fazendo-o cambalear para dentro, batendo na porta e em um armário, onde ele caiu com um desagradável som de algo sendo esmagado.

Houve um silêncio relativo, o tiroteio diminuía, a tempestade momentaneamente cessara enquanto os soldados recarregavam suas armas. Pedacos de reboco e entulho caíam das paredes espatifadas; as luzes elétricas quebradas pendiam.

Perto dali, Alice atirou na porta de novo, depois deslizou para mais perto de Ada.

— O que vamos fazer?

— Você não pode ficar aqui. — Ada tirou seus óculos digitais e entregou para Alice. — Isso mostrará a saída. Vou segurá-los pelo tempo que puder. — Ela olhou para fora, depois para Alice. — Encontro você no elevador.

Alice a olhou.

— Obrigada.

— Pelo quê? — perguntou Ada. — Não estou morrendo por você, querida. Tenho um plano B. Agora leve isso. — Ela desconectou o cartucho usado do lança-ganchos, depois o estendeu para Alice. — Quanto menos coisa eu tiver comigo, melhor.

— Tenho algo para você — disse Alice, entregando-lhe uma granada.

— Obrigada. A gente se vê no elevador.

Claro, pensou Alice. Se existir vida após a morte.

14

Do lado de fora da casa, os soldados terminavam de recarregar, encaixando os pentes nas armas.

— Preparar! — gritou um soldado.

— Avançar em grupos! — ordenou Jill. Ela reiterou o comando com gestos.

O clone que se parecia com Rain gritou.

— Equipe Alfa, avançar! — Eles partiram, seguindo a ordem, abrindo fogo, destruindo a casa com prolongados disparos das armas automáticas.

— Temos movimentação! — gritou um soldado, olhando os dados em seus óculos digitais. — Atrás da casa! Dois alvos!

Jill sinalizou para que parassem e correu até o soldado.

— Identificação!

Houve um instante de hesitação enquanto ele tocava as lentes, dando um zoom nas figuras.

— É Alice — disse ele.

Jill fechou a cara. Dois alvos atrás da casa?

Então Alice e a menina clone estavam fugindo, enquanto Ada tinha ficado para manter o esquadrão ocupado.

Tudo bem. Uma morte de cada vez.

Ela apontou para a casa.

— Acabem com essa vaca!

Ada olhou para a saída dos fundos, viu Alice e a menina escapando e um soldado dando a volta na casa, mirando em suas costas. Ela riu.

Ele acha que pode derrubá-la.

Ela disparou sua pistola automática, descarregando metade do pente no sujeito, só por garantia. Ele girou, gritando de dor, e caiu. Tentou se arrastar por um ou dois segundos... estremeceu... e ficou imóvel.

Ela se virou, olhando a porta da frente pela arcada, e viu um alinhamento de soldados correndo para a casa, abrindo fogo. As balas destruíram as paredes, e grande parte da sala de estar desabou, soterrando o sofá e a mesa de centro, cuspindo uma nuvem de poeira de reboco.

Ada atirou com uma das mãos, enquanto com a outra preparou a granada e a arremessou na porta. Ela quicou...

Ela sorriu, vendo os soldados mergulharem para fora do caminho. A granada explodiu. Alguém gritou. Pôde ver um braço decepado passar voando pela porta em um cata-vento de sangue.

A fumaça obscureceu a cena por um momento. Ao clarear, ela viu o clone “Rain” colocando no ombro um lança-mísseis portátil, sorrindo maliciosamente enquanto apontava, ajustando a mira.

— Droga! — soltou Ada.

Ela encaixou um pente na pistola, mirou no chão de madeira e disparou em um padrão cerrado, concentrando o fogo, cortando um buraco no piso. Não havia muita coisa que ainda pudesse fazer.

Pulou no ponto que abria à bala. A madeira desabou, e ela se jogou para o andar de baixo: uma camada fina de terra sobre o concreto que fazia parte do andar das instalações de teste.

Ela se apoiou sobre as mãos e os joelhos, esticada no chão, e começou a se arrastar pelo pequeno espaço abaixo do assoalho. Rastejando para se manter viva.

Acima, ela sentiu o míssil sendo disparado, imaginando que ele se dividia em seis mísseis menores que atingiram o chão, não muito atrás dela. Ada pôde sentir o fogo queimar os pés e os tornozelos. Ondas de choque a

envolveram, e a casa se desfez.

Fumaça, fogo e escombros giraram... E ela sentiu algo pesado pressionando suas costas.

Alice olhou por sobre o ombro quando ouviu a explosão — e viu a bola de fogo subindo. Ada teria conseguido sobreviver a isso?

— “Eles estão vindo!” — sinalizou à menina. — “Precisamos correr!”

Elas continuaram correndo pela calçada, cortando caminho entre as casas e seguindo por um beco.

Alice sentiu uma pontada na lateral do corpo. Ou coisa pior. A dor aumentava, latejava cruelmente, queimando... Baixou a mão, tateando o corpo — e sentiu o sangue quente que jorrava. Estava ferida. Levou um tiro em algum momento quando fuzilaram os fundos da casa.

Pressionou a ferida, tentando estancar o sangramento e estimular a coagulação.

Doía tremendamente. E cada passo agravava o ferimento. Mas ela continuou.

Sempre continuava.

Enquanto corria com a menina ofegante, Alice olhou para trás e viu alguém. Estavam sendo seguidas.

Mais à frente, Alice se viu refletida em uma parede de espelho, com a menina a seu lado.

Elas correram para o espelho, arquejando. Alice parou, virou-se para que a menina não visse e olhou o ferimento no lado esquerdo. Havia coagulado, não sangrava mais. Por ora. Mas doía e ela perdera sangue. Escondeu o ferimento com as roupas e se virou para a parede de espelho, onde a menina esperava.

Alice andou até a parede e abriu uma porta. Elas passaram e então se encontravam em uma estação de trem de Moscou. Ela olhou em volta com algum tipo de fascínio e horror. Haveria um fim para esses ambientes de teste? Haveria fim para a perversidade deste lugar?

Dori e JudyTech estavam em um corredor de manutenção, correndo pelo concreto empoeirado, sob canos de alumínio e tubos fluorescentes que atravessavam o teto estreito. Passaram por um pessoal do laboratório, que estava desarmado, mas ninguém as questionou.

Dori vestira as roupas que JudyTech levara, então usava um traje de combate justo, completo, com máscara de soldado. JudyTech também vestia um uniforme parecido. Era difícil respirar com a máscara. Ela odiava o cheiro e a aparência de JudyTech com a máscara de combate. As duas estavam com os escaravelhos inativos no corpo e dava medo ver aquilo preso a JudyTech, embora Dori soubesse que não tinha poder sobre ela.

— Não temos tempo de sair antes de começar a inundação — disse JudyTech quando chegaram ao final da passagem. Sua voz era abafada pela máscara. — O único jeito é sobreviver debaixo d'água...

A porta estava entreaberta e as duas espiaram para dentro.

Dori ficou assombrada. O ar frio a atingiu quando ela colocou o rosto para fora; observou a névoa que subia da água na gruta dos submarinos, na direção do teto alto entalhado na pedra.

— Nós estamos... do lado de fora? — Ela nunca esteve do lado de fora, no mundo superior, em toda a sua curta vida. Tecnicamente, só tinha alguns anos de idade. Recebeu certa maturidade, experiência e alguma socialização transferida de terceiros. Mas sabia que na verdade era uma espécie de criança; e que o mundo era um imenso mistério. Que estava presa em uma caixa, dentro de uma caixa maior, sob o mar, e agora no subterrâneo.

JudyTech teria que explicar tudo isso a ela.

Dori queria sair das caixas, queria, mais que tudo, ver o grande exterior. Ver o céu e o sol, não apenas fotografias deles; sentir o vento livre do mundo, ver animais no hábitat natural, observar as aves nas alturas e ouvir as enormes feras rugindo.

— Não — disse JudyTech, gentilmente. — Ainda não é o lado de fora. Estamos um pouco mais perto. Mas não... Está vendo aquelas embarcações? Sabe o que são?

— Acho que você nunca me mostrou.

— São submarinos, querida. Os russos construíram, há muito tempo. Ainda estão em operação. São grandes e têm muito espaço. E não acho que estejam sendo usados agora. Com sorte... podemos entrar em um deles e nos esconder. Outros vão vir e irão pilotá-lo depois da inundação. Pelo menos espero que sim. E então vamos encontrar nossa saída.

— E... lá para fora? Para o mundo real?

— É. Para o mundo real.

Dori olhou os imensos objetos pintados de vermelho e preto.

— Neste aqui, nessa coisa aparecendo, há homens deitados. Acho que estão mortos. Estou vendo sangue pingando.

— É. Acho que isso vai contar a nosso favor. Venha, filha...

Elas saíram no ar gelado e seus pés faziam eco na grande gruta silenciosa.

Estavam na plataforma de uma estação do metrô, ou o que se assemelhava a uma, em algum lugar perto da Praça Vermelha, em Moscou. Na parede havia cartazes e o nome de uma estação, tudo pintado em cirílico.

ПЛОЩАДЬ РЕВОЛЮЦИИ

Saíram de uma parede de espelho que refletia a estação, logo os trilhos pareciam se estender indefinidamente. À esquerda havia um lance de escada que levava para cima.

— “Onde estamos?” — sinalizou a menina, chocada.

Mas antes que Alice pudesse responder ouviu um som a suas costas. Virou-se, erguendo a arma, preparando-se para atirar em quem estivesse ali.

Era Rain, passando pela porta no espelho. Devia ter seguido as duas.

Alice mirou no coração.

— “Espere!” — sinalizou a menina. — “Ela nos ajudou! Não se lembra?”

Alice olhou. Aquela roupa — a blusa com todos os botões. Nenhuma arma na mão. O cabelo estava inteiramente diferente... Era uma Rain diferente. Ela teria notado antes, mas estava ficando tonta com a perda de sangue.

Alice baixou a arma.

— Vocês conseguiram! — A clone Rain correu para elas e surpreendeu Alice ao abraçar as duas. — Que bom que tem mais alguém vivo! — Alice se desvencilhou do gesto desajeitado, estremecendo com a dor na ferida.

A jovem olhou em volta, maravilhada.

— O que é este lugar? — Ela olhou Alice de cima a baixo. — E que roupas são essas?

Ao longe, Alice ouviu o som de disparos. Uma batalha estava acontecendo em algum lugar. Uma batalha considerável.

— Sabe usar isto? — Alice estendeu uma das pistolas automáticas a Rain.

Confirmando com a cabeça, Rain olhou a arma com desgosto difícil de disfarçar.

— Fiz campanha pelo controle de armas!

Não, você só pensa que fez. É uma falsa lembrança que plantaram... Alice considerou explicar isso em voz alta, mas não havia tempo. E como poderia convencê-la de que toda sua vida passada era uma ilusão, que todas as lembranças tinham sido transferidas?

Em vez disso ela se colocou atrás de Rain, apertando a arma em suas mãos. Antes que a jovem pudesse protestar, ela estendeu seu braço, apontando a arma por ela, mirando na parede da plataforma oposta.

— É como uma câmera — disse Alice. Ela apertou seu rosto no de Rain e lhe mostrou como mirar pelo alto da arma. — Aponte e atire.

Rain apertou o gatilho, e uma parte da parede de tijolos do outro lado se espatifou com o impacto da bala. Ela estremeceu, olhando o cano fumarento.

— Meus parabéns — disse Alice secamente. — Agora é oficialmente uma bad girl.

Os lábios de Rain se curvaram em um estranho sorriso.

Em algum lugar no alto, o som da batalha se intensificava, ecoando pela estação.

— Mas o que está havendo aqui? — perguntou Rain, ainda olhando a arma nas mãos.

— Vou explicar tudo quando voltarmos. — E fez um sinal de cabeça na direção da filha. — Agora preciso que a mantenha em segurança.

A menina a fitou com os grandes olhos assustados. Alice sentiu aquele olhar como uma flecha penetrando seu coração.

— “Vai embora?” — sinalizou Becky. — “Você disse que não ia embora!”

— “Vou voltar logo” — respondeu Alice.

— “Você prometeu!”

Ela se ajoelhou ao lado da menina. Becky desviou o olhar, magoada. Alice colocou a mão onde ela pudesse ver e sinalizou.

— “Olha para mim” — disse ela. — “Pode confiar em mim... Você confia em mim, não confia?”

A menina olhou para ela e assentiu.

— “O que eu disse é verdade” — sinalizou Alice. — “Vou voltar para você.”

Os lábios da menina tremeram. Alice via que ela se esforçava para reprimir as lágrimas.

— “Tudo bem?”

A menina concordou com a cabeça e sinalizou.

— “Tudo bem.” — Então Alice se levantou e começou a se virar.

— “Eu te amo” — acrescentou a menina rapidamente.

Alice olhou sem reação. Não sabia como agir. Ela não era realmente sua filha. Mas a menina acreditava desesperadamente que Alice era sua mãe. Ela olhou bem para ela... e viu uma garota desesperada por algo que a tranquilizasse.

— “Eu também te amo.” — Ela suspirou.

O clone de Rain virou-se para a menina.

— Ela vai voltar. Não fica preocupada. Vamos... A gente tem que se esconder em algum lugar.

A garota parecia entender o essencial lendo os lábios de Rain. Assentiu e pegou a mão dela.

— “Eu conheci a sua irmã” — sinalizou a menina.

Rain a olhou, confusa — não entendia a linguagem de sinais.

— O quê?

— “Ela não é muito legal.”

Alice se virou, a ferida na lateral estava doendo, mas o que mais doía era a pontada de incerteza, o medo pela menininha. Não estava acostumada a isso. Estava acostumada a ter confiança em si mesma, a saber que tomaria a atitude correta.

Esse era um território não explorado.

Estaria mentindo para a criança? Seus instintos eram fortes, e ela defenderia a menina até a morte, mas não eram sentimentos de mãe. Não exatamente. Um dia teria que contar a verdade. Estaria afundando uma criança inocente ainda mais na traição?

Quando se tratava da sobrevivência, disse Alice a si mesma, de não levar um tiro ou não ser morta quando uma bomba era lançada, não havia necessidade de se preocupar com os sentimentos das pessoas. Era nisso a que ela tinha que se apegar agora.

Mas ainda assim aqueles olhos que confiavam nela a assombravam...

Tinham perdido o rastro da Projeto Alice.

Esperando perto das ruínas da casa, meia dúzia de soldados estava à vontade, e a comandante Jill Valentine ouvia os relatórios dos subordinados. O sistema de câmeras de segurança daquele cenário havia sido danificado pelas explosões, mas era provável que ela tivesse ido para o ambiente seguinte: Moscou. Talvez Alice esperasse se juntar à equipe de Ada Wong.

Jill grunhiu. Como podia fazer seu trabalho com tão pouco pessoal? Tantos clones foram desperdiçados naqueles testes incessantes.

Ela sentiu algo estranho, como se algo nela se alegrasse com a fuga de Alice, embora isto viesse a se mostrar temporário. Mas teve que reprimir os sentimentos — ou o escaravelho a puniria. Ela acabaria em um tonel biológico. Partes de humanos não clonados eram reciclados nesses tonéis. Suas proteínas, seus aminoácidos e outras moléculas fundamentais eram usados para criar novos clones — mais bucha de canhão para a Umbrella.

Jill se obrigou a se concentrar na tarefa que tinha: confirmar que Ada Wong estava morta. Estava prestes a ordenar a escavação dos restos calcinados quando o piso de tábuas escurecido a menos de dez passos dela se abriu. Ada Wong se esforçava para sair. Oscilou, tossindo, nos destroços fumarentos, ferida, ensanguentada e escurecida pelas cinzas, e desarmada.

A soldado Rain pisou nas fundações da casa e apontou a arma.

— Vai a algum lugar?

E, a um sinal de Jill, os outros soldados se fecharam em torno dela.

Ada olhou para eles, parecendo dominada e fraca. Depois levantou as mãos lentamente, rendendo-se.

Bom, pensou Jill. Isto pode ser útil.

Leon, Barry, Sergei e Luther estavam agachados atrás de uma pilha de cadáveres e destroços, disparando apenas quando era necessário. Sua “barricada” improvisada era feita de corpos empilhados de soldados da praga, com cornijas e colunas de vitrines caídas da loja Gum. Braços e pernas de manequins misturavam-se com os membros dos mortos.

Sergei ainda estava recurvado sobre seu laptop, raciocinando desesperadamente em cima dos esquemas do ambiente de teste de Moscou.

— Estamos ficando sem tempo — gritou Leon para ele. — Temos que achar uma saída daqui!

— Quase lá!

Luther olhou o cronômetro regressivo. Só restavam 33 minutos.

Bateram os 32.

Bateram 31 minutos e 50 segundos...

Um soldado da praga, de olhos vermelhos brilhantes, saiu da fumaça e pulou por cima de seus compatriotas mortos, à direita de Luther, que ergueu a arma, apertou o gatilho...

E nada aconteceu. Ele perdeu a conta da munição. A arma estava descarregada.

O soldado portava uma escopeta. Girou-a para Luther. Depois o alto da cabeça da criatura voou em uma coroa de sangue com o tiro que Leon lhe dera.

Luther agradeceu e recarregou a arma. Suspirou. A boca estava seca, o coração batia com força no peito e ele estava faminto e cansado. E ainda se lembrava de Tony sendo serrado ao meio por aquela motosserra ruidosa, espirrando sangue para todo lado.

Então aqui estou, pensou Luther. Como ele foi se meter nessa merda?

Tentando encontrar Alice, foi assim que se meteu nisso.

Mulheres. É nisso que dá se meter com elas...

De repente Sergei fechou o computador com um baque.

— Consegui! — gritou, triunfante. — Por aqui!

Barry, Leon e Luther deram tiros de supressão e atiraram as últimas granadas para manter os soldados da praga afastados, depois se viraram e correram atrás de Sergei. Ele os levou para o interior da fachada destróçada da loja Gum, passando por mais vitrines tombadas e fumarentas até um canto mais distante do prédio.

A partida repentina deixou os soldados da praga momentaneamente confusos, ainda concentrados na “barricada de cadáveres” que a equipe deixara para trás. Então a equipe fez um bom progresso e chegou em segurança ao canto do prédio, todos respirando com dificuldade. À frente havia uma vitrine intacta.

Sergei pegou uma cadeira de aço, balançou-a com uma das mãos e a atirou para o alto. Ela bateu na vitrine, quebrando a maior parte do vidro.

— Por aqui! — gritou Sergei.

Ele pulou na vitrine e passou pela vidraça espatifada. Luther o seguiu, Leon e Barry foram logo atrás.

— Vamos, vamos, vamos! — Leon os instava.

Eles então saíram em uma esquina no ambiente de testes de Moscou, as botas esmagando cacos de vidro. O local estava em modo “anoitecer”, as luzes se reduzindo.

— Podemos seguir — disse Sergei entre uma arquejada e outra — pelo perímetro... e...

E de repente algo rosa, molhado, cheio de dentes como uma serra e grande como um cabo elétrico apareceu, enrolando-se em Sergei. Luther pôde ver suas costelas estalarem enquanto o russo era erguido aos gritos...

Luther levantou a cabeça, seguindo o cabo rosa e molhado, que subia, cada vez mais... E encarou assustado.

O cabo era uma língua, uma língua incrivelmente grande, estendendo-

se do ventre gotejante da coisa mais horrenda que ele já tinha visto na vida. Pendurada de cabeça para baixo nas sombras, agarrada de algum modo a vigas bem no alto, estava uma criatura cor de carne gigantesca, com pelo menos 2 metros da cabeça à cauda e o peso de um pequeno elefante.

Sergei gritava de dor e lutava enquanto a língua se enrolava nele, levando-o para a boca. E guinchou horrendamente quando a coisa o mordeu, dividindo-o ao meio, mastigando-o calmamente. A metade inferior de Sergei caiu no chão com um ruído molhado.

Merda!

Luther teve que virar o rosto, tentando controlar a náusea.

Ele se obrigou a olhar para trás, para os outros que começavam a atirar na criatura. Foi quando percebeu que dos dois lados do mutante gigante e rosa, colados no teto em casulos viscosos e transparentes, havia seres humanos — clones que deviam ter participado dos testes. Contorcendo-se em sua reclusão.

Ainda vivos.

As balas tinham pouco efeito no monstro, a não ser para fazê-lo querer descer e atacá-los. Ele se soltou e caiu, virando no ar, aterrissando na frente deles sobre quatro conjuntos de garras. A rua sacudiu com o impacto da queda dele.

— Mas que porra é essa? — perguntou Luther.

— Um Licker — disse Leon com a voz tremendo ao mirar a arma. — O maior que já vi ou ouvi falar. Que sofreu mutação de uma variante do T-vírus. Acredite se quiser, antigamente essa coisa era um ser humano...

— A Umbrella deve ter desenvolvido em laboratório — disse Barry, encaixando um pente no rifle. — Solto aqui para nos deter.

Agora Luther via o monstro com mais clareza. Parecia que a camada externa de pele fora raspada, quase até o músculo. A metade superior de seu crânio, inclusive os olhos, não estava ali. Em seu lugar havia um cérebro imenso, com textura de couro e inchado, parecendo um fungo medonho. Embora aparentemente fosse cega, a coisa de algum modo os sentia.

Avançou para eles com suas pernas de dragão — quatro, as dianteiras quase do tamanho das traseiras. Garras de foice arranhavam a rua a cada passo, sua língua dentada e gotejante chicoteava o ar, sentindo o caminho à frente.

Luther recuou, depois uma bala passou pouco acima de sua cabeça, vindo de trás. Ele se virou e viu soldados da praga correndo em sua direção, disparando esporadicamente.

Estavam encurralados.

Luther atirou no Licker, mas a coisa investia implacavelmente para cima deles, guinchando e rosnando, e aparentemente não estava sequer ferido. Era tão grande que as balas apenas o irritavam.

Então Luther ouviu algo que não pertencia àquele ambiente: o ronco do motor de um carro. Ele viu os faróis iluminarem a criatura, fazendo-a virar. Um Rolls Royce Silver Phantom, reluzente e inteiramente tunado, corria a 130 km/h, disparando na direção do Licker.

A criatura gigante rugiu de fúria, o motorista pisou no freio e os pneus guincharam enquanto o carro derrapava de propósito em um cavalo de pau. O impacto atingiu o Licker de lado e depois pelas costas, fazendo-o tombar na vitrine de outra loja falsa.

Atordoado, o monstro se debateu na vitrine, esmagando manequins com os pés, atacando-os às tontas com a língua, tentando se endireitar.

Leon e Barry começaram a disparar nos soldados da praga, obrigando-os a procurar cobertura atrás de carros estacionados na rua. O Rolls Royce parou em um solavanco e uma porta se abriu, revelando o motorista.

Alice.

— Oi — disse ela despreocupadamente.

Luther ficou tonto de emoção só de olhar para ela. Tanta coisa havia acontecido nos últimos minutos.

Mas ele engoliu em seco e sorriu.

— Bela máquina — disse ele.

— Bom, estamos em Moscou — contra-atacou ela. Alice gesticulou e

os três homens correram para o sedã. Entraram. Luther sentou na frente ao lado de Alice.

— Vamos dar o fora daqui antes que essa coisa entenda que bonecos não dão um bom jantar — disse ele.

Alice concordou. As rodas giraram e o Rolls Royce arrancou. Balas dos soldados da praga atingiram a lateral do carro. Ela atropelou o que restava do corpo de Sergei, mas Luther não a criticou por isso. Estavam com pressa.

Barry olhou por sobre o ombro para o teto.

— Essa gente... ainda estão vivos!

— A criatura os mantém em casulos — disse Alice. — Guarda para comer.

Ela seguiu pela rua em alta velocidade e Luther apresentou os outros dois.

— Barry, Leon... Alice.

— É um prazer — disse ela.

Luther olhou para trás e viu que o Licker tinha se soltado. Corria atrás do carro... E estava irritado. Matou alguns soldados da praga no caminho, para sorte dos mocinhos, com golpes fortuitos das mandíbulas.

Ainda assim, o Rolls se distanciava dele.

— Talvez seja melhor apertar os cintos — disse Alice.

Eles chegavam a um cruzamento bloqueado. Era parar, bater no bloqueio ou virar.

É melhor ela se decidir, pensou Luther, olhando o velocímetro. Estamos a 110 km/h.

Sem reduzir, Alice puxou o freio de mão, a força G obrigando os homens a se esforçar para continuar em seus lugares no carro.

— Dirige bem — disse Barry.

Luther sorriu, ciente do absurdo da situação, e ainda assim sem se importar. Aqui, de qualquer modo, estava Alice.

— É bom te ver de novo — disse ele.

Alice retribuiu o sorriso.

— É bom te ver também.

Leon olhou para trás.

— Está ganhando terreno. — Luther olhou e viu que o Licker corria como um cavalo furioso, avançando firmemente, aproximando-se deles.

— Não tem problema. — Alice se virou para Luther. — E aí... Sentiu minha falta?

— Fala sério? — Ele olhou o Licker. — Vamos fazer isso agora?

Alice deu de ombros e sorriu. Parecia pálida, pelo menos para Luther.

— Não tem momento melhor que agora — disse ela.

Luther pensou em lhe perguntar como os encontrou, mas provavelmente ela teve sorte em “Moscou” e seguiu o barulho dos tiros.

Mais à frente, a rua estava obstruída por veículos abandonados e queimados, muitos capotados. Alice reduziu o suficiente para costurar habilidosamente entre eles, como se fizesse acrobacias em uma pista de obstáculos. O Licker gigante não se incomodou em desviar. Investiu diretamente pelos carros, pulando neles e esmagando-os ao descer, ou empurrando-os de lado como um rinoceronte que atira rolos de feno.

Alice olhou pelo retrovisor e Luther viu que ela estava ficando preocupada. O Licker se aproximava. Chegava bem perto. Lançava a língua à frente, batendo no vidro traseiro.

Nojento, pensou Luther.

Ele olhou para frente e viu uma coisa disparada na direção deles. Outro par de faróis de origem obscura.

— Alice... — disse Luther. Ela não pareceu ouvir. — Alice! — Os faróis do carro brilhavam em seus olhos... iam diretamente para eles, de frente.

— Carro! — gritou Luther.

Em vez de reduzir, Alice acelerou, dirigindo reto em vez de virar, aparentemente pretendendo bater no outro veículo.

Tarde demais para fazer qualquer coisa além de se preparar para o impacto.

Então Alice girou o volante e pisou no freio, dando um cavalo de pau. O carro girou 180 nauseantes graus, mas evitando o Licker que os perseguia, que não conseguiu parar. Foi tão repentino que bateu em algo emitindo um som nojento de alguma coisa sendo triturada.

Não era outro carro indo na direção deles: era o Rolls, refletido no espelho. A criatura atravessou o vidro e se debatia loucamente. Luther torcia para que tivesse sido cortada em pedaços.

Ele se segurou enquanto Alice virava o carro, queimando pneu, para uma rua lateral. Luther voltou-se para Barry com um olhar de “eu não te disse?” e ficou surpreso quando Barry estendeu a mão para um “high-five”.

— Agora entendo por que viemos pegá-la — disse Barry.

Mas Leon estava de cara amarrada.

— Onde está Ada? — perguntou ele, curvando-se para Alice.

Ela meneou a cabeça com tristeza.

— Acho que não consegui — disse ela. — Sinto muito.

Leon soltou a respiração entrecortada.

— Você a viu morrer? — perguntou ele.

— Não — admitiu Alice.

Leon afirmou algo para si mesmo e na verdade pareceu relaxar.

— Ela sempre tem um plano.

Neste momento o vidro traseiro se espatifou em uma saraivada repentina de balas. Havia dois caminhões-plataforma perseguindo-os, um com um lança-foguetes, o outro com uma metralhadora pesada — os veículos que viram na Praça Vermelha, dirigidos por soldados da praga.

Cretinos insistentes, pensou Luther. Mas o que mais podiam fazer? Jogar boliche?

A metralhadora abriu fogo de novo e as balas atingiram a traseira do Rolls Royce. O carro não aguentaria muito mais essa tempestade de tiros, refletiu Luther.

— Rapazes — disse Alice com frieza. — Importam-se? — Mas havia uma estranha tensão em sua voz, como se ela sentisse dor.

— Por gentileza? — disse Leon a Barry, como um cavalheiro perguntando a outro se gostaria de caçar patos.

— Com prazer — respondeu Barry, prendendo o charuto sempre apagado no canto da boca. Ele se curvou para fora do vidro traseiro espatifado e disparou o rifle, seguido de Leon.

— Essa é por Sergei, babacas — murmurou Leon.

O operador da metralhadora perdeu a parte de cima da cabeça em um dos tiros de Barry, mas logo foi substituído por outro. Leon mirou atentamente no cano do lança-foguetes e disparou quando viu o clarão de sua ignição. Seus tiros se chocaram perfeitamente com a granada propelida a foguete antes que tivesse saído do cano. Todo o equipamento explodiu, dilacerando atirador morto-vivo.

Luther não tinha muita munição. Procurou atirar, mas teve medo de acertar Leon ou Barry. Então se curvou para fora da janela quebrada e disparou nos caminhões que os perseguiam, tentando acertar os motoristas.

Dirigindo furiosamente, cantando pneu nas curvas e tentando escapar dos perseguidores, Alice notou um morto-vivo Las Plagas pilotando uma moto, aproximando-se dela, com uma pistola automática na mão direita. Ela se abaixou quando ele disparou e uma rajada de balas destruiu o vidro da janela ao seu lado.

Ela se levantou o suficiente para enxergar e girou o volante para bater de lado na moto. Isso o fez se chocar em uma banca de jornal, onde a moto virou e acertou o morto-vivo como um martelo.

Depois Alice se desviou de destroços incendiados na rua, olhou pelo retrovisor e viu outro lança-mísseis aparecer na traseira do caminhão que levava a metralhadora. Houve um clarão, uma nuvem de fumaça e ela viu o foguete partindo em direção da traseira do Rolls.

Calculando bem o tempo, ela girou o volante para que o Rolls desse uma guinada e o foguete disparasse de raspão, passando pelo carro e explodindo na rua à frente. Não havia alternativa a não ser dirigir pela bola de fogo que se seguiu e Luther, inclinando-se para fora da janela e atirando nos perseguidores, gritou um palavrão quando as chamas lambeiram o sedã.

— Filho da puta!

Ele recuou para dentro do carro, impelido pela explosão. Espanou algumas chamas pequenas do casaco e se virou para Alice.

— Me avisa quando quiser fazer isso de novo — grunhiu ele.

Alice olhou pelo retrovisor e viu outro míssil RPG indo para eles com sua cauda de fogo.

— Atenção! — gritou ela, virando de novo o volante para que o projétil explodisse ao lado do Rolls, sacudindo o carro.

Ela girou o volante em uma curva fechada, levando-os para o meio da Praça Vermelha — e viu uma moto alcançando-a em rota de colisão. O motoqueiro morto-vivo disparava uma metralhadora por cima do guidão. As balas tiraram faísca do capô.

— Abaixem-se! — gritou Alice, também abaixando. Luther e os outros mergulharam justo quando o para-brisa explodiu e as balas voaram por cima de suas cabeças.

Ela olhou pelo alto do volante, viu que a moto estava a ponto de se chocar com o Silver Phantom. Girou o carro em 180 graus, abriu a porta pesada — esmagando-a contra a moto. Agindo como um mata-moscas, a porta achatou o morto-vivo, derrubando-o com a moto por cima de um monte desajeitado e ensanguentado de criaturas em chamas. Alice girou o carro novamente, voltando ao curso. E Barry falou.

— Adivinha quem voltou.

Pelo retrovisor, ela viu que o Licker gigante estava no encalço deles, perseguindo-os decidido.

16

O Licker gigante ganhava terreno. Estava mutilado, muito cortado por conta do choque na parede de espelho. E parecia seriamente irritado. Ela não conseguiria despistá-lo, não como estava fazendo. E se eles por acaso dessem de cara com soldados Las Plagas de novo seria provável que sua sorte acabasse.

Eles não sobreviveriam a outra tempestade de balas.

Ela teria que fazer alguma coisa radical, para variar. E viu exatamente o que precisava mais à frente.

A estação do metrô da Praça Vermelha.

— Quase lá! — gritou Alice.

— Onde? — perguntou Luther.

Alice olhou para o espelho novamente. O Licker estava ainda mais perto — tirando do caminho os mortos-vivos que os perseguiam, esmagando carros nas paredes decoradas da Porta da Ressurreição. O mutante rosa e gigantesco estava a um bom salto de distância do Rolls Royce, era grande o bastante para esmagar o que restava do Silver Phantom.

Não havia tempo para delicadezas.

— Segurem-se... A coisa vai ficar feia!

— Vai “ficar” feia? — Luther riu com amargura. Mas ela não se incomodou em responder.

Alice pisou fundo no acelerador, colidiu em uma obra na margem da praça e pulou em uma rampa de nacos empilhados de asfalto. O Rolls Royce voou a 6 metros do chão, formou um arco no ar e desceu com um choque agudo de sacudir os ossos a 110 km/h.

Depois mergulhou na escada que levava ao metrô.

Luther, Barry e Leon gritaram enquanto o carro quicava e chocalhava

escada abaixo, seus gritos oscilando como se fossem cantores tiroleses com o impacto nos degraus. Todos se seguraram no que puderam, as cabeças balançando a cada impacto. Alice se agarrou ao volante e viu rapidamente pelo retrovisor o Licker mutilado, ainda seguindo estação subterrânea abaixo.

Se ele os alcançasse, saltaria no Rolls Royce, abriria o carro como uma lata de sardinhas e começaria seu banquete.

Ao pé da escada havia uma arcada que parecia estar em reforma — pesadas pedras se curvavam por todo o arco. Andaimes sustentavam parte do teto. O carro chegou ao fundo e, ignorando a dor gritante em seu corpo, Alice o lançou de propósito contra o andaime — no exato momento em que o Licker saltava.

Ela pisou fundo no acelerador e se chocou contra a estrutura de aço, derrubando-o atrás do carro. O arco de pedra que se escorava nele foi abaixo junto. Toneladas de pedra e vigas desabaram sobre o Licker, enterrando-o e obstruindo o túnel atrás dela. Uma nuvem de poeira subiu dos escombros.

Alice parou o carro e olhou para trás. O Licker pelo menos estava meio enterrado.

Isso devia desacelerar o bicho.

— Estão todos bem? — perguntou ela, olhando para Luther. Ele parecia sentir enjoo.

— Vamos sobreviver — disse Leon.

— Hora de sair e andar — disse Luther.

Alice foi na frente, carregando o lança-ganchos que Ada lhe dera, assim como a pistola automática. Não muito à frente no túnel, chegaram a uma estação abandonada.

— Olá! — chamou Alice. — Podem sair agora!

O clone de Rain e uma garotinha surgiram da escuridão no outro lado do túnel, onde estiveram escondidas. A menina correu diretamente para Alice e lançou os braços em volta de sua cintura. Alice a abraçou.

— Ela foi muito corajosa — disse Rain.

Luther não disfarçou a surpresa ao ver a menina que abraçava Alice.

— Quem é essa? — perguntou.

— “Meu nome é Becky” — sinalizou a menina.

— Becky... — murmurou Alice. De repente percebeu que era a primeira vez que ouvia o nome, mas lhe parecia familiar.

Aquele estranho sonho telepático...

— “É um prazer conhecer vocês” — sinalizou Becky. Ela indicou Alice.

— “Essa é a minha mãe.”

Alice traduziu.

— Ela disse que se chama Becky, que é um prazer conhecê-los e... — Ela suspirou. — Que eu sou a “mãe dela”.

Luther a olhou de sobrancelhas erguidas.

— Mãe dela?

— É uma longa história — disse Alice, e não estava com vontade nenhuma de contar.

Leon se aproximou delas, apontando o cronômetro regressivo.

— Faltam vinte minutos.

Todos olharam a arcada desabada, ouviam o ruído de garras no metal e na pedra; o guincho abafado do mutante frustrado. Alice pensou ter visto a ponta de uma língua rosa e dentada, parecida com um cabo, lambendo por uma fresta na alvenaria caída. O Licker ainda estava vivo... e tentava se libertar.

— Não podemos voltar por ali — observou Luther.

— E perdemos o mapa com Sergei — disse Barry, balançando a cabeça, em negação.

— Eu tenho!

Alice pegou os óculos que Ada lhe dera no bolso do traje de combate. Abriu-os e os colocou, bateu na armação, depois moveu o dedo de um lado a outro da haste, rolando até conseguir os esquemas do ambiente de teste. Examinou-os, vendo os contornos cintilantes dos prédios, as ruas, os túneis.

Sua mente treinada armazenou os dados, e ela rapidamente encontrou uma rota.

— Podemos pegar este túnel... — Ela apontou para um túnel lateral que levava a uma escuridão de breu. — No final há um elevador de carga ligado aos abrigos de submarinos.

— Então, vamos! — disse Leon, seguindo rapidamente pelo caminho indicado.

Alice insistiu que Becky fosse na frente dela, assumindo a retaguarda porque estava preocupada com o Licker. Os outros entraram no túnel, e, pouco antes de prosseguir, Alice olhou para trás. O entulho além do Rolls Royce amassado começava a se mexer, a se contrair, e ela pensou ter tido um vislumbre das garras do Licker.

Ela se apressou, querendo procurar abrigo. Mais à frente, mas sem correr, estavam o clone Rain, Barry, Luther e Leon. Alice e Becky alcançaram Leon, que tinha uma pequena lanterna na mão. A luz brilhava da lanterna, iluminando sinistramente suas feições severas e decididas.

— Como foi que acabou trabalhando para Wesker? — perguntou Alice.

A resposta de Leon foi brusca.

— Eu não trabalho para ele! — Ele a fuzilou com os olhos por um bom tempo. Por fim continuou. — Mas as coisas na superfície mudaram. Todo mundo achava que seria importante ter você conosco. Wesker disse que você conhecia um tipo de arma... Algo que poderia virar a mesa. — Ele meneou a cabeça, talvez pensando em Sergei e Ada. — Mas não sei se eu teria arriscado tanto só por uma pessoa.

— Tudo bem então — disse Alice.

Não havia tempo nem espaço político, de certo modo, para tentar obter mais informações. Com o tempo, tudo viria à tona.

Mas enquanto Wesker estivesse envolvido... Alice tinha certeza de que aquilo acabaria mal.

— Beco sem saída! — disse Barry, apontando.

O túnel — só uma “fachada”, afinal — terminava em uma parede de pedra bruta. Mas em um canto uma escada de metal levava para o alto. Alice pegou os óculos de Ada e procurou a escada. Havia uma fraca luz vinda de cima.

— Elevador de acesso aos abrigos dos submarinos — disse ela. — Vamos!

Ela partiu na frente, estremecendo com a dor aguda na lateral do corpo que agora sentia a cada passo. Quando pensou que estava fora da vista dos outros, virando uma curva na escada, ela verificou o ferimento. Sangrava de novo. Ela já estava tonta e mais fraca que de costume.

Vamos, Alice, disse a si mesma. Encontre a energia e faça o que deve ser feito. Mais uma vez...

Ela ouviu um arranhar na pedra, no fundo do túnel. Não parecia humano. Seria o som das garras de um Licker, arrastando-se, procurando por eles? Ela olhou para trás e viu Becky correndo para alcançá-la. Alice sorriu para a menina e acenou.

Poderia realmente manter Becky viva enquanto sangrava aos poucos? Com a bomba progredindo para a explosão, com os soldados procurando por eles e o Licker mais uma vez em seu rastro, as chances não eram boas.

Jill e sua equipe correram pela plataforma do metrô, passando pelas imitações de cartazes russos nas paredes ladrilhadas. Ada Wong, algemada, de cabeça encapuzada, cambaleava às cegas à frente deles.

Mesmo assim, Ada era perigosa. Muito perigosa. As mãos algemadas às costas, o capuz, a vigilância constante — tudo isso era necessário. Dê a ela uma farpa que seja — só por um segundo — e ela usará essa vantagem para cortar a garganta de alguém.

Provavelmente a minha, refletiu Jill, se ela conseguir me pegar.

Ela podia ver que o caminho estava bloqueado à frente por um desabamento da alvenaria. O entulho se mexia um pouco, como se algo forçasse passagem. Seria um dos Lickers? Ela se opôs a soltar os monstros

experimentais das jaulas só para ir atrás da equipe de assalto de Ada Wong. As criaturas matariam aliados, assim como inimigos, e eram uma ameaça a Jill e seu esquadrão. Mas ela foi voto vencido e as coisas foram soltas.

Parecia a Jill que um dos Lickers já havia rompido a barricada de pedra. O outro ainda abria caminho, cavando.

Não vamos passar por aqui, refletiu ela. Era possível que Alice estivesse morta, mas de algum modo Jill não pensava assim. A Projeto Alice era esperta demais. Tentando pensar como sua presa, ela imaginou a rota que a equipe de assalto devia ter tomado. Gesticulou para um soldado, instruindo-o a verificar seu computador.

Ele assentiu e olhou o vazio, rolando as imagens.

— Eles chegaram aos abrigos dos submarinos — indicou. — Usaram os elevadores.

— Desligue a rede elétrica — grunhiu Jill.

— Sim, senhora.

Ele deu um tapinha nos óculos e emitiu as ordens.

A escada em espiral terminava em um corredor de concreto, iluminado por luzes de emergência bruxuleantes, que conferiam à passagem um efeito estroboscópico. Alice se sentia meio desorientada pela perda de sangue, e o piscar das luzes não ajudava em nada.

Foco, Alice, foco...

Eles passaram por uma porta de aço, Leon na frente, procurando soldados em volta. Sem ver nenhum, a julgar por sua reação. Depois todos saíram na sala de pedra gigantesca e ecoante — para o frio, onde a respiração formava nuvens e havia o cheiro salgado de água do mar.

— “São os submarinos?” — perguntou Becky, de olhos arregalados.

— “Sim” — respondeu Alice. — “Submarinos russos.”

Leon olhou o relógio e soltou um suspiro longo e lento.

— Onze minutos — disse ele. — Vamos ficar bem.

Mas Alice não tinha certeza. Ainda havia muitos fatores imprevisíveis e

desconhecidos entre eles e o mundo na superfície.

Leon seguiu na frente, correndo para um elevador que os levaria ao nível do embarque. Alice trotava atrás dele, segurando a mão de Becky e tentando ignorar a dor do ferimento; a sala parecia quicar em volta dela enquanto corria, como se pudesse começar a rodar a qualquer momento. Precisava de comida e descanso. Precisava de pressão sanguínea. Precisava de...

Chegue ao elevador, Alice. Ponha um pé após o outro. Continue. Não perca a consciência. Não é permitido.

A sala girava — mas ela permaneceu de pé. E lá estava o elevador.

— Subam a bordo! — chamou Luther, pulando na grande plataforma de carga.

— Segurem-se! — disse Barry enquanto Alice e Becky subiam. Ele bateu nos controles do elevador. — Próxima parada, vestiário masculino e artigos esportivos.

Ele ligou a chave, e o elevador começou a subir. Parecia que finalmente iam conseguir...

O elevador subiu dois metros do poço... E parou em um solavanco.

As luzes da câmara se apagaram, substituídas por lâmpadas de emergência fracas e vacilantes. De repente o poço do elevador parecia um atalho para o inferno.

— Barry! — perguntou Leon, lambendo os lábios. — O que é isso?

— Não sei...

Alice olhou para Becky — viu o medo no rosto da garotinha. Abraçou-a com mais força.

— “Vai ficar tudo bem...” — sinalizou.

Luther foi à beira da plataforma, abaixou-se ali e caiu ao chão.

— Aonde você vai? — perguntou Leon.

Mas Luther não precisou responder enquanto chegava ao painel de controle. Leon e Alice desceram e o seguiram — Becky choramingando enquanto Alice a deixava no elevador. O clone Rain abraçou a menina,

cochichando para ela. Barry olhou em volta, nervoso, de arma em punho.

Leon olhava para os abrigos de submarino ao se aproximar de Luther. Até o momento... nenhum sinal de seus perseguidores...

— Parece que alguém cortou a energia remotamente — disse Luther, tentando reativar o painel de controle.

— Dá para religar? — perguntou Leon.

Luther meneou a cabeça.

— Não é minha especialidade.

Leon olhou o cronômetro.

— Nove minutos. Acho que vamos ter que usar o Plano B. — Luther olhou inquisitivamente para ele. — Há um motivo para termos plantado os explosivos.

De repente uma sombra os cobriu. Garras estalavam nas pedras. Alice sentiu um arrepio e levantou a cabeça, vendo um Licker gigantesco grudado à parede pouco abaixo de um respiradouro. A criatura desenhada tremulamente na luz estroboscópica de emergência se pendurava acima da plataforma do elevador. Uma escada de ferro estreita que parecia frágil, fixada na parede, levava ao respiradouro escancarado.

A língua estava estendida, procurando, os músculos ondulavam, seu cérebro exposto pulsava. O Licker moveu-se para eles, meio rastejando, meio se arrastando. O enorme mutante rosa chegou ao alcance de Barry e, antes que ele pudesse posicionar a arma, retalhou-o com uma velocidade e precisão odiosas, rasgando-o com suas garras gigantes. Barry gritou enquanto o forte golpe o derrubava de costas na parede de concreto. Arriou, gemendo, o sangue jorrando pelo rosto, o couro cabeludo pendurado formando uma horrível aba vermelha.

Alice correu para Becky, mas era tarde demais — o Licker lançou sua língua na direção da menina, envolvendo-a, arrancando-a do abraço de Rain. Ela gritou de puro pavor.

— Não! — gritou Rain.

Ela ergueu a arma que Alice lhe dera e descarregou no Licker. Um

golpe de suas garras gigantes e ela foi lançada como uma criança apanhada por um brutamontes bêbado, girou no ar, arrancada da plataforma do elevador. Ela caiu, gritando de dor, bateu no concreto e ficou prostrada ali, como uma boneca de trapos esmagada.

Alice hesitou — e então foi tarde demais. O Licker enrolou a língua, puxando Becky para perto como um leão arrastando a presa a uma toca e se enfiou pelo grande respiradouro no alto.

Sentindo-se nauseada, Alice baixou a arma. Olhou o clone de Rain — viu Luther ajoelhado ao lado dela, verificando a pulsação.

— Está morta.

Alice olhou para o respiradouro e tomou sua decisão.

Minutos depois Alice estava no elevador de carga, verificando as armas, certificando-se de que estavam carregadas e prontas. Ciente de que os segundos se esvaíam, perguntava-se se Becky ainda estava viva.

Ela olhou para Leon e Barry.

Leon tinha voltado à plataforma, onde se ajoelhou ao lado do amigo.

— Fale comigo, Barry.

Barry fez uma careta. Seu rosto estava com fissuras, um dos lábios cortados.

— Me sinto uma merda.

Leon tirou um curativo do kit no cinto. Apertou o curativo na cara retalhada de Barry.

— Tome, isto vai ajudar. Segure no lugar.

Barry estendeu a mão fraca e apertou o curativo na pele, para que o medicamento fosse absorvido pela epiderme. Levantou o rosto e olhou nos olhos de Leon.

— Fale com franqueza. Está muito ruim?

— Bom — começou Leon pensativamente —, acho que deu uma melhorada no seu visual.

Barry riu e fez uma careta de dor.

— Filho da puta! Não me faça rir.

Leon olhou o cronômetro.

— Sete minutos e vamos dar o fora daqui. Vamos conseguir ajuda para você na superfície.

Barry assentiu. Leon se levantou e olhou para Alice, que andava para a base da escada. Ele a encarou.

— Aonde vai? — perguntou, sem acreditar.

— Vou buscá-la — respondeu Alice, simplesmente.

Leon riu amargamente e meneou a cabeça.

— Não perdi tantos amigos para você sair por aí!

— Eu pretendo voltar — disse ela calmamente.

Leon se aproximou e bloqueou seu caminho.

— Não faça isso. Você é mais importante do que ela.

— Bom, é aí que você se engana — disse Alice com firmeza.

— Isso é um erro! — insistiu Leon.

Alice lhe lançou um olhar frio e duro como diamante. Um olhar que falava eloquentemente sobre um certo conceito de perigo. Dizia, tente me impedir e eu te corto de cima a baixo.

— Saia do caminho. — Ela cerrou os dentes.

Ele respirou fundo... e saiu de sua frente.

Alice foi para a escada e Luther fez o mesmo, estendendo-lhe uma pequena lanterna.

— Leve isto — disse Luther.

Alice pegou a lanterna e sorriu para ele.

— Não vá embora sem mim.

Luther riu.

— Está brincando? Vou com você.

Alice sorriu, e em seguida o sorriso se congelou em seu rosto, sumindo enquanto soavam disparos e balas ricocheteavam em volta deles.

Luther girou o corpo, gemendo, e desceu.

Alice levantou a cabeça e viu dois soldados da Umbrella correndo para o poço do elevador, disparando suas armas. Ela sacou a pistola e revidou. Luther atirou de bruços, deitado no chão, e Leon também abriu fogo nos soldados. Os dois clones cambalearam para trás, dançando com o impacto das balas — e caíram, contorcendo-se.

Mas vinham outros, Jill Valentine e seu esquadrão tinham chegado ao abrigo dos submarinos.

— Você está bem? — perguntou Alice a Luther, abaixando-se ao lado

dele.

— Foi um tiro limpo... — Mas os dois viram que seu braço estava mutilado, quebrado. Alice balançou a cabeça, em dúvida.

— Tiro limpo? — disse. Destroçado por uma bala de rifle, o braço de Luther era uma massa disforme. Ele podia morrer de hemorragia muito facilmente.

Cerrando os dentes contra a dor, Luther se sentou, usando um pedaço de tecido rasgado para improvisar um torniquete. Olhou a escada e balançou a cabeça, e então entregou um cinto de granadas a Alice.

— Traga-a de volta.

Alice assentiu, afagou seu rosto, prendeu as granadas e pulou na escada. Começou a subir.

Leon e Luther a olharam subindo rapidamente; observaram até que ela desapareceu no respiradouro.

— Não se atrase — gritou Luther com a voz rouca.

Leon preparou as armas e procurou uma posição de disparo segura. Os soldados entraram em seu campo de visão e partiram correndo para eles.

Alice escalou pela aba do duto de ventilação. Ela estendia-se horizontalmente, um túnel de metal cinza, para a parede e além dela. Era escuro, apertado, claustrofóbico e tinha o cheiro desagradável do Licker.

Era difícil saber o que havia à frente, naquela escuridão. A criatura podia estar a um metro, em silêncio, esperando por ela, e Alice não seria capaz de enxergar. Ela relutava em acender a lanterna — podia fazer com que o Licker a atacasse e ela preferia pegá-lo desprevenido.

Ande, Alice. Não há tempo. Vá.

Ela avançou, tateando o caminho, escutando e lembrando que o tempo era curto. Apertou o ritmo, cinco, dez, vinte, trinta passos silenciosos... e parou, sentindo o movimento em seu rosto. Ela havia chegado à junção onde o túnel era atravessado por outro.

Agora não havia alternativa, precisava da luz.

Alice acendeu a lanterna, mantendo-a abaixada, para que a luz fosse o menos perturbadora possível. O poço se estendia interminavelmente para os dois lados. Ela não viu sinal do Licker, nem mesmo uma marca de garra.

Mas ali havia algo deitado, a curta distância à direita, no piso de metal. Ela se aproximou cautelosamente e percebeu que era a mochila de Becky. Alice a pegou e pendurou no ombro.

Será que Becky a largou ali para lhe mostrar o caminho? Ou a mochila caiu quando ela morreu?

De qualquer maneira, Becky tinha ido por ali.

Alice continuou e a escuridão pareceu se adensar em volta dela, a girar, sugando-a como um ralo. Puxava-a para baixo... Ela caiu de joelhos, tremendo, e sentiu um fluido quente escorrer da ferida no corpo. Sangrando de novo. Sangue demais. Ela estava prestes a perder a consciência.

Cerrando os dentes, Alice se obrigou a levantar. Sabia, por experiência própria, que se entrasse em ação a pressão sanguínea se elevaria, dando-lhe um estímulo temporário, uma muleta interna que poderia carregá-la. Mas ela também sabia que isso podia forçar o sangue para o ferimento. Apesar de tudo, precisava arriscar.

Imaginou Becky, presa ao monstro, talvez colada à parede com a teia que ele emitia da boca, enfiada em um casulo até a coisa estar pronta para rasgá-la em pedaços. A fúria inflamou-se em Alice e ela se viu avançando, ganhando velocidade, mais para dentro do túnel.

A maioria das placas em estêncil nas paredes e portas estava em uma língua que Dori não compreendia. JudyTech disse que era algo chamado “cirílico”, um alfabeto russo. Mas aqui e ali havia placas de papelão, presas com fita adesiva, traduzidas. Uma dizia CABEÇAS DE HOMEM. O que isso significava? Que havia cabeças de homem ali? Já tinha visto coisas mais estranhas.

Ela não tinha vontade de entrar naquela sala.

Esgueirando-se pela passagem estreita de aço e plástico, suas botas estalando no metal, Dori queria ter aceitado a oferta de JudyTech e deixado que ela também fosse em busca de comida. Mas, depois que elas embarcaram no submarino, Dori viu como JudyTech estava cansada. Então insistiu que a amiga repousasse em seu novo esconderijo — uma sala cheia de antigas mangueiras de lona. Tinha algo a ver com combate de emergência a incêndios, e JudyTech disse que normalmente ninguém entraria onde estava, então seria melhor ficar por ali mesmo.

As passagens apertadas e baixas eram iluminadas por luzes vermelhas e fracas, uma espécie de iluminação de emergência. Ela tirou a máscara para enxergar melhor e também tirou o escaravelho, embora soubesse que JudyTech quisesse que ficasse sempre com ela, para o caso de encontrar alguém. Ela simplesmente odiava os escaravelhos, mesmo aqueles que não funcionavam.

Dori continuou pela escuridão avermelhada. Era muito opressiva, toda aquela luz vermelha e metal. Fazia a garota pensar em sangue... e robôs.

Ela não gostava dos robôs. Havia robôs de manutenção na Umbrella e, se as pessoas entrassem em seu caminho, eles as pegavam e reciclavam.

Dori não viu robôs, nem gente, no submarino. Não devia ter sido ocupado. Não parecia haver ninguém sequer cuidando do lugar.

Teria se perdido? O submarino era tão grande e a maioria dos corredores parecia igual para ela. Dori já havia dado meia-volta, talvez irrevogavelmente.

Talvez eu deva voltar...

E então, mais à frente, uma placa com uma mão impressa em uma porta de metal oval dizia COZINHA.

Dori foi até a porta e colocou a mão na alavanca. Hesitou, depois experimentou, e a alavanca cedeu. A porta de metal grossa se abriu para dentro. Ela passou pelo batente baixo, entrando na cozinha. As luzes estavam acesas, mostrando uma sala com paredes de metal brancas e longos bancos de metal da mesma cor, tudo seguindo na mesma direção do

corredor e o sentido geral da embarcação.

Do outro lado da sala havia uma janela aberta com uma bancada de aço inox, onde a comida era passada, supôs. Ela cruzou o salão até chegar lá, subiu na bancada e passou pela janela. Lá dentro havia fornos de micro-ondas, fornos elétricos e... ali, na outra ponta, uma câmara frigorífica, com a porta de aço inox aberta.

Sentindo um rubor quente por ter conseguido cumprir a tarefa que JudyTech lhe dera, Dori cruzou o piso de ladrilhos e entrou no frio da câmara — quando de repente uma mão se fechou em sua boca, um braço a agarrou pela cintura e uma voz masculina abafada falou.

— O que será que peguei aqui? Será um dos ratos do navio?

Alice saiu em outro duto de ar, este diretamente acima dela — que continuava subindo. Ela ouvia o ar sussurrando por ele, e outro som, talvez um gemido, talvez algo respirando em um lamento. Uma luz azul fria vinha de cima e se refletia em uma camada molhada de limo nas paredes de metal. A luz caía em um casulo, colado na parede do duto a certa distância dali.

Era um casulo com tamanho suficiente para uma menina pequena. E estava se mexendo. Olhos espiavam por ele.

O coração de Alice se apertou com a visão. Pelo menos estava viva...

Avançou, procurando um jeito de subir até Becky. E então a menina libertou uma das mãos do casulo. Usou para sinalizar para Alice.

— “Armadilha” — sinalizou Becky freneticamente. — “É uma armadilha...”

Alice olhou para além de onde a menina estava, para o duto acima, onde as sombras se adensavam como teias de aranha cobertas de poeira, e só conseguiu distinguir uma forma volumosa, uma sombra mais escura que o resto, mexendo-se ligeiramente, postada ali, esperando para se jogar em cima dela.

Esperando para atacar.

Os Lickers pareciam ser a encarnação da fúria assassina, e mais nada.

Mas um dia foram humanos e retinham sua perspicácia. Havia uma maldade hibernando no cérebro humano e Alice sabia que podia ser remexida pela engenharia genética. Podia ser despertada, um inseto interior que podia assumir a mente e fazer de seus apetites monstruosos, sua ânsia para capturar a presa, o único significado de tudo. Os Lickers não eram apenas mutações, eram a personificação dos impulsos mais primitivos da humanidade, o animal dentro do animal.

Não subestime essas criaturas, disse ela a si mesma. Não se quiser que Becky viva.

Leon e Barry estavam agachados no corredor, disparando nos soldados. O fogo que era retribuído batia nas paredes de concreto como uma dezena de britadeiras. Luther atirava da plataforma do elevador. Tentavam conservar munição, que ficava escassa.

Os soldados estavam a 50 metros, agachados atrás de engradados e colunas perto dos abrigos, mirando cuidadosamente, às vezes disparando longas rajadas de metralhadora. Luther escolheu um alvo, uma cabeça com máscara preta que aparecia atrás de uma pilastra de concreto — levou a mira ao nível do olho e apertou o gatilho. A arma deu um coice em sua mão e uma névoa rosada se espalhou da figura abalada enquanto o homem tombava, morto antes de atingir o chão.

Mas as balas de outra arma inimiga chispavam no alto e ele teve que se agachar no chão para não facilitar o alvo. Parecia que reconhecia a mulher que atirava nele. Era aquela comandante obstinada, qual era o nome mesmo? Jill Valentine. A vaca atirava pessoalmente nele.

Ele imaginou pela centésima vez se Ada estava morta. Eles eram muito próximos. Talvez fosse superstição, mas achava que sentiria se ela fosse morta. E ele não sentia isso.

Você tem ideias malucas quando está sob fogo, refletiu ele. Acreditando no sobrenatural. Não existe ateísmo nas trincheiras.

Mas se Ada estivesse viva... onde é que ela estava?

Não pense nisso. A missão está uma zona. Eles provavelmente nunca tirariam Alice dali, segundo os planos. Uma porra de desperdício, e talvez eu não salve nem a minha própria vida.

Leon olhou o contador regressivo e sentiu o estômago se contrair de pavor.

1:47 — 1:46 — 1:45...

Olhou a escada pela qual Alice tinha subido. Nenhum sinal dela. E não havia mais tempo para esperar.

Outra rajada de balas veio do inimigo. Os projéteis estalavam e ricocheteavam em volta deles. Eles não suportariam muito mais disso — os soldados partiriam para o ataque logo. E o tempo continuava regredindo.

Precisava entrar em ação.

— Voltem ao elevador! — gritou, acima da barulheira dos disparos. — Menos de dois minutos! A gente tem que agir! Agora!

Barry balançou a cabeça, em negativa.

— Vá você. Vou esperar um pouco aqui...

— Barry...

— Quando a contagem chegar a zero, você deve estar no elevador e alguém precisa ficar aqui. Além disso... — Ele disparou outra série de tiros, reprimindo uma investida dos soldados. — Eu até que estou curtindo.

Leon balançou a cabeça. Conhecia Barry havia muito tempo. Eles já tinham perdido Sergei. Talvez Ada também. Ele não conseguia manter a missão unida — pelo menos teria que levar Barry de volta. E sabia muito bem o que Barry pretendia fazer. Bancar a porcaria de um herói. Tinha que haver outro jeito.

Barry disparou outra rajada, trocou o cartucho e então voltou-se para Leon, carrancudo.

— Ainda está aí? Vá!

Leon suspirou... e se virou.

Às vezes simplesmente não há outro jeito.

Parada a um passo do duto sobre sua cabeça, Alice verificou o lançaganchos e se certificou de que estava pronto para disparar. Sabia que, se pisasse no quadrado de luz sob o duto, o Licker atacaria. A não ser que ela atacasse primeiro.

Alice segurava a arma na mão direita, virada para cima. Uma fração de segundo faria a diferença naquele momento. Tinha que dar certo — Alice só tinha uma chance. E era melhor que estivesse certa sobre onde o Licker estava empoleirado...

A criatura mutilada montara pessoalmente a armadilha para ela. Alice tinha certeza disso. Ela o enganou, fazendo com que corresse direto para uma parede de espelhos e se cortasse gravemente. Alice derrubou uma arcada de pedra em cima dele. O Licker sabia quem era seu inimigo. E, se a apanhasse, provavelmente levaria um bom tempo para matá-la. Podia mantê-la viva por dias, mastigando-a lentamente.

Você não vai ter essa chance, monstro. Pegou a refém errada.

Chegou a hora. Ela estava tonta devido à perda de sangue, mas também cheia de adrenalina, pronta para a luta.

Alice pisou no quadrado de luz, mirando e disparando no mesmo movimento. O Licker também atacou, disparando a língua, o cabo rosa partindo diretamente em sua direção. Mas o gancho subiu, subiu, e passou direto pelo Licker, bem como ela havia planejado, prendendo no concreto da parede. Alice apertou o botão “Rebobinar” e o cabo se retesou. Ela se escorou, pronta para o que viria.

De repente foi lançada para o ar, puxada pelo cabo a 110 km/h, usando cada gota de energia que lhe restava para se segurar com a mão direita. Na outra mão, ela tinha sua pistola automática.

A língua dentada e comprida passou por ela... errando. Mas Alice não errou. O cabo a puxou para perto da criatura e ela pôde ver com clareza, delineada contra a escuridão. Apertou o cano da arma em sua cabeça ao passar por ela, rápido demais para que ele a pegasse — e disparou,

pressionando o gatilho, virando a arma para manter o cano apontado para o cérebro com textura de couro da coisa ao passar zunindo por ela, rumo ao gancho.

As balas transformaram aquele cérebro em pedaços. Instantaneamente o Licker estremeceu e desabou... caindo do duto.

Ao chegar ao topo, Alice ajeitou o lança-ganchos, depois desceu até a menina, parando em uma saliência ao lado dela.

— Becky! — Ela usou a faca, libertando-a. Logo a garotinha já fazia sinais.

— “Obrigada, mamãe... Eu sabia que você viria!”

Alice a abraçou e ficou paralisada, ouvindo. Os gritos sobrenaturais de outros Lickers soavam pelo duto de ventilação. Ela olhou para baixo e viu um enxame de Lickers se arrastando para elas. A Umbrella deve ter soltado todos os seus mutantes em uma tentativa desesperada de deter Alice e a equipe de assalto.

Se aquelas coisas alcançassem as duas, não sobraria nada além de poças de sangue. Ela não podia lutar com todos. Então Alice se escorou e puxou o cabo. O gancho estava preso no concreto e não queria se soltar. Ela deu mais um puxão forte e o gancho se soltou, enrolando-se novamente na arma.

— “Vamos!” — sinalizou ela, pegando Becky pela cintura, levando-a pelo duto horizontal, mais para o fundo da Umbrella Prime.

Ela não sabia onde iam sair. Simplesmente corriam para o desconhecido.

18

O integrante da equipe de assalto ainda de pé disparava rajadas seguidas, esgotando a munição, mas mantendo o esquadrão de Jill efetivamente afastado. Agachada atrás da pilastra de concreto, ela gritou as ordens.

— Tragam a prisioneira!

Com sorte, a equipe teria uma reação emocional estúpida e cega o bastante para se sacrificar na esperança de salvar Ada Wong.

O clone de Rain empurrou a mulher ferida e espancada para a linha de fogo. Estava de capuz, e Jill o tirou para que eles pudessem ver claramente quem era. Algemas eletrônicas prendiam os pulsos a suas costas e “Rain” apertou a arma em sua cabeça.

— Cessar fogo! — gritou a soldado. — Ou a executarei!

Ada lutou para se soltar, mas a soldado bateu com força na cabeça dela e a prisioneira caiu de joelhos.

Os disparos da equipe de assalto cessaram.

— Agora! — gritou a soldado. — Joguem as armas e saiam!

E Jill esperou.

Subindo na plataforma do elevador, Leon murmurou para Luther.

— Amarra o corpo na plataforma!

Luther se perguntou pelo que exatamente Leon estava esperando. Mas quando pensou na instalação dos explosivos e no fato de que a maré estaria em seu máximo, ali em cima, achou que sabia.

Por isso tirou o cinto, trabalhando com apenas uma das mãos — o braço ferido estava dormente —, e o enrolou em uma grade da plataforma, depois envolveu a outra ponta do cinto no braço bom.

Leon tentou ver o que os soldados faziam, mas havia uma pilastra na

frente. Não sabia o que estavam inventando. Depois olhou para o seu camarada.

— Barry! O que está fazendo? — disse ele.

O homem ferido olhou para Leon e Luther, assentiu para Luther, depois se virou para Leon.

— A gente se vê por aí, amigo!

— Barry... Não! — gritou Leon.

— Saiam agora, ou ela morre! — gritou a soldado.

Barry saiu à plena vista, de mãos erguidas, as armas no alto — e o soldado abriu fogo nele.

Vários tiros atingiram seu peito e ele soltou as armas. Foi arrancado do chão e caiu de costas, sentindo frio e ouvindo os ossos esfaļalhados pelas balas, raspando uns nos outros. Antes de bater no chão, levantou a cabeça e viu uma de suas armas se aproximando, girando. Neste instante o tempo pareceu ficar mais lento para Barry. Como se deixasse que ele prolongasse toda a experiência, seus últimos segundos vivo.

Ele viu a arma voando para perto. E sibilou um “Fodam-se!” enquanto a pegava no ar, os dedos instintivamente achando a coronha e o gatilho. As forças lhe escapavam, mas ele tinha o suficiente delas para mirar e atirar.

Um tiro.

O soldado de preto caiu com uma bala na cabeça.

Rá, nos vemos no inferno, seu filho da puta.

Os outros soldados abriram fogo, os tiros o dilaceraram, derrubaram-no no chão como que pisoteado por um brutamontes invisível. A escuridão cresceu por causa dos ferimentos — era como se ele estivesse sangrando as trevas, e o mundo se inundasse delas. Depois ele se afogou nesse escuro, afundando.

Mas sorriu ao morrer.

— Quem é você? O que vai fazer?

O homem carrancudo não respondeu na hora. Limitou-se a sorrir para Dori com os dentes amarelos e irregulares. Era mais velho, com uma cara vermelha e cabelo ruivo crespo raiado de cinza. Vestia um macacão de mecânico, ensebado e sujo de graxa, e tinha uma arma grande e preta na mão, apontada para Dori.

Eles estavam sentados a uma das mesas, um de frente para o outro, enquanto o estranho analisava Dori demoradamente; pelo menos era o que parecia fazer. Quem sabia o que tinha em mente? Ele a olhava de um jeito muito estranho...

Por fim falou.

— Meu nome é Tom Peper. Eu trabalhava para a Umbrella. Como você, talvez... Só que você não sabia disso. Estou achando que você é um clone. É, menina?

Ela assentiu e ele continuou.

— Foi o que imaginei. Essa roupa de combate não cai muito bem em você... É jovem demais para ser soldado. Então, imagino que também esteja se escondendo, como eu. Mas isso não prova que eu possa confiar em você. — Ele parou por um momento e continuou. — Eu sou mecânico. Quando os mortos-vivos começaram a tomar o lugar feito baratas, ora, isso encerrou meu trabalho. Meu parceiro na oficina de caminhões tentou me devorar. Tive que matar o pobre filho da puta. Lamento ter feito isso com ele.

— JudyTech disse que eles deixam de ser quem eram — disse Dori, tentando parecer tranquilizadora. — Ela disse que as pessoas que eles costumavam ser estão mortas. São só os corpos com uma doença. Ela disse que é como se o vírus usasse o corpo para pegar uma carona e conseguisse combustível comendo as pessoas.

— Caramba! — Ele riu. — É muita informação saindo de uma menininha tão nova.

— É você que está falando demais — respondeu ela, meio indignada. — E não sou assim tão nova... Cronologicamente, tenho só 3 anos, mas minha maturidade é de 15.

— É mesmo? Bom, eu tenho 52. Cada centímetro de mim tem essa idade. Mas então sua amiga está certa... Ele não era mais meu parceiro. Só seu corpo que se transformou em algo desagradável. Então tive que achar um emprego na Umbrella, porque era só lá que tinha alguma coisa acontecendo. A gente via um helicóptero sobrevoando e tinha o emblema deles. Não se via mais outra aeronave por aqui. E eu tinha um irmão mais novo e inteligente... na verdade, meio-irmão... que nem conhecia muito bem. Fomos criados em lugares diferentes. Mas ele trabalhava na Umbrella e eu tinha o celular dele. Eles ainda estavam trabalhando naquela época. Então ele me trouxe para cá... E acabou não sendo muito melhor que lá fora.

— Você é o mecânico do submarino?

— Não, eu... — Ele tombou a cabeça de lado e a olhou com os lábios franzidos. — Posso confiar em você? Essa é a questão. Você não tem um escaravelho... Nem parece ter idade suficiente para ser soldado ou... agente deles. Mas, quem sabe? Pode ter câmeras nos olhos. Pode ser um robô ou um mutante. O mundo está louco... e foi a Umbrella que o deixou assim.

— Bom, e como eu vou saber se posso confiar em você? — respondeu Dori. Mas ela descobriu que não tinha medo de Tom Peper. Não sabia por quê, uma vez que ele a agarrou e tinha uma arma grande na mão.

— Por que não confiaria? — perguntou ele, parecendo surpreso.

— Para começar, você está apontando uma arma para mim.

Ele baixou os olhos para a arma.

— Meio que me esqueci disso — confessou. — Tudo bem, vou baixar a arma... Mas não faça nenhum movimento estranho.

Ele colocou a arma diante de si, depois olhou filosoficamente para o teto, parecendo considerar como continuar sua história. Ela teve a impressão de que ele não falava com ninguém havia um bom tempo e que estava gostando disso.

Dori ficou de olho nele, mas foi rápida e pegou a arma, apontando para ele.

— É isso que chama de movimentos estranhos? — perguntou ela.

Os olhos dele se arregalaram.

— Você é rápida, garota!

— Recebi uma transferência de Alice para alguns reflexos de luta. — Ela gesticulou com a pistola.

— Cuidado com essa coisa!

De repente uma voz surgiu atrás dela e Dori deu um pulo, quase deixando a arma cair.

— Você não respondeu à pergunta — disse a voz. Ela não precisou se virar. Sabia que a voz era de JudyTech.

Tom se virou e olhou.

— Você deve ser a tal Judy — disse. — Judy Tucker, ou Tecker, ou sei lá o que ela disse.

— Sou Judy Gordon. Ela me chama de JudyTech. Fique de olho no homem, Dori. Não sabemos se podemos confiar nele. — Depois ela olhou ao redor. — Mas vamos pelo começo... Tem alguma comida aqui?

Tom suspirou.

— Sim. Sim, tem...

— Então é melhor comermos logo. Há um tiroteio lá fora... e as coisas podem piorar. Quem sabe o que vai acontecer? Podemos ficar em segurança aqui ou não. Mas vamos precisar de nossas forças.

Alice desceu do duto, depois segurou Becky, que também desceu. Elas se viraram e olharam ao redor. Estavam em uma imensa câmara circular, de 30 metros de altura. Em volta das paredes havia tonéis transparentes e cilíndricos de crescimento — e neles havia clones, presos a tubos e fios, cada um deles flutuando em dormência, esperando alguém ou algo que por

fim os despertasse.

Uma dezena de clones era parecido com Rain. Ao que parecia, ela era um modelo popular. Alice supôs que adquiriram o DNA da verdadeira Rain quando ela trabalhava para a Umbrella.

Pelo canto do olho, Alice detectou movimento em algum lugar nas sombras. Observou... E esperou.

O grupo seguinte de clones era todo de Alice.

— “Mamãe, quem são eles?” — perguntou Becky, a voz traindo seu choque. Fazia os sinais enquanto falava e olhava os clones. Da mulher que pensava ser sua mãe. E, ao lado delas, uma fila de outros clones...

Becky. Muitas e muitas Beckys.

Houve mais movimento na parte escura da sala grande. Um Licker, entrando furtivamente em seu campo de visão. Em volta delas. Ela começou a puxar os pinos das granadas, ajustando o temporizador de cada um deles...

— “Mamãe, o que elas são?” — repetiu Becky, olhando os clones das garotinhas, dormindo tranquilamente em seus tonéis. Ela se virou para Alice.

— “Mamãe, quem é você?” — perguntou ela.

Alice não sabia como explicar os clones a Becky, não resumidamente — e não havia tempo para conversa nenhuma. Assim, não respondeu, só continuou preparando uma granada depois de outra.

— “Você é minha mãe, não é?” — sinalizou Becky desesperadamente.

Enquanto o Licker se aproximava, Alice derrubou o cinto de granadas incendiárias que Luther lhe dera. As granadas rolaram, soltas, zumbindo em alerta.

— Agora sou — sinalizou Alice. Subitamente ela segurou a menina no braço esquerdo, com a mão direita disparando o lança-ganchos para o teto. Enquanto fazia isso, o gigantesco Licker ergueu-se para ela, lançando sua sombra sobre as duas. As mandíbulas estavam escancaradas, os dentes de navalha brilhavam, a língua se desenrolou...

E então o gancho se prendeu no teto e Alice o rebobinou para que ela e

Becky fossem puxadas para cima no momento em que as granadas espalhadas explodissem no chão. Um lago de fogo de napalm se espalhou pela sala, consumindo o monstro e enviando uma onda de calor até elas.

A criatura gritou de um jeito quase comovente enquanto era cozida viva. Mas Alice não sentiu pena nenhuma.

O soldado se esgueirava junto da parede na esperança de chegar ao elevador sem ser visto e planejando atirar nos dois alvos no segundo em que chegasse ali. Pegaria a todos desprevenidos e explodiria suas cabeças. Seu nome era Carlos e ele tinha se apresentado voluntariamente para este serviço.

Tinha que se sair bem.

Este era o dia em que ele finalmente conseguiria fazer com que Jill Valentine o notasse. Ele vivia para agradá-la — era o que o mantinha em frente, fingindo. Seu escaravelho não funcionava muito bem. Algo nele havia quebrado e não transmitia muita coisa. Então lhe surgiram muitos impulsos desconhecidos, coisas que os outros não sentiam.

Às vezes ele fantasiava em retirar o escaravelho de Jill e levá-la com ele para fora dali. Mas para onde iriam? O mundo era um inferno muito pior lá fora do que era ali. Então ele esperou. E, quando pudesse, tentaria impressioná-la, assim ela o manteria por perto.

Agora ele se aproximava furtivamente do elevador e se afastava da parede. Ali estavam eles. Designações “Leon” e “Luther”.

Bem, Leon, pensou ele, sua nova designação é “exterminado”. Ele olhou pela mira do rifle e apontou para a cabeça de Leon.

O alvo olhava o relógio e dizia algo ao homem que estava com ele, balançando a cabeça.

Na superfície, a maré alta agitava-se em volta da base das torres de ventilação. No momento exato, as bombas instaladas nas torres explodiram, espatifando os ventiladores, fazendo com que as estruturas desmoronassem

para dentro.

Os escombros caíram pelos dutos, seguidos por uma precipitação de incontáveis toneladas de água salgada...

No momento em que Carlos estava prestes a apertar o gatilho e mandar Leon para conhecer seu criador, um estouro triplo de uma série de fortes explosões fez o piso tremer... e Carlos errar o tiro.

As balas passaram zunindo por Leon, que pulou para trás, entrando ainda mais na plataforma do elevador. Carlos disparou de novo, mas não tinha mais um bom ângulo de tiro. E estava ciente do rugido de trovão, um rugido que ficava cada vez mais alto.

— Corram!

Era a comandante Valentine, e quando Carlos se virou para saber o que ela queria dizer, viu chegando ao abrigo dos submarinos uma onda de maré impetuosa. Uma muralha de verde-mar, pontilhada de gelo, como se as placas de gelo flutuantes fossem dentes, rugindo enquanto iam na direção deles...

Ele encarou a onda e percebeu que não havia para onde correr. Não conseguiria encontrar um abrigo. Ele se afogaria para onde quer que corresse. Não havia tempo para chegar aos submarinos.

A temperatura caiu, era uma exalação gelada da onda que corria para ele, empurrando o ar super-resfriado. Não teve que esperar muito. Um segundo depois, as mandíbulas verdes se fecharam sobre ele.

Enquanto os níveis superiores das instalações eram rapidamente inundados pela água do mar e pelo gelo triturado, os elementos invasores

exerciam uma pressão colossal sobre as estruturas internas da Umbrella Prime e assim a estrutura gigantesca e subaquática não se sustentaria por muito tempo.

Começou a implodir.

Ao barulho das águas estrondosas crescendo somavam-se os estalos, estouros e guinchos da ruptura das vigas de metal, um pandemônio de sons gerados por um colapso em escala titânica.

Na plataforma do elevador, Luther olhou a escada que Alice usara para subir ao duto de ventilação.

— Ela não conseguiu — disse ele. Estava chocado por ela não ter conseguido. Havia pensado que se alguém poderia fazer isso era Alice... Porque ela era maior que a vida.

Leon segurava-se à grade e gritou mais alto que o barulho da água que se aproximava.

— Segure-se!

A água do mar atingiu primeiro o fundo do poço do elevador e começou a subir, arrancando a plataforma de carga de sua posição empacada e a fazendo subir como um foguete.

— Era esse o seu plano? — perguntou Luther. Este era o Plano B? Eles pretendiam usar a água para subir à superfície?

Cretinos malucos...

A água subia em volta deles, dolorosamente fria, mas o movimento da plataforma mantinha as cabeças acima dela. Luther se perguntou se morreria de hipotermia antes de saírem dessa. Esta água era a coisa mais fria que ele já sentira em toda a vida. A única parte boa era que entorpecia o braço ferido. Um naco afiado de gelo o atingiu e Luther nem sentiu.

Está tudo bem, pensou, vou sentir depois.

A onda rugia como uma dezena de locomotivas em alta velocidade e cem escavadeiras, enchendo o espaço do tamanho de um coliseu, batendo pedaços de gelo nos submarinos... Fazendo a frota se desprender de seus

abrigos.

E então a sala ficou fora de vista e Luther e Leon ainda subiam pelo poço. Deixaram a água para trás e ela começou a escoar em volta deles, para o enorme alívio de Luther. Pedacos de gelo se espalhavam pela plataforma a seus pés.

Leon foi ao painel de controle, abrindo uma capa de plástico, revelando um botão com a etiqueta FREIO DE EMERGÊNCIA.

Manteve a mão posicionada no botão enquanto disparavam para cima, tremendo, o ar gelado soprando em uma única e pesada rajada.

Nova York. Times Square.

Os mortos-vivos vagavam pelas ruas; aqueles que os robôs de manutenção ainda não tinham apanhado. Cambaleavam errantes, de boca aberta, em uma fome eterna, enlouquecedoramente famintos, sem encontrar alívio. Algo no fundo de cada um deles, uma pequena centelha de humanidade, ansiava para que um fim fosse dado a tudo isso. Um fim para a perambulação. Um fim para a busca maquinal, a dor perpétua, a caçada febril que nunca cessava... enquanto as horas se tornavam dias sem sono, sem descanso, sem fim.

E então a mão gelada do mundo os abençoou, enfim. Ofereceu-lhes alívio. Proporcionou-lhes o término de seu inferno de mortos em vida.

Porque foi então que a onda de maré, o tsunami interno, varreu o andar de testes, esmagando prédios, achatando fachadas falsas, pegando carros e os virando como crianças rebeldes com seus brinquedos. Cartazes faiscantes estalaram e entraram em curto, cuspindo faíscas; vidraças espatifaram-se e cacos de vidro explodiram pelo ar, salpicando as ondas crescentes, misturando-se com gelo; escombros giravam como as lâminas de um triturador de lixo, cortando qualquer coisa e qualquer um que se metesse ali.

Fios elétricos cuspiam e saltavam sobre a água, depois as luzes se apagaram pela “Times Square”, como se a água do mar estivesse

metodicamente desligando os interruptores ao passar.

Os mortos-vivos foram apanhados na onda e fizeram um esforço instintivo para sair dela, para escapar. Mas no fundo, bem no fundo, algo no nível celular gemia de alívio enquanto o frio da entropia cósmica os esmagava, oprimia-os e encerrava enfim seu sofrimento, depois de tanto tempo...

Se é possível se afogar com júbilo, foi assim que se sentiram.

Cruzamento de Shibuya, Tóquio.

As telas de JumboTron tremiam, sacudiam, as imagens em loop bruxuleavam, os rostos gigantes daquela gente bonita — modelos que morreram na grande ascensão dos mortos-vivos — corroíam-se eletronicamente, distorciam-se, encaroçavam, como se estivessem se tornando zumbis digitais. O falso teto distante largava lascas de tinta e poeira; um pedaço de cornija caiu com estrondo.

Soldados confusos em serviço de limpeza olharam em volta. Alguns pareciam dar pequenos passos de dança para trás, enquanto o chão balançava...

E então a muralha de água do mar investiu sobre eles. Primeiro sentiram uma onda de ar frio, depois se viraram e viram a grande cortina branca de espuma descendo, virando carros, furgões, os corpos de clones de teste e elementos das fachadas à sua frente. Manequins arrancados de vitrines pareciam se debater, como se tentassem nadar.

Uma morsa morta de quinhentos quilos, sugada com a água do mar, atingiu os soldados enquanto a água passava em uma corredeira, esmagando-os.

Outro soldado se viu erguido por uma crescente de água, atirado de um lado a outro até que um rosto gigantesco encheu sua visão: uma modelo japonesa de duas dimensões, gigante e linda, com a boca aberta como se tragasse o soldado. Era uma face digital, crepitando e se refazendo na tela gigantesca. E a tela a tragou, de certo modo, enquanto ela era atirada de

cabeça na boca digital, chocando-se com o JumboTron, seu pescoço se quebrando.

Um instante depois uma minivan era arremessada pela mesma tela, o anúncio eletrônico explodindo em faíscas. Segundos depois, o Cruzamento de Shibuya estava submerso, a reprodução do centro comercial de Tóquio afundada na água do mar como uma Atlântida nipônica, onde os corpos de soldados giravam e se emaranhavam com os cadáveres dos mortos-vivos.

Moscou, Rússia. Praça Vermelha.

O tsunami surgiu com uma violência inexorável, atirando carros para os lados, arrancando os prédios de suas fundações e virando-os de cabeça para baixo, extraindo cabos de força e cuspidos faíscas azuis e amarelas no ar...

Os mortos-vivos Las Plagas — os soldados da praga — tentaram fugir da imensa onda, a grande bola devastadora de gelo e água marinha gelada, mas foram varridos pela montanha de água que percorria as ruas de Moscou, batendo nas torres e torcendo os minaretes do Kremlin. A onda pegou os mortos-vivos e os lançou com força nas paredes do falso Kremlin, transformando-os em uma geleia, o sangue e as entranhas das criaturas tingindo o mar de vermelho.

Uma baleia foi sugada viva pela água e acabou entrando ali. Dilacerava os mortos-vivos que se debatiam, rasgando-os com seus grandes dentes brancos. Ao chegar à superfície, um Licker errante nadou para cima, como um beemote primitivo em um mar pré-histórico, e atacou o mamífero, mordendo-o, sua língua se enrolando na mandíbula da baleia. Os dois predadores lutaram, rolando sem parar na fúria espumosa, colorindo o mar de carmim e preto.

As ondas serraram as fundações até que o modelo do Kremlin desabou e outro tsunami explodiu em um choque na enorme área de testes, transformando as torres dos minaretes em lanças gigantes, arremessando-as. As paredes e janelas estilhaçadas transformaram-se em lâminas, girando

com pontas quebradas, concreto, placas de metal e vidro em um redemoinho, um moedor de carne aquático, cortando a baleia e o Licker em pedaços, decapitando alguns zumbis e afogando o resto.

Deixando os mortos-vivos da Praça Vermelha realmente mortos, enfim.

O tsunami urrava pelas ruas silenciosas e arborizadas do subúrbio, pegando casas e fazendo delas navios temporários, esmagando-as umas contra as outras até que se desfaziam e afundavam.

A onda gigante de água do mar arrancou postes telefônicos e fez com que fios elétricos faiscantes chicoteassem pelo ar, cortando a folhagem das falsas árvores de folhas de seda. Inundou as ruas e as lavou dos corpos abjetos que se decompunham em seus cruzamentos.

E a onda atingiu com violência a grande casa onde o clone de Alice fora morto tentando salvar a filha. Aqui o clone designado “Todd” ainda vagava, esquecido pelas equipes de limpeza. Foi apanhado em uma sala do porão, mastigando a perna de um dos soldados que Alice matara, roendo a perna como um lunático senil mascando uma coxa de frango cru.

De repente a água girou e subiu em volta dele e, com a perna decepada e esfarrapada presa na boca, o zumbi tentou agarrar a água crescente, para sufocá-la, afastá-la dele.

Mas o morto-vivo Todd foi erguido, sugado para a escada por uma corrente poderosa, depois saiu por uma janela quebrada. Ainda com a perna humana semidevorada na boca, ele fez tentativas que lembravam vagamente um nado cachorrinho, até que foi tragado em um redemoinho. Lá as molduras das janelas quebradas com seus dentes de vidro serraram sua espinha e a barriga, cortando-o ao meio e fazendo com que as metades valsassem juntas em sangue negro e podre, descendo para as profundezas gélidas.

No submarino, Dori, JudyTech e Tom dividiam uma lata extraordinariamente grande de carne de porco e feijão quando ouviram um

estrondo distante, seguido por uma estranha vibração que logo aumentou.

— Mas que diabos — grunhiu Tom.

Um minuto depois o submarino tremia, o convés balançava sob eles e Dori foi atirada na antepara. Ela puxou o ar pelos dentes, sentindo dor por conta do ombro machucado.

— Você está bem, menina? — disse Tom, pegando-a pelo braço. O submarino arremeteu mais uma vez e ele a segurou para que não caísse de novo.

JudyTech, que agora segurava a arma, olhou fixamente para Tom.

— Vamos sair daqui — disse ela, apontando a arma para a porta —, voltar para o nosso esconderijo.

Tom assentiu. Havia enchido uma mochila com comida enlatada e a pegou, depois desceu a estreita passagem — Tom na frente, JudyTech mantendo-o ao alcance da pistola, Dori atrás —, passando por placas em cirílico, até que deram na porta com a placa grosseira: DEPÓSITO DE COMBATE A INCÊNDIOS.

— Aqui! — JudyTech o instruiu. — Entre!

Tom entrou sem reclamar e elas o seguiram, Dori hesitando à porta, escutando quando esta se fechava.

Ela ouviu uma coisa...

— Tem alguém ali em cima... Vozes! — Ela também ouvia passos e pessoas gritando ordens.

— Entre e feche a porta — ordenou JudyTech. Ao dizer isso, ela se virou para Dori e um pouco para Tom, que rapidamente arrancou a pistola de sua mão.

— Rá! Isto é meu, obrigado! — Ele apontou a arma para JudyTech e disse a Dori: — Agora vocês duas entrem aqui e, garota, feche essa escotilha!

Dori não sabia o que fazer. Não podia abandonar JudyTech e parecia haver soldados em outras partes do submarino. Então ela e Judy entraram; Dori fechou a porta e a trancou.

Ali dentro, a luz era amarela e o longo porão de 18 metros continha principalmente velhas mangueiras de incêndio estendidas em prateleiras de alumínio, muitas mofadas e esburacadas, provavelmente inúteis em um incêndio. Artefatos da era soviética.

Tom colocou a mochila no chão.

— Foi aqui que escolheu se esconder? — Ele olhou em volta, aprovando. — Inteligente! Muito inteligente! Eles não devem vir para cá, a não ser que precisem, e podemos estender essas mangueiras, tirar uma soneca nelas... Talvez até se esconder embaixo delas. Bem pensado. — Ele assentiu consigo mesmo. Depois olhou a arma na mão. — Eu sou mecânico, e não soldado. Não gosto muito de armas. Estou ficando velho demais para todo o estresse de não ser capaz de confiar em ninguém. Não suporto mais.

“Por isso desertei da Umbrella e me escondi aqui. Eles iam logo colocar em mim um daqueles malditos escaravelhos, como fizeram com meu irmão. Mas comigo não, senhora. Mas então...”

Ele virou a arma e a ofereceu a JudyTech, pela coroa.

— Fique com isso. Se vou confiar em você... Bom, você tem que saber que pode confiar em mim.

Alice e Becky entraram em um duto no teto da sala dos clones, subindo dali para um espaço de manutenção estreito, e moveram-se apressadamente por um passadiço usado pelos engenheiros que trabalhavam nos complexos sistemas de eletrônica, hidráulica e ventilação das instalações.

As paredes tremeram e rangeram; o rugido da água corrente estava cada vez mais alto. Elas sentiram a reverberação das explosões sobre suas cabeças. Alice ouvira o tsunami interno trovejando pela Umbrella Prime e

adivinhou o que tinha acontecido. A contagem regressiva se completara.

Alice respondeu às perguntas de Becky o máximo que pôde, resumindo a história das instalações e dos clones. Como era o mundo real lá fora. Como tudo que ela vivera era artificial, usado para lhe dar o senso de um passado.

— “*Tudo um teste*” — sinalizou Becky, balançando a cabeça com um misto de surpresa e tristeza. — “*Só um teste. Isso é...*” — Ela hesitou, sem saber como encontrar palavras para o que sentia.

— “*É cruel*” — sinalizou Alice. — “*São pessoas cruéis. Mas nem todos são.*” — Mas a maioria das pessoas morreu, refletiu. Ela explicou um pouco sobre os mortos-vivos e os Lickers. Mas era demais, chocante demais para a menina.

Tudo um teste...

Às vezes Alice achava que toda a existência era um teste. Só outra área de testes, armada por alguma entidade desconhecida. Porque ela se sentia constantemente testada. Até agora, havia passado nos testes que determinavam a sobrevivência. Mas havia outros em que ela falharia.

E um dia ela falharia no teste de sobrevivência. Ainda assim... todo mundo um dia falhava, quer morresse em uma cama... ou fosse baleado por um soldado clone.

Alice tentou seguir na direção do poço do elevador, usando as plantas que memorizara, e de súbito uma viga abalroou a parede, lançando nacos de concreto e fazendo muito barulho. Havia uma estaca de aço pesada espremida bloqueando parcialmente o passagem enquanto as instalações em implosão estremeciam e se deslocavam. Parecia que toda a estrutura empenava para dentro.

Becky começou a gritar sozinha e Alice a abraçou.

— “Nós chegamos até aqui. Vamos conseguir! Venha...”

Ela deu um beijo no topo da cabeça da menina, pegou sua mão e a ajudou a subir na viga, desejando ter a confiança que aparentava. Elas correram, o prédio soltava ruídos de trituração em volta delas, parecendo

estar a ponto de desabar inteiramente.

Elas deram em um elevador de serviço. Alice abriu as portas e olhou o poço: enchia-se de água salgada, espumando com gelo quebrado.

— Por aqui, não — disse ela. — Venha, acho que é por ali... — Ela se lembrou de que a menina não podia ouvi-la e repetiu com sinais.

E elas avançaram.

O elevador de carga que levava Luther e Leon tinha sido jogado para cima pelo gêiser de água do mar, impelido a um silo maior, subindo rapidamente para o gélido mundo exterior. Durante um tempo, parecia que nunca reduziriam a velocidade.

Mas por fim a pressão se equalizava, a força da propulsão se esgotava e o elevador começou a reduzir. E, com isso, só o que o mantinha suspenso no poço era a pressão da água, que certamente diminuiria.

Luther sabia que, quando a pressão da água sob a plataforma caísse, eles seriam jogados na água... Na água gelada, em que um homem não podia sobreviver... não muito. Era só uma questão de tempo.

E então aconteceu: a plataforma começou a cair. E a cair rápido...

Leon apertou os Freios de Emergência. E a plataforma reduziu o ritmo, chiando até parar com um solavanco, presa ao lugar, com a água girando em volta de seus tornozelos. Soltando o cinto da grade e tremendo incontrolavelmente, Luther olhou para cima. Ainda estavam a 30 metros da superfície.

Não seria fácil percorrer esse trecho com apenas uma das mãos; se é que ele poderia fazer isso.

— Agora subimos — disse Leon.

Luther tinha suas dúvidas, mas partiu para a escada.

E então ouviram um estrondo abaixo deles. Era uma grade do passadiço de metal que se mexia, rangendo — depois se soltou da parede do silo. Leon e Luther olhavam atentos — preparados para soldados ou Lickers.

Foi quando Alice e Becky apareceram na grade, juntas.

Ora vejam só... Luther sorriu.

Alice olhou para eles do alto, fingindo repreendê-los. Pôs as mãos nos lábios.

— Achei que tinha dito que não sairiam sem mim!

Leon sorriu.

— Bom, talvez esta missão não seja um fracasso total, no final das contas — disse ele. — Tudo bem, Alice. Vá na frente. Suba a escada!

Alice olhou para Luther.

— Como é que ele vai...?

— Acho que sei como. — Luther subiu na escada, jogando o braço bom para cima e colocando os pés no primeiro degrau, impelindo-se mais. Sempre que subia outro degrau, o braço deslizava um pouco mais para cima, abraçando a estrutura. Era desajeitado, mas ele conseguiria.

Alice foi na frente, com Becky atrás. A empolgação substituiu o medo nas feições da menina enquanto subia. Ela veria o mundo exterior pessoalmente, pela primeira vez na vida. Teria lembranças verdadeiras do mundo real — e não transferências de clones, mentiras impressas em sua mente.

Alice torcia para que ela não achasse o mundo exterior pior que a Umbrella Prime...

20

Soprava uma tempestade. Pelos últimos cinquenta degraus o frio aumentava constantemente, Alice chegou a temer que suas mãos congelassem no metal da escada. Mas precisava chegar ao topo, subir em direção à neve na frente dos bunkers, e ela se virou para ajudar Becky.

— O... mundo... lá fora... — Tentou dizer em voz alta, mas seus dentes batiam com muita força. Ela sinalizou o resto... — “Muito frio.”

— “Nem tanto” — sinalizou Becky. — “Na maioria dos lugares. Vamos para onde faz calor.”

Alice ajudou Luther a subir, depois Leon se aproximou da beirada com os dentes batendo.

— Droga! — disse ele. — Vamos entrar no Spryte! Venham!

Alice olhou a cratera que ainda sugava o mar em um forte redemoinho em volta dos destroços dos respiradouros. Depois correram até o veículo que aguardava. Becky nunca vira nada assim e olhava em volta fascinada, mas seus dentes batiam e os dedos estavam ficando azulados.

Primeiro Alice a colocou no veículo, depois entraram, Leon fechando a porta, assumindo o banco do piloto e dando a partida no motor. De imediato, ligou o aquecedor. Ele e Luther tremiam quase incontrolavelmente, acabaram se molhando muito quando estavam no poço do elevador, e tinham gelo no nariz e nos cílios.

Foram até um compartimento na traseira e quando voltaram estavam com fardas paramilitares secas. O braço ferido de Luther foi colocado em uma tipoia, para que ele não o mexesse.

— Assim está melhor — disse ele, voltando à frente, o ar quente do aquecedor subindo tranquilizador ao redor deles. Ele vestia uma parka grossa, e Leon levou duas para Alice e Becky.

Luther estava pálido e nauseado. Afundou no assento com um leve gemido, Alice e Becky se sentaram ao lado dele. Leon se acomodou no assento do piloto, olhou o painel de instrumentos e verificou o combustível e o radar climático.

— Tempestade a cinco quilômetros. Vem daquela direção.

Alice olhou pela janela. Podia ver que chegava: uma muralha de neve se aproximando ao longe, descendo a praia, atravessando o platô acima e encrespando as ondas do mar.

Leon engrenou o veículo e desceu para a praia, onde a península se projetava no gelo compactado. Luther gemia sempre que o veículo dava um solavanco, e Alice não se sentia muito bem. A adrenalina baixava e ela estava tonta de novo.

Leon a olhou pelo retrovisor, imaginado o que Alice tinha em mente.

— Tem suprimentos de emergência no armário bem na sua frente.

Ela o abriu e pegou um kit médico, bem como latas de comida para consumo rápido. No Ártico, onde o corpo trabalhava para sobreviver em temperaturas muito baixas, comida era suprimento de emergência — o consumo de calorias, carboidratos e glicose no momento certo podia significar a diferença entre a vida e a morte.

Apesar de seus protestos, ela retirou a camisa e a parka de Luther. Enquanto o Spryte aquecido avançava, Alice borrifou antisséptico em seu ferimento. Confirmou que a bala atravessara o braço e fez um curativo. Becky olhava o procedimento com os olhos arregalados de fascínio.

— Parece que tem um osso fraturado — observou Alice. — Deve doer como se alguém tivesse quebrado o seu coração.

Ele riu.

— Pior.

Ela pôs uma gaze em seu ombro para que a pele absorvesse o analgésico.

— Pronto. Isso deve ajudar sem fazer com que você apague de sono.

— E você? — perguntou ele. — Eu te vi mancando.

Ela assentiu. Não tinha mais sentido fingir. Levantou a blusa e

desgrudou o tecido da lateral do corpo. Becky arquejou, alarmada. Alice borrifou antisséptico e um coagulante adstringente. Depois passou cola cirúrgica e uma atadura.

Também colocou uma gaze contra a dor — não tão forte quanto a que dera a Luther. Preferia manter a mente limpa. Por precaução.

E chegou a vez da comida.

— As latas de aquecimento instantâneo estão ali — disse Luther. — Uma grande invenção.

Alice olhou para Becky, depois apontou para a comida e repetiu as palavras para ela em sinais.

— O que é isso? — perguntou a menina em sua voz irregular, inconscientemente sinalizando as palavras ao mesmo tempo.

— “Experimente.” — falou Alice, que entregou uma lata à menina e disse: — “Abra a tampa e uma reação química vai começar nas laterais. Vai aquecer bem rápido. Depois, quando inchar... Está pronta. Agora tire o celofane e aí está, um cozido quente! Este é seu. Pega essa colher.”

— Está cozinhado para mim também? — perguntou Leon. Ele se virou o suficiente para apontar inquisitivamente para a comida e para si mesmo, de modo que a pergunta fosse compreendida pela menina.

— Sim! — disse Becky, fazendo um esforço para falar em voz alta. Era meio difícil de entender, mas Alice distinguiu: — Pode ficar com a primeira! — Ela parecia estar gostando, como uma garotinha brincando de comidinha.

Ela passou a lata aquecida a Leon, ele balançou a cabeça, dispensando a colher e tomou o conteúdo com apenas uma das mãos, como se vertesse na boca o café de uma xícara.

Antes de entregar a comida a Luther, Alice acrescentou o pó de um pacote rotulado com “perda de sangue”, depois colocou a mesma mistura de vitaminas e minerais na própria comida. Começou a se sentir melhor em alguns minutos. Sonolenta, mas melhor.

Becky e Luther cochilaram enquanto a tempestade ameaçava pegá-los e

o vento crescente castigava o veículo. A menina às vezes abria os olhos, encarava a paisagem desolada e meneava a cabeça, como se estivesse vagamente decepcionada.

Leon virou o veículo, seguindo a península e entrando no mar congelado. Ali eles rodaram, na sombra da península, e por fim saíram da terra, mantendo-se onde o bloco de gelo parecia mais firme. Ele a viu olhando-o inquisitivamente pelo espelho.

— Os helicópteros nos encontrarão no gelo compactado — explicou Leon. — O encontro será em uma hora. Então, senta e relaxa.

Alice se sentia melhor, mais forte, mas uma certa desorientação havia se apoderado dela, uma sensação de vazio depois do surto de adrenalina das últimas horas. Becky estava apoiada em seu ombro, roncando baixo. A menina estava simplesmente exausta. Contorcia-se e gemia dormindo. Suas mãos sinalizavam, incompreensíveis, enquanto dormia. Alice pensou ter visto o sinal para irmãs. E um para vidro.

Ela deve estar sonhando com os clones, refletiu Alice, aqueles nos tonéis. Era uma coisa muito complicada de se processar. Alice vira o mesmo em outra instalação da Umbrella. Libertara centenas de cópias de si mesma — centenas de Alices — e as vira morrer. Lutou contra cópias dela própria e as viu sendo eliminadas. Não pôde ajudá-las. E cada clone morto era idêntico a ela.

Alice às vezes ainda tinha pesadelos com isso. E tinha certeza de que Becky teria pesadelos com o que vira nas últimas horas, talvez por anos. Se sobrevivesse tanto tempo.

Ao pensar nos clones e no cruzamento de Shibuya em Tóquio, lembrando-se da certeza de ter matado Wesker, Alice divagava.

Mas o que é real afinal de contas?

Ela se virou para olhar pela janela, tentando ver o céu. Podia ver as nuvens passando em segundos, impelidas pelo vento da tempestade, com pressa para chegar a algum lugar. A fraca luz do sol as invadia de tempos em tempos, entrando no veículo, aparecendo quando as nuvens disparavam,

depois sumia de novo.

É claro que parecia real.

— Você está bem? — perguntou Luther. Ele a fitava com uma expressão preocupada.

Alice assentiu.

— O que está olhando? — perguntou ele.

— O céu. — Ela hesitou. — O mundo real.

Ele abriu um sorriso fraco.

— Tem dúvidas?

— Só verificando.

Eles saíram da península e avançaram mais no gelo enquanto o clima congelava em volta deles.

— Tem certeza de que este gelo é... bem grosso aqui, Leon? — perguntou Luther.

Leon olhou para ele com irritação, depois pareceu reconsiderar — talvez pensando em tudo o que passaram juntos — e assentiu.

— É bem grosso, parceiro. Confia em mim.

Alice pensou ouvir o gelo ranger sob o peso do Spryte. Pensou no aquecimento global e se perguntou se Leon não estaria confiante demais.

A tempestade os pegou em cheio, com ventos de 150 km/h esmurrando as janelas, fazendo a estrutura de metal ranger, soprando neve em volta deles, gemendo e suspirando. Lá fora, era um branco total. A nevasca cobriu o mundo e por fim tragou completamente o veículo.

Alice esperava que Leon reduzisse a velocidade, mas ele continuou em frente no mesmo ritmo.

— É melhor acender as luzes — disse Luther.

Leon assentiu e virou uma chave.

Alice olhou de relance para Luther e pensou que ele oscilava um pouco no assento. Ele perdera mais sangue que ela, deduziu, e podia ser o início de uma infecção. O tratamento que lhe ministrara ajudaria, mas ele precisava de um hospital.

Algo que na realidade não existia mais...

Ela se sentia melhor, embora ainda não estivesse inteira. Suas mãos estavam pálidas e tremeram quando as tirou de seu repouso sobre os joelhos. Alertado pelo movimento, Luther a olhou.

— Você está bem?

— Melhor que você — disse, afagando seu braço bom.

Ele estava bem doente. Os tiros fazem isso com você. Depois ela abraçou Becky, e a menina se aninhou nela. Alice deitou a cabeça no cabelo da garota, reconfortando-se naquele cheiro acolhedor e simples.

Você é minha mãe?

Agora sou.

Ela esperava poder viver para cumprir sua palavra.

Alice fechou os olhos e caiu em um sono inquieto.

O sonho começou mais ou menos bom — baseava-se em memórias autênticas.

Alice revivia a noite em uma cerimônia de premiação, onde esperavam que ela aceitasse uma das placas de reconhecimento a funcionários dadas pela Umbrella Corporation nos tempos em que a empresa ainda era apenas outra importante multinacional.

Antes da invenção dos escaravelhos.

O controle da mente era muito mais fácil que os recursos humanos das antigas. Funcionários de mente controlada nunca pediam aumento, jamais formavam sindicatos. Os escaravelhos eram o instrumento perfeito para os recursos humanos corporativos.

Recebera duas placas por seu trabalho na segurança. Para ganhar esta última honraria, protegeu o laboratório de algo que lhe disseram ser uma “invasão terrorista”. Alertada pelos computadores de segurança, Alice atirou nos três criminosos que tinham invadido o laboratório. Isso foi um ano antes de inaugurarem a Colmeia. O incidente a levou ao cargo de chefe de segurança.

Bem antes de as coisas desmoronarem, ela percebeu que os “terroristas” eram militantes que tentavam confirmar boatos de que a empresa fazia experimentos secretos em seres humanos — sem-tetos apanhados à força, prisioneiros requisitados de presídios particulares. Os experimentos em geral matavam o participante... ou lhes causavam algo pior que a morte.

Alice recebera a placa da empresa em parte graças a seu “marido”, Spence Parks. Spence fora encarregado de proteger a entrada da Colmeia contra xeretas e investigadores... E eles fingiram ser o rico casal que morava na Mansão. E, sim, houve uma ligação amorosa entre eles ali — ou talvez fosse apenas sexual. O cara era um filho da puta cruel, mas era bom de cama.

Ela aceitou a placa, e até aquele ponto o sonho era bem nítido. Mas, ao se virar, Alice olhou a plateia e viu um homem de smoking. Ele entrou em convulsão, cuspidando uma espuma vermelha, caindo... apenas para em seguida se colocar de pé em um salto e cravar as mandíbulas na cara da mulher de vestido elegante, balançando a cabeça como um pit bull agarrado à presa, de um lado a outro, para arrancar do crânio o rosto da mulher. Ela gritou e morreu, e quase de imediato se levantou e perseguiu outros membros da plateia que já gritavam em desespero.

Uma garotinha agarrada à mãe gritou enquanto um morto-vivo gordo rasgava a garganta da mulher. A garotinha correu em terror para o palco, e sua figura se transformou em Becky. Então Alice tentava ajudá-la a subir enquanto um morto-vivo agarrava os tornozelos da menina, mastigando um dos sapatos.

Alice pegou a menina aos gritos e as duas correram para os bastidores, passando por cordas que supostamente deviam controlar as cortinas. Estas se tornaram laços de força que se transformavam em coisas vivas e predatórias, uma delas se apertando em volta do pescoço de Spence, erguendo-o do chão, asfixiando-o. Seus pés aos chutes estavam fora de alcance.

Não posso ajudá-lo, pensou Alice.

Segurando a mão de Becky, ela passou correndo sob os pés que se debatiam até uma porta de saída. E então Alice ouviu um riso cruel, muito perto dela — e baixou os olhos para a placa, vendo um rosto ali, a imagem de Oswald Spencer em relevo no bronze.

A cara de bronze riu cruelmente e escarneceu.

“Você possibilitou isso, Alice! Gente como você! Todas as pessoas que obedeceram a nossas ordens, que fizeram vista grossa quando sabiam que a doença saía de controle! Você protegeu o T-vírus, Alice... E protegeu a loucura da Umbrella...”

“Obrigado! Nós a homenageamos com este prêmio!”

Ela jogou a placa longe e girou lentamente, rindo, batendo na porta de saída...

Que se abriu, sozinha, revelando um mundo em chamas, um mundo de fumaça e fogo, um mundo de aviões em queda, explosões de arranha-céus, mortos-vivos de cara ensanguentada cambaleando pela Terra.

E Becky gritou.

— *“Não, não me leva lá para fora”,* exclamou. — *“Não me leva para fora da Umbrella Prime!”*

— Vai ser um choque para a menina sair da Umbrella Prime — dizia Luther quando Alice acordou do pesadelo. Ele falava com Leon enquanto o Spryte seguia pelo gelo rangente do mar congelado.

— Agora não há nada na Umbrella Prime além de água do mar e corpos congelados — respondeu Leon.

Estava recurvado sobre o volante do veículo, olhando atentamente o gelo. Dirigia mais devagar, Alice viu enquanto tentava se livrar do pesadelo.

— Como eles vão pousar nessa tempestade? — perguntou Luther, olhando pela janela a brancura da nevasca.

— A meteorologia diz que está abrandando, por ali.

— Não é o que me parece.

— Acho que já passamos pelo pior dela.

Alice olhou para Becky, a menina adormecida contorcia-se em seus braços, ainda tendo pesadelos. Os lábios da menina tremiam, as mãos se agitavam, as pálpebras saltavam com o movimento do sono REM. Alice pensou em acordá-la.

Mas às vezes é preciso ter pesadelos para processar o horror da vida.

— Um minuto para o ponto de encontro — disse Leon, olhando os instrumentos no painel. A nevasca parecia amainar um pouco.

De repente o Spryte arremeteu violentamente para a direita, derrapando na superfície escorregadia. Leon freou e o veículo parou.

— O que foi? — perguntou Alice.

— Não sei bem — disse Leon.

Becky acordou, espreguiçando-se, olhando em volta, sonolenta.

— “O que está acontecendo?” — sinalizou.

— “Ainda não sabemos” — respondeu Alice.

Mas ela via rachaduras gigantescas no gelo. Ao olhar em volta, de uma janela a outra, via que as rachaduras se espalhavam em todas as direções. E o Spryte arremeteu novamente...

Se o veículo caísse pelo gelo, a probabilidade de sair dele, de chegar vivo a um abrigo, deveria ser nula. Eles morreriam de hipotermia ou simplesmente se afogariam quando o veículo mergulhasse pelo gelo e entrasse no mar.

As rachaduras continuavam a se espalhar, em forquilhas parecidas com raios...

Mas havia algo estranho. Não parecia que era o Spryte que quebrava o gelo. Parecia que algo o rachava de baixo, um pouco à direita. Havia algo escuro ali, pressionando para cima, tirando grandes blocos de gelo do caminho. E de repente entrou no campo de visão deles, um monólito de metal guinchando pelo gelo, projetando nacos de mar congelado ao passar.

— Mas que merda, o que é isso? — soltou Luther.

E então a onda de choque atingiu o Spryte — e o mundo ficou de pernas para o ar. Alice, Becky, Leon e Luther foram jogados de um lado

para o outro dentro do veículo como bonecas de trapo enquanto o veículo capotava.

Becky soltou um grito estridente de terror enquanto o mundo parecia girar. Luther xingou e até Leon gritou mudo, agarrado ao volante. O Spryte capotou inteiramente. O teto bateu no gelo com um estrondo de metal ensurdecedor.

Leon acabou de cabeça para baixo no teto da cabine do Spryte, com Luther, Alice e Becky, todos se contorcendo para se levantar.

— Becky! — gritou Alice, sinalizando ao mesmo tempo. — Você se machucou?

— “Não, estou bem” — respondeu a menina.

— “Tem certeza?” — sinalizou ela, insistentemente, enquanto com a outra mão procurava ossos quebrados em Becky.

— Eu estou bem... É sério — disse ela em sua voz irregular.

— “Fica aqui” — sinalizou Alice.

Luther foi o primeiro a se arrastar para fora do veículo, Alice o seguiu bem de perto. Segurando uma pistola automática, ela se arrastou até uma janela, seu vidro agora espatifado, por onde se esgueirou feito uma cobra e se ergueu na superfície ligeiramente oscilante. Pegou duas lascas de gelo afiadas que encontrou nos destroços para usar como armas de apoio. Enfiando-as nas alças das costas, olhou em volta.

Ouviram o som de algo sendo moído e ela se virou, vendo que as lâminas das esteiras do Spryte ainda giravam, zunindo para o céu.

Estava mortalmente frio ali. Seus dentes começaram a bater; a arma estava gelada em seus dedos. A nevasca se abrandava, mas ainda caíam mantos de neve. Ela olhou a forma monolítica que assomava a uma dezena de passos — grandes jatos de água do mar saíam do monólito de aço enquanto ele se estabilizava.

O monólito era a torre de observação de um submarino classe Typhoon — um dos submarinos da base da Umbrella.

Leon se juntou a Alice, vendo a escotilha se abrir na base da torre e

várias figuras saírem. Uma era a soldado clone “Rain”; outra era Jill Valentine. As duas portavam armas.

A terceira era Ada Wong. Ainda estava algemada, muito ferida, mas encarava em desafio, com o espírito incólume.

Leon se virou para Alice.

— Eu te disse que ela tinha um plano...

E o plano dela era esse? Ela olhou para ele. Estava falando sério?

Então Alice olhou as três figuras no submarino e gritou para Jill Valentine.

— Só vocês duas? — Ela fez um movimento de cabeça se referindo à soldado Rain.

— Vai ser o bastante! — respondeu Jill. Ela e “Rain” tinham escaravelhos no peito.

Houve um momento em que o clima obrigou todos a hesitar — outra rajada de neve, carregada pelo vento uivante. Alice tinha a pistola preparada e agora ponderava como poderia alvejar Jill e o clone de Rain sem atingir Ada.

Rain colocou a mão no bolso e pegou um dispositivo cilíndrico — uma espécie de seringa de alta tecnologia. Alice viu um fluido vermelho no êmbolo. Depois Rain meteu a agulha da seringa no próprio pescoço... e aplicou uma injeção em si mesma. Havia algo se retorcendo naquele fluido vermelho?

— O parasita Las Plagas — murmurou Leon.

E “Rain” começou a se transformar.

21

Todo o corpo de Rain se contorcia. Ela parecia inchar, as roupas rasgaram-se nas costuras e seus olhos começaram a brilhar com uma luz vermelha sobrenatural. A atenção de Jill concentrava-se nela, e Ada Wong aproveitou a oportunidade para fugir.

Antes de ter dado mais que um passo, Jill girou e a atingiu cruelmente, derrubando-a de costas. Ada caiu pesadamente no gelo, atordoada.

A arma de Alice estava em riste, apontada para Jill, mas a chefe de segurança já estava em movimento, partindo no gelo oscilante para Alice, Leon e Luther. A Rain transfigurada corria ao lado dela.

Jill saltou no ar, girando para dificultar a mira, e Alice errou o tiro — por muito pouco.

Luther ergueu a arma, mirando na criatura Rain. Leon fez mesmo.

Ainda em meio à mutação, ela investia para eles. Eles dispararam, seus tiros a atingiram e ela parou quando eles esgotaram os pentes. Ela parecia oscilar e o sangue escorria do nariz...

Mas ela não caiu. Luther via algo se movendo sob sua pele — como dezenas de pequenas criaturas, feito lesmas, abrindo caminho do meio de seu corpo para as extremidades. Depois chegaram aos dedos — e explodiram das pontas.

As coisas que caíam da ponta dos dedos... eram balas. As mesmas que eles acertaram nela — ela usou a mutação Las Plagas para expeli-las do corpo. Elas bateram no gelo e Rain levantou a cabeça. Uivando de triunfo.

Leon se recuperou primeiro, erguendo a arma para disparar, tentando atingir a cabeça, mas a Rain mutada — com os olhos brilhando e os membros inchados — corria para eles de novo. Era rápida demais e um

chute giratório o fez voar contra a lateral do Spryte capotado, que ressoou com um baque oco.

Jill Valentine se aproximou de Alice e, com uma velocidade estonteante, chutou suas armas para o lado. Alice tinha as lascas de gelo, que puxou das alças nas costas. Jill tinha um bastão telescópico de metal na mão, que usou para conter as lascas faiscantes.

O vento soprou em volta delas; a neve entrava em seus olhos, o gelo era escorregadio e as duas se esforçavam para se manter de pé, mas ainda combatiam — enquanto Rain, Leon e Luther lutavam ali perto.

A velocidade de Alice estava um tanto reduzida pela lesão e pela medicação que tomara, e Jill parecia prever cada movimento dela. Não importava o que Alice fizesse — e ela usou cada truque que conhecia —, Jill parecia prever, bloquear ou evitar inteiramente cada golpe. Passou pela cabeça de Alice que o escaravelho de Jill podia estar ajudando, usando seus sistemas especialistas para prever os movimentos de Alice, prescrevendo defesas e contra-ataques.

Elas iam de um lado a outro, os braços velozes, as armas dando apenas golpes menores. Mas com o bastão de metal, mesmo um golpe de raspão no ombro era terrivelmente doloroso. Um golpe a atingiu pouco acima da ferida na lateral do corpo e ela trincou os dentes de agonia, forçando-se a contra-atacar. Golpeou Jill com as lascas de gelo, cortando o braço esquerdo da adversária, mas só um pouco, o suficiente para o sangue pingar, deixando vermelho o gelo nevado a seus pés.

Ela era impelida para trás pelo ataque de Jill, empurrada na direção do Spryte. Em sua visão periférica, via a luta de Leon e Luther com o clone Rain — a criatura ria desagradavelmente, e Alice desconfiou de que só estava brincando com os dois homens. Ela sentiu o ar gelado penetrar seus pulmões enquanto lutava para repelir os ataques de Jill, e ficava mais difícil a cada segundo.

Os braços de Alice começaram a pesar enquanto tentava golpear as

defesas rápidas como um borrão de Jill. Ela conseguiu beliscar a orelha direita da chefe de segurança, mas isso deu a Jill uma abertura e ela atingiu Alice de relance em uma das maçãs do rosto, abrindo a pele e provocando um tremor de dor que reverberou em seu íntimo.

Normalmente Alice podia se desligar da dor, mas era difícil ignorar esta. Ela gemeu e escorregou para o lado, quase perdendo o equilíbrio. O sangue escorria por seu pescoço, correndo para os dedos. Ficava difícil segurar as lascas de gelo. Seu peso parecia dobrar a cada poucos segundos, com os braços de Alice tremendo de fadiga. O suor escorria, misturando-se com o sangue, depois congelando no vento uivante.

Vendo Alice ofegante, cada vez mais na defensiva, Jill sorriu em uma alegria homicida e avançou para matar, o escaravelho cintilando enquanto atacava com uma fúria renovada.

A luta era controlada quase tanto pelo escaravelho quanto por seu cérebro e seu corpo. Estava em sintonia máxima com o objeto, os impulsos e fluxo de dados de Jill tornando-a uma bailarina sincronizada com a música, e o texto de computador projetado nos olhos lhe fornecia dados de suas próprias condições.

ALTA DE ADRENALINA — 150%

Atrás de sua oponente, as esteiras do veículo virado continuavam a zumbir, suas lâminas ainda cortavam o céu. Também podiam ser usadas como arma, se surgisse a ocasião.

E Jill viu sua oportunidade. Enquanto cruzava as lascas para bloquear um golpe particularmente violento vindo de cima, Alice deixou o peito desprotegido. Jill jogou seu peso no pé direito, ergueu o esquerdo e o bateu com toda força no peito de Alice.

Ela foi lançada para o para-brisa do Spryte. Atordoada, ficou prostrada do lado de dentro sobre o vidro quebrado. Jill ouviu a menina — o pequeno

clone de quem a Projeto Alice se encarregara — gritando de algum lugar dentro do grande veículo para neve.

— Mamãe!

E, ao fundo, blocos de gelo flutuantes rangiam ao se colidir; os dois homens ofegavam e xingavam; uma gaivota guinchou em algum lugar no alto, mas tudo era ruído de fundo. Jill estava agudamente concentrada na tarefa de matar. Estendeu a mão pelo vidro quebrado, pegou as pernas de Alice e a puxou de volta ao vento gelado.

Leon e Luther também perdiam as forças.

Os braços de Luther pareciam sacos de areia quando os ergueu para bloquear a atacante. Tentava ver onde tinham deixado cair as armas... se pudesse pegar uma, enfiaria na cabeça da coisa, explodiria seus miolos e ela não seria capaz de expelir aquelas balas.

Mas ela não lhe deu a oportunidade de que ele precisava. E ele só tinha um braço para resolver a situação.

Rain ria deles, espancando-os, e Leon, enfurecido, soltou uma série de chutes, socos e bloqueios, tudo com uma agressividade vertiginosa. Mas a mutação Las Plagas mal reagia a seu ataque. Ria na cara dele, as feições inchadas crescendo ainda mais, os olhos vermelhos brilhando de um carmim mais vivo. Ela o bloqueou e o jogou para trás com punhos de bate-estacas e ele cambaleou contra Luther.

Tenho que achar uma arma, pensou Luther. Ele olhou em volta desesperadamente. A nevasca cobrira a maior parte de tudo, e pelo menos uma arma devia ter escorregado por uma das rachaduras no gelo, perdendo-se no mar.

A criatura Rain o viu vasculhando a neve, aproximou-se e lhe deu um tapa com força, fazendo-o voar para trás. Ele conseguiu se manter de pé, mas a cabeça ainda girava, sentia gosto de sangue e sufocou ao tentar alertar Leon, que os circundava.

A criatura girou o corpo e bateu com força a bota direita no peito de

Leon, fazendo-o voar para trás pelo ar até que ele parou no metal vermelho e preto: chocou-se com força na torre de observação do submarino. Depois a criatura girou novamente e golpeou Luther, arrancando-o do chão.

Ele ficou prostrado ali, procurando forças para se levantar...

A mutante Rain pareceu pensar que ele estava acabado. E lhe deu as costas...

Alice se levantou. Não tinha mais as lascas de gelo, mas conseguiu usar os punhos para se defender de parte dos golpes que Jill investia contra ela.

Vendo Alice reagir aos golpes na ferida em sua lateral, a soldado sorriu sadicamente e começou a mirar mais e mais golpes ali, provocando nova hemorragia no curativo rompido. Alice bloqueou um golpe do punho de Jill, mas não conseguiu impedir que o bastão de metal atingisse seu alvo.

A dor a atingiu como um raio, fazendo-a arquear as costas, subindo por ela, inundando o cérebro de um brilho vermelho... A cor dos olhos do monstro Las Plagas. E ela caiu de joelhos, curvando-se para frente, quase perdendo a consciência.

Um instante depois percebeu que estava sendo erguida pelo pescoço. Jill virou seu rosto para a esteira que impelia o Spryte pela neve e pelo gelo. As lâminas de aço afiadas como navalha, projetadas para penetrar fundo em neve e gelo compactados, ainda giravam. Se ela deixasse, transformaria seu rosto em um prato de osso e sangue fatiados em segundos.

Alice rapidamente voltou à consciência ao ver as lâminas. Segurou Jill pelos pulsos e tentou tirar as mãos da soldado de seu pescoço. A pressão que fez com que pequenos pontos luminosos piscassem diante de seus olhos tirava-lhe o fôlego.

Então algo lhe ocorreu.

Eu estou lutando com a coisa errada...

Ela soltou os pulsos de Jill, resistindo apenas com a parte inferior do corpo, estendendo a mão para...

Jill Valentine gargalhou, certa de que agora venceria. Começou a forçar

Alice para as lâminas. Estavam a menos de 3 centímetros...

E então ela arquejou, enquanto Alice atacava com as mãos ensanguentadas o escaravelho preso no peito de Jill. Ela o puxou, trazendo com ele tiras finas de carne sangrenta... Alice arrancou inteiramente o escaravelho, e de imediato Jill caiu, em convulsão.

Alice endireitou o corpo e jogou o escaravelho longe. Ele caiu na neve e se virou. Começou a andar com suas perninhas mecânicas, procurando a hospedeira. Depois de sentir Jill, correu pela neve de volta a ela.

Alice tirou a arma de Jill do coldre. Mirou no dispositivo de controle mental assim que o pequeno robô em forma de inseto saltou, ansioso para se fixar mais uma vez no sistema nervoso da soldado. Vários disparos rápidos levaram o escaravelho a explodir em fragmentos cintilantes de titânio e vidro.

O barulho de um tiro fez com que Luther recuperasse parte dos sentidos.

Seus olhos palpitavam e a cabeça zumbia, mas ele não queria se mexer. Queria ficar deitado ali e se deixar tomar pelo torpor que se apoderava de seus braços e pernas, levando-o para a libertação escura e quente da morte. Cada articulação doía e o braço ferido urrava de dor.

Mas seus amigos precisavam dele. Leon e Alice. A criança.

Precisava se levantar...

Tire a bunda do chão, Luther.

Cerrando os dentes, ele plantou os pés no chão e se ergueu, olhando em volta às cegas. Viu a mutante Rain avançando para Leon.

Leon estava caído na base da torre de observação do submarino, meio encoberto pela neve contínua, tossindo sangue.

Luther olhou desesperado em volta. Só havia uma coisa útil — um extintor caído do Spryte virado — que podia usar como arma. Ele pegou o objeto de metal e cambaleou, o mais rápido que pôde, para a mutante,

surgindo atrás dela, com os pés escorregando no gelo.

Ao mesmo tempo, Leon se levantou trêmulo, parecendo reunir as forças enquanto a mutante assomava sobre ele. Daria um golpe arrasador na cara da criatura, mas ela pegou seu punho com uma de suas mãos inchadas e coberta de veias, os olhos brilhando fortes ao estreitar o aperto.

Luther, aproximando-se sorrateiro atrás da criatura, ouviu os ossos se quebrando. Leon arquejou de dor e caiu de joelhos. Rain cresceu sobre ele, levantando o punho para acabar com o homem.

Mas Luther estava a seu alcance. Balançou o extintor com toda sua força, batendo na lateral da cabeça do clone mutado, quebrando seu crânio, espirrando sangue.

Ela perdeu o equilíbrio, atordoadada...

— Nada mal, hein? — disse Luther, sorrindo fraco para Leon.

— Para um... consultor — conseguiu dizer Leon.

Luther olhou para a mutante e viu que os estragos que causara na cabeça de Rain estavam se curando. O parasita Las Plagas reconstruía seu crânio de dentro. Antes que ele pudesse reagir, a criatura se ergueu mais uma vez, encarando-o com os olhos vermelhos ardentes.

Só há uma coisa a fazer, pensou ele. Esmagar esse crânio até virar geleia. Esmagar até que vire algo que não possa ser reparado. Assim Luther levantou o extintor, preparando-se para bater na criatura novamente.

Mas a mutante se movimentava na velocidade da luz e derrubou o extintor com uma das mãos. Com a outra, colocou toda sua massa em um tabefe, diretamente em seu peito. O impacto foi tão potente que ele entendeu, imediatamente, que todos os ossos do seu peito entravam em colapso. Ele sentiu a onda de choque movendo-se pelo peito, espatifando as costelas e pulverizando os pulmões, e chegando ao coração que batia.

Ele sentiu as últimas batidas de seu coração.

Depois a última.

E então... O coração parou. Aquela escuridão quente que ele desejou minutos antes voltara, girando em volta dele, e desta vez Luther não teve

alternativa a não ser acompanhá-la.

Só teve tempo para um último pensamento.

Alice...

22

Recostada no Spryte, recuperando as forças, Alice levantou a cabeça bem a tempo de ver o corpo de Luther curvando-se sob um golpe devastador. Ela já vira muitos homens morrerem... e sabia o que isso significava.

Quando o viu desabar, inteiramente sem vida, sabia que desta vez ele finalmente tinha ido.

— Luther! — gritou, sabendo que não adiantaria nada.

Alice então ergueu a arma de Jill e correu para o monstro que antigamente era um belo clone de nome Rain. E disparou ao se aproximar.

Jill Valentine, a ex-comandante da segurança da Umbrella Prime, tentava se lembrar de quem era.

Ficou deitada ali, tremendo no frio, abraçada contra o vento, em posição fetal na neve. Seu peito doía, latejava e sangrava onde algo fora removido. Ela se sentia drogada, mas também sentia a influência saindo dela.

Sem o escaravelho, suas lembranças pareciam ao mesmo tempo distantes e torturantemente próximas. Quase podia tocar nelas.

Quem sou eu?

E tudo começou a lhe voltar. Sua infância. O interesse no trabalho policial. Raccoon City. Ela se inscrevendo em...

No quê?

No S.T.A.R.S. Special Tactics and Rescue Service. O serviço especial tático e de resgate, um ramo da polícia de Raccoon City.

As montanhas Arklay. Ela era uma estrela em ascensão no S.T.A.R.S. até então. Depois do Incidente das Montanhas Arklay — e Leon Kennedy. Sua morte... Seria real? Eles culpavam Jill.

A Umbrella, tentando controlá-la, com dinheiro no início. Usando sua influência para destruí-la. Depois fazendo dela prisioneira e controlando sua mente.

O que a obrigaram a fazer?

Ela teve uma lembrança, que mais lhe parecia um pesadelo, de tentar assassinar alguém — e de modo horrível. Tentando forçar a cara de alguém nas lâminas trituradoras das esteiras do Spryte. E era alguém que ela respeitava, e até gostava.

Era a Projeto Alice.

Só... Alice.

Uma voz... A voz irregular de uma criança surda que aprendeu a falar sentindo a vibração de sua caixa vocal. Gritava, em algum lugar. Ela não entendia o som com clareza, mas ouviu uma palavra...

— *Mamãe...*!

Algo pungente na voz a fez abrir os olhos, e ela viu alguém que conhecia. Quem era? Não seria... Alice?

Jill se sentou, tremendo de frio, e tirou os cristais de gelo dos cílios, vendo Alice correr, disparando a pistola automática na criatura monstruosa que antes era designada como “Rain”. Antes uma de suas comandadas, obrigada a se infectar com o parasita Las Plagas. A criatura, inchada, marmorizada de veias, perdia algum sangue, mas parecia absorver as balas que a atingiam. E depois as cuspiu, algumas pela boca, outras pelos dedos.

A criatura estava com a mão direita erguida, com a palma aberta — e Jill sabia o que isso significava. O golpe da morte. Alice atirava, tentando destruir o cérebro da criatura, mas nenhuma das balas penetrava o suficiente.

E então... Alice estava a seu alcance. Ela tentou bloquear o golpe, mas falhou e a mão aberta atingiu em seu peito com precisão e força.

Alice arquejou — e caiu de joelhos, asfixiada. O sangue saía pelos lábios.

Jill se levantou. As pernas bambas. Encontrou uma pistola de reserva

no coldre. Segurou-a na mão trêmula e não pensou que pudesse atirar com precisão. Ainda não. De qualquer modo, parecia ser tarde demais. Os olhos de Alice estavam vidrados... Parecia estar morrendo, ou talvez já estivesse morta.

A criatura se afastava de Alice.

Jill olhou em volta. Não viu nada além do vazio frio... a inevitabilidade da morte. Viu gelo, nuvens disparando, pingos giratórios de neve caindo, e o mar escuro e mortalmente frio. O homem chamado Leon, moribundo, e o cadáver de Luther. Também viu Ada Wong, tentando se levantar, fraca, e provavelmente não conseguiria. Provavelmente morreria ali, como todos eles.

Jill sentia a morte se esgueirando pelo corpo, pelos ossos. Podia vê-la como uma mensagem severa escrita na face árida do mundo.

E então... Alice levantou a cabeça e lutou para se levantar. Ergueu os punhos, desafiando a criatura que havia sido Rain. Ao ver isso, Jill sentiu uma súbita onda de esperança. Se Alice podia sobreviver a isso, se a vida podia superar a morte mesmo agora...

O horror Las Plagas se virou, de olhos cintilando, as veias pulsando na cabeça e no pescoço inchados, e atacou. Bateu em Alice com uma saraivada de golpes, terminando com um pontapé em giro que a fez voar.

Enquanto Alice era lançada para o ar, Jill viu a arma que tentava usar escorregando de sua mão, girando para longe, perdendo-se em uma rachadura no gelo.

E então Alice caiu pesadamente em um bloco flutuante, gemendo...

Mas ainda tentou se levantar, lutar, enquanto a criatura investia para cima dela. O gelo estalou sob seus pés, mas aguentou.

Jill entendeu o que precisava ser feito.

— Alice! — gritou, a voz atravessando o mar congelado.

A mulher, agora fraca, olhou em sua direção. Jill invocou suas forças e jogou a arma. Bateu no gelo, deslizou e se aproximou, justo quando Rain estava prestes a atacar.

Alice a pegou.

Com os olhos brilhando de um vermelho feroz, o monstro zombou com um rangido.

— Não pode me matar!

— Não preciso fazer isso — disse Alice com a voz rouca. E disparou, usando a maior parte do pente, mas não na criatura. Atirou no gelo sob seus pés, cravando uma linha de buracos na superfície congelada.

Já enfraquecido pelo submarino, o gelo compactado rachou... e se rompeu. A mutante rugiu de fúria, mas seu rugido tornou-se um gorgolejar quando ela subitamente escorregou para a água com a rapidez de quem cai por um alçapão. “Rain” sumiu de vista e surgiu novamente, debatendo-se, agarrando-se a pedaços de gelo flutuantes, tentando voltar à parte firme.

Mas a criatura não estava só.

Dois zumbis, de um tom cinza-claro e vestindo fardas russas, apareceram na água. Agarraram-se a ela, mordendo-a, arrastando-a para baixo. A coisa Rain tentou novamente se arrastar para fora da armadilha gelada, mas apareceram outros dois mortos-vivos, atacando seus membros e puxando-a de volta.

— Eu voltarei por você! — uivou a mutante, de olhos fixos em sua presa. — Espere! Eu voltarei!

— Boa sorte — respondeu Alice. A criatura arranhava inutilmente, procurando se escorar, e foi arrastada para baixo mais uma vez.

Surgiram bolhas onde ela estivera, e em seguida até isto desapareceu.

Alice se ajoelhou na beirada do gelo, tremendo, e olhou para baixo.

— Mamãe!

Jill e Alice se viraram e viram a garotinha, atravessando o gelo na direção da mãe, sinalizando freneticamente.

— “Estou bem” — sinalizou Alice. — “Não se... preocupe.”

Alice não parecia nada bem. Parecia estar à beira da morte. Becky encarou a ferida sangrenta no corpo de Alice.

— Está machucada! — disse ela, repetindo isso com sinais.

— Eu estou bem. Vou ficar bem...

A tempestade, que parecera ter abrandado, agora se intensificava com um ronco e o açoite da neve em uma nova rajada de vento. Um martelar de tambor fez com que elas olhassem para o céu, onde luzes flutuantes iluminavam a tempestade, como uma visão de um Ovni, uma espaçonave gigante descendo das nuvens.

Jill cambaleou até Leon para saber se ainda estava vivo. Estava. Ela estendeu a mão, ajudando-o a se levantar.

— Então está livre de novo — disse ele em seu ouvido enquanto ela o auxiliava. — Não deixe Ada para trás...

— Não deixarei — respondeu Jill.

Eles andaram dolorosamente, como dois feridos em uma corrida de três pernas, passando pelas rachaduras na direção de Alice e Becky. Pararam para ajudar Ada a se levantar e os três prosseguiram.

— O que é isso? — disse Becky, sinalizando as palavras e dizendo-as da melhor maneira que podia. Apontou para cima.

— É a ajuda — disse Leon, enquanto ele e Jill andavam trôpegos, arrastando Ada entre eles. — Você vai ficar bem.

Alice deu um leve sorriso e tentou se levantar, mas suas pálpebras vacilaram... e ela caiu. Becky se ajoelhou para tentar ajudá-la.

Jill agora via com clareza: helicópteros. Vários. Seus rotores provocavam um alvoroço de neve pelo gelo, uma pequena tempestade mecânica caindo sobre eles. Ao se aproximarem, Jill rezou para que fossem amigos.

— A questão é — insistia JudyTech —, sabe pilotar essa coisa? Eles a abandonaram, é toda nossa. Mas não podemos viver aqui indefinidamente.

Ela e Tom estavam no “centro de ataque” do submarino, o equivalente ao passadiço de um navio. Ficava sob a torre de observação, no fundo da nave. Tom explicara pouco antes que era o centro nervoso do submarino.

Elas não entendiam muito o que ele dizia, olhando o complexo ambiente cheio de equipamentos, mas ela teve algum treinamento científico e Tom tinha treinamento em engenharia. Assim, talvez...

— E então, Tom? — insistiu. — Podemos pilotar essa coisa? — Ela estava com uma antiga farda de marinheiro russo e o olhava com expectativa.

— Ah, bom — disse Tom. — Eu acho que posso colocá-lo debaixo da água. E só uma questão de encher corretamente os tanques de lastro. E também acho que posso pilotar muito bem. — Ele pigarreou, percebendo que ela ainda estava com a arma enfiada na cintura. Tom ainda estava de macacão, mas fez questão de lavá-lo. — Aliás, onde está a menina?

— Tirando um cochilo na cabine da tripulação — disse Judy. — Tom... Se esta coisa é nuclear... Quer dizer, e se cometermos um erro? Se for aquecido demais ou coisa parecida?

— A energia nuclear não é tão complicada como parece — respondeu ele. — Na verdade não passa de um motor a vapor complexo. Os reatores nucleares aquecem a água, que gira as turbinas. Mas não precisam de diesel e geram muita potência. Eu os vi dar a partida mais de uma vez, e a Umbrella tem um manual no computador. Agora, parte dele para mim é grego, mas tenho certeza de que posso usar o manual para levar a coisa 40 pés abaixo, talvez 50, tirando a gente do gelo. Estamos na margem norte do Pacífico e, se formos para o sul, bom, talvez a gente ache um lugar seguro... Um lugar onde possamos nos alcançar, como diria meu velho pai.

Agora ela o olhava de novo com frieza, um olhar estranho que às vezes lhe lançava. Achando um pouco de graça, mas meio desconfiada.

— Você fala muito em “nós” — falou Judy devagar. — Gostaria de

pensar que podemos confiar em você. Ajudou muito quando me entregou a arma. Mas... somos duas mulheres e estamos sozinhas no mundo.

— Eu sei — disse ele. — Parece que não há nada no mundo além de coisas a temer. Mas há a chance de algo mais, pelo que me parece. Olha aqui, Judy, nós precisamos ficar juntos. Não sobrou muita gente no mundo real... Pessoas sem as porcarias dos escaravelhos, gente que não está tentando arrancar sua cara a dentadas. Precisamos ficar juntos ou ninguém vai superar esse troço. E toda... Toda a história, toda... — Ele se esforçou para encontrar um jeito de dizer. — Toda a história da raça humana... Não vai significar nada além de uma imensa piada ruim. Se todos tivermos medo dos outros o tempo todo... a vida não terá significado! Porque o que dá significado a ela... — ele deu um pigarro novamente e virou a cara — são os outros.

Quando voltou a olhá-la, parecia que Judy estava um pouco mais relaxada. Ela sorriu um pouco, e isso iluminou seu rosto. Não era uma mulher bonita, mas não era desagradável de olhar, especialmente quando sorria. Um homem podia se interessar...

Que ideias loucas, Tom.

— Esta embarcação... Estamos mesmo sozinhos? — perguntou ela, olhando os indicadores que piscavam, os dados fluindo pelos monitores. Alguns, implementados pela Umbrella, estavam traduzidos para a sua língua nativa, e outros ainda em cirílico.

— Estamos. Acredite, assim que aquela gente saiu e começou a luta, eu tranquei a escotilha. Estavam tão ocupados tentando se matar que nem perceberam. Depois dei uma busca em cada centímetro dessa coisa, da vela ao leme.

— Vela? — disse ela. — Não tem velas nisso aqui.

— Ah, não esse tipo de “vela”. “Vela”, em um submarino, é uma antiga expressão da marinha americana para a torre de observação acima, onde ficam os periscópios. Eles chamam de vela.

Ela assentiu. Pareceu satisfazê-la.

— Vamos tentar tirar esse monte de metal daqui assim que pudermos. Quero sair da Umbrella Prime. Primeiro... precisamos submergir e sair de vista.

23

Alice acordou com uma batida ritmada — seria algum tipo de música eletrônica? A batida seria a percussão...

Ela abriu os olhos. A sala estava embaçada. Ela distinguiu uma fonte de luz e tentou se concentrar nela. Entrou em foco e se tornou uma janela do tipo vigia em um casco de metal côncavo — uma janela de helicóptero, concluiu Alice. Então estava em um dos helicópteros operados pelo pessoal de Ada; também pessoal de Leon.

E de Wesker.

Em Ada e Leon ela podia confiar... um pouco. Mas em Wesker... que deveria estar morto e parecia impossível de matar. Não. Ela jamais confiaria nele.

E um dia o mataria.

Tiras a prendiam a uma cama de armar. Mas, ao olhá-las, não pareciam presas, estavam fixadas com Velcro. Então ela não estava amarrada como uma prisioneira. O que era muito bom.

Ela tentou se mexer — e puxou o ar pelos dentes, agoniada. Tudo ficou embaçado novamente. Ela sentia dor, e muita. Havia fios presos a seus braços...

Alice olhou à direita, seguindo os fios até sua origem. Distinguiu o aparelho de monitoramento médico, bipando repetidas vezes com sua pulsação. Para um helicóptero, o espaço era grande — provavelmente era de carga, equipado como um compartimento médico.

Alice não tinha muita roupa no corpo, só uma camisa frouxa. Tinha curativos novos na lateral e nos braços.

E então ouviu o arrastar de passos no deck, e Jill Valentine entrou, curvando-se para olhá-la.

— Que bom que você voltou — disse Jill.

Alice abriu um sorriso fraco.

— Que bom que você voltou. — De repente ela se lembrou. — Onde ela está? Becky?

— Dormindo, da última vez que vi, no lugar mais confortável que se pode achar neste helicóptero. Ficou sentada aqui a seu lado por horas.

Alice assentiu.

— E Leon?

— Está aqui, com Ada... Os dois estão indo muito bem. — Ela assentiu para um lado e Alice virou a cabeça.

Leon e Ada estavam sentados juntos. Cautelosamente, Leon aproximou a mão do joelho de Ada. Mas ela o repeliu.

Alice se virou para Jill.

— Luther... — disse ela. — Deixamos o corpo dele lá?

— Quando os helicópteros desceram, o gelo se deslocou e o corpo submergiu. Talvez vá congelar por lá. É uma bela sepultura para ele. Estava fora de nosso alcance.

Luther. Ela sentia uma harmonia verdadeira com ele. E uma forte atração. Ele era alegre, amável, sereno, mas com uma coragem danada, e era instintivamente leal. E havia uma química entre os dois...

Mas é claro — claro — que isso foi tirado dela. Tudo era tirado dela.

Pare de sentir pena de si mesma. Pelo menos está viva. Tem esperanças. Tem Becky...

Mas Luther...

Alice fechou os olhos, mordeu o lábio, sem querer que Jill visse qualquer tipo de fraqueza nela. Mas por dentro sentiu toda a dor emocional lutando para se libertar, toda a angústia que reprimiu para poder suportar tudo o que passara. Ela a empurrou para o fundo a fim de sobreviver e manter Becky viva.

Todas as outras pessoas por quem ela se sentiu responsável — os prisioneiros que libertou no Arcadia, Claire e Chris Redfield —, onde

estavam agora? Prisioneiros da Umbrella, pensou. Podem ter sido transformados em monstros, como o horror que ela mandou para o fundo do mar. Podiam estar em celas de interrogatório, gritando sob tortura, como a própria Alice fora. Por muito pouco conseguiu manter vivas a si mesma e Becky. Mas aquelas pessoas?

Ela quase podia as ouvir gritar.

— Acho que vou... — pigarreou, ciente de que estava rouca. — Também vou dormir um pouco.

— Claro — respondeu Jill. — Temos um longo caminho pela frente.

— Para onde?

— Estamos indo para Washington. O que resta da cidade.

Jill saiu, e Alice deixou que as emoções aflorassem.

Já fazia muito tempo que não chorava. As lágrimas encheram seus olhos quando ela viu a cova aberta com todos os clones de Alice com as quais a Umbrella brincara, manejando-as como um titereiro psicótico. Mas chorar de verdade... Há quanto tempo não fazia isso?

Bastou pensar para que o pranto viesse. E ela se lembrou da última vez que chorou. Estava com Spence Parks, seu “marido”. Esta palavra então significava uma mentira amarga para ela. Marido. Mera atuação. Às vezes os papéis ficavam reais demais. Em outras, a realidade da relação surgia rudemente entre eles.

Eles estavam na mansão, protegendo a Colmeia juntos.

Anos antes. Antes da ascensão dos mortos-vivos...

Alice chegara em casa, de Raccoon City, sentindo-se cansada, porém elétrica. A sessão de treinamento na cidade tinha girado em torno de interface com aprimoramentos tecnológicos, a possibilidade de novas melhorias biológicas — algo que lhe parecia meio fantasioso. Ela tivera a chance de experimentar algumas novas técnicas de luta corpo a corpo e achara as duas coisas exaustivas e estimulantes.

Era uma noite de verão e ela ansiava por tomar uma vodca com suco de

lima com Spence. Passavam um bom tempo juntos na mansão, de certo modo brincando de casinha, interpretando os papéis de marido e mulher. Talvez esta noite fosse a de voltar a outra parte da brincadeira.

Fazer amor com Spence tinha certo apelo. Ele era um homem objetivo, de cabelo castanho-escuro e um jeito irônico e jovial. Um homem bonito, mas com o rosto de um amável astro de sitcom de 32 anos, não um protagonista fortão de filme de ação.

Durante algum tempo, eles tentaram resistir à atração sexual — só estavam interpretando, afinal, como parte do disfarce. Mas a química sexual era forte, e Spence cumpria seu papel na cama — cheio de força e resistência, até disposição de mostrar algum domínio masculino de vez em quando, se não houvesse exagero nisso.

Ela não deixava que ninguém a dominasse facilmente.

Ao dirigir para a mansão nas montanhas Arklay, cumprimentando os seguranças do lado de fora, ela refletiu que a distância emocional que existia não era necessariamente culpa de Spence. Ele podia estar protegendo a si mesmo. Afinal, por que se arriscaria a uma ligação muito profunda?

Ela estacionou o carro, rindo consigo mesma.

Vaidade! Supondo que ele tenha esse trabalho todo para não se apaixonar por você. Ela não permitia que muitas pessoas se aproximassem — não sexualmente, e sem dúvida não emocionalmente. Era uma guerreira profissional, uma matadora treinada, perita em artes marciais, detetive e especialista em segurança. Era muito bem paga, uma expert e pedira o emprego, havia muito tempo. Não havia lugar nisso tudo para um casamento, nem para filhos.

Mas, nos últimos anos, Alice se sentia solitária. E então apareceu esta atribuição na mansão.

“*Você e Spence Parks devem fingir que são casados.*” Esta era uma amarga ironia, uma vez que ela nunca seria uma mulher que cuida da casa. Ainda assim, Alice tinha instintos familiares, como todo mundo. Como era mesmo aquele verso dos Rolling Stones?

“The gangster is frightening with his Luger in his hand, but when gets home he’s a family man.” O gângster assusta com a Luger na mão, mas em casa é só um homem de família.

Alice aproximou-se da porta da mansão, consciente de que a câmera a examinava. Cumpriu o protocolo de identificação de entrada, abriu a porta e entrou, cantarolando, jogando a bolsa em uma cadeira.

— Spence? — chamou.

— Aqui — disse ele, da “sala de estar”. Ela o encontrou sentado junto da lareira, de pernas estendidas, com uma bebida na mão. Franzia a testa para as chamas que lambiam toras de lenha artificiais. Até a lenha aqui é falsa, pensou Alice.

— Fez uma boa viagem? — perguntou ele.

Ela foi ao bar e se serviu de uma bebida, misturando Rose’s Limb com Grey Goose.

— Estou cansada. Mas não muito. — Ela o olhou atentamente. — Você parece meio deprimido.

— Acontece que vamos ter visitas e vamos precisar atuar mesmo. Não tenho vontade nenhuma. Não sei como decidiram que atuar fazia parte de meu métier, mas não faz.

Ela se virou e o olhou com escárnio, bebendo o drinque.

— Como assim, visitas? Antes não era necessário fazer nada mais que ficar aqui para o carteiro de vez em quando, aparecer naquele lugar na rua para um churrasco.

— Talvez queiram usar este cenário caro — respondeu ele. — Não sei. Talvez tenha mais a ver com o senador Salter.

— Salter? O que tem ele?

Spence suspirou e baixou o drinque na mesa de centro de pau-brasil.

— Ele virá amanhã à noite. Me contaram há alguns dias. Pensei em te contar, mas... Não sabia se seria seguro fazer isso. De certo modo eu torcia para que eles cancelassem a coisa toda. Mas parece que ele virá, junto com sua comitiva. Inclusive a mulher e os filhos.

— Para cá? — Ela se sentou na espreguiçadeira. — Ele não sabe sobre a Colmeia, sabe?

— Não, nenhum político sabe — disse Spence. — E querem que continue assim. Mas ele é um figurão das verbas para a defesa. Acho que querem vender um novo projeto a ele. O projeto “T”. Daquele lance de Ashford...

O projeto “T”. Que significava, ela sabia, o T-vírus.

Ele a olhou expressivamente e se virou para as luzes. Eles eram monitorados pela Umbrella, provavelmente pela Rainha Vermelha. Teoricamente, tinham desativado as câmeras e escutas do quarto, mas era difícil ter certeza. E havia assuntos que os dois sabiam que não deviam discutir, nem a sós na casa. Se usassem expressões como guerra biológica ou agente viral, os computadores de segurança selecionariam e analisariam a conversa.

Mas Alice sabia do T-vírus. Sabia mais que queria.

— Como vamos nos preparar? — perguntou ela, estremeando ao pensar nisso.

Ele deu de ombros.

— Vamos só dar o nosso máximo, parecer alegres e felizes, fazer nosso papel. A coisa terá um bufê. A segurança vai cuidar disso. Só temos que bancar os anfitriões.

— Mas por que nós... Por que aqui?

— Alguns moradores estão fazendo perguntas sobre a casa. Os seguranças não têm sido tão discretos como deveriam. Nosso disfarce não é tão convincente para alguns vizinhos. Eles andaram sondando. Acho que houve alguns desaparecimentos na área, então... — Ele gesticulou com desprezo. — Estão culpando a “mansão misteriosa” ou coisa assim. E alguém que colocou algum dinheiro na campanha entrou em contato com Salter. É o senador deles. Então a Umbrella pretende matar dois coelhos com uma cajadada só. Melhoramos o disfarce com Salter e eles o colocam no projeto.

— Não somos nós que o estamos colocando? — perguntou ela.

— Não, é na base do que é “preciso saber”. Eles terão um cara da empresa aqui... O Dr. Isaacs. Conhece?

— Sam Isaacs? Conheço. — Supostamente, Isaacs esteve muito envolvido no projeto “T”, e no momento trabalhava em uma variante chamada Nêmesis. Ela não tinha informações detalhadas sobre isso. Alice sorriu com tristeza para ele. — Bom, se temos que fazer isso, qual é o problema? Não gosta de festas?

Ele bufou.

— A única festa que me interessa... — Ele se aproximou dela e pegou suas mãos, puxando e fazendo-a se levantar. — Envolve apenas duas pessoas. Adivinha quem?

— Me mostra.

E ela ficou feliz quando ele a beijou.

Na noite seguinte, estavam em um tipo diferente de atividade, um jantar desanimado. Alice e Spence vestiam-se elegantemente, mas não muito formais, sentados em extremidades opostas na mesa de jantar. O senador Salter e a esposa, Laney, estavam à direita de Alice. O Dr. Isaacs sentava-se à sua esquerda. Uma adolescente muito carrancuda estava mais adiante da mesa de bordo polido, mais perto de Spence, e na frente dela sentava-se o irmão mais novo.

Alice achou o Dr. Isaacs uma figura de certo fascínio. Louro, aproximava-se da meia-idade, tinha ar severo, olhos azuis frios e distantes, maneiras urbanas e ao mesmo tempo encantadoras e perturbadoras. Vestia um terno cinza, claramente feito sob medida, com lenço de seda branca no bolso do paletó. Comeu dando total atenção ao frango, as mãos fazendo pequenos movimentos cirúrgicos com os talheres. De vez em quando levantava a cabeça e sorria quando alguém falava.

Havia algo nele que Alice achava repulsivo. E no entanto ele conversara com eles antes, tomando coquetéis com um charme considerável — batendo papo incisivamente, com vivacidade, sobre política e arte, os

olhos raras vezes a deixando. Entretanto, parecia não querer falar de ciências quando Alice levantou o assunto, embora fosse um cientista. Ela compreendia isso. Seus principais interesses eram secretos.

— Então é investidor, Spence? — perguntou a Sra. Salter sorridente, em uma voz cantarolada.

Laney Salter era uma morena atraente e muito magra, no início da meia-idade. Tinha um sotaque da Flórida e gostava de vestidos de grife parisienses, com fenda na lateral.

— É isso mesmo — disse Spence com modéstia. E falsidade. — Títulos, ouro, imóveis...

— Então não me atrevo a perguntar — disse Salter, piscando, falando alto com sotaque da Flórida. Era um homem de cabelos brancos, com um terno creme, vinte anos mais velho que a mulher. Seu nariz largo era raiado de veias azuladas e a cara achatada era da cor de carne crua. — Não me atrevo a perguntar sobre os bons investimentos, o que provavelmente infringiria alguma maldita regra de informações privilegiadas. Mas talvez depois possa me dar uma dica!

— Mas é claro, senador.

Os dois filhos pareciam bastante infelizes. A adolescente era uma loura bonita com aparelho nos dentes e um vestido de decote baixo demais para sua idade. O menino tinha uns 11 anos, era pálido, já com espinhas, vestindo uma camiseta Marlins. Lançava olhares furtivos a um videogame portátil no colo enquanto beliscava o frango à caçadora.

O senador Salter, por sua vez, frequentemente lançava olhares furtivos a Alice.

No fundo da sala postavam-se dois homens e uma mulher de terno e óculos escuros, parecendo agentes do Serviço Secreto. Mas eram da Segurança Especial da Umbrella, Nível 4. Alice já havia trabalhado neste nível. Era um tédio.

— O que será — disse de repente o Dr. Isaacs — que a Sra. Parks pensa de morar em um lugar tão distante? Ela parece uma mulher dinâmica,

mais adequada a um ambiente urbano. Mas talvez eu esteja enganado. Talvez ela goste de caminhar e pescar?

Ele olhou para Alice, sorrindo ligeiramente, erguendo as sobrancelhas para indicar que a pergunta era dirigida a ela.

O sorriso sumiu dos olhos de Isaac. Ficaram frios como lascas de gelo.

Alice baixou o Chardonnay.

— Ah, eu adoro. Fico muito ocupada. Ajudo Spence com as pesquisas dele... Os investimentos exigem pesquisa, como sabe. Viajamos o tempo todo, é claro, às vezes a negócios, às vezes a lazer.

— Mas... não é um lugar muito grande só para vocês dois? — perguntou Laney Salter, de sobrancelhas erguidas. — Meu Deus, é... imenso!

Spence riu.

— Esperamos encher logo... de filhos. — Ele ergueu a taça para Alice. — Ainda não chegou a hora. Mas chegará.

Alice se lembrou de sorrir timidamente.

— Pensando no futuro, eu gosto disso! — trovejou o senador. — E tocando nesse assunto... — Ele moveu a cabeça na direção do Dr. Isaacs. — Talvez possamos nos reunir daqui a pouco e conversar sobre aquele probleminha...

— Certamente — disse Isaacs, sorrindo com frieza e com a serenidade de sempre. — Quando quiser.

Uma hora depois, Isaacs reunia-se com o senador na biblioteca. As crianças ficaram vendo televisão em um quarto do segundo andar e Alice, sentada no sofá, observava Spence — que fora encurralado pela Sra. Provocadora Salter na sala de estar, onde foram tomar suas bebidas.

Spence estava junto à lareira, de costas para ela, com um sorriso educado no rosto, com a bebida na mão. A Sra. Salter parecia se aproximar aos poucos, com os olhos fixos nos dele ao tagarelar interminavelmente

sobre esportes. Que gostava de esportes viris. *“Sabe como é... homens que realmente vão lá e pegam a bola... Simplesmente... pegam!”*

Ao dizer isso, ela jogou os ombros para trás, fazendo os seios pularem. E fazendo Spence recuar um pouco mais.

Alice sorriu consigo mesma, divertindo-se com a cara de pau da mulher. Spence cairia logo no fogo. Laney era uma daquelas mulheres mais velhas que gostam de garotos mais novos. Provavelmente iria preferir um adolescente, mas Spence teria que servir. Ele era um lindo jovem de 32 anos.

Vinte minutos depois, ela cochichou alguma coisa para ele, depois se virou para Alice.

— Acho que vou dar uma olhada em meus filhos... lá em cima — disse ela, e lançou um olhar sugestivo a Spence e saiu afetada da sala.

Quando ela saiu, ele revirou os olhos e Alice riu.

— Spence, acho que tem fumaça saindo de trás da sua calça — avisou ela. — Mas como essa gata é de botar fogo no balão, talvez esteja saindo da frente...

Alice se interrompeu quando a porta se abriu e Isaacs entrou, seguido pelo senador Salter. O político seguiu diretamente para Alice, sorrindo radiante.

— Aí está ela, a gloriosa dona da casa! — berrou ele. — Fiquei imaginando se eu poderia tomar um uísque com água.

Enquanto Alice preparava a bebida, Isaacs foi até Spence.

— Uma palavrinha lá fora, Spence? — disse ele.

Spence assentiu, colocou a bebida no consolo da lareira e eles foram para o hall, fechando a porta atrás deles. Alice terminou de preparar a bebida e a levou ao senador, que estava de pé perto da lareira, aquecendo as mãos carnudas. A sala não tinha muitas luzes e a luz do fogo dançava em suas feições, iluminando-o de baixo, fazendo-o parecer demoníaco ao sorrir para ela.

— Mas veja só, a anfitriã perfeita! — Ele a saudou com o drinque e

tomou um longo gole, olhando-a por cima do copo.

— O senhor e a senhora Salter voltam a Washington daqui, senador?
— perguntou Alice, sentando-se no sofá. Foi a única conversa em que conseguiu pensar no momento.

— Ooooh, sim, sim, amanhã. Passaremos a noite aqui, é claro. Seu marido foi muito gentil em nos convidar.

— Ah, sim, claro — murmurou Alice. Ela não sabia que eles iam dormir lá, mas decidiu que fingiria estar a par. — Eu sugeri isso a Spence... Afinal, temos muito espaço aqui.

— Que coisa engraçada, alguns empregados seus parecem estar mais acostumados a ser guarda-costas. Vi armas fazendo volume no corpo deles...

— Ah, sim, Spence gosta de pessoas que sejam... multitarefa. — Ela sorriu. — Nossa criada do segundo andar é uma campeã de tiro.

— Sério? Aposto que você mesma pode acertar qualquer alvo. Aposto que tem muitos talentos, Alice — disse ele. — Todo tipo de talentos ocultos, uma mulher sexy como você.

Normalmente, Alice lhe daria um tapa na cara por esse tipo de conversa. Mas ela apenas sorriu mansamente. Ele era um senador e um contato fundamental da Umbrella. Além disso, seu emprego lhe pagava bons seis dígitos por ano. Ela definitivamente não queria perdê-lo.

Spence e Isaacs voltaram, Spence parecia meio ruborizado, pensou Alice, o Dr. Isaacs com a mesma aparência de sempre: como o gato que devorou o canário. Ele mantinha uma atitude nauseante de presunção e superioridade onde quer que estivesse.

— Alice — disse Spence —, podemos dar uma palavrinha?

Sem gostar do que parecia, Alice o seguiu para o hall. Ele fechou a porta e olhou em volta.

— E então? — perguntou ela. Antes que ele pudesse falar, ela disse: — Ah, sei... Querem que você faça a Sra. Salter feliz.

— Para falar a verdade, sim.

— Uma Sra. Salter feliz é um senador Salter feliz? Não sei como me

sentir em relação a isso. Quer dizer, eu sei que só estamos... — Ela baixou a voz. — Só estamos interpretando, mas você e eu chegamos a ter algum...

— É mais que isso. O senador sabe que há algo mais acontecendo aqui. Duvida de que seja algo dentro da lei, o que quer que seja. E ele não tem certeza se quer aprovar as verbas para os... projetos especiais da Umbrella. A Umbrella é fornecedora do governo, mas querem fazer cortes... nesta área de desenvolvimento.

Ele não falou “guerra biológica”, mas ela sabia o que ele queria dizer.

— E? — Ela queria que ele falasse. Queria ver como ficaria sua expressão.

— E ele sugere que será bonzinho conosco se você for boazinha com ele. Não fez muitas perguntas sobre a Colmeia. Ele ouviu o termo em algum lugar. Sabe que tem relação com este lugar. E vai aprovar as verbas para o... projeto.

A boca de Alice ficou seca. E quanto à expressão de Spence enquanto falava, ele parecia infeliz. Mas não havia sugestão de que desejava que ela dissesse não. Ela podia ver que ele decidira que os dois fariam aquele jogo.

— Isto é... totalmente doentio, Spence.

— Eu sei — admitiu ele. — Mas... já fizemos coisa pior.

— Fizemos?

Ele deu de ombros.

— Eu fiz. Eles me mandaram em uma missão em que tive que baleiar toda uma sala cheia de... — ele balançou a cabeça. — Deixa pra lá. E só uma noite.

— Para você, é fácil falar. A Madame Ninfomaníaca é muito mais palatável que o sátiro inchado até a tampa de tanto beber uísque. — Ela tentou fazer piada. — Talvez a gente possa trocar de lugar. Ele pode gostar de você.

Spence não riu. Nem mesmo sorriu.

— Então... Ele gosta de fazer isso no sofá mesmo, é esse tipo de cara. Vou encontrar a mulher no segundo andar. Isaacs disse para fazermos os

dois felizes.

— Isaacs. Ele está por trás disso.

O *Dr. Isaacs gosta de degradar as pessoas...* pensou ela. Seu estômago revirou, pensando no assunto.

Ela podia sair dessa. Eles não a matariam por isso. Ela só perderia qualquer oportunidade de carreira no futuro. Cuidariam disso. Puniriam qualquer desobediência.

Mas, pensando bem, talvez sua vida estivesse mesmo em perigo. Afinal, Salter era um homem poderoso. Ele podia ficar com medo de que ela falasse sobre isso na mídia. Podia exigir que cuidassem dela... completamente.

Não demoraria muito. Mas só de pensar naquilo...

Mesmo que Salter fosse um homem atraente, ela ainda se sentiria degradada com toda a experiência. Ser tratada como objeto, como uma puta barata.

— É o que você pensa de mim, Spence? Você e Isaacs? Que eu sou... uma espécie de acompanhante de Bangkok, sempre pronta a “entreter” os executivos?

— Não! — Ele meneou a cabeça com tristeza. — Tenha dó. A Madame Ninfomaníaca é uma mulher atraente, mas... Eu não me sinto melhor com isso. Também não gosto de “entreter”. Não desse jeito. Mas temos que fazer isso. São bilhões de dólares... muitos bilhões... em jogo aqui! Salter não gosta de quem lhe diz não. Ele é muito vingativo e está a fim de você, e muito. Não tirou os olhos de você no jantar.

— E se eu vomitar meu jantar nele durante o negócio?

Spence suspirou.

— Você é mais durona que isso.

No fim, ela cedeu. Os riscos da recusa eram altos demais.

Bilhões de dólares... Muitos bilhões...

Este era o fator decisivo no que dizia respeito à Umbrella.

Ela manteve a expressão neutra ao voltar à sala. O senador olhava-a atentamente, lambendo os lábios. Isaacs falou quando ela entrou.

— Bem, vou embora — disse ele. — Meu carro me espera. — Ele fez uma curta medida ao senador. — Boa noite.

Enquanto saía da sala, Alice olhou para a porta, na esperança de Spence entrar correndo e dizer: Não, Alice, não faça isso, eu não permitirei.

Mas é claro que ele não fez.

Ela se virou para Salter.

— Bem. Como posso... entretê-lo? — Ela deixou a alça do vestido escorregar do ombro.

Ele levou mais tempo para terminar do que ela esperava. Uma boa meia hora. Depois disso, após dar um tapinha em seu traseiro despido e sair da sala — fechando a porta ao passar — ela irrompeu em lágrimas. Era a primeira vez que chorava desde criança.

E seria a última por muitos anos.

Lembrando-se daquela noite, deitada na cama de armar no helicóptero, Alice se encolheu e estremeceu quando o movimento lhe provocou dor.

Uma paramédica negra entrou, assentiu para ela e, como se respondesse a uma deixa, injetou-lhe um analgésico pelo cateter intravenoso. A droga calmante quase bloqueou a lembrança daquela meia hora no sofá. O peso dele em Alice; o cheiro dele — suor, charuto, uísque, um leve mau hálito, um forte odor de desodorante e loção pós-barba. A pressão babada de seus lábios. O momento em que ela abriu os olhos e viu seu nariz bulboso e venoso acima dela.

Seu ofegar, os agarrões, as arremetidas. Ele murmurando obscenidades, sondando com os dedos gorduchos.

Hematomas em seus seios.

Ela quase vomitou, lembrando-se.

Mas então fechou os olhos e deixou que a droga a levasse a um sono repousante...

24

A tela na sala de ataque mostrava a proa do submarino. Era um vídeo muito nítido — a Umbrella havia atualizado o sistema —, revelando o mar verde-azulado, escurecendo em tons de azul ao descer. Um urso-polar nadava nele, o que empolgou Dori, e elas viram alguns peixes e um par de morsas.

Tom digitava em uma tela de controle, enchendo os tanques de lastro.

— Tem certeza de que todas as escotilhas estão fechadas? — perguntou Judy. Ela já parecia uma esposa, pensou Tom. Ele já foi casado. Sua mulher fora baleada por um policial. Mas ela já estava morta. Ela só era “uma morta que andava”. Foi mordida pelo cadáver ambulante da irmã Edna.

O próprio Tom teve que matar Edna.

Agora ele olhava os mostradores e sentiu o enorme submarino se sacudir.

— Será que está... Será que está fazendo tudo por igual? — perguntou Judy, olhando nervosa em volta enquanto a embarcação começava a estremecer.

— Como assim, por igual? — perguntou Tom, olhando os mostradores.

— Quer dizer... Sem fazer um lado afundar e não o outro — disse ela —, a não ser que seja intencional. E se virarmos de cabeça para baixo ou...

— Não, é tudo configurado para espalhar o peso do lastro por igual pela embarcação. Pode tombar um pouco para frente, mas não muito. Não se preocupe. — A verdade era que ele não sentia a confiança que tentava demonstrar.

— Ai! — disse Dori, agarrando-se a Judy quando a embarcação balançou de novo. Ela também usava uma antiga farda de marinheiro russo, meio grande demais para ela, com as pernas das calças enroladas. — Isso vai afundar? — perguntou ela, preocupada.

— Pelo modo como você diz, até parece que é ruim — Tom riu. — Tem que afundar! É o que os submarinos fazem. Olha a tela aqui... Estamos descendo!

Mas ele estava meio preocupado que submergissem mais rápido do que ele pretendia. Precisava reduzir o ritmo do processo.

A torre de observação agora estaria embaixo da água, abaixo do bloco de gelo. Eles podiam ouvir a água correndo em torno do submarino, provocando um leve ronco. A tela de vídeo estava ficando mais escura.

Então ocorreu a Tom que eles não se afastaram muito da costa, portanto a água devia ser relativamente rasa ali. O que significava...

CLUNK.

O som foi este, de um baque metálico, quando atingiram o fundo. O submarino balançou e eles se agarraram às superfícies mais próximas, Judy passando um braço em volta de Dori. O convés se inclinou um pouco, e parou levemente inclinado. Um tremor percorreu a embarcação, mas o convés estava firme e eles relaxaram um pouco.

— Descemos meio rápido demais — disse Tom, desculpando-se. Ele procurava ouvir o som de água corrente; os alarmes que disparariam se aparecesse uma brecha no casco. Nada. Um diagrama no monitor de status do submarino mostrava-o um pouco inclinado, mas não havia indicação de entrada de água.

— Olhe! — disse Dori, apontando a tela do vídeo.

Tom olhou e tremeu. Havia algo humano ali fora; uma silhueta escura contra o fundo claro do mar. Algas marinhas giravam em volta dela e peixes passavam em disparada por cima de sua cabeça.

Humano? Mas não era realmente humano, a julgar pelo brilho vermelho dos olhos.

— É uma mutante — disse Judy com a voz rouca. — Ah, meu Deus. Uma mutante Las Plagas, pelo que vejo nos olhos. Parece uma que antes era o clone designado “Rain”.

— Isto é um clone, como eu? — perguntou Dori de olhos arregalados.

— Não como você, garota — disse Tom. — Essa coisa é má. Eles ficam assim e só uma pessoa pode controlá-los. É provável que essa pessoa esteja morta. A coisa vai matar até que não possa matar mais. Mas não acho que possa entrar aqui, chegar até a gente. Parece que está a uns vinte metros... Tem gelo nos braços dela ali, está vendo? Vamos voltar um pouco para cima, para ficarmos bem debaixo da placa de gelo, e seguimos em frente... vamos deixar essa coisa para trás.

— Deve ter participado daquele tiroteio, no gelo — sugeriu Judy. — Algum jeito de darmos um fim à infelicidade dela?

— Não. Não enquanto estivermos aqui embaixo. Esse submarino era usado para transporte, para as coisas ultrassecretas da Umbrella, entendeu? Não está armado. Eles não queriam mexer com mísseis e torpedos nucleares... Instáveis demais depois de todos esses anos. Tiraram tudo. Mas tem uma metralhadora instalada no alto, na torre. Está toda travada, mas tem munição. De jeito nenhum podemos acertar essa coisa com ela. Só se pode operar a metralhadora pelo lado de fora.

— Parece que ela está tentando chegar perto de nós! — Dori apontou.

E de fato a criatura coberta de gelo tentava se arrastar para eles, andando pelo leito oceânico, os pés erguendo a areia como nuvens de poeira em câmera lenta.

— Droga! — murmurou Tom, sentando-se na frente da tela de controle.

Ele digitou o controle para os tanques de lastro, ordenando que perdessem metade do peso. O submarino bufou, surgiram bolhas, um ruído surdo, e a embarcação gemeu, como se reclamasse. Eles se seguraram novamente enquanto se estabilizava, subindo. E em alguns instantes a mutante tinha sumido da tela.

Tom soltou um longo suspiro de alívio.

— Caramba. Agora... — Ele verificou a profundidade na tela do batímetro. — Vinte e sete braças — disse ele.

— O que é isso? — perguntou Dori.

— É nossa profundidade. Judy te ensinou matemática? Uma braça corresponde a 6 pés ou 1,80 metro.

— Mas é claro! — fungou. — Cento e sessenta e dois!

— É a nossa profundidade em pés. Vou nos manter aqui, porque não quero esbarrar na base de nenhum iceberg. E vou para o sul, se conseguir que o motor colabore comigo.

— Tem certeza do que está fazendo? — perguntou Judy novamente. — O motor é nuclear...

— É um motor a vapor movido a geradores nucleares. De qualquer modo... Quer viver aqui para sempre?

— A gente pode pescar quando ficar sem comida.

— A Umbrella vai voltar aqui, para a salvação. Investigando.

Judy estremeceu.

— Tem razão. Vamos embora. Mas... Vamos devagar, até sairmos do gelo e da terra.

— Agora o que diz faz sentido. Queremos chegar a águas profundas, longe de todo esse gelo...

— Posso ligar o motor? — perguntou Dori.

— Venha cá — disse Tom. Ela se aproximou e olhou por sobre seu ombro, curvando-se um pouco, com as mãos nos joelhos.

— Agora... Está vendo a placa verde ali na tela? Toca a placa com o polegar.

Ela lambeu os lábios e tocou na placa verde. De início, nada pareceu acontecer. Depois o submarino reagiu, resmungando consigo mesmo, gemendo, e uma vibração o percorreu, da traseira à frente. Eles a sentiram passando pelo centro de ataque.

— Ah, veja! — disse Judy, apontando o vídeo da proa.

Elas viram blocos de gelo flutuantes, acima, iluminados pela luz da superfície, passando enquanto eles seguiam por baixo deles.

Estavam em movimento, e a bússola indicava que iam para sul-sudeste.

Quando Alice acordou, ouviu alguém andando na parte de trás do grande helicóptero. Comentaram que tinham acabado de sobrevoar a costa da Califórnia.

Ou o que antigamente era a Califórnia, pensou Alice. Agora era só outra terra de desolação assolada pelos mortos-vivos. Haveria alguns sobreviventes durões lá embaixo, brigando com unhas e dentes, lutando pela vida a cada dia. E ela torcia para que a visão dos helicópteros lhes desse alguma esperança.

Mas não tinha certeza se dariam alguma esperança a ela. Era equipamento de Wesker, afinal. Quem sabia o que ele planejava? Foi um dos homens que destruiu a civilização, antes de mais nada.

Ela estava prestes a ser entregue ao seu maior inimigo.

Alice ficou deitada ali um momento, ouvindo o giro percussivo dos rotores, consciente dos ventos contrários batendo na aeronave, fazendo-a sacudir de vez em quando. Ela ouvia vozes à frente, mas ninguém parecia estar vigiando-a.

A certa altura teriam que parar para abastecer e isso podia dar a ela e Becky uma oportunidade de escapar. Talvez Jill a ajudasse — até fosse com ela. Talvez não. Podia ser que Jill pensasse que Wesker era seu novo empregador.

E por que não? Wesker tinha acesso a recursos. Podia ter se associado a uma das outras multinacionais que sobreviveram. Não é possível que a Umbrella seja a única. E se eles tinham recursos médicos, combustível, helicópteros, podiam proporcionar algum abrigo em um mundo ainda dominado pelos horrores.

Seriam tão impiedosos como a Umbrella? Mas do jeito que o mundo estava, talvez fosse preciso ser assim.

Não, concluiu Alice. *Não há mundo que justifique o que a Umbrella fez.*

Entretanto, se Alice quisesse ter esperanças de escapar, teria que conseguir andar. Ela se espreguiçou, tentando mexer o corpo, depois fez uma careta — a “mutante Rain” a machucara gravemente. Mas o descanso

e os analgésicos ajudaram. E ela parecia ter parte de sua antiga capacidade de cura, embora a um grau menor do que quando tinha todos os seus poderes.

Ela soltou cuidadosamente as amarras que a mantinham presa na cama, fazendo uma careta com as pequenas pontadas de dor, e se sentou. O tubo intravenoso ainda estava em seu braço. Ela puxou a fita adesiva e arrancou a agulha da veia. Havia na mesa um rolo de fita adesiva cirúrgica e alguma gaze limpa. Alice fez um curativo para deter o sangramento, depois tirou os cabos de monitoramento. O monitor apitou repetidamente, emitindo um alarme meticuloso.

E entrou o paramédico. Era um negro alto e magro com um penteado afro, provavelmente por não ter acesso a barbeiro, e uma penugem de barba. Vestia trajes paramilitares de camuflagem.

— Ei, deita aí agora mesmo! — disse ele a Alice. — O que está fazendo, tirando a agulha de você?

— Sou uma prisioneira?

— Não que eu saiba, sua amiga Jill anda por aí à vontade. Sua garotinha está observando os pilotos. A única razão para você ficar amarrada é que foi ferida e logo vamos pousar para reabastecer em Nevada. Você vai ter que ficar amarrada quando aterrissarmos.

Ele parecia genuinamente preocupado, e Alice não teve vontade de brigar.

— Eu me deito, mas sem agulha intravenosa. Só que preciso de uma comadre.

— Vou arrumar uma — prometeu ele. — E fica deitada. Como está a dor?

— Não muito ruim. Mas quando me mexo...

Ele meneou a cabeça e olhou para ela como se a achasse louca.

— Tem ossos quebrados aí, moça. Pega leve.

Alice estava tonta, de qualquer modo. Ela deu de ombros e deitou-se.

Não era a hora certa. Precisava pensar em Becky.

O paramédico levou a comadre para ela, esperou, olhou por uma das vigias, depois a levou para esvaziar. Muito profissional. Esses cuidados civilizados eram reconfortantes, depois de tanto tempo em um mundo sitiado.

Alguns minutos depois Becky entrou, exultante, e sentou-se na beira da cama, sorrindo e sinalizando.

— “Mamãe, eu estava vendo os pilotos!” — disse ela. — “Quero ser piloto de helicóptero!”

— “Um dia!” — sinalizou Alice, e ela sorriu. As duas continuaram conversando por sinais, Becky às vezes falando alto, com seu jeito estridente. Alice falou enquanto sinalizava para estimular Becky a aprender a ler os lábios.

— “Jill também sabe os sinais” — revelou Becky.

— “Eu sei que ela sabe. E Ada também.”

— “E ela me disse que vamos para Washington! Washington de verdade!”

— “É, não uma daquelas falsas cidades que a Umbrella fez. A verdadeira.”

— “Às vezes acho que consigo me lembrar de estar lá fora... Mas Jill disse que eu nem estava viva alguns dias atrás.”

— “Você estava viva, mas dormia em um laboratório. Como os outros que vimos. Eles colocaram algumas lembranças em sua mente, e assim você não ficaria confusa quando acordasse. Mas não são lembranças verdadeiras. Agora você está criando memórias reais.”

Becky assentiu gravemente.

— “Nunca vou me esquecer de nada disso” — sinalizou ela. — “Nunca. Quero ver Washington. A capital de nosso país.”

— “Não deve estar como antigamente” — avisou Alice. — “Os mortos-vivos tomaram grande parte dela. Mas um dia vamos nos livrar deles, recuperar tudo e reconstruir. Muita coisa foi incendiada, sabe, pelos

britânicos, na guerra de 1812. Séculos atrás. E reconstruíram. Poderá ser a capital do nosso país de novo.”

— “Mas não agora?”

— “Talvez de alguma maneira, mas o país perdeu muita de sua... organização” — Ela esperava ter sinalizado “organização” corretamente. — “Nós vamos consertar tudo. Mas vai envolver muita luta. Não quero ir para lá, se não for necessário... Mas um dia as pessoas como nós vão reconstruir tudo aquilo.”

Alice torcia para não estar dando falsas esperanças a Becky. Ocorreu-lhe que antes da Segunda Queda do Homem — antes da ascensão dos mortos-vivos — havia novos protótipos de dispositivos artificiais de audição, implantes, transplantes, vários aparelhos que se propunham a tratar a surdez. Becky podia ter a sua efetivamente curada. E ela poderia um dia vir a ser “piloto de helicóptero”, neste mundo.

Se recuperasse a audição agora, de algum modo, suas chances de sobrevivência aumentariam. Quando se pode ouvir um morto-vivo se aproximando por trás, sua chance de escapar é maior.

Mas esse mundo agora se fora. As pessoas que não tinham sido mortas pelos zumbis em geral morriam de outras causas, por falta de assistência médica quando um corte infeccionava. Implantes auditivos? Não era provável.

Ainda assim... E Wesker, e as pessoas com quem trabalhava? Eles podiam ter uma cura para Becky em algum lugar em seus laboratórios. Mas sua “cura” podia ser um horror também.

O paramédico negro voltou.

— Vamos descer para reabastecer.

— Onde? — perguntou Alice.

— Há uma antiga base de combustíveis da Força Aérea que nós tomamos, nas Sierras. Arame farpado para todo lado... Deve ser bem seguro.

De quem você está falando quando diz “nós”, perguntou-se Alice. Mas, antes que pudesse verbalizar a pergunta, o paramédico se ocupou em levar

Becky para a antepara oposta, onde a afivelou em um banco dobrável.

— Fique bem quietinha aqui um pouco, mocinha — disse ele.

Ela não pareceu entender as palavras, mas sorriu para ele. Ele afagou o cabelo dela e sentou em seu assento dobrável enquanto o helicóptero começava a descer, preparando-se para o pouso.

Becky olhou feliz em volta, e Alice jurou a si mesma que cuidaria daquela menina. Com o tempo, teria que lhe ensinar certas coisas — o uso de armas, técnicas de artes marciais. Provavelmente começariam pelo judô. Desenvolveria as habilidades da menina, aprendendo a matar só com as mãos.

Havia espaço para a esperança no mundo, certamente. Mas e para a inocência? Não havia espaço para a inocência. Pelo que Alice sabia, a inocência estava morta. A Umbrella a matara.

O motor do helicóptero mudou de tom, gemendo, e, após um leve abalo ao descer, os rotores reduziram, a música baixando de tom.

Agora era sua chance...

Alice tomara a decisão de que não queria ir para Washington. Isso as levaria a Wesker — e só isso era motivo suficiente para sair do helicóptero.

Afinal, Albert Wesker já tinha tentado devorá-la viva. Literalmente devorá-la. Ele se transformara com a variante fortalecedora do T-vírus, tornando-se um super-homem transfigurável. Às vezes era só um homem pálido de cabelo castanho penteado para trás, óculos escuros, um casaco comprido de couro preto e luvas pretas. Mas, quando queria, podia se transformar — suas mandíbulas enormes se projetavam por entre os maxilares elásticos, o corpo inchava, os músculos se avolumavam.

Wesker não tinha total controle de suas transformações, então decidira que consumir a “Projeto Alice”, como ele a chamava, permitiria absorver a parte essencial de seu DNA. Alice lhe disse que ela não estava “no cardápio”, e escapou.

Por pouco.

Sua mente era a coisa mais monstruosa nele — sua complexa racionalização para justificar o desejo de poder absoluto. Mas reduzia-se a algo muito simples: a única coisa que controla o poder, disse ele, é mais poder.

Wesker era presidente do conselho da Umbrella quando o projeto do T-vírus fora aprovado. Alice não podia provar, mas suspeitava que Wesker pudesse ter manipulado Spence para liberar o vírus. E agora a levavam para esse monstro.

Ela e Becky?

Não.

O paramédico se levantou, verificou Alice, afagou seu ombro e perguntou se ela precisava de alguma coisa.

— Quem sabe algo nutritivo para beber? — respondeu ela. — Tem alguma coisa assim? Uma daquelas bebidas em lata ou algo parecido?

— Temos. A data de validade expirou há um ano, mas é só o que temos. Vou pegar para você.

Ele saiu e Alice se desamarrou, ignorando a dor ao se sentar. Becky desafivelou o cinto de segurança e se aproximou.

— “Escuta, talvez seja melhor a gente seguir nosso caminho... Só você e eu, a partir daqui. Não sei muito sobre essa gente. Confiaria em mim, para ficar só comigo? Não precisa, se não quiser” — sinalizou Alice.

O medo palpitou nos olhos de Becky. A boca tremeu.

— “Não me abandona” — sinalizou ela.

— “Não vou te abandonar... Estou dizendo que você pode vir comigo.”

— “E eles vão deixar?” — perguntou Becky.

Uma pergunta bem esperta...

25

Vendo uma andorinha-do-mar voar, passando pela nuvem circulante de gaivotas e seguindo para o mar, Jack Tannager sentiu a dor de deixar a ilha.

Mas não tinha certeza se ele conseguiria. Tio Chung alegava que bastava estar onde se estivesse. O mundo, disse ele, é pequeno no cosmo. Tudo é uma partícula, em última análise, então por que não viver em uma pequena ilha? Afinal, a Terra toda era uma pequena ilha na infinita extensão do espaço.

Mas aqui estava ele, parado na praia rochosa ao pôr do sol, no lado ocidental da ilha de Catalina, olhando o mar, e cada fibra de seu ser doía de vontade de explorar. Havia pelo menos outras ilhas que podiam estar livres de mortos-vivos. Pelo menos elas podiam ser exploradas.

Tio Chung não deu ouvidos a isso.

— A doença que matou sua mãe e seu pai... Não o pegará também. Eu amava muito a minha irmã. Quando a doença a pegou, mudou o vaso que sustentava sua alma, desonrou sua memória. Jurei que não daria a ela a chance de machucar você, Jack. Ficamos seguros aqui por muito tempo. Não vamos nos arriscar...

E o mesmo diziam Bim e Lony. Claro, eles eram um casal gay e jovem, então não havia como serem seus parentes, mas eram gente boa. Gostavam de pescar, e Lony lhe mostrou como conduzir um barco e como surfar.

Jack pegou um seixo liso em formato de disco e tentou fazer com que saltasse entre as ondas, mas atingiu uma onda e afundou.

Como eu, pensou ele, suspirando. *Não pode se mexer.*

— Jack! — chamou tio Chung da pequena escarpa no alto da praia.

Jack se virou resignadamente ao ouvir.

— Sim, tio?

— Venha, está escurecendo, hora do jantar... Depois temos que fazer nossa vigia.

Ele assentiu carrancudo e subiu o caminho arenoso pela face da escarpa, unindo-se ao tio. O velho estava em uma orla de relva com as mãos nos quadris. Seu manto budista laranja estava puído, as sandálias se desfaziam, coladas com fita adesiva. A barba grisalha e irregular soprava ao vento. Ele sorriu para Jack — aquele sorriso meio desdentado, pungentemente vulnerável. Era impossível ter raiva de Chung por muito tempo. Em especial porque seus olhos eram muito parecidos com os da mãe de Jack; castanhos, quase pretos, graciosamente epicânticos, penetrantes.

Tio Chung era a única família que lhe restava.

Jack era meio chinês, mas não falava quase nada do mandarim que a mãe e tio Chung costumavam usar para conversar. O pai havia sido um piloto britânico e um bom homem, embora Jack não o tivesse visto o suficiente. Um passageiro infectado o matara — e o avião caiu.

Depois de comerem, Jack e tio Chung fizeram a vigia juntos, o tio carregando o velho fuzil M1 em uma alça no ombro. Teria parecido estranho ver um monge budista com um fuzil antes da ascensão dos mortos-vivos. Agora, é claro...

Eles tiveram sorte por ter fuzis suficientes e um bom suprimento de munição. O pai de Lony havia sido colecionador de armas. Fora para Los Angeles pouco antes do apocalipse e presumivelmente estava morto. Tinha gosto por carabinas da Segunda Guerra Mundial e guardara um suprimento considerável de munição calibre .30 em um antigo abrigo da guerra — queria estar preparado para uma invasão japonesa que nunca ocorreu. Havia quatro M1 Garands, duas Lugers alemãs, um engradado de munição e uma escopeta “varre-trincheira”. Também havia uma metralhadora, mas não funcionava. A Thompson também — não havia munição para ela.

Mas havia muita munição para o M1. Todos os fuzis tinham sido verificados e funcionaram muito bem nas práticas de tiro ao alvo. E tinham eliminado todos os mortos-vivos da ilha, pouco tempo antes. Jack atirara em

sua parcela de zumbis. Na primeira vez que dera um tiro limpo na cabeça, ele dissera, “Matei um!” e foi recompensado com uma carranca do tio Chung.

— Não diga matei um — disse tio Chung. — Eu não deixaria que matasse ninguém. Esta coisa não está viva. É só um corpo, um sistema nervoso inflamado, um caçador. Não nada mais que isso. Você deu fim à infelicidade de um morto-vivo, mas ele foi morto quando foi transformado.

Havia muita gente ali, é claro, no dia que começou o surto. Eram quase quatrocentas pessoas. Mais da metade entrou em pânico e abarrotou duas grandes balsas para fugir dos mortos-vivos.

As balsas tinham ido para o oeste, seguido para outra ilha próxima. Jack os vira do topo do monte Orizaba, o ponto mais alto da ilha de Santa Catalina, para onde fugira com tio Chung, depois que a mãe se transformou... em uma daquelas coisas.

Depois seu tio, chorando, metera-lhe uma bala na cabeça.

Ele não atirara nela, lembrava-se Jack sempre que pensava nisso. Só em seu corpo animado. Seu espírito estava com o Buda.

Eles tinham visto as balsas indo para o oeste, depois uma delas pareceu ter dado uma guinada louca, chocando-se na outra. As duas balsas afundaram. Ninguém voltou à praia, a não ser uns poucos que eles tiveram que balear.

Muitos outros companheiros tinham se espremido dentro do ginásio de esportes, para se protegerem ali, mas um deles já havia sido mordido. As portas foram trancadas quando ele começou a disseminar a doença. Os outros, do lado de fora, incendiaram o ginásio, com toda aquela gente dentro. Provavelmente alguns nem eram mortos-vivos.

Não era uma coisa em que Jack gostava de pensar.

Eles passaram um pente-fino na ilha, os poucos que sobreviveram. Trinta deles. E mataram um morto-vivo após o outro. Dois caçadores foram mordidos e se transformaram em caça.

Um dia um barco chegara à deriva à ilha — e eles viram os mortos-

vivos andando de um lado a outro do convés. Três dos homens, como voluntários, saíram em uma lancha a motor, balearam os mortos-vivos no convés a uma distância de cerca de 10 metros, depois rebocaram o barco de volta ao mar e atearam fogo. Não olharam para ver o que podia ter embaixo do convés.

Esse barco infestado amedrontou os sobreviventes, e a maioria preferiu ir para o oeste em uma lancha, na esperança de encontrar um lugar mais seguro, mais remoto. Jack, tio Chung, Lony e Bim foram os únicos que restaram na ilha, além de alguns poucos animais selvagens e os cães meio ferozes que Bim quase domesticara.

Bim era meio polinésio, atarracado, com uma barriga considerável e um grande sorriso cheio de dentes. Foi perambulando até eles quando voltavam ao abrigo, do lado norte da ilha. Tio Chung respirava com dificuldade depois da subida.

— Vê algo interessante por aí, Jack? — perguntou, acenando.

Bim tinha uns 30 anos e em geral usava camisa florida havaiana, calça de lona branca e sandálias. Nem ele nem Lony pareciam efeminados para Jack.

O abrigo ficava em uma extremidade ao pé da pequena montanha da ilha, dando para a pequena casa de campo de andar térreo do pai de Bim.

— Não, nada, como sempre — disse Jack.

— Alguma coisa flutuando... destroços, algo que possamos usar?

— Algumas boias de pesca.

— Wowie-zow — disse Bim, sorrindo.

Ele gostava de dizer “wowie-zow”. Também gostava de fumar maconha. Ele e Lony tinham uma pequena “horta”, como chamavam, na encosta. Tio Chung nunca tocou nela. E Jack fingia não tocar.

— O garoto está ficando entediado — disse Chung. — Aqui é difícil para ele. Talvez a gente deva sair em uma expedição de pesca, quando fizer um dia bonito. Ainda tem muito combustível em um daqueles barcos.

Mas, ao dizer isso, a testa estava franzida enquanto ele olhava o mar.

Parecia procurar alguma coisa.

— O que está vendo, Chung? — perguntou Bim, protegendo os olhos para ver.

O sol baixara quase inteiramente, havia apenas um leve crepúsculo e o brilho da lua surgindo.

— Eu... Nada. Não vejo nada. E vejo tudo... As ondas. Tudo são ondas. Mas não barcos. Mas senti que vinham. E ontem à noite tive um sonho. Ontem à noite foi...

— Ontem à noite? — incitou-o Jack.

Às vezes o tio tinha sonhos premonitórios. E eles sempre se concretizavam. Ele só falava em seus sonhos se achasse que eram importantes.

Chung deu de ombros.

— Fiquei olhando o dia todo, mas não vi nada vindo. Talvez não venha tão cedo, como pensei.

— Como era o sonho? — perguntou Jack.

— Ontem à noite... sonhei que um submarino vinha para a ilha.

Alice simplesmente saiu do helicóptero, no frio do início da noite, com Becky segurando sua mão. Havia um anel de luz em volta do helicóptero. Um segurança a olhou, carrancudo — tinha barba loura e cabelo volumoso preso em uma bandana. Provavelmente não sabia o que fazer com ela.

Alice olhou a arma dele, cobiçando-a. Era uma M60 e disparava cartuchos 7.62 x .51mm a mais de 500 tiros por minuto. O cara também tinha um cinto com muitos pentes, todos carregados.

Ela agora estava desarmada e conhecia bem aquela arma. Se conseguisse pegá-la, poderia conter um pequeno exército com aquela coisa.

Mas Alice apenas sorriu para ele com charme. Havia se limpado antes de sair e estava bem, dentro do possível, com todos aqueles curativos. Agia como se tivesse saído para tomar ar.

O segurança pareceu relaxar um pouco.

Fora do círculo de luz havia um campo de relva e duas cercas, uma por

dentro da outra. A cerca interna, a uns 20 metros, sustentava um arame farpado no topo. A externa parecia ser eletrificada, mas duvidava que funcionasse.

A luz saía principalmente de lanternas, montadas em barris de combustível próximos, na margem do asfalto, e das janelas do helicóptero.

Pareciam estar em uma campina oblíqua, em algum lugar na encosta de uma montanha. Havia uma construção e vários tanques, presumivelmente cheios de combustível para helicóptero. Eram ligados por canos, e uma mangueira flexível de combustível corria até a parte traseira da aeronave. Outros helicópteros circulavam, esperando sua vez.

— “Estou vendo árvores” — disse Becky. — “E a lua. Sinto cheiro... Não sei o que é. Um cheiro ruim e outro bom.”

— “O cheiro ruim é combustível” — disse Alice, mas de certo modo gostava dele. — “O cheiro bom deve ser uma floresta, em algum lugar em volta deste posto de abastecimento.”

— “Não é tão frio aqui. É bom. Aquela é a lua verdadeira?”

— “Sim.”

Pelo que Alice conseguira descobrir, estavam no lado leste das Sierras, não muito longe do que havia sido a divisa com o estado de Nevada. Talvez a área estivesse relativamente livre de...

E então ela os viu. Os mortos-vivos.

Arrastavam-se para as cercas, rosnando. E havia centenas.

Ela nunca passaria por eles, a não ser que abrisse caminho à força. Impossível sem uma boa arma e ainda tendo que se preocupar com Becky.

— Não estamos longe da civilização? — perguntou Alice ao segurança. — Por que todos os mortos-vivos?

— Todos pertenciam a uma base militar quando eram gente — disse ele, protegendo os olhos das luzes. — Fica a um quilômetro e meio daqui. Eles viram as luzes quando chegamos. Sempre empurram um pouco mais as cercas. Um dia desses vão... caramba. Acho que temos uma brecha na cerca externa. Sargento!

— “Mamãe?” — Becky tremia. — “Eles vão entrar aqui?”

— “As cercas ainda estão no lugar” — sinalizou Alice. — “Se entrarem, temos muita proteção.” — Mesmo assim ela puxou a garota para perto.

— Ferguson! — gritou o sargento por uma porta atrás delas. — Temos vinte minutos até terminarmos aqui! Mantenha este maldito lugar em paz! Se precisar de reforços, grite!

— Sim, senhor! — Ferguson, o segurança com a bandana e a invejável M60, partiu para a cerca.

— Eu não faria isso — disse Alice. — Ferguson? Não chegue perto demais!

Ele a ignorou.

— “Aonde ele foi, mamãe?” — perguntou Becky.

— Não sei, droga — murmurou Alice. Mas, sinalizando, disse: — “Verificar se as cercas estão seguras.”

— Para trás, carne podre! — gritou Ferguson, aproximando-se da barreira.

Alice apostava que ele não tinha muita experiência com zumbis ou saberia que isso não ia dar certo.

Ela suspirou. Simplesmente não ia se afastar dessas pessoas — não aqui. Teria que esperar, talvez até Washington. Sua prioridade máxima era a sobrevivência, dela e a de Becky. Então ela se virou e sorriu para a menina, pegando o queixo dela.

— “Entre” — sinalizou com a outra mão. — “Chame Jill para mim. Pode fazer isso? Mas não volte sem ela.”

Becky assentiu e, feliz por ter uma missão, correu rampa acima até o grande helicóptero.

Ferguson agora estava a alguns passos da cerca. Alice começou a correr para ele, estremecendo de dor no peito e em um dos lados do corpo.

— Ferguson! — gritou. — Não!

Ele a olhou.

— Senhora, volte para o helicóptero! Isto é assunto da segurança! — Ele se virou para os mortos-vivos, que empurravam a cerca externa. Começavam a subir por ela, já que a cerca havia sido entortada em um ângulo de 45 graus. Ferguson ergueu a M60. — Eu avisei, biscoitos de abutre!

Ele meteu o cano da arma por um buraco na tela e abriu fogo, disparando a cerca de uma cabeça de altura. Meia dúzia de mortos-vivos caiu para trás com as cabeças abertas.

— Iu-ruuuu! — Ferguson uivou.

De repente outros quarenta subiram pelos que estavam caídos e correram para a cerca interna. Usavam fardas esfarrapadas e tinham a cara ensanguentada, muitos sem lábios, alguns com mandíbulas que se projetavam para puxar os elos da cerca com uma força sobrenatural. Ferguson os enlouquecera com sua proximidade e agora eles agiam como um tapete de formigas militares, procurando passar.

— Ferguson! — gritou Alice. — Volta para o helicóptero!

Ele se virou para ela com uma carranca furiosa.

— Senhora, pensei ter dito...

Foi quando a cerca interna desabou, prendendo Ferguson como as mandíbulas de uma armadilha de aço. Ele cambaleou para trás quando a cerca caiu, prendendo-o da cintura para baixo. Sua arma também ficou presa, o cano ao lado dele, apontando para Alice.

Ele gritou, um berro longo, alto e estridente, enquanto o zumbi — que havia sido um general duas estrelas velho e gordo — saltou sobre ele, rosnando, rasgando a garganta do homem com as mandíbulas. Alice chutou o general com força, quebrando seu pescoço. O cadáver ambulante caiu em cima de Ferguson, mas os outros pressionavam. Só teve tempo de agarrar o cano da arma e o cinto de pentes de munição de Ferguson, e os soltar da cerca.

Mas não havia tempo para apontar a arma. Dois zumbis que antes eram mulheres, ainda parcialmente fardadas, apareceram lado a lado, quase como

gêmeas. As duas levaram tiros na cabeça, os crânios explodindo com o impacto.

Alice pulou para trás para evitar o sangue que espirrava.

E então Jill, com um rifle de assalto fumegante na mão, colocou-se a seu lado.

— Obrigada — disse Alice, apontando a M60 para a cara do morto-vivo que investia para ela. — Belo tiro.

Jill não respondeu, ocupada disparando na horda que as atacava, atirando habilidosamente em uma fila de cabeças de zumbis. A linha de frente, pressionada pelo buraco na cerca danificada, caiu como a colheita depois da foice, mas outros subiram por eles.

Alice escorou a M60 no quadril, disparando na horda quase à queima-roupa, explodindo sangue podre e ossos amarelos no ar, fazendo com que as criaturas rosnantes girassem para a doce libertação da derradeira morte. Mas eram muitos, e ela e Jill ficariam sem munição logo.

Elas começaram a recuar para o helicóptero.

Alice sentiu algo puxar seu pé, baixou a cabeça e viu Ferguson, que se transformara em morto-vivo. De algum modo tinha se espremido por baixo da cerca e dos cadáveres, com a cara meio dilacerada, e agora se agarrava a seu tornozelo, batendo os dentes no bico da bota.

— Ah, Ferguson — disse Alice, atirando em sua cabeça. — Seu idiota... Não me deu ouvidos.

Surgiram tiros de trás, zunindo para pegar uma fila de zumbis vacilantes. Alice se preocupou com o “fogo amigo” — alguns tiros passaram muito perto. Ela se virou, esvaziou o pente no morto-vivo, depois gritou para os soldados que disparavam do helicóptero.

— Cessar fogo até que a gente volte!

O tiroteio se abrandou enquanto ela e Jill se viravam e corriam. Ela mal sentia a dor nas costelas quebradas — agora ferimentos meio curados —, e o surto de adrenalina eliminou a dor restante.

— Parece que você está se sentindo melhor — comentou Jill.

— Me sinto uma merda — respondeu ela. — Mas isto é o melhor que costume sentir.

Elas se colocaram atrás de três soldados alinhados na frente do helicóptero. Alice via Becky olhando pela vigia atrás delas, sua expressão era um misto de alívio e terror.

Um dos mortos-vivos arrastava um cervo morto e meio devorado. Alguns tinham mandíbulas projetadas que se agitavam no ar, outros andavam com uma determinação obstinada, tentando chegar aos objetos de seu desejo.

Alice subiu a rampa correndo, empurrando Becky gentilmente para a traseira, depois encaixou outro pente na arma. Ela disparou — o ângulo elevado permitia que evitasse os soldados abaixo — e atingiu dois mortos-vivos a meio caminho da pista. Um deles, porém, ainda andava. Ela atirou em seu pescoço e a cabeça tombou para um lado, aparentemente pendurada por uma artéria.

Pelo canto do olho, ela notou que Becky fazia sinais.

— Que foi? — Alice encaixava outro pente. Becky leu seus lábios.

— “Quero aprender a fazer isso!” — Ela apontou a arma.

Alice assentiu para ela.

— “Um dia, em breve” — sinalizou.

Não resta inocência nenhuma...

Havia um campo de morte, um abatedouro sepulcral na pista, coberta de corpos, alguns se contorcendo, a maioria imóvel, mas os mortos-vivos ainda vinham. Era assim que superaram a linha de defesa. Pelo número. Você podia apertar o gatilho muitas vezes. E os mortos-vivos não tinham medo de tiros. Ou procuravam a verdadeira morte, ou estavam cegos demais pela sede de sangue para considerar isso.

Um dos soldados ficou sem munição e entrou em pânico, virando-se para subir a rampa.

— Eles estão vindo! Vamos dar o fora daqui! — gritou, com a voz aguda.

— A mangueira de combustível ainda está conectada! — gritou Jill. Eles não se atreveriam a decolar. Podia fazer com que o helicóptero caísse ou explodisse em chamas.

Alice soltou um palavrão e pulou rampa abaixo, correu até a traseira do helicóptero e se atrapalhou com a interface onde a mangueira de combustível estava ligada à fuselagem. Precisou de um instante para entender como soltá-la — e então os mortos-vivos já estavam em cima dela. Três, todos haviam sido soldados corpulentos, agora pareciam bêbados que apanharam demais, com apenas uma bota no pé, as roupas em farrapos e a cara como uma máscara de sangue. O do meio tinha as mandíbulas projetadas para a frente.

De repente a mangueira de combustível se soltou, e a gasolina ainda jorrava do grande tubo de plástico e fibra de vidro, espalhando-se pelo chão. Se ela disparasse a arma agora, poderia transformar o helicóptero em uma bola de fogo.

Um dos mortos-vivos agarrou seu braço. Então Jill correu até Alice e disparou uma rajada na lateral da cabeça do zumbi, derrubando-o.

— Cessar fogo, o combustível ainda está escorrendo! — gritou Alice.

Ela pegou a mangueira e a virou para os dois mortos-vivos mais próximos, que batiam os dentes perto de sua cara. Eles rosnaram e tentaram arranhar seus olhos. Depois ela atirou a ponta da mangueira — mais pesada do que parecia — na onda de mortos-vivos que corriam para ela, jorrando a gasolina sob seus pés. Eles chapinharam pela gasolina enquanto Alice se virava, fechava a tampa do tanque do helicóptero e corria.

Ela sentiu na pele e no nariz o hálito podre e quente junto à sua nuca.

Alice chegou à rampa e saltou ao lado de Jill. O sargento gritava aos soldados para que entrassem no helicóptero. Um deles conseguiu, subindo a rampa correndo, mas o outro, um homem parrudo e coberto de suor, tropeçou e caiu de cara. De imediato foi dominado por mortos-vivos, quatro deles mordendo suas pernas, um quinto na nuca, outro mastigando seu crânio com as mandíbulas, arrancando a coluna com as mãos nuas.

Seus gritos ecoaram pela encosta da montanha.

Alice deu um tiro na cabeça do soldado para acabar com seu sofrimento e poupá-lo de se transformar em zumbi, depois esvaziou o pente no grupo mais próximo. Virou-se e passou pela porta enquanto a rampa começava a ser içada para cima.

Enquanto o helicóptero levantava voo, uma filipina de uniforme de enfermeira militar saltou na rampa quando ela se fechava. A cabeça da criatura foi apanhada na soleira entre a rampa e o batente, rosnando, expelindo as mandíbulas agitadas. O helicóptero apontou para cima, virando de modo que um atirador pudesse disparar nos mortos-vivos que enxameavam a pista.

As balas atingiram a poça de combustível que crescia e ela explodiu em chamas, pegando o tanque de reabastecimento. Um lago de fogo consumiu a multidão ruidosa de mortos-vivos.

Jill bateu na cabeça da criatura presa na porta, transformando-a em geleia, e a soltou para que caísse no lago de fogo... E a porta finalmente se fechou inteiramente.

Becky chorava. Alice a pegou nos braços e olhou pela vigia a colina que recuava abaixo.

Ela estava finalmente indo para Washington.

26

Tom olhava o mar pelo periscópio — estavam pouco abaixo da superfície, seguindo estrondosamente para o sul-sudeste. Era o início da manhã lá fora. Ele via algas marinhas, gaivotas e os restos flutuantes de um navio. Felizmente estava a um quilômetro a bombordo, então não seria um problema. Ele ainda não sabia usar o sonar e tinha medo de esbarrar em destroços...

Tom ouviu os passos inconfundíveis de Dori, leves e rápidos, no convés.

— Tom? Tem um alçapão aqui no chão do depósito de comida — disse ela. — Eu estava procurando uma comida para o jantar e notei. Não tentei abrir, mas... o que tem ali embaixo?

Tom franziu a testa. Não se lembrava de ver um alçapão no convés dali, mas também não procurara. Havia muita coisa no submarino que ele ainda não conhecia.

— Me mostra — disse ele.

Ele a seguiu pela escada. Ela se tornava uma verdadeira marinheira e deslizava pelos corrimões de metal como uma profissional experiente. Ele seguiu o lento trajeto, tentando não bater a cabeça nas laterais da escotilha.

Mais duas escadas e eles estavam no nível onde ficavam as cozinhas e o depósito. Ela o levou por um corredor estreito e entrou no Depósito 3. No fundo, no convés entre estantes altas de metal apinhadas de enlatados e caixas de comida liofilizada, ficava o alçapão. Estava fechado, era contíguo com o convés e parecia ser uma espécie de escotilha de manutenção, talvez para conexões elétricas.

— Duvido que haja alguma coisa aí embaixo além de fios.

— Podemos olhar?

— Se eu conseguir abrir...

Ele se ajoelhou e virou a tranca. Havia um pequeno teclado ali, para se entrar com um código de acesso. Segundo o manual da Umbrella, era 758666. Ele o digitou, uma luz verde acendeu e um estalo soou dentro do alçapão.

Tom levantou a tranca, e a porta girou para trás, erguendo-se em seu mecanismo. Abaixo havia uma escada e um poço estreito, descendo cerca de dois metros ao que parecia uma porta de vidro que emanava uma luz suave.

— Iiiih, olha, Tom! — disse Dori.

— É. Não vi nada disso no manual. Tinha algo sobre uma unidade de subarmazenamento, mas com a placa “Não Entre”. Imaginei que fosse combustível nuclear ou coisa assim...

De repente um arrepio o tomou. Poderia ser algum depósito de plutônio? Ele olhou em volta e não viu nenhuma placa de alerta de radiação, algo que esperaria ver se houvesse material radioativo ali embaixo.

— Bom, é um risco — disse ele —, mas precisamos saber o máximo que pudermos sobre essa banheira russa. Vou descer!

— E eu?

— Quer que sua JudyTech acabe comigo? De jeito nenhum você vai descer aqui antes de eu descobrir se é seguro, e talvez nem seja. Não se mexe, fica aí.

Grunhindo enquanto manobrava o corpo grande e envelhecido ao baixar no poço, ele desceu pela escada, mal cabendo na passagem. Sentiu um frio gélido chegar de baixo. Quando chegou ao fundo, ele se virou, olhou o piso de vidro sob seus pés e xingou amargamente consigo mesmo.

Sob o vidro viu várias cabeças e a parte superior do corpo de seis figuras. Que foram homens, mas agora eram mortos-vivos Las Plagas, ao que parecia. Não aquela poderosa que ele vira uma vez no leito marinho, esses eram do tipo soldados normais com os quais a Umbrella andara fazendo experimentos.

Eles pareciam inertes. Os olhos estavam entreabertos, e um brilho

vermelho e taciturno saía por entre as pálpebras.

Ele podia ver gelo na face interna do vidro, pelas bordas e nos cílios dos mortos-vivos. Podia ser que estivessem em uma espécie de animação suspensa, organizados como coxas de frango congeladas em uma embalagem de supermercado.

Zumbis sob o vidro, pensou ele.

Por tudo neste mundo, parecia que haviam sido armazenados, como quem guarda carne em um freezer. Se a Umbrella os colocara ali, então eram mantidos para que virassem armas. Talvez fizessem parte de um plano de infecção de corporações rivais... Colocando-os furtivamente em uma base rival com o submarino.

Precisava ter certeza de que os zumbis não escapariam. E se apertasse os controles do computador em algum lugar e os libertasse por acidente? Tom balançou a cabeça, desnorteado sobre o que fazer.

— O que é? — chamou Dori com impaciência.

Ele quase lhe disse que não havia motivo para ela se preocupar. Mas não queria mentir para Dori. Ela precisava se preocupar com isso. Se acontecesse alguma coisa, ela deveria saber o que estava havendo.

— Desce aqui e vem ver — disse ele. — Mas não é para tocar em nada. Ela desceu a escada e olhou as caras sob o vidro.

— Oh!

— É isso mesmo, oh! Zumbis Las Plagas, é o que eles são. Estou pensando em lacrar isto para que não possam sair... Quer dizer, se alguma coisa os despertar.

— Esses estão dormindo?

— O frio parece que mantém essas coisas em uma espécie de, como se chama? Animação suspensa. Vem, já chega. Vamos dar o fora daqui.

Tom a viu subir a escada e foi atrás dela, fechou e trancou o alçapão. Mas tinha a forte sensação de que aquele não era o fim da história. Uma vez que a caixa de Pandora é aberta...

Jack e tio Chung estavam de pé no píer da marina de Avalon, tremendo um pouco no frio de início da manhã e olhando o canal entre a ilha de Catalina e Los Angeles. Havia um barco se aproximando, e a visão dele — as possibilidades — fazia seu coração saltar de empolgação.

À direita balançavam-se oito barcos abandonados de variados tamanhos, amarrados às rampas flutuantes da marina. À esquerda, o porto. Gaivotas soltavam seus gritos sinistros, voando sob as nuvens baixas e nevoentas, e um pelicano passou nadando lentamente. Jack e Chung tinham os M1 nas alças penduradas no ombro.

— Talvez seja o que você viu no sonho — disse Jack. — Talvez não tenha sido um submarino.

— Talvez — disse Chung. — Essas coisas nem sempre são literais. Podia ser um símbolo... Mas... — Ele balançou a cabeça. — Era um submarino. Quando acordei, tinha o gosto da verdade na boca.

— Qual é o gosto da verdade?

— Algo que você aprenderá com o tempo. De qualquer modo, parece que alguém está pilotando o barco. Os mortos-vivos não pilotam nada. A não ser... em uma transmissão de rádio, ouvi boatos de uma coisa, de outro tipo, mas nunca vi um capaz de pilotar nada. Nem fazer nada além de arranhar e morder.

— Então, se não são mortos-vivos... devemos dar as boas-vindas a eles!

— Depois de vê-los, vamos saber se há motivo para felicidade... quando os encontrarmos. Existem muitos tipos de homens, muitos tipos de mulheres.

Era uma lancha, lançando uma esteira branca e bifurcada que era novidade nos últimos tempos. Havia muito poucos barcos sendo pilotados nos mares, e Jack só conseguiu distinguir um homem alto e desengonçado, com uma pequena arma automática na mão, na proa. Ao lado dele, uma mulher de quadris e ombros largos, com calça de oncinha, uma jaqueta de jeans e uma espingarda semiautomática nas mãos. O cabelo formava uma coroa clara e desgrenhada, ondulando ao vento ao se aproximarem.

— Bandidos? — perguntou Bim, aparecendo no píer atrás deles.

— Não sei — disse Jack. — Só estou feliz por ver alguém.

— Vamos para aquele barco ali — disse tio Chung, apontando com a cabeça um veleiro à direita.

Tinha uma superestrutura que proporcionaria alguma cobertura se eles precisassem, mas Jack não via motivo para fazer isso. Por que alguém, realmente, ia querer atacar outra pessoa, a não ser pelos mortos-vivos? Era uma coisa que ele sempre imaginou que seria verdade — os sobreviventes deveriam ser unidos na luta contra os mortos-vivos. Agora todos os vivos estavam do mesmo lado, concluiu ele.

Mas Jack não tinha certeza. Eram as primeiras pessoas novas que via desde que os últimos barcos tinham saído da ilha. Então ele seguiu Bim e tio Chung para o veleiro.

— Não pareceria, sei lá, hostil ou coisa assim — disse ele — se assumíssemos posição de tiro daqui?

— É assim que se faz — disse tio Chung calmamente. Ele estava sempre calmo, independentemente do que acontecesse. Embora tenha chorado quando teve de baleiar o cadáver ambulante da irmã, ele deu o tiro calmamente.

Eles ficaram lado a lado no convés um tanto balançante do veleiro, e a superestrutura da cabine projetava-se o suficiente para lhes dar proteção do pescoço para baixo. Em silêncio, fascinados, observaram a lancha vermelha e branca amassada chegar ao píer. O cara desengonçado saiu e a amarrou frouxamente. Era um homem sujo, com muitas tatuagens, uma camiseta encardida e calça militar enfiada nas botas. O cabelo castanho acinzentado caía seboso nos ombros. E apoiada no ombro havia uma submetralhadora em uma alça de couro.

A mulher sorriu para eles. Os olhos eram fundos e parecia ter perdido parte dos dentes. Só alguns apareciam em seu sorriso. Tinha tatuagens no pescoço que aparentavam ter sido apagadas. Um grandalhão saiu da cabine do piloto da lancha. Parecia hispânico, era corpulento, quase obeso.

Como alguém ainda consegue comida com gordura suficiente para ficar obeso?, perguntou-se Jack. Eles devem ter achado algum depósito de junk food.

O hispânico tinha o número 3 tatuado no rosto. Tinha orelhas de abano e brincos feitos de cartuchos de bala. Vestia um agasalho prateado e, só quando pisou no píer, Jack viu sua arma, a maior pistola que Jack já tinha visto na vida.

— Aquela pistola é uma Desert Eagle — murmurou Bim. — Onde ele arruma munição para essa coisa?

Os três estranhos estavam a cerca de dez metros, do outro lado do píer, olhando. Por fim a mulher falou.

— Eles têm um adolescente ali. — Ela deu uma gargalhada ao dizer isso.

— Ei, vocês! — disse o hispânico, avançando, acenando, com um largo sorriso. Tinha ouro cobrindo todos os dentes que cintilava na luz da manhã. — É bom ver alguém por aqui! Não vemos muita gente! — Tinha um leve sotaque mexicano.

— Sentimos o mesmo! — disse tio Chung, ao mesmo tempo amistoso e reservado. Jack percebeu que tio Chung tirara o M1 do ombro e o segurava nas mãos. Por reflexo, Jack fez o mesmo.

Agindo como se estivesse indo conversar com o vizinho da casa ao lado, o grandalhão dos dentes dourados seguiu até eles. Tinha a Desert Eagle pendurada em uma das mãos.

— É melhor esperar aí, por favor! — disse tio Chung, sorrindo, e escorou o fuzil no ombro. Apontou para o estranho. O grandalhão parou, erguendo as sobrancelhas, como se estivesse surpreso.

— Ei, que pasa, china?

— É! — intrometeu-se a mulher. — Viemos em paz para seu novo mundo e tal!

O desengonçado riu. Lenta mas deliberadamente, levantou a submetralhadora até estar apontada na direção do tio Chung, mas não era ameaçador o bastante para incitar alguém a abrir fogo.

— São bem-vindos aqui! — disse tio Chung.

— Bom, espero que sim, porra! — completou o desengonçado de cabelo seboso. — Temos que resistir aos mortos-vivos!

— Você são bem-vindos — disse tio Chung —, desde que deixem as armas no barco! Joguem todas no convés. Vamos levar vocês para dentro, dar jantar, contar histórias, nos conhecer! Podemos trocar suprimentos.

— Acha que queremos ficar nessa ilha? — perguntou o grandalhão com a voz mais baixa, monótona e perigosa por algum motivo que Jack não conseguia identificar.

— Se os outros aqui concordarem — disse Chung —, podem ficar... Mas só depois de nos conhecermos. Comecem largando as armas!

— Que tal se começarmos nos apresentando? — disse o grandalhão hispânico. — Meu nome é Paco. Esse cara aqui é o Roper. A senhora é mulher dele, Sandra!

— Cês têm algum cristal? — perguntou Sandra de repente, lambendo os lábios.

Paco se virou e deve ter olhado feio para ela no píer.

— Uma coisa de cada vez, puta! — disse-lhe ele. Depois se voltou para eles. — A Sandra às vezes tem maus hábitos. E então... Quem são vocês?

— Meu nome é Chung... Este é Jack e o camarada aqui é o Bim.

— Mais alguém? — perguntou Paco, e seus olhos percorreram a ilha.

— Talvez — disse Chung. — De onde vieram?

— Nós? — Paco deu de ombros. — San Diego. Cabo. De muitos lugares. Não podemos ficar em um lugar por muito tempo. Os mortos-vivos sentem nosso cheiro e aparecem... — Ele suspirou. — Então, ficamos principalmente no barco. Indo para lá e para cá. Éramos seis, mas... tivemos que baleiar três. Foram mordidos.

Chung assentiu.

— Perfeitamente compreensível. Também tivemos que matar muitos nesta ilha.

— Sobrou alguém? Esta ilha está realmente livre de mortos-vivos?

Chung hesitou.

— Não que eu saiba — disse ele.

— Tem muita munição aqui?

Chung respondeu com reserva mais uma vez.

— Alguma.

— Eles ainda não confiam na gente, Paco! — disse a mulher, gargalhando.

— Larguem as armas, que isso acrescentará um quilo a mais no lado da confiança em nossa balança — respondeu Chung.

Paco mordeu os lábios e os olhou. As engrenagens giravam sobre sua cabeça — assim pareceu a Jack.

— Que tal se baixarmos as armas — disse Roper —, todos ao mesmo tempo? Todos nós? Vamos todos baixar as armas! Quer dizer... Por que precisa nos receber assim?

— Esta é a nossa ilha — disse Bim. — Nós a defendemos. Tem muita gente se aproveitando do caos, enlouquecendo por aí. Ouvi muitas histórias sobre isso nas ondas curtas. — Ele hesitou. — Quer dizer, quando ainda chegavam histórias pelo rádio. Já faz algum tempo.

— Não vamos baixar as armas — disse tio Chung, decidido, mas sua voz era calma, razoável. — De maneira nenhuma. Não antes de sabermos se podemos confiar em vocês. E isso começa com vocês largando as armas.

— Bem, senhor — disse Paco —, não temos mais motivos para confiar em vocês do que vocês em nós. E não parece justo que vocês tomem posse desta ilha. É uma vergonha. Podemos nos ajudar, compreende? Mas não, hein? Tudo bem. Tudo bem. Vamos, Roper. Você também, mulher. Vamos entrar no barco e sair daqui.

— Como é? — Sandra parecia vesga de confusão. — Vamos simplesmente sair como se fôssemos...

— Ele disse para entrar na porra do barco, sua piranha! — disse Roper, dando-lhe um tabefe.

Ela piscou, mal registrando o golpe, e murmurou alguma coisa consigo

mesma que Jack não conseguiu ouvir.

Todos entraram no barco, Paco soltando as amarras. Resmungou algo com os outros e eles foram para a cabine do piloto enquanto ele entrava. O motor foi ligado e ele girou o barco em um arco amplo, como se estivesse voltando para o mar.

Jack não tinha muita experiência com gente, mas sabia que eles não iriam embora com tanta tranquilidade. Havia muita coisa útil aqui. E nenhum sinal dos mortos-vivos. A ilha era um prêmio e tanto...

O barco de Paco ganhou velocidade e saiu rapidamente do porto, indo para o mar — ostensivamente na direção de Los Angeles.

— Jack — disse tio Chung. — Está vendo o binóculo pendurado no prego ali? No mastro? Sim? Pegue e suba no mastro principal. Pode subir lá?

— Claro... — Jack pegou o binóculo e o pendurou no pescoço. Subiu no mastro pelos pequenos degraus e quando chegou ao topo, surpreso com a náusea que sentiu lá em cima, segurou-se com uma das mãos e colocou o binóculo nos olhos com a outra.

— Veja para onde estão indo! — gritou tio Chung. Mas Jack já se antecipava a ele. O barco estava a uma boa distância e no início foi difícil ter uma imagem clara no binóculo. Mas eles estavam...

Droga! O barco balançou quando as ondas cresceram com o vento e o alto do mastro deu uma guinada nauseante. Seu estômago se revirou, mas Jack segurou-se, esperando que se aquietasse... E por fim reencontrou a lancha, quase perdida no nevoeiro. Levou um momento para ter certeza... Sim, estava virando.

— Estão indo para o norte! — gritou ele.

— Desça, Jack! E tome cuidado! O vento está aumentando.

— Já percebi!

Em um minuto ele havia descido, pisando agradecido no convés.

— Pode ficar com o binóculo, se ninguém fizer objeção — disse Chung.

— Aonde acha que eles foram?

Bim bufou.

— Aqueles filhos da puta? Parece-me bem evidente...

Chung assentiu.

— Eles vão para o norte até que não possamos mais vê-los, depois para o oeste. Vão esperar até escurecer, apagar as luzes e vir do norte para nos flanquear. Provavelmente verão aquela praia do lado da ilha e a trilha de

subida. Vão deduzir onde estamos. Pode ser que já estivessem nos observando antes...

Chung voltou ao abrigo, no lado norte. Ficava na encosta rochosa abaixo da casa de campo em ruínas e cercada das palmeiras do pai de Lony, da qual fizeram seu lar. Eles consertaram o abrigo para o caso de precisarem morar ali — se houvesse alguma nova incursão de mortos-vivos à ilha. Ainda não tinha acontecido. Mas estavam preparados.

Lony esperava por eles na escada de concreto que levava à casa estragada e antiga, em um estilo que imitava Frank Lloyd Wright. Ele ainda era musculoso, mas já desenvolvia um pneuzinho em volta da cintura. Tinha cabelo louro e comprido, com mechas grisalhas, um rosto castigado pelo sol enfeitado por pequenos olhos azuis e era bronzeado — exceto pela queimadura perpétua de sol na ponta do nariz. Estava com o fuzil pendurado no ombro e um binóculo na mão.

— Eu vi o barco — disse ele. — E vi vocês assumindo uma posição defensiva. Temos problemas?

— Talvez — disse Bim. — Eles não queriam largar as armas, então os mandamos embora. Achemos que vão contornar e nos pegar à noite.

— Parecem bandidos? — perguntou Lony. — Sabe, mesmo antes da Grande Confusão, eu nunca confiei em um desses.

Agora, é claro, ninguém confiava em ninguém que não reconhecesse como a um irmão de sangue.

O dia prosseguiu. Lony saiu para caçar e os demais montaram guarda. Chung e Jack jogaram xadrez. Chung fingiu perder. Comeram um almoço leve de peixe em conserva e ovos de tartaruga. Jack olhava incessantemente o mar com o binóculo, mas não viu a lancha, nem um submarino. Procurava os dois.

Ele ajudou Chung a consertar o muro em volta da parte inferior do abrigo e depois Chung leu para ele o Dhammapada.

Eles jantaram, embora Jack tivesse uma palpitação no estômago que

não o deixou comer muito do pato que Lony tinha caçado, nem o peixe, ou o espinafre da horta de Chung. Assim que pôde, depois do pôr do sol, foi ao deque da mansão angulosa e atarracada e se sentou ali em uma cadeira dobrável de alumínio, vigiando...

E assim ele foi o primeiro a ver a forma escura contra a água cintilante. Como previsto, a lancha vinha com as luzes apagadas. Seguia lenta e silenciosa.

Eles já haviam combinado que posições assumiriam. Chung e Jack ficariam no abrigo de concreto, com as armas apontadas pela metade esfarelada das antigas fendas de observação. Lony e Bim estariam posicionados atrás das pedras dos dois lados da trilha.

Eles deixaram as luzes de energia solar acesas na mansão, acima do abrigo, para desviar a atenção dos piratas do abrigo, onde esperavam no escuro.

Piratas. Era como Chung os chamava. Ele falou sobre ter defendido o barco de pesca do pai de piratas malaios, na costa de Xangai, décadas antes.

Ficaram sentados em cadeiras, perto das fendas, sentindo o cheiro do ar marinho, vigiando e esperando...

— Espero que Bim não faça nenhuma besteira — cochichou Jack.

— Sim.

Tio Chung sabia o que ele queria dizer. Bim era famoso por seus atos de bravura impulsivos. Gostava de ser o leão defendendo o parceiro... Lony. Mas na verdade Lony era mais forte e rápido e atirava melhor.

Os piratas usaram a entrada prevista à ilha, subindo o caminho em ziguezague, agora agachados, mas visíveis à lua minguante.

— Só estou vendo dois — cochichou Jack.

— Sim, precisamos ficar vigilantes. Talvez seja esta a estratégia deles...

A mulher apareceu primeiro, andando com passos de passarinho, às vezes quase saltitante, enquanto Roper parecia sinuoso como uma serpente, fazendo curvas de um lado a outro na trilha e olhando em volta. A submetralhadora nas mãos refletiu a luz da lua, a mulher ainda estava com a

espingarda.

E veio o grito.

— Larguem as armas. Estão cercados! — Era claramente a voz de Bim.

— Larguem as armas e podem ir embora em paz! — gritou Lony.

— Ih, vão se foder! — Sandra disparou a espingarda onde julgou ser a origem do grito. As balas ricochetearam nas pedras, lançando faíscas visíveis no escuro.

Bim retribuiu o fogo, pop pop pop com o fuzil. A mulher gritou. Roper disparou uma rajada curta para aquele lado com a submetralhadora.

— Devemos atirar? — perguntou Jack. Ele nunca tinha matado uma pessoa viva.

— Ainda não... Vamos dar a eles a chance de perderem a coragem — disse Chung. — Não quero entregar nossa posição. Procure o terceiro...

— Sua última chance! Podem seguir sua vida em paz! — Era tão típico de Lony dizer isso. — Voltem para seu barco!

— Onde está o terceiro? — perguntou Chung em voz alta. — Espere...

Ele mirou o fuzil com cautela pela fresta. Jack olhou, tentando mirar, achar o alvo...

Chung disparou duas vezes e alguém gritou.

Um estalo forte, saída da pistola de Paco, imaginou Jack, e Lony gritou: “Merda!”

— No muro! — sibilou Chung.

Ele e Jack saíram pela porta lateral do abrigo e correram ao muro que tinham consertado aquele dia, ajoelhando-se atrás dele. Jack não esperou pela permissão dele — as balas zumbiam sobre sua cabeça, uma rajada da submetralhadora. Ele podia ver o cano faiscar enquanto Roper recuava pela colina, disparando.

Jack mirou e atirou, com o coração martelando mais alto que o fuzil. Deu três tiros da semiautomática e viu Roper cambalear e cair.

Uma explosão de espingarda e um enxame de balas zumbiram sobre a cabeça deles. Chung retribuiu, e Sandra caiu, chorando e gemendo.

— Ele está aqui! — gritou Lony, atirando com o fuzil; não conseguiam ver no que ele atirava.

— Não posso atirar... Vou acabar atingindo o Lony! — disse Chung.

E então eles viram Bim correndo pelos arbustos, gritando: “Lony! Lony!”

Viram a língua de fogo da Desert Eagle, e Bim gritou de dor. Eles o perderam de vista quando caía. Outra língua de fogo surgiu atrás da Desert Eagle. Mais duas. Sem dúvida nenhuma um M1 — Lony atirava.

Depois silêncio, a não ser pelo gemido abafado...

— Eu acho... acho que Lony o pegou — disse Chung. — Espere aqui.

De jeito nenhum. Jack deixou que Chung fosse na frente, desceu a colina e o seguiu, um pouco mais para trás, com a arma preparada para atirar e proteger o tio, se fosse preciso.

Mas a mulher estava morrendo e Roper estava morto. Baleado no peito, um tiro para cada pulmão.

Paco, que usou os amigos para atrair a artilharia, tentou pegar Lony pelo flanco — e conseguiu, mas errou o tiro e se distraiu com Bim. Atirou na coxa de Bim, errando o osso por pouco.

Lony baleou Paco...

A mulher morreu antes do amanhecer, embora Chung tivesse tentado salvar a vida dela.

Jack não conseguiu dormir. Ficou de vigia um tempo, depois entrou e cuidou de Bim enquanto Lony descansava. Chung entrou logo depois que a mulher morreu.

Perto do amanhecer, Bim parou de gemer e dormiu um pouco. Quando acordou, estava meio febril, mas Chung tinha certeza de que sobreviveria. A bala não atingira a artéria, mas o tiro da grande pistola foi tão violento que o choque do impacto o nocauteou, depois o manteve oscilando entre a inconsciência e a vigília. Por fim se sentou na cama — ignorando Chung, que pediu para que ficasse deitado — e falou asperamente.

— Tomei uma decisão — disse ele.

— Qual, querido? — perguntou Lony.

— Não vamos deixar mais ninguém chegar perto dessa ilha. Se virmos alguém... atiramos antes que chegue perto. Qualquer um vivo lá fora... Quais são as chances de podermos confiar neles? A maioria será a escória...

Lony assentiu. Chung não disse nada.

Jack saiu, piscando para a primeira luz cinzenta. Chung se juntou a ele.

— Com medo? — perguntou Chung.

Jack deu de ombros.

— Estou mais é decepcionado.

Chung assentiu.

— As primeiras pessoas... e eram más.

— E eu matei um. Nunca matei uma pessoa de verdade antes.

— Tudo isso é um lembrete — disse Chung — de que existe mais de um tipo de morto-vivo. Existem os que não foram infectados. Que não são canibais loucos. Mas também não têm alma. Eles entregaram sua alma... Foi devorada por seu egoísmo. Tentamos ter compaixão deles, mas precisamos preservar a vida... a boa vida humana. Precisamos preservar os que não abandonaram sua alma... — Ele deu de ombros. — Você fez o que era certo. Não é muito budista matar esses homens. Mas creio que temos que fazer. Nem sempre é possível ser perfeitamente misericordioso. — E ele repetiu: — Existe mais de um tipo de morto-vivo...

Jack olhava o mar. Seria outro barco ali fora? Ou uma boia grande?

— O que é aquilo? Aparecendo ali? — Ele levou o binóculo aos olhos.

— Ah, cara! Chung... Acho que é um submarino!

— Estamos em terra de novo? — perguntou Alice, acordando. O silêncio do helicóptero, o mutismo dos motores, a despertara.

Ela falou em voz alta, mas Becky, que estava sentada na beira da cama, leu seus lábios.

— “Mais combustível” — sinalizou.

— Espero que seja mais seguro que o último lugar...

Alice se desamarrou da cama e se levantou, sem sentir tanta dor como da última vez. Espreguiçou-se, e a menina lhe passou uma lata de fluido nutritivo sabor chocolate. Ela bebeu avidamente, olhando pela vigia.

Eles estavam no alto, talvez em um telhado. Curiosa, ela foi até a porta, desceu a rampa e elas saíram no frio matinal. O vento soprava pelos prédios arruinados de uma cidade. Ela ouviu um uivo baixo, o gemido de mortos-vivos, bem abaixo.

Estavam em uma superfície revestida de alumínio. Havia um círculo pintado ali, um heliponto, suspeitou Alice. Havia tanques de combustível em um lado. Os seguranças de farda paramilitar estavam perto dos tanques, e um técnico monitorava o reabastecimento na traseira do helicóptero.

— Este é um antigo prédio da Umbrella — disse Jill, sorrindo com ironia ao voltar ao helicóptero. — O heliponto de Wesker fica nessa área...

— Estamos em Washington?

— Ainda não. Vamos esperar mais um pouco, reabastecer e partir para a zona de pouso em Washington. Estamos em Baltimore.

— Por que a espera? Não precisa de tanto combustível.

— Surgiram imprevistos e estão tentando estabelecer uma zona de pouso mais segura para nós. Talvez a gente chegue lá em uma ou duas horas, até três, mas seguiremos para lá hoje mesmo.

— Jill... — Alice se aproximou e baixou a voz. — Olha... Queremos mesmo continuar com isto?

— Ada se recuperou. Leon também. Quer bater de frente com eles? Especialmente Ada... É uma garota bonita e durona. Para não falar dos... — Ela olhou para os seguranças.

Alice deu de ombros.

— Gosto de Ada. Não quero conflitos com ela, a não ser que precise. Mas se eu tiver que brigar...

Elas falavam em um tom baixo, mal se ouviam.

— Ela está decidida a nos levar a Washington, Alice — disse Jill. — Eu sei como se sente. Wesker está lá. Mas supostamente quer ser um aliado.

— Até que não precise mais de nós — respondeu Alice. — E depois? Jill, o cara tentou me devorar. Tentou mesmo, fisicamente, me digerir.

— Eu sei. Eu soube. — Jill riu baixinho. — É, isso afasta mesmo uma pessoa. Mas pensa da seguinte maneira... O que sobrou lá fora? — Ela gesticulou vagamente, incluindo o mundo todo. — Para onde iríamos? Lutaríamos contra o inferno, aonde quer que fôssemos. Pelo menos há alguma base para trabalhar a partir de Washington. E talvez, se Wesker estiver lá, a gente tenha a oportunidade de acabar com ele para sempre. Se esperarmos nossa chance, entendeu?

Alice pensou no assunto. Era lógico. Mas o asco que sentia era forte.

Becky se aproximou delas.

— “Do que vocês estão falando?”

Alice sorriu e respondeu.

— “De para onde vamos agora.”

— “Já decidiu?” — perguntou ela.

— “Acho que vamos ver... a Casa Branca.”

Tom estava no alto da “vela”, a torre de observação do submarino, olhando quase em êxtase para Santa Catalina. Dori e Judy subiram a escada para ficar ao lado dele.

— Senhoras, vejam só isso! — Ele gesticulou com um floreio. — Acho que é Catalina, bem ali! Não vejo nenhum morto-vivo e, se estiver livre deles... Ah, isso seria ter esperanças demais.

— Eu adoraria sair desse... — Judy não completou a frase. Foi interrompida por um tiro.

A bala bateu em uma das instalações de transmissão da torre de observação. Eles ouviram o eco do tiro um segundo depois.

— Abaixem-se! — disse Tom, agachando-se no chão.

Todos se jogaram, com os periscópios, tubos e antenas lhes oferecendo uma boa proteção.

— Dori, volte para dentro — sussurrou Judy.

— Se ela tentar, pode ficar exposta demais — disse Tom com urgência.

— Alguém atirou em nós? — disse Dori. Sua voz tremia, aquela bala ferira suas esperanças.

— É, garota, atiraram — disse Tom. — Essa é a má notícia. A boa é que a maioria dos mortos-vivos não sabe atirar. Será que tem Las Plagas na ilha? Não parece.

— Então quer dizer que gente comum... — disse Judy.

— Deve ser. — Mais uma bala estalou no alto. — E não estão nem mesmo tentando nos atingir. Tenho a sensação de que é só para nos assustar.

Alguém gritou da praia. Estava longe demais para ouvir o que dizia, mas o tom não era amistoso. Tom olhou a margem pelo binóculo. Só conseguiu ver algo que parecia um velho abrigo de concreto desgastado e painéis de energia solar em uma casa de vários andares e moderna. Ele olhou de um lado a outro, vendo as praias, o que podia ver do porto.

Nenhum movimento, apenas das aves.

— Parece que não há mesmo mortos-vivos naquela ilha — disse ele em um tom reflexivo. — Eles são atraídos pelo barulho e estariam babando vindo atrás de nós nas praias.

— Não podemos ir a uma ilha ocupada por pessoas que querem nos

matar — disse Judy.

— Não acho que estejam falando sério — disse Tom. — Parecem estar tentando nos assustar. Se fossem pilantras, iriam querer que chegássemos à ilha, para nos matar ou roubar. Tirar todas as nossas coisas. — Ele se decidiu. — Vou me arriscar, Judy. Tenho um pressentimento...

— Tom... Não.

Mas ele se agachou e correu para trás da torre. Desceu por uma escada até o bote de borracha no estilo Zodiac que estava amarrado ali, sob um encerado. A torre de observação o protegia de ser visto por quem atirava neles. Suas mãos tremiam, o coração saltava. E, se perguntando se estaria sendo um completo idiota, desamarrou o bote preto de borracha e o abaixou na água. Depois de estabilizá-lo, deslizou pela lateral do casco.

Foi desajeitado ao entrar no bote, quase o virou, mas conseguiu se equilibrar. Um motor a bateria fora instalado pela Umbrella, e Tom o ligou, o motor zumbiu. Ele colocou em ponto morto, depois abriu o zíper do macacão e tirou a camiseta. Ela serviria como bandeira branca. Recolocou o macacão, arrepiando a pele com o vento frio do mar.

Tom soltou as amarras e assumiu o leme, engrenou o motor e respirou fundo. Eram as ondas jogando o barco que o deixavam nauseado... ou o medo?

— Tom! Espere! — chamou Judy.

— Preciso fazer isso sozinho! — disse ele. — Esperem...

E ele seguiu com o barco para a ilha, sobre as ondas agitadas, com a camiseta na mão direita.

Tinha se afastado alguns metros da ponta do submarino quando começaram a atirar. Soaram dois disparos de rifle, as balas batendo na água pouco à frente dele. Ele via a fumaça saindo de uma fenda de tiro no abrigo. Outro grito abafado de alerta ecoou para ele.

Ele lambeu os lábios, pegou a camiseta na mão direita, ergueu-a acima da cabeça e a agitou. Levantou a mão esquerda para mostrar que estava vazia.

— Estou desarmado! — gritou, o mais alto que pôde. — Não tem arma aqui! Eu vim em paz!

— Você nem devia sair da cama, Bim! — disse Lony. — Atirando nas pessoas... Você pode estar com alguma infecção ou pode pegar uma e não temos mais muitas doses de antibiótico.

Lony estava sentado sem se mexer em uma cadeira atrás da fenda de tiro do abrigo com a perna enfaixada, o rifle na mão, olhando o mar.

— Eles estão em um submarino — disse Jack. Tinha entrado com Lony. — Por que você está atirando em um submarino? Quer dizer, eles podem lançar um míssil na gente ou algo do tipo!

— Eu os vi pelo binóculo — disse Bim entre os dentes cerrados. — Não são militares! — Tinha gotas de suor na testa. — Olha o que aconteceu quando aqueles outros idiotas vieram para a ilha. A gente tem que manter todo mundo longe daqui!

Jack olhou por outra fenda.

— Um deles está chegando em um bote!

— É — grunhiu Bim. — Eu avisei para voltar. Vou tentar pegar aquele bote... Mas Jack viu outra pessoa, abaixo. Era tio Chung, andando pela praia, acenando.

— Chung está lá embaixo! — disse Lony, olhando por sobre o ombro de Bim. — Cessar fogo, merda!

Jack pegou o fuzil e correu para fora, descendo a trilha até a praia. Quase voou pela encosta. Ofegante, alcançou Chung. Viu que não estava armado. Tio Chung olhou para ele com censura.

— Não devia estar aqui — disse ele. — Ainda não é seguro.

— Foi você que desceu desarmado.

— Às vezes é mais seguro. Tudo depende. Aquele homem não parece estar armado. — Ele apontou o homem aproximando-se devagar para eles no bote preto de borracha.

— Ele pode ter uma arma no fundo do bote, em algum lugar que você

não possa ver.

— Acho que não. Eu teria... — Ele deu de ombros. — De qualquer forma, não aponta a arma para ele. Bim ainda está preparado para atirar?

— Eu acho que Lony o segurou. Ele ficou com muito medo daquele bando que apareceu antes.

— Sim. E ferido. Um ferimento feio.

Eles viram o homem de meia-idade com a cara vermelha e a boca sorridente se aproximar deles e o pequeno bote subindo e descendo nas ondas. De vez em quando erguia as mãos, acenando com a bandeira branca, parecia uma camiseta amarelada.

— Não atirem! — gritou ele.

— Vou te dar cobertura, Chung, mas só vou atirar se... você sabe.

Chung o olhou e assentiu.

— Tudo bem. Não deve fazer mal.

Jack ergueu o M1, olhando pela mira.

— Mantenha as mãos onde possamos vê-las, senão vou atirar! — disse ele.

— Tudo bem! — gritou o homem.

Três minutos depois ele arrastava o bote de borracha para a areia, depois se virou para eles, respirando com dificuldade e sorrindo.

— Veja só! Vocês não parecem os criminosos com que Judy se preocupava!

Chung riu.

— São vocês que nos preocupam — disse ele. — Quem é você?

— Ah, meu nome é Tom. Roubamos o submarino! O que acha disso?

Jack ficou surpreso.

— Vocês roubaram? De quem?

— Da Umbrella Corporation. É um submarino soviético antigo. Eu mal consegui colocar a coisa para andar... Mas chegamos aqui.

— Quantos vocês são? — perguntou Chung.

— Só três. — Tom pareceu pensar em acrescentar mais alguma coisa,

mas cerrou a boca firmemente.

— Tem algo que decidiu não nos contar — observou Chung com brandura. — É melhor falar agora.

Tom suspirou.

— Tem umas coisas... congeladas naquela embarcação. Las Plagas. Acho que estão em suspensão. Não sabia como me livrar deles com segurança, como... Estão trancados em uma espécie de... freezer. Abaixo do convés.

Jack achou essas observações difíceis de serem digeridas, mas Chung não pareceu surpreso.

— Ah. Ora. Já me convenci de que você não é perigoso para nós. Pode trazer as outras duas. Ninguém deve estar armado, de maneira nenhuma. Não vamos fazer mal a vocês.

Tom olhou Chung atentamente, por um bom tempo. Finalmente assentiu.

— Tudo bem. Se elas concordarem em vir, vou trazê-las. Vou correr esse risco, porque me parece... É verdade?

— O que é verdade? — perguntou Jack.

— Que não há mortos-vivos nesta ilha? Quero dizer, é o que parece para mim. Acho que a essa altura a gente já teria visto algum.

— Não tem nenhum — disse Chung. — A gente livrou todo mundo da infelicidade da presença deles.

Tom assentiu e pareceu satisfeito.

— Bem, vou voltar assim que puder...

— Hmm, posso ir ajudar? — perguntou Jack.

— Não — disse Chung. — Espera aqui. Comigo.

Eles esperaram, Jack febril de impaciência, e viram o bote retornar ao submarino. Podiam ver Tom discutindo com alguém na grande torre de observação. Era uma mulher ali? Discutiram por um bom tempo, mas por fim o bote estava de volta, com o homem e duas mulheres.

Chung olhou o sobrinho e riu.

— Estranho! Você está muito pálido! As mulheres te dão medo?

— O quê? Pálido? Medo... quê?

Chung se limitou a rir.

O barco chegou, e Jack e Chung ajudaram Tom a colocá-lo parcialmente na areia. As duas saíram afundando os pés nas ondas. Por impulso, Jack estendeu a mão para ajudar a mais nova a chegar à areia. Ela o olhou, viu o rifle em seu ombro, olhou seu rosto, a mão estendida. Era uma adolescente, magra, com grandes olhos castanhos. Seus lábios pareciam macios e cheios. As duas mulheres, ele viu, estavam com fardas de marinheiro que não cabiam muito bem neles.

Por fim ela pegou sua mão e ele a ajudou a alcançar a areia. Ela rapidamente soltou a mão de Jack e virou-se para olhar a mulher. Tom a ajudava a sair do bote.

— Meu nome é Jack... Este é Chung — disse, olhando a menina. Sentia um vento quente soprando por ele.

Ela o olhou e engoliu em seco.

— Meu nome é... Dori. — Ela falou em uma voz baixinha. — Esta é JudyTech.

— Judy... Tech?

— Depois eu te explico, garoto — disse Tom. — Mais alguém na ilha que devemos conhecer?

— Só outros dois — disse Jack.

Chung franziu a testa, provavelmente sem querer dar muita informação a Tom. Chung parecia querer confiar nessas pessoas, mas estava sendo cauteloso.

Jack simplesmente não dava a mínima.

— Vamos — disse ele, sorrindo para Dori. — Vamos lá conhecer todo mundo... e... bem-vindos a Catalina.

— Dois minutos para a zona de pouso — disse o piloto ao sobrevoarem à noite o que um dia fora a capital da nação.

Alice estava de pé com Becky, pouco atrás do cockpit do helicóptero, enquanto se aproximavam do centro de Washington. Foi até uma das vigias e olhou, tentando ver em que estado se encontrava a cidade. As luzes dos helicópteros oscilavam sobre o Lincoln Memorial e, ao passarem em arco, o monumento parecia intacto. A mesma aparência tinha o monumento a Washington. Incêndios de tubulação de gás queimando lentamente iluminavam partes da cidade enquanto voavam inclinados, atravessando o Capitólio. Esta atração turística em particular não passou tão bem pelo apocalipse. O domo estava rachado e incendiado; as janelas estavam escurecidas, o vidro quebrado. Corpos jaziam do lado de fora, a maioria mastigada até o osso.

Ela viu muitos mortos-vivos surgindo abaixo, mas no escuro era difícil saber quantos seriam. Depois sobrevoaram o rio Potomac — que transbordava de corpos flutuantes — e a Casa Branca. Uma massa escura surgiu na Avenida Pennsylvania, mas era difícil distinguir o que seria com o clarão de luzes da Casa Branca. A área era pontilhada de refletores, todos observando os céus, sondando as nuvens. A maioria dos 7 hectares em torno da Casa Branca estava apinhada de lança-mísseis, helipontos, tanques e abrigos.

Só restavam algumas árvores. A grama tinha crescido desordenada em alguns lugares, em outros fora pisoteada e esmagada até a terra. Canteiros de flores haviam sido triturados pelas esteiras dos tanques, e por todo o terreno foram erguidas enormes barricadas, uma nova fortaleza, encimada por arame farpado e postos de vigilância.

A Casa Branca em si parecia mais ou menos intacta, mas havia atiradores no telhado e outros holofotes que apontaram para o helicóptero quando descia no terreno.

O piloto falava ao microfone, conseguindo permissão para pousar, recitando frases em código. Depois eles espiralaram para baixo, indo para o heliponto.

Alice balançou a cabeça, olhando todos os homens e armas em volta do heliponto. Estava entrando em algo que seria difícil de sair. Será que tinha cometido um grande erro, levando Becky até ali?

Ela teve sua chance, podia ter arriscado a vida das duas ao escapar. Agora estava presa.

Mas Jill tinha razão. Espere e observe. Procure sua chance...

O helicóptero pousou no heliponto com dois baques definitivos. Os rotores gemeram e reduziram. E então um grandalhão com cabelo à escovinha, uma cicatriz descendo pela face e farda paramilitar se postou ao lado da porta do helicóptero enquanto baixavam a rampa. Tinha um rifle de assalto pendurado no ombro. Alice pensou que lembrava dele.

— Grady? — perguntou ela, ao descer a rampa.

— Sim, Alice. É o Grady — respondeu ele. Havia trabalhado nos escalões inferiores da Umbrella Security em outra época, sob autoridade dela.

— Ainda está na Umbrella? — perguntou Alice, mas tinha certeza da resposta.

— E eu trabalharia aqui? — respondeu ele. — Não. Vamos... Tenho que levar você e sua pequena comitiva para a Mansão Branca. Os médicos vão examinar vocês, ver se precisam de curativos. Talvez deem algo para vocês comerem. Depois todos vão ver o Figurão...

O Figurão?

Wesker.

O Depósito 3 parecia meio fantasmagórico para Jack. Ele não sabia bem por quê. Era só um depósito de navio, cheio de prateleiras. A maioria dos bens guardados ali sumira — ele, Lony, Tom, Judy e Dori tinham passado a maior parte do dia descarregando tudo que fosse útil do submarino. Ficaram especialmente felizes com os suprimentos médicos. Quando terminaram, só restavam nas prateleiras alguns galões plásticos de fluido de limpeza de motor.

Tom e Jack agora estavam sozinhos. Lony tinha voltado à ilha, com Dori e Judy, para mostrar o lugar a eles e ver como estava Bim.

— Acha que aquele camarada que atirou na gente vai ser... sei lá, amigável? — perguntou Tom, enquanto eles andavam por entre as prateleiras. Tom levava consigo a Desert Eagle que tiraram de Paco, totalmente carregada. Decidiram confiar nele.

Jack portava o M1.

— Claro, ele é um cara legal. Estava ferido e enlouquecido, e não conseguia confiar em ninguém.

— Ah, não culpo o cara, do jeito que o mundo está agora...

— O que estamos procurando aqui?

Tom parou e se abaixou no chão.

— Bem aqui... Tenho que abrir essa tampa, digitar o código... E lá vai.

Jack sentiu um pavor nauseante enquanto o alçapão se abria, zumbindo no mecanismo, mostrando uma luz sinistra abaixo.

— Era isso que eu temia — disse Tom.

— O quê?

— Vou ter que olhar mais de perto para ter certeza...

Ele desceu a escada e Jack foi atrás. Os dois olharam o reservatório pelo vidro, tomado de água, contendo os mortos-vivos Las Plagas.

— Está vendo? — disse Tom. — Não tem gelo. Aqui não é tão frio. Olha só, pouco antes de chegarmos, tivemos problemas com o motor do submarino. Ele falhou... E tive que usar um diesel de emergência. E enquanto isso, esta coisa... não foi refrigerada.

Jack se agachou e olhou atentamente.

— Não estão mortos?

— Não sei... Mas acho que não. Quando eles ficam com um brilho nos olhos, a centelha de vida ainda está presente. E aí está! — Jack via o brilho vermelho se infiltrando por entre as pálpebras dos Las Plagas deitados e deu um salto quando viu uma daquelas pálpebras se mexerem.

— Ah, merda. Acho que vi um deles piscar.

— Sei. Bom, tenho uma lancha amarrada lá atrás... Vamos ver se conseguimos mandar essa coisa para o mar. Ainda está disposto a montar guarda enquanto eu faço isso?

— Sim.

Sua boca estava seca. As mãos transpiravam e estavam frias. Mas Jack não queria parecer um covarde. Este homem era amigo de Dori. Se impressionasse Tom, talvez impressionasse Dori também.

E ele faria qualquer coisa para impressioná-la. Tinha sido amor à primeira vista. Talvez a única garota que tinha visto em anos... Senão a vida toda.

— Muito bem. Mas não espere aqui embaixo. Venha. — Ele voltou pela escada e os dois fecharam o alçapão. — Vamos empurrar umas prateleiras por cima do alçapão — sugeriu Tom. — E o que mais pudermos encontrar. Aqueles extintores de incêndio, aquela caixa de ferragens ali... É só empilhar.

Em vinte minutos tinham terminado. A sala estava uma bagunça, as prateleiras, e tudo o mais que pudessem encontrar, estavam empilhadas por cima do alçapão.

— Isso deve contê-los — disse Jack, mas não tinha certeza. Pelo que Tom dissera sobre esses troços...

— Muito bem, fique de olho aí. Vou virar essa coisa e preparar para afundar no mar.

Jack assentiu e Tom saiu do depósito.

No centro de ataque, Tom ficou desanimado ao ver que só havia alguns sistemas operantes. As baterias principais tinham sofrido corrosão e ele não conseguiu recarregá-las. Os reatores não funcionavam e ele não entendia o porquê. Por sorte, havia diesel de reserva.

Ele dirigiu o submarino para recuar, depois lentamente o girou até que apontasse para o oeste, bem para dentro do Pacífico. Colocou em alta velocidade — queria que se afastasse da ilha o máximo possível antes de afundar — e digitou os controles para abrir as válvulas de lastro. Depois encontrou a ativação manual das escotilhas, que as manteria abertas mesmo enquanto o submarino submergia.

ESCOTILHAS TRAVADAS

O aviso começou a piscar no painel de controle. Ele armara para começar a afundar em trinta minutos.

Agora só precisava esperar...

Jack se recostava na antepara, mudando de posição desconfortavelmente com o passar dos minutos. Estava ali havia quase meia hora e podia sentir o submarino se movendo. A essa altura já deviam ter aberto uma boa distância da ilha.

Até o momento ruído nenhum saía do alçapão, mas a sala parecia aguardar alguma coisa.

Disse a si mesmo que era tolice ficar assustado. De maneira nenhuma os Las Plagas podiam sair pelo alçapão trancado e passar por todos aqueles escombros, mesmo que despertassem completamente.

Ele precisava ir ao banheiro. Não se permitia mirar no chão, embora soubesse que o submarino seria afundado logo, se corresse tudo bem. As latrinas ficavam no corredor... Ele só precisaria ser rápido.

Jack correu pela escotilha para o corredor, entrou nas latrinas, apressou-se e encontrou um mictório. Aliviou-se o mais rápido que pôde,

fechou o zíper, pegou o fuzil, saiu no corredor... e ouviu o estrondo no Depósito 3.

— Ah, merda!

Jack correu de volta e olhou pela escotilha bem a tempo de ver o bloqueio que tinham juntado explodindo para cima; prateleiras, caixas e outros destroços voavam como se uma bomba tivesse explodido abaixo deles. Um galão plástico de fluido de motor rolou a seus pés...

O alçapão subiu, torto nas dobradiças, e um homem entrou em seu campo de visão, subindo. Jack ficou admirado. Aquelas coisas eram muito mais fortes do que ele pensara.

O homem pisou no convés, chutou destroços de lado e virou-se para Jack. Seus olhos tinham um brilho vermelho, o corpo era inchado — um pouco grande demais para as roupas de soldado. A cara era cheia de veias à mostra, as mãos em garra...

Jack se viu incapaz de se mexer; fitava fascinado aqueles olhos vermelhos e reluzentes. Depois a coisa partiu para cima dele.

Ele ergueu o fuzil, destravou, escorou a coronha no ombro e atirou. E de novo. E mais um tiro...

A cada bala, o Las Plagas oscilava para trás... Mas não parava.

E outro apareceu subindo pelo alçapão. Jack atirou, esvaziando o pente, sem ter muito efeito, mas atingiu um deles na cabeça.

— Merda merda merda!

Jack olhou o galão de fluido de limpeza, pegou-o e fechou a escotilha do depósito. Girou a roda, mas não sabia como trancá-la, se é que poderia fazer isso.

Disparou pelo corredor até a escada. Sobrecarregado pelo fuzil e o galão de fluido, que tinha uns bons oito litros, ele seguiu desajeitado para o convés seguinte. Ouviu o estalo de uma porta se abrindo, abaixo, e seguiu ainda mais rápido.

Quando chegou ao centro de ataque, Tom estava saindo.

— Estamos a caminho... Caramba, o que foi, garoto?

— Eles saíram — disse Jack. — Atirei em dois, mas isso não os atrapalhou muito.

— É, você precisa de uma arma de calibre maior que essa para derrubar essas coisas — Ele olhou para o que Jack carregava. — O que tem no galão aí?

— Não sei... Diz “perigo, inflamável”. Só pensei...

— Traga!

Eles correram para a escada, subiram, depois subiram outra, por fim saíram no convés abaixo da torre de observação.

— Boa ideia ter trazido essa coisa, Jack — disse Tom. — Abre. Eu tenho um isqueiro, não uso há um ano, espero que ainda tenha algum fluido.

Ele rasgou um pedaço de tecido da perna da calça já esfarrapada e enfiou na boca do galão de plástico.

Eles ouviam os Las Plagas rosnando e subindo a escada.

E o submarino, indo para o oeste, começava a afundar. A água circulava por seus tornozelos.

Tom se atrapalhou com o isqueiro.

— Droga!

Ele tropeçou e o deixou cair na água.

Jack bateu freneticamente sob as águas que subiam na esperança de o isqueiro não ter sido levado para o mar. Sua mão se fechou no objeto e ele o deu a Tom, que o enxugou. Neste momento o Las Plagas chegou ao alto da escada, avançando para a câmara de entrada perto da escotilha.

Tom tentou acender o isqueiro repetidas vezes, e finalmente conseguiu. Segurou a chama azul perto do tecido ensopado de produto químico e ele pegou fogo de imediato.

— Rá!

Jogou o galão de plástico pela escotilha, e ele explodiu, lá dentro, quase de imediato. O Las Plagas foi coberto de fluido incandescente, gritando, caindo para trás na escada por cima de outro que também subia. O fogo

pingava e se espalhava...

— Vamos, Jack! — Tom chapinhava pelo convés que submergia, de volta a um cabo que fora fixado a um gancho no leme. O submarino agora afundava rápido e eles soltaram o cabo. Tom o segurou e Jack pulou na água, nadando os poucos metros para a lancha à deriva. Subiu pela escada de corda da lateral e foi para frente, puxando o cabo, ajudando Tom a subir a bordo. — Temos que tirar essa coisa daqui ou seremos sugados pelo submarino! — gritou Tom.

Mas Jack já dava a partida no motor e virou a lancha para Catalina, seguindo a toda para a ilha. Só olhou para trás uma vez, vendo o submarino ainda seguindo para o alto-mar, e apenas a ponta da torre de observação podia ser vista.

E então desapareceu sob as ondas...

Naquela noite, a ilha de Catalina testemunhou uma pequena festa. Usaram a energia solar da antiga mansão para ligar o sistema de som. Chung dançou uma velha música dos Blue Öyster Cult, “Dancing in the Ruins”, e Dori e Jack assistiam, Jack meio constrangido com a dança desajeitada do velho.

— Gosto de Chung — cochichou Dori. — Ele é... a pessoa mais gentil que já conheci. — Depois de um momento, ela acrescentou: — Mas não conheci muita gente. Eu sou uma... Acho que preciso te contar isso... — Ela ficou sem graça e ele, sem saber o que fazer.

— Quer dar uma caminhada comigo? Na praia? Pode me dizer o que quiser, desabafar o que quiser. Estou feliz só por você estar aqui.

— Tudo bem — disse ela timidamente.

Eles saíram pela porta. Jack notou que Judy e Tom agora também dançavam. Tom com os braços em volta dela. Bim estava no convés, deitado em uma espreguiçadeira, com Lony sentado ao lado. Acenaram para Jack e Dori quando saíram.

Deram uma caminhada bem longa, sob o luar na praia... E, quando voltaram, estavam de mãos dadas.

Alice, Ada, Becky, Jill Valentine e Leon foram levados por Grady e outros dois guardas por uma Casa Branca despedaçada pela guerra. Às vezes ouviam explosões, algumas distantes, outras próximas demais para que se sentissem reconfortados. O piso balançava e as luzes oscilavam. Passaram por retratos de presidentes e belos móveis antigos, os pés silenciosos no carpete.

Grady parou diante de uma porta flanqueada por soldados, bateu, escutou e a abriu. Alice entrou, mas os guardas impediram que os demais a seguissem.

Ela conhecia a sala, o Salão Oval. E sentado à mesa do presidente, de couro preto da cabeça aos pés, o cabelo penteado para trás, óculos escuros cobrindo os olhos... estava Albert Wesker.

— Wesker — disse Alice, assentindo uma vez. — Está se sentindo em casa?

Wesker levantou-se de trás da mesa presidencial e aproximou-se despreocupadamente dela.

— Devo dizer que tenho certa facilidade para isso...

E então ele atacou.

Rápido como um raio, investiu no pescoço de Alice com uma seringa. O dispositivo de alta tecnologia logo injetou nela um fluido vermelho. Alice gritou de fúria e frustração — ela bateu em sua mão, mas foi tarde demais. O fluido infectado viajava como um raio ofuscante de eletricidade por seu sistema nervoso, fazendo-a arquear as costas de agonia.

Ela tremeu, e ao tremer começou a se sacudir, caiu de joelhos, balançando-se enquanto as ondas de dor e calor se alternavam ao percorrerem seu corpo.

— O que... havia ali? — sibilou.

Wesker sorriu para ela.

— Você foi a única a conseguir se conectar com o T-vírus. Para realizar plenamente seus poderes. — Ele gesticulou com um floreio magistral. — Bem, agora preciso de você. Da antiga Alice. Você é a arma... Venha comigo.

Ele a levou a uma escada e eles subiram. Um andar após outro — Wesker, Alice, Becky, Ada, Leon e Jill — até chegarem a um corredor bem abaixo do telhado. Seguiram o corredor até uma porta no final, onde viram uma placa.

SEGURANÇA/OBSERVAÇÃO

Wesker assentiu para o guarda ali e todos passaram, depois subiram outro lance de escada, passando por uma pequena estrutura no telhado do prédio. Por fim estavam no alto do telhado da Casa Branca, atrás das barricadas e do arame farpado, perto dos atiradores e dos seguranças atentos.

Wesker os levou à beira do telhado, de onde tinham uma boa visão do que fora o gramado da frente e da Avenida Pennsylvania.

— Muita coisa mudou nas últimas semanas — disse Wesker. — Isto é o que resta de nós... da raça humana.

Alice podia ter argumentado. O mundo era grande. Haveria outros sobreviventes. Mas ainda assim... Ele não estava longe da verdade.

— Parece que somos ligados contra um inimigo em comum — continuou Wesker. — Por isso precisávamos que você voltasse. A arma definitiva...

Alice o olhou.

Eu sou a arma definitiva? Era impossível apreender este conceito. Ele é louco. Mesmo assim Alice não disse nada.

A um sinal de Wesker, os refletores giraram e iluminaram as ruas. Ele

gesticulou para a avenida e Alice virou-se para aquele lado com os olhos ainda se adaptando. Sentiu uma onda de náusea correr pelo corpo...

— Esta — disse Wesker — é a última resistência da humanidade.

Milhares deles lá fora. Não... eram centenas de milhares.

Os mortos-vivos. Investindo contra os muros da fortaleza improvisada em volta da Casa Branca. Soldados nas barreiras da avenida usavam lança-chamas para mantê-los afastados. As criaturas caíam, ardendo e se debatendo, mas outros subiam por seus corpos calcinados e atacavam os muros.

Lança-foguetes tossiam e mísseis explodiam contra os mortos-vivos. Seus corpos voavam em pedaços e outros vinham substituí-los, saindo da escuridão de breu que havia além das luzes. Como se a própria escuridão desovasse a horda interminável.

— O derradeiro conflito... — disse Wesker.

Uma explosão de luzes desceu dos helicópteros que circulavam e nela Alice viu que estava enganada ao pensar que eram centenas de milhares de mortos-vivos ali fora.

Eles eram milhões.

E havia todo tipo de morto-vivo na horda; cada mutação perversamente transfigurada. Havia Lickers, cães mutados, Executores, Aranhas Gigantes, todas as criaturas do apocalipse, unidas em um vasto exército maquinal. Era um exército sem comando — a não ser que o comandante fosse a fome em si, a louca, furiosa, voraz e irreprimível fome de matar e consumir que ardia dentro de cada um dos monstros.

Os milhões de mortos-vivos cercavam a Casa Branca. O último bastião da civilização, sitiado...

— O início do fim... — continuava Wesker suavemente.

E então, enquanto um helicóptero sobrevoava, usando uma metralhadora montada na proa para abater a turba e mantê-la longe das barricadas, começaram a surgir coisas que Alice nunca vira na vida, batendo asas de couro, saindo dos cantos escuros da multidão indócil de zumbis...

Criaturas escuras e aladas, uma nuvem delas, subindo da horda. Em uma tempestade de presas e garras, enxamearam sobre o helicóptero, agrupando-se sobre ele, guinchando de fúria, destruindo seus mecanismos... E o helicóptero tombou e caiu em uma bola de fogo.

Alice estremeceu. Mas também sentiu novas forças dentro de si. Sentiu a promessa dessa força, a promessa da batalha. Uma batalha épica que enfim encerraria esta jornada sombria.

Estava se aproximando, e Alice seria a peça mais importante do jogo.

Tudo dependia dela...

Alice.